

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

GUSTAVO RIBEIRO PATRICIO BARBOSA

**PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS DE MARCADORES DISCURSIVOS
FOCALIZADORES DAS LÍNGUAS PORTUGUESA, ESPANHOLA, FRANCESA E
INGLESA**

JUIZ DE FORA

2023

GUSTAVO RIBEIRO PATRICIO BARBOSA

**PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS DE MARCADORES DISCURSIVOS
FOCALIZADORES DAS LÍNGUAS PORTUGUESA, ESPANHOLA, FRANCESA E
INGLESA**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda

Gustavo Ribeiro Patricio Barbosa

Padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em linguística. Área de concentração: linguística.

Aprovada em 04 de dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof(a) Dr(a) Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Luiz Fernando Matos Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Sandra Aparecida Faria de Almeida
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof(a) Dr(a) Ivo da Costa Rosário
Universidade Federal Fluminense

Prof(a) Dr(a) Marcos Luiz Wiedemer

Juiz de Fora, 16/11/2023.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Fernando Matos Rocha, Professor(a)**, em 04/12/2023, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Patricia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, Professor(a)**, em 04/12/2023, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ivo da Costa do Rosário, Usuário Externo**, em 05/12/2023, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcos Luiz Wiedemer, Usuário Externo**, em 05/12/2023, às 09:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Aparecida Faria de Almeida, Professor(a)**, em 18/12/2023, às 09:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **1578821** e o código CRC **5C83C0C5**.

AGRADECIMENTOS

O aguardado dia da defesa do doutorado chegou! É com satisfação e alegria pelo trabalho realizado que venho agradecer às pessoas que fizeram parte de todo o processo comigo. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, Profa. Dra. Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda, pela ótima parceria e pela excelente orientação e trabalho dedicado às minhas pesquisas desde o mestrado.

Agradeço também aos professores que aceitaram participar da minha banca de defesa: Prof. Dr. Ivo da Costa Rosário, Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer, Profa. Dra. Sandra Aparecida Faria de Almeida e Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha, que são peça chave para a conclusão deste ciclo. A vocês, meu muito obrigado!

Meus agradecimentos à UFJF e à CAPES pelo apoio financeiro, bem como a todo o Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF, especialmente aos meus mestres que me concederam a oportunidade de aprender um pouco mais; ao Prof. Dr. Tiago TimponiTorrent – coordenador do PPG-Linguística e aos funcionários do programa, obrigado por desempenharem suas funções com empenho e carinho.

Agradeço enormemente à minha família, especialmente meus pais, Heloísa e Josué, por todo apoio que me deram durante o doutorado e durante toda a vida. Agradeço à minha irmã, Kailaine, pelo apoio fraterno de sempre e pelas boas risadas durante os momentos difíceis. Agradeço também ao meu irmão, Jonas, e as minhas tias e primos pela compreensão de minhas ausências. Ao meu cão parceiro, Olaf, agradeço pela companhia durante as diversas vezes que sentou aos meus pés na escrita desta tese. Vocês são meu chão!

A meus amigos que aguentaram meus desesperos e empolgações, muito obrigado pelo apoio e compreensão! Roberta, amiga de todas as horas, sem seu apoio, nada teria saído. Ana Carla e Clarice, amigas de doutorado, trabalho e vida. Mariana, amiga e conselheira do processo de escrita. Felipe, amor, obrigado por todo apoio diário nesse processo. Amo vocês!

RESUMO

Esta tese tem por objetivo descrever padrões microconstrucionais de marcadores discursivos – doravante, MDs – focalizadores nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, os quais são formados por verbos – principalmente aqueles que denotam percepção – e um elemento focalizador – tal como advérbio, locativo e pronome. Partimos da hipótese de que os MDs analisados – os quais configurariam novos pareamentos de forma e sentido, sendo oriundos do uso –, embora pertençam a línguas distintas, compartilhariam processos cognitivos de domínio geral similares em sua instanciação. Como aporte teórico, assumimos, neste trabalho, os pressupostos fundamentais da Funcional Centrada no Uso (Bybee, 2010; Furtado da Cunha *et al.*, 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) e da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), a qual, baseada na Gramática de Construções (Goldberg, 1996; 2006), prevê que a construção é a unidade básica da língua e que novos pares de forma e sentido passam a compor a gramática a partir do uso, formando novos padrões e novos nós que são organizados em redes construcionais de maneira hierárquica. A fim de cumprir o objetivo proposto, os dados analisados foram retirados de um *corpus* oral sincrônico atual, constituído por vídeos postados na plataforma YouTube, pertencentes ao gênero *vlog* e realizados por falantes nativos e naturalizados das quatro línguas supracitadas. Esse *corpus* é composto por duas horas de vídeo para cada língua, abrangendo amostras compreendidas entre os anos de 2019 e 2022, com um total de 165 ocorrências. Por meio de uma análise qualitativa e quantitativa, nos termos assumidos por Cunha Lacerda (2016), os dados levantados para esta tese apontam que os MDs funcionam nas quatro línguas como guias de interpretação do discurso (Brinton, 2017), chamando a atenção do interlocutor para pontos considerados relevantes no jogo discursivo, de modo a criar condições favoráveis para implicaturas e interpretações situadas e de modo a indicar a maneira como o interlocutor deve conceptualizar o discurso que está em curso, estabelecendo um espaço cognitivo de atenção conjunta (Diessel, 2019). Outro aspecto relevante se relaciona ao grau de intersubjetividade que os MDs analisados apresentam, variando de acordo com a forma e com a função desempenhada no contexto de uso.

Palavras-chave: Marcadores discursivos. Focalização. Padrões microconstrucionais. Processos cognitivos de domínio geral. Intersubjetividade.

ABSTRACT

This thesis aims to describe microconstructional patterns of discourse markers – hereinafter, MDs – focusing in the Portuguese, Spanish, French and English languages, which are formed by verbs – mainly those that denote perception – and a focusing element – such as adverbs, locatives and pronouns. We start from the hypothesis that the MDs analyzed – which would configure new pairings of form and meaning, arising from use –, although they belong to different languages, would share similar domain-general cognitive processes in their instantiation. As a theoretical contribution, in this work we assume the fundamental assumptions of Use-Centered Functional (Bybee, 2010; Furtado da Cunha et al., 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) and the constructional approach to change (Traugott; Trousdale, 2013), which, based on Construction Grammar (Goldberg, 1996; 2006), predicts that construction is the basic unit of language and that new pairs of form and meaning begin to compose the grammar based on use, forming new patterns and new nodes that are organized into constructional networks in a hierarchical manner. In order to fulfill the proposed objective, the data analyzed were taken from a current synchronic oral corpus, consisting of videos posted on the YouTube platform, belonging to the vlog genre and made by native speakers of the four aforementioned languages. This corpus consists of two hours of video for each language, covering samples between the years 2019 and 2022, with 165 occurrences in total. Through a qualitative and quantitative analysis, in the terms assumed by Cunha Lacerda (2016), the data collected for this thesis point to that DMs function in the four languages as discourse interpretation guides (Brinton, 2017), drawing the interlocutor's attention to points considered relevant in the discursive game, in order to create favorable conditions for implicatures and situated interpretations and in order to indicate the way in which the interlocutor must conceptualize the discourse that is taking place, establishing a cognitive space of joint attention (Diessel, 2019). Another relevant aspect is related to the degree of intersubjectivity that the MDs analyzed present, varying according to the form and function performed in the context of use.

Keywords: Discourse markers. Focusing. Microconstructional patterns. Domain-general cognitive processes. Intersubjectivity.

RESÚMEN

Esta tesis tiene como objetivo describir patrones microconstruccionales de marcadores discursivos –en adelante MDs– centrados en las lenguas portuguesa, española, francesa e inglesa, que están formados por verbos –principalmente aquellos que denotan percepción– y un elemento focalizador –como adverbios, locativos y pronombres. Partimos de la hipótesis de que los MD analizados –que configurarían nuevos pares de forma y significado, surgidos del uso–, aunque pertenecen a lenguas diferentes, compartirían procesos cognitivos de dominio general similares en su instanciación. Como aporte teórico, en este trabajo asumimos los supuestos fundamentales del Funcional Centrado en el Uso (Bybee, 2010; Furtado da Cunha et al., 2013; Rosário; Oliveira, 2016; Bispo; Silva, 2016) y el enfoque constructivo del cambio. (Traugott; Trousdale, 2013), que, basándose en ConstructionGrammar (Goldberg, 1996; 2006), predice que la construcción es la unidad básica del lenguaje y que nuevos pares de forma y significado comienzan a componer la gramática a partir del uso, formando nuevos patrones y nuevos nodos que se organizan en redes constructivas de manera jerárquica. Para cumplir con el objetivo propuesto, los datos analizados fueron tomados de un corpus oral sincrónico actual, compuesto por videos publicados en la plataforma YouTube, pertenecientes al género *vlogy* realizados por hablantes nativos de las cuatro lenguas antes mencionadas. Este corpus consta de dos horas de vídeo para cada lengua, abarcando muestras entre los años 2019 y 2022, con un total de 165 ocurrencias. A través de un análisis cualitativo y cuantitativo, en los términos asumidos por Cunha Lacerda (2016), los datos recogidos para esta tesis apuntan a que los DM funcionan en las cuatro lenguas como guías de interpretación del discurso (Brinton, 2017), llamando la atención del interlocutor hacia puntos considerados relevantes en el juego discursivo, con el fin de crear condiciones favorables para implicaturas e interpretaciones situadas y para indicar la forma en que el interlocutor debe conceptualizar el discurso que se está produciendo, estableciendo un espacio cognitivo de atención conjunta (Diessel, 2019). Otro aspecto relevante está relacionado con el grado de intersubjetividad que presentan los MD analizados, variando según la forma y función desempeñada en el contexto de uso.

Palabras clave: Marcadores del discurso. Enfoque. Patrones microconstruccionales. Procesos cognitivos de dominio general. Intersubjetividad.

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à décrire des modèles microconstructionnels de marqueurs du discours – ci-après MD – en se concentrant sur les langues portugaise, espagnole, française et anglaise, qui sont formés par des verbes – principalement ceux qui dénotent la perception – et un élément focalisant – comme les adverbes, les locatifs et pronoms. Nous partons de l'hypothèse que les MD analysés – qui configureraient de nouveaux couples de forme et de sens, issus de l'usage –, bien qu'appartenant à des langues différentes, partageraient des similaires processus cognitifs de domaine généraux dans leur instanciation. En tant que contribution théorique, dans ce travail, nous supposons les hypothèses fondamentales du fonctionnement centré sur l'utilisation (Bybee, 2010; Furtado da Cunha et al., 2013; Rosário; Oliveira, 2016 ; Bispo ; Silva, 2016) et l'approche constructive du changement. (Traugott; Trousdale, 2013), qui, basé sur Construction Grammar (Goldberg, 1996 ; 2006), prédit que la construction est l'unité de base du langage et que de nouvelles paires de forme et de sens commencent à composer la grammaire basée sur l'usage, formant de nouveaux des modèles et de nouveaux nœuds organisés en réseaux constructifs de manière hiérarchique. Afin d'atteindre l'objectif proposé, les données analysées ont été extraites d'un corpus oral synchronique actuel, composé de vidéos publiées sur la plateforme YouTube, appartenant au genre vlog et réalisées par des locuteurs natifs des quatre langues susmentionnées. Ce corpus est constitué de deux heures de vidéo pour chaque langue, couvrant des échantillons entre 2019 et 2022, avec 165 occurrences au total. Grâce à une analyse qualitative et quantitative, dans les termes assumés par Cunha Lacerda (2016), les données collectées pour cette thèse indiquent que les DM fonctionnent dans les quatre langues comme guides d'interprétation du discours (Brinton, 2017), attirant l'attention de l'interlocuteur sur des points considérés comme pertinents dans le jeu discursif, afin de créer des conditions favorables aux implicatures et aux interprétations situées et pour indiquer la manière dont l'interlocuteur doit conceptualiser le discours qui a lieu, en établissant un espace cognitif d'attention conjointe (Diessel, 2019). Un autre aspect pertinent est lié au degré d'intersubjectivité que présentent les DM analysés, variant selon la forme et la fonction exercée dans le contexte d'utilisation.

Mots-clés: Marqueurs du discours. Focalisation. Modèles microconstructionnels. Processus cognitifs de domaine généraux. Intersubjectivité.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modelo de rede construcional adaptado do modelo proposto.....34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de ocorrências da microconstrução 1.1 no <i>corpus</i>	95
Tabela 2 – Número de ocorrências da microconstrução 1.2 no <i>corpus</i>	99
Tabela 3 – Número de ocorrências da microconstrução 1.3 no <i>corpus</i>	102
Tabela 4 – Número de ocorrências da microconstrução 1.4 no <i>corpus</i>	106
Tabela 5 – Número de ocorrências da microconstrução 1.5 no <i>corpus</i>	111
Tabela 6 – Número de ocorrências da microconstrução 1.6 no <i>corpus</i>	113
Tabela 7 – Número de ocorrências da microconstrução 1.7 no <i>corpus</i>	116
Tabela 8 – Número de ocorrências da microconstrução 1.8 no <i>corpus</i>	118
Tabela 9 – Número de ocorrências da microconstrução 2.1 no <i>corpus</i>	124
Tabela 10 – Número de ocorrências da microconstrução 2.2 no <i>corpus</i>	127
Tabela 11 - Número de ocorrências da microconstrução 2.3 no <i>corpus</i>	130
Tabela 12 - Número de ocorrências da microconstrução 2.4 no <i>corpus</i>	132
Tabela 13 - Número de ocorrências da microconstrução 2.5 no <i>corpus</i>	135
Tabela 14 - Número de ocorrências da microconstrução 2.6 no <i>corpus</i>	137
Tabela 15 - Número de ocorrências da microconstrução 2.7 no <i>corpus</i>	139
Tabela 16 – Número de ocorrências da microconstrução 2.8 no <i>corpus</i>	142
Tabela 17 – Número de ocorrências da microconstrução 2.9 no <i>corpus</i>	145
Tabela 18 – Número de ocorrências da microconstrução 2.10 no <i>corpus</i>	148
Tabela 19 – Número de ocorrências da microconstrução 3.1 no <i>corpus</i>	154
Tabela 20 – Número de ocorrências da microconstrução 3.2 no <i>corpus</i>	157
Tabela 21 – Número de ocorrências da microconstrução 3.3 no <i>corpus</i>	160
Tabela 22 – Número de ocorrências da microconstrução 3.4 no <i>corpus</i>	163
Tabela 23 – Número de ocorrências da microconstrução 3.5 no <i>corpus</i>	166
Tabela 24 – Número de ocorrências da microconstrução 3.6 no <i>corpus</i>	169
Tabela 25 – Número de ocorrências da microconstrução 3.7 no <i>corpus</i>	172
Tabela 26 – Número de ocorrências da microconstrução 3.7 no <i>corpus</i>	174
Tabela 27 – Número de ocorrências da microconstrução 4.1 no <i>corpus</i>	182
Tabela 28 – Número de ocorrências da microconstrução 4.2 no <i>corpus</i>	185
Tabela 29 – Número de ocorrências da microconstrução 4.3 no <i>corpus</i>	187
Tabela 30 – Número de ocorrências da microconstrução 4.4 no <i>corpus</i>	190
Tabela 31 – Número de ocorrências da microconstrução 4.5 no <i>corpus</i>	193
Tabela 32 – Número de ocorrências da microconstrução 4.6 no <i>corpus</i>	196

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Número de ocorrências totais no <i>corpus</i> e por língua.	91
Quadro 2 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução 1.1.	95
Quadro 3 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução 1.2.	99
Quadro 4 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução 1.3.	102
Quadro 5 – Descrição da microconstrução 1.4.	105
Quadro 6 – Descrição da microconstrução 1.5.	110
Quadro 7 – Descrição da microconstrução 1.6.	113
Quadro 8 – Descrição da microconstrução 1.7.	115
Quadro 9 – Descrição da microconstrução 1.8.	118
Quadro 10 – Descrição da microconstrução 2.1.	124
Quadro 11 – Descrição da microconstrução 2.2.	127
Quadro 12 – Descrição da microconstrução 2.3.	129
Quadro 13 – Descrição da microconstrução 2.4.	132
Quadro 14 – Descrição da microconstrução 2.5.	134
Quadro 15 – Descrição da microconstrução 2.6.	137
Quadro 16 – Descrição da microconstrução 2.7.	139
Quadro 17 – Descrição da microconstrução 2.8.	142
Quadro 18 – Descrição da microconstrução 2.9.	145
Quadro 19 – Descrição da microconstrução 2.10.	148
Quadro 20 – Descrição da microconstrução 3.1.	153
Quadro 21 – Descrição da microconstrução 3.2.	157
Quadro 22 – Descrição da microconstrução 3.3.	159
Quadro 23 – Descrição da microconstrução 3.4.	163
Quadro 24 – Descrição da microconstrução 3.5.	166
Quadro 25 – Descrição da microconstrução 3.6.	169
Quadro 26 – Descrição da microconstrução 3.7.	171
Quadro 27 – Descrição da microconstrução 3.7.	174
Quadro 28 – Descrição da microconstrução 4.1.	182
Quadro 29 – Descrição da microconstrução 4.2.	185
Quadro 30 – Descrição da microconstrução 4.3.	187
Quadro 31 – Descrição da microconstrução 4.4.	189
Quadro 32 – Descrição da microconstrução 4.5.	192

Quadro 33 – Descrição da microconstrução 4.6.	196
----------------------------------------------------	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA E LFCU	20
1.1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais	21
1.2. O estatuto da sincronia nos estudos funcionalistas	26
1.3. A abordagem construcional da mudança: redes construcionais e construcionalização ...	32
1.3.1. Construcionalização e mudanças construcionais.....	35
1.3.2. Construcionalização e Construcionalidade	38
1.4. Intersubjetividade e seu papel na mudança linguística	41
CAPÍTULO II MARCADORES DISCURSIVOS, COGNIÇÃO E FOCALIZAÇÃO	47
2.1. O conceito de discurso sob um viés funcionalista.....	48
2.1.2. O uso de verbos de percepção na formação de MDs.....	58
2.2. A interação entre cultura, cognição e uso da língua: processos cognitivos de domínio geral na instaciação de MDs e focalização	61
2.2.2. Aspectos cognitivos para a formação de MDs.....	66
2.2.3. Focalização: aspectos relativos aos usos de MDs.....	70
2.3. O que se entende por marcador discursivo focalizador? Propostas e reflexões	74
2.4. Unidades lexicais formadoras de MDsfocalizadores: significado, funções discursivas e transitividade.....	77
2.4.1. Unidades, significados e sua relação com os MDs	78
2.4.2. Funções discursivas e transitividade	81
CAPÍTULO III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	83
CAPÍTULO IV ANÁLISE DOS DADOS	93
4.1. Padrões microconstrucionais de MDs focalizadores identificados no <i>corpus</i> de língua portuguesa	94
4.1.1. Microconstrução 1.1 – Olha só 1	94
4.1.2. Microconstrução 1.2 – Olha só 2	98
4.1.3. Microconstrução 1.3 – Olha só 3	102
4.1.4. Microconstrução 1.4 – Olha só 4	105
4.1.5. Microconstrução 1.5 – Olha só 5	110
4.1.8. Microconstrução 1.8 – Olha aqui.....	117
4.1.9. Conclusões	120
4.2. Padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores identificados no <i>corpus</i> de língua espanhola	123
4.2.1. Microconstrução 2.1 – Fíjate 1	123
4.2.2. Microconstrução 2.2 – Fíjate 2.....	127
4.2.3. Microconstrução 2.3 – Fíjate 3.....	129
4.2.4. Microconstrução 2.4 – Fíjate 4.....	132
4.2.5. Microconstrução 2.5 – Fíjatebien 1	134
4.2.6. Microconstrução 2.6 – A ver 1	136
4.2.7. Microconstrução 2.7 – A ver 2	139
4.2.8. Microconstrução 2.8 – A ver 3	141
4.2.9. Microconstrução 2.9 – A ver 4	145
4.2.10. Microconstrução 2.10 – Mire nada más 1	147
4.2.11. Conclusões	150
4.3. Padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores identificados no <i>corpus</i> de língua francesa	153

4.3.1. Microconstrução 3.1 – <i>Voici/voilà</i>	153
4.3.2. Microconstrução 3.2 – <i>Voilà 1</i>	156
4.3.3. Microconstrução 3.3 – <i>Voilà2</i>	159
4.3.4. Microconstrução 3.4 – <i>Voilà 3</i>	162
4.3.5. Microconstrução 3.5 – <i>Voilà 4</i>	166
4.3.6. Microconstrução 3.6 – <i>Voilà 5</i>	168
4.3.7. Microconstrução 3.7 – <i>Voilà 6</i>	171
4.3.8. Microconstrução 3.8 – <i>Tu vois</i>	174
4.3.9. Conclusões	178
4.4. Padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores identificados no <i>corpus</i> de língua inglesa	181
4.4.1. Microconstrução 4.1 – <i>Look at</i>	182
4.4.2. Microconstrução 4.2 – <i>Checkthis out</i>	185
4.4.3. Microconstrução 4.3 – <i>I mean1</i>	187
4.4.4. Microconstrução 4.4 – <i>I mean2</i>	189
4.4.5. Microconstrução 4.5 – <i>You know</i>	192
4.4.6. Microconstrução 4.6 – <i>You know what</i>	196
4.4.7. Conclusões	199

CONSIDERAÇÕES FINAIS **207**

REFERÊNCIAS..... **211**

ANEXO I **216**

4.2.1. Microconstrução 2.1 – <i>Fíjate 1</i>	217
4.2.2. Microconstrução 2.2 – <i>Fíjate 2</i>	217
4.2.3. Microconstrução 2.3 – <i>Fíjate 3</i>	218
4.2.4. Microconstrução 2.4 – <i>Fíjate4</i>	218
4.2.5. Microconstrução 2.5 – <i>Fíjatebien 1</i>	218
4.2.6. Microconstrução 2.6 – <i>A ver 1</i>	219
4.2.7. Microconstrução 2.7 – <i>A ver 2</i>	219
4.2.8. Microconstrução 2.8 – <i>A ver 3</i>	219
4.2.9. Microconstrução 2.9 – <i>A ver 4</i>	220
4.2.10. Microconstrução 2.10 – <i>Mire nada más 1</i>	220
4.3.1. Microconstrução 3.1 – <i>Voici/voilà</i>	221
4.3.2. Microconstrução 3.2 – <i>Voilà1</i>	221
4.3.3. Microconstrução 3.3 – <i>Voilà2</i>	221
4.3.4. Microconstrução 3.4 – <i>Voilà3</i>	222
4.3.5. Microconstrução 3.5 – <i>Voilà 4</i>	222
4.3.6. Microconstrução 3.6 – <i>Voilà5</i>	223
4.3.7. Microconstrução 3.7 – <i>Voilà6</i>	223
4.3.8. Microconstrução 3.8 – <i>Tu vois</i>	223
4.4.1. Microconstrução 4.1 – <i>Look at</i>	224
4.4.2. Microconstrução 4.2 – <i>Checkthis out</i>	225
4.4.3. Microconstrução 4.3 – <i>I mean1</i>	225
4.4.4. Microconstrução 4.4 – <i>I mean2</i>	225
4.4.5. Microconstrução 4.5 – <i>Youknow</i>	226
4.4.6. Microconstrução 4.6 – <i>Youknowwhat</i>	226

INTRODUÇÃO

A língua é um sistema vivo, dinâmico, maleável e em constante mutação devido às influências das situações comunicativas e dos falantes, que criam novas formas de se expressar com base nas necessidades que surgem durante a interação. Essas novas formas de se expressar se instanciam a partir das experiências que os falantes têm em seu entorno e também das regras da língua que eles já dominam. Dessa maneira, a Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também LFCU – busca analisar esses novos padrões de uso da língua que emergem da interação e que conseqüentemente, ao longo do tempo, ocasionam mudanças na gramática e no léxico da língua.

Nesse sentido, esta tese tem por objetivo descrever padrões microconstrucionais de marcadores discursivos – doravante, MDs – focalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, separadamente, os quais são formados por verbos – principalmente, aqueles que denotam percepção – e um elemento focalizador – como advérbio, locativo e pronome. Tais MDs são caracterizados, por exemplo, pelos padrões *olha só*, *olha aqui*, em português; *fijate*, *a ver*, em espanhol; *voilà*, *tu vois*, em francês; e *you know* e *look at*, no inglês.

A fim de cumprir esse objetivo principal, assumimos os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo específico, da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), a qual, baseada na Gramática de Construções (Goldberg, 1996; 2006), prevê que a construção é a unidade básica da língua e que novos pares de forma e sentido passam a compor a gramática a partir do uso, formando novos padrões e novos nós que são organizados em redes construcionais de maneira hierárquica. No caso desta tese, focaremos apenas no nível da microconstrução.

O objeto de pesquisa desta tese originou-se a partir do trabalho realizado durante o curso de mestrado, que teve como objetivo delimitar a rede construcional de marcadores discursivos focalizadores do português brasileiro. A partir desse trabalho, surgiram questionamentos sobre a formação desses marcadores. Além disso, surgiu, ainda durante o mestrado, a seguinte questão de pesquisa: as funções discursivas encontradas no português brasileiro também seriam encontradas em

outras línguas, já que constatamos, nesse trabalho, que muitas construções tinham fortes bases cognitivas? Como não trabalhamos com outras línguas – além da língua portuguesa – durante o mestrado, trouxemos essa questão para o doutorado. Logo, o objeto de pesquisa delimitado para esta tese é o mesmo que foi apresentado já no projeto para ingresso no curso de doutorado. Sob essa perspectiva, o estudo de marcadores discursivos sob o viés da abordagem construcional da mudança se mostra relevante, uma vez que esse tipo de construção está sempre em emergência em diferentes línguas, e as pressões do uso fazem com que novas construções de natureza mais discursiva sejam sempre requisitadas pelos falantes.

O termo “marcador discursivo” já foi usado por diversos autores na literatura linguística. De maneira geral, os marcadores discursivos têm sido classificados da seguinte maneira: i) como “elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades de fala” (Schiffrin, 1987); ii) como “organizadores da intenção, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória” (Marcuschi, 1989); iii) como “gramaticalmente opcionais e semanticamente vazios” (Brinton, 1996); e iv) como “placas de trânsito linguísticas” (Brinton, 2017). Porém, essas definições podem ser confusas entre si, contraditórias e pouco explicativas se analisadas sem tomarmos como referência o uso real da língua. Assim, buscaremos, nesta tese, uma definição que abranja os dados aqui analisados e as definições pré-estabelecidas por esses e outros autores. Além disso, o nosso trabalho configura-se como mais uma contribuição para o estudo de MDs sob o viés da abordagem construcional da mudança e da construcionalização gramatical (Traugott; Trousdale, 2013).

Outrossim, os MDs analisados aqui apresentam caráter focalizador, isto é, são utilizados de modo a chamar a atenção do interlocutor para determinados pontos julgados relevantes no jogo discursivo. Assim, criam-se escopos específicos sobre determinadas informações do discurso a partir dos elementos focalizadores – advérbios, locativos, pronomes e preposições. Desse modo, de acordo com nossas hipóteses, esses MDs constituiriam novos pares de forma e sentido oriundos do uso, os quais, embora pertençam a línguas distintas, compartilhariam processos cognitivos de domínio geral em sua instanciação, usando, em sua formalização, verbos de percepção e elementos focalizadores. Esses novos pares podem ser analisados a partir de seus contextos de uso, revelando não apenas características de forma e de função no discurso, mas também níveis de esquematicidade, produtividade e

composicionalidade característicos dessas construções. Além disso, partimos da hipótese de que os MDsfocalizadores atuam, nas quatro línguas analisadas, como guias de interpretação do discurso (Brinton, 2017), chamando a atenção do interlocutor para pontos considerados relevantes no jogo discursivo, de modo a criar condições favoráveis para implicaturas e interpretações situadas e a indicar a maneira como o interlocutor deve conceptualizar o discurso que está em curso.

Portanto, nossa hipótese é de que os MDs analisados – os quais configurariam novos pareamentos de forma e sentido, sendo oriundos do uso –, embora pertençam a línguas distintas, compartilhariam processos cognitivos de domínio geral similares em sua instanciação. Sendo assim, levantamos também os seguintes questionamentos: i) os MDsfocalizadores nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa estudados aqui – formados por verbos de percepção e um elemento focalizador – constituem novas construções nas línguas analisadas, apresentando, assim, para cada microconstrução identificada, um pareamento de forma e função; ii) os processos cognitivos de domínio geral vinculados à formação dessas construções são cruciais no recrutamento de verbos cuja aceção se adeque melhor às funções pretendidas, o que ocorreria também com os elementos focalizadores que os acompanham; e iii) os MDsfocalizadores, nas quatro línguas, têm como função comum a atuação como um guia de interpretação do discurso.

Para que possamos analisar esses MDsfocalizadores em dados de fala reais, propusemo-nos a constituir um *corpus* oral sincrônico atual a partir de vídeos postados na plataforma YouTube, pertencentes ao gênero *vlog* e realizados por falantes nativos das quatro línguas supracitadas. Esse *corpus* é composto por duas horas de vídeo para cada língua, abrangendo amostras compreendidas entre os anos de 2019 e 2022. A partir desse *corpus*, obtivemos os dados de ocorrências reais de uso em português, espanhol, francês e inglês a serem analisados nesta tese. A seguir, vejamos alguns exemplos de ocorrência¹ do nosso objeto de análise:

- (1) Nina: Ai, gente, **olha só**, essa é a ponte dos namorados! É cadeado ou não? São fitinhas?
Fabi: são fitinhas.
Nina: Melhor, pesa menos (*Corpus oral vlogsYouTube – anos 2019 a 2022*)

¹ As traduções dessas ocorrências podem ser encontradas no Anexo I.

- (2) Yuya: Y esta también es una gran pregunta ¿cómo colocártela correctamente?
Julie: **Fíjate bien**, hay tres formas que tú tienes que implementar porque mucha gente se da por vencido la primera, el reto sería no hacer tres intentos, tres meses estrictos, una posibilidad es que lo hagas en forma de C, de esta forma, ahí está, en forma de C, o puedes utilizar tantito lubricante a base de agua, la otra es que metas eso así y que hagas que el angulito sea más pequeño, así,, esa para mí es la forma la que yo me lo coloco y así me hace lo más fácil y la tercera sería como en un 7, doblas y doblas de esta forma, como si fuera un 7, vas a doblar así y luego lo vas a hacer chiquito pa'cá. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*)
- (3) Dr. Nozman: Salut à tous, ici Nozman, aujourd'hui je vous vais parler d'un truc dont on entend peu parler depuis quelques mois, aux infos et tout... le covid, **voilà**. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*)
- (4) Scott: But now it's time to start thinking about the next apartment, what's the next move, **you know**, I can't stay here forever I miss having my own space And I specially miss being in Brazil. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*)

Nestas ocorrências, apresentamos quatro exemplos de construções de MDs focalizadores – em destaque pelo negrito e sublinhado – pertencentes às quatro línguas a que nos propusemos analisar nesta tese. Todas essas ocorrências constituem dados reais de fala e apresentam a função comum de chamar a atenção do interlocutor para determinados pontos considerados relevantes no jogo discursivo.

Na ocorrência (1), apresentamos um dado real de fala do português, o qual representa o MD *olha só*, apresentando foco dêitico e restritivo em relação a um elemento da cena discursiva, conforme veremos no capítulo de análise dos dados. Em (2), por outro lado, apresentamos um exemplo de ocorrência de um dado de uso real do espanhol, no qual se destaca o MD *fíjate bien*, com foco restritivo e reforçado em relação a um elemento do discurso, como discutiremos mais detalhadamente no capítulo de análise. Por sua vez, na ocorrência (3), apresentamos um dado de uso real da língua francesa, representado pelo MD *voilà*, cuja característica é o foco restrito e conclusivo. E, por fim, na ocorrência (4), temos um dado real de fala representativo do inglês, com o MD *you know*, que apresenta foco em relação a um conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor, conforme elucidaremos no capítulo de análise.

Nesse sentido, a partir dos dados retirados do *corpus*, nosso objetivo principal é descrever os padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores, com base nos pressupostos da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa. Esses padrões foram analisados por meio dos métodos qualitativo e quantitativo, nos termos que propõe Cunha Lacerda (2016).

Isso posto, de modo a cumprir os objetivos propostos, esta tese se organiza da seguinte maneira: a) no Capítulo I, discutimos a abordagem construcional da mudança linguística e, em especial, a construcionalização gramatical e o estabelecimento de redes construcionais. Também apresentamos uma proposta de análise sincrônica no âmbito da abordagem construcional da mudança e discutimos os conceitos de intersubjetividade e construcionalidade; b) no Capítulo II, tratamos das definições de discurso e de marcadores discursivos, apresentando um panorama dos estudos já realizados até o momento e formalizando discussões e propostas para a categoria de MDsfocalizadores. Além disso, tratamos dos processos cognitivos de domínio geral, da focalização e de questões acerca da transitividade e do uso de verbos de percepção na formação de MDs; c) no Capítulo III, delimitamos os procedimentos metodológicos a partir dos quais a análise de dados se estabelece; d) no Capítulo IV, apresentamos a análise dos dados, bem como as conclusões às quais chegamos até o momento; e) e, por fim, nas considerações finais da pesquisa, realizamos um apanhado do que foi discutido no capítulos anteriores e apontamos os achados de nossa pesquisa, além de possíveis desdobramentos.

CAPÍTULO I

ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA E LFCU

Neste capítulo, abordamos as questões teóricas fundamentais para a pesquisa da construcionalização sincrônica de marcadores discursivos focalizadores, doravante MDs, nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, proposta nesta tese. Esses MDs com função focalizadora são formados por um verbo de percepção – visual, motora, cognitiva ou auditiva – e por um elemento focalizador – podendo este elemento ser um advérbio, um pronome, uma preposição ou, ainda, uma combinação desses elementos, conforme veremos no Capítulo IV, dedicado à análise dos dados. Buscaremos situar nossa proposta a partir dos pressupostos assumidos pela Linguística Funcional Centrada no Uso – ou LFCU – e, de modo mais específico, a partir dos fundamentos da abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), principalmente no que concerne aos conceitos de construcionalização e rede construcional.

Para tal, abordamos, na seção 1.1, os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, desde a cunhagem do termo por Martelotta (2011), até os estudos mais atuais que versam sobre os pressupostos da abordagem, tais como o de Furtado da Cunha *et al.* (2013), o de Rosário e Oliveira (2016), o de Bispo e Silva (2016), o de Wiedemer e Oliveira (2019) e o de Oliveira e Lopes (2019).

Em seguida, na seção 1.2, buscamos elucidar o estatuto da sincronia no âmbito da LFCU, abordando trabalhos que sinalizam a possibilidade de verificar esses fenômenos a partir de análises sincrônicas. A seguir, estabelecemos um panorama acerca do estatuto da diacronia *versus* o estatuto da sincronia nos trabalhos atuais, indicando novas abordagens teóricas que possibilitam a análise sincrônica para a abordagem construcional da mudança que, tradicionalmente, prevê análises diacrônicas.

Posteriormente, na seção 1.3, apresentamos a abordagem construcional da mudança, tal como proposta por Traugott e Trousdale (2013) – cujos pressupostos fundamentais baseiam-se na Gramática de Construções (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001). Nesse sentido, na subseção 1.3.1, discutimos os conceitos de construcionalização e de mudança construcional e, na subseção 1.3.2, tratamos dos

conceitos de construcionalização sincrônica e construcionalidade, visando a nortear nosso trabalho em uma perspectiva que possibilite a análise baseada em dados da sincronia.

Por fim, na seção 1.4, discutimos o conceito de intersubjetividade, baseando-nos em Traugott e Dasher (2002) e Verhagen (2005), de modo a destacar o seu papel nos processos de mudança linguística.

1.1. Linguística Funcional Centrada no Uso: pressupostos fundamentais

Nesta seção, abordamos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante, também denominada de LFCU –, destacando seu papel na análise de processos de mudança linguística. Buscamos entendê-la como uma abordagem que possibilita tratar dos marcadores discursivos formados a partir de verbos de percepção – visual, motora, cognitiva etc. – nas línguas portuguesa, inglesa, espanhola e francesa, posto que essas construções seriam oriundas de situações comunicativas menos formais, passando a ser usadas em situações de diferentes níveis de formalidade.

A compreensão de que a língua atua como um instrumento de interação social, maleável, que está sujeito às diversas influências advindas das diferentes situações (Martelotta; Kenedy, 2015) faz da abordagem funcionalista, a nosso ver, a corrente mais adequada para o estudo de marcadores discursivos. A língua é entendida, no Funcionalismo, como uma atividade social e moldada pelo uso, cujas bases estão fixadas na gramática e no léxico. Porém, não se deve alimentar o equívoco de que se pode descrever ou explicitar a gramática ou o léxico, de modo geral, de forma a classificá-los como sistemas autônomos. Nesse contexto, o Funcionalismo parte da premissa de que toda unidade linguística é desenvolvida para ser usada (Halliday, 1985).

Assumindo a língua como um sistema cultural, interacional e não autônomo, que relaciona a sua gramática e o seu léxico à cognição e aos eventos discursivos que moldam a forma como esse sistema se constrói, estabelece-se a Linguística Funcional

Centrada no Uso – doravante, LFCU². Este termo, cunhado por Martelotta (2011), surgiu baseado no modelo de Langacker (1987) a partir de sua *Usage-based Model*, que priorizava os estudos linguísticos que apresentavam usos reais da língua como modalidade de análise. Atualmente, a LFCU é concebida como uma abordagem que mescla os pressupostos do Funcionalismo clássico norte-americano³ aos pressupostos de base cognitiva – de modo específico, pressupostos da Gramática de Construções. Os estudos baseados nos pressupostos da LFCU visam a seguir suas premissas básicas, que dizem respeito a um estudo da língua realizado a partir da união entre a gramática ou o léxico e o discurso, da relação entre as unidades linguísticas e de suas funções no contexto e, conseqüentemente, da capacidade de mudança e de adaptação da gramática e do léxico às pressões do uso. Nas palavras de Martelotta (2011, p. 56), um modelo baseado no uso se define da seguinte maneira:

Um tipo de abordagem que não se limita à observação de aspectos formais, ou da difusão das formas pela estrutura social, incorporando, em suas análises, dados semânticos pragmáticos e discursivos. Nessa perspectiva, são levados em conta, na análise das línguas, aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados. Mas é importante entendermos que esses aspectos de ordem cognitiva só se materializam na interação, ou seja, não refletem apenas o funcionamento de nossa mente como indivíduos, mas como seres inseridos em um ambiente cultural. (Martelotta, 2011, p. 56)

Um modelo baseado no uso, desse modo, tem como premissa básica que a experiência que temos do mundo que nos cerca molda a gramática e o discurso, os quais constituem as representações cognitivas da linguagem (Bybee, 2013). Essas representações se constroem a partir de como os usuários de uma língua vão proferindo novos enunciados e, assim, introduzindo novas unidades representativas

² O termo Linguística Funcional Centrada no Uso foi cunhado, no Brasil, pelo grupo Discurso e Gramática (D&G) com o intuito de denominar um modelo teórico metodológico que unisse a Linguística Funcional americana (cujos expoentes são Givón, Hopper, Traugott, Thompson, Chafe, Bybee e outros) e a Linguística Cognitiva (cujos expoentes são Langacker, Lakoff, Fauconnier, Goldberg, Croft e outros), e que se diferenciasse do termo que já havia sido cunhado pelos expoentes da Linguística cognitiva, *Usage-Based Linguistics*.

³ A expressão Funcionalismo Clássico utilizada neste estudo diz respeito à Linguística Funcional norte-americana do final do século XX e início do século XXI. Os estudos dessa perspectiva baseiam-se, fundamentalmente, na passagem de itens lexicais a itens gramaticais, não coadunando a língua a princípios cognitivistas.

da língua, o que faz com que a gramática se mostre como uma organização cognitiva da experiência linguística.

Esses novos enunciados apresentam novas unidades que, a partir da repetição, passam a se tornar convencionalizadas e amplamente usadas por uma comunidade de falantes.

Furtado da Cunha *et al.* (2013) estão de acordo com Martelotta (2011) ao afirmarem que a LFCU entende que a gramática é o resultado da incorporação de fatores comunicativos e cognitivos da língua. Nesse sentido, esses autores postulam que o princípio básico da LFCU é a estrutura da língua emergir à medida que a língua é usada, pois a regularidade aparente e a instabilidade que ela apresenta se tornam motivadas e moldadas conforme os falantes realizam suas práticas discursivas. Dessa forma, segundo esses autores, a gramática deve ser entendida como “um conjunto de esquemas/processos simbólicos utilizados na produção e organização de discurso coerente.” (Furtado da Cunha *et al.*, 2013, p. 20).

Isso implica dizer que a gramática se configura a partir da rotinização de categorias morfossintáticas, que indicam a ocorrência de padrões de funções mais regulares e novas formas alternativas que estão em processo de mudança motivado por fatores interacionais e cognitivos. Logo, um conceito muito caro às pesquisas que tomam a LFCU como base é o de discurso, pois este se realiza em qualquer manifestação autêntica e real de uso da língua, ou seja, envolve qualquer ação em um contexto de interação verbal, em que há produção e compreensão de enunciados. O discurso é, portanto, uma troca intersubjetiva de construção de significados, que inclui estratégias pragmáticas e sociais orientadas a partir de sua configuração (Furtado da Cunha *et al.*, 2013, p. 19).

Nesse contexto, a mudança é entendida como um processo que deixa claro que a cognição apresenta um papel fundamental no modo como processamos e adquirimos uma língua. E, como se trata de um processo gradual e que ocorre no uso real de uma língua, novas unidades emergentes são recriadas e reavaliadas, a todo momento, em diferentes situações de uso.

Nesse contexto, a LFCU busca as bases da Gramática das Construções (Goldberg, 1995, 2003, 2006, 2013; Croft, 2001), que toma como unidade básica das

línguas naturais a construção. Goldberg (1995) define que as construções são pareamentos de forma-significado, cujas partes não são totalmente previsíveis simplesmente a partir de algum elemento da forma ou de algum elemento do significado. Em trabalhos mais recentes, Goldberg (2016) passa a entender que as construções constituem pares de forma e função, uma vez que o termo função, em vez do termo significado, se mostra mais adequado por abranger tanto o polo do significado (semântica) quanto o polo do uso (pragmática). As construções são, então, unidades simbólicas convencionais, uma vez que são compartilhadas por grupos de falantes de uma língua, constituindo associações normalmente arbitrárias de forma e significado⁴.

A Gramática de Construções de Goldberg (1995, 2006) prevê que a estrutura da língua está sobre as bases da cognição, sendo moldada pelo uso, o que indica que nenhum nível da gramática pode ser considerado autônomo ou central, mas todos os níveis – semântico, morfossintático, fonológico e pragmático – têm igual influência sobre as construções. Nesse sentido, para um modelo baseado no uso real da língua – como a LFCU –, o conceito de construção como a unidade básica das línguas naturais se mostra crucial porque as propriedades de uso de enunciados na comunicação também determinam como as unidades são representadas na mente dos falantes. Isto é, a estrutura da língua é moldada pelo uso. Nesse sentido, a língua, assim como outros sistemas cognitivos, se configura por uma rede de nós e elos entre esses nós, criando relações de hierarquias de herança.

Tais postulações que coadunam o Funcionalismo ao Cognitivismo já se apresentavam nas proposições de Givón (1991). A relação entre um componente conceptual e a gramática demonstra que há um nível extrínseco ao nível interpessoal e social: o nível cognitivo, cujas bases conceptuais de experiência do mundo ajudam a moldar as formas como a gramática e o discurso se tornam reais. Dessa forma, conforme Neves (2006, p. 24), “a gramática sofre pressões do uso exatamente por constituir uma estrutura cognitiva”.

⁴ Uma das principais contribuições da Gramática de Construções é o reconhecimento de que muitas construções são multimembros, ou seja, possuem mais de um elemento que contribui para o seu significado. Sobre isso, Goldberg (2003, p. 221) comenta que “construções podem ser combinadas livremente para formar expressões reais, desde que elas não estejam em conflito”. Dessa forma, um mesmo enunciado pode conter diferentes construções.

Entende-se, portanto, que os eventos de uso moldam o sistema linguístico e que esse mecanismo faz com que ocorram analogias e outros processos que, em certo ponto, alteram e ocasionam expansões linguísticas, as quais geram novos usos. Com isso, as interações comunicativas podem gerar maiores frequências de usos e, conseqüentemente, esses novos usos podem ser expandidos a outros ambientes e situações comunicativas, sendo, por fim, incorporados ao sistema (Martelotta, 2011). O sistema entendido pelas premissas da LFCU, então, apresenta caráter dinâmico, emergente, advindo das habilidades cognitivas humanas que se adaptam aos eventos comunicativos.

É nesse contexto que Rosário e Oliveira (2016) e Bispo e Silva (2016) sinalizam que a abordagem construcional da gramática se encontra. Pautados pelas propostas de Traugott e Trousdale (2013), que propõem um modelo cujo principal pilar é que a língua está organizada em redes construcionais hierarquicamente organizadas, a mudança linguística passa a ser objeto de observação do modo como os falantes experienciam o mundo e refletem essas experiências na língua, causando, assim, mudanças em sua estrutura, relacionando-a a propriedades como esquematicidade, produtividade e composicionalidade e evidenciando níveis de (inter)subjetividade.

Wiedemer e Oliveira (2019) e Oliveira e Lopes (2019) discutem novos caminhos a serem tomados nos estudos e nas pesquisas que assumem os pressupostos da LFCU. Segundo os autores, o foco dessa abordagem reside nos padrões de uso linguístico e nos esquemas virtuais que se manifestam a partir de tais padrões, o que indica que novos refinamentos acerca de alguns conceitos devem ser feitos pelos pesquisadores dessa abordagem. Dentre eles, destacamos dois estudos: o primeiro, realizado por Oliveira e Arena (2019), trata do pareamento *forma<>função* na abordagem construcional da gramática, chamando a atenção para os usos intercambiáveis dos termos *função*, *sentido* e *significado* e as problemáticas causadas para os trabalhos na área. Dessa forma, as autoras propõem que esses termos sejam utilizados em situações específicas, as quais serão tratadas mais profundamente na seção 1.3 deste trabalho. O segundo trabalho que destacamos é o de Rosário e Lopes (2019), que, em contraponto ao que preveem Traugott e Trousdale (2013) – os quais entendem que a construcionalização está baseada em estudos diacrônicos⁵ –,

⁵Segundo Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização envolve a criação de um novo nó na rede construcional (conforme veremos mais especificamente adiante) e envolve a sucessão de micro-passos

propõem o conceito de construcionalidade, que, basicamente, diz respeito aos estudos de mudança linguística sob um viés construcional, porém pautado em estudos sincrônicos. O conceito de construcionalidade será discutido na seção a seguir mais detalhadamente.

1.2. O estatuto da sincronia nos estudos funcionalistas

Como exposto na seção anterior, a LFCU apresenta os estudos baseados no uso, buscando uma relação entre os pressupostos do Funcionalismo norte-americano clássico e os pressupostos do Cognitivismo – mais, pontualmente, da Gramática de Construções. Nesta seção, contudo, tratamos, pontualmente, do estatuto da sincronia nos estudos funcionalistas clássicos, buscando entender a prevalência de estudos diacrônicos e sua predominância em relação aos estudos sincrônicos. Tal predominância se deve ao fato de os estudos sobre mudança linguística se pautarem nas histórias das línguas, apresentando, conseqüentemente, caráter diacrônico. Contudo, trabalhos recentes sob a luz da abordagem construcional da mudança demonstram a possibilidade de verificar tais fenômenos a partir de análises sincrônicas (Barbosa, 2019; Durço, 2019; Martins Dall’Orto, 2018).

Rosário (2018), em entrevista concedida pelo professor Graeme Trousdale, coautor do livro *Constructionalization and Constructional Changes* (Traugott; Trousdale, 2013), o questiona sobre a possibilidade de aplicar a construcionalização a estudos essencialmente sincrônicos. Em resposta à pergunta, o professor Graeme Trousdale destaca que o foco desses estudos recai sobre a diacronia, e não sobre a sincronia, pois se trata de processos lentos e característicos das histórias das línguas. Contudo, sinaliza que

[...] a variação sincrônica em uma língua está muito intimamente ligada a padrões de mudança, que podem ter progredido mais rapidamente ou de maneira ligeiramente diferente nas variedades faladas por uma parte da rede de usuários da língua do que em outras subpartes. Assim, pode-se observar um conjunto de padrões em qualquer ponto

ao longo do tempo. Logo, os autores preveem que os estudos que visam à verificação desse fenômeno devam ser, principalmente, diacrônicos.

sincrônico da história de uma língua e tentar usar alguns dos princípios de trabalho em mudança construcional para explicar por que esses padrões têm a forma particular que eles apresentam. (Rosário, 2018)

Além disso, nessa entrevista, o professor Graeme Trousdale explicita que alguns conceitos adotados em sua obra de 2013 foram retirados de perspectivas essencialmente sincrônicas, tais como a mudança na esquematicidade, na produtividade e na composicionalidade de uma construção (Langacker, 2005), uma vez que a Gramática das Construções prevê que seus conceitos sejam aplicados tanto em estudos sincrônicos quanto em estudos diacrônicos, sendo estes últimos aplicados em perspectivas históricas em que há a comparação das possíveis mudanças das propriedades de uma construção.

Sendo assim, nesta seção, buscamos tratar do estatuto da sincronia nos estudos atuais em mudança linguística, visando a elucidar os principais estudos que preveem a possibilidade de uma abordagem sincrônica que dê conta de analisar tais fenômenos a partir desse recorte.

As relações entre mudança e gramática apresentam campo privilegiado no funcionalismo: a gramaticalização. Atribui-se a esse termo, usado pioneiramente por Meillet (1912), o conceito de um processo que passa a atribuir a uma palavra anteriormente autônoma um caráter gramatical, porém esse processo de transição ocorre sempre como uma espécie de *continuum* e, nesse caso, quando se conhece a primeira fonte de uma forma gramatical, essa fonte encontrada certamente foi de uma palavra lexical (Meillet, 1912). Esse processo, contudo, se mostra atestável apenas por um viés diacrônico, pois é necessário voltar no tempo e encontrar as origens de determinada palavra ou “estrutura” que passou a ter status gramatical.

Para muitos autores (Givón, 1991; Lehmann, 1995 [1982]; Heine *et al.*, 1991; Hopper, 1991; Hopper; Traugott, 2003 [1993]), os estudos de mudança linguística devem estar associados, majoritariamente, a um estudo diacrônico, pois eles entendem que as mudanças não ocorrem de forma abrupta, mas sim em *continuum* ou em *clines*, isto é, gradualmente e em camadas. Além disso, esses autores postulam que a mudança por meio de *clines*, dentro de uma perspectiva diacrônica, ocorre de maneira unidirecional e que, uma vez ocorrida, não há como reverter o processo de

mudança. Heine (2003), ao tratar do histórico dos estudos de gramaticalização, afirma que essa não é uma teoria e que esses estudos apresentam atributos comuns em relação aos métodos ortodoxos da linguística histórica, os quais tentam buscar as regularidades no desenvolvimento de formas linguísticas, tentando entender contextos de uso que refletem o passado das línguas. Dessa forma, a diacronia é vista como um ponto de partida para um estudo que visa à busca e à análise do processo de mudança propriamente dito, pois esse ocorre de maneira gradual, lenta e discreta (Neves, 1997).

Por outro lado, a sincronia apresenta um estatuto distinto no funcionalismo clássico. Os processos de mudança linguística analisados por um viés sincrônico apresentariam mudanças instantâneas nas línguas, pois se trata de mudanças exploradas *online*, no momento em que ocorre o discurso. A sincronia, então, estaria relacionada à variação, que é tanto o resultado quanto a razão para a mudança (Trousdale; Traugott, 2010). Ademais, os processos sincrônicos estariam restritos à gradiência⁶, ao passo que os diacrônicos estariam restritos à gradualidade⁷. Os autores, no entanto, afirmam que a gradiência pode ser estável dentro de longos períodos de tempo, ainda que nem todas sejam, e que essas dão forma a mudanças vindouras.

Porém, o que deve ser destacado em relação à sincronia é que esta constitui o resultado de diferentes estágios da diacronia, isto é, a língua falada, hoje em dia, é a língua que apresenta o resultado das mudanças do passado, mudanças essas que foram averiguadas por meio de micropassos. Labov (2008) corrobora essa visão ao afirmar que os estudos diacrônicos apontam as mudanças ocorridas no passado que se refletem hoje, mas o autor também considera que as pressões sociais no uso estão sempre operando na língua, isto é, que também é possível que estudos sincrônicos apontem mudanças.

⁶ Segundo Trousdale e Traugott (2010), o termo gradiência é dividido em gradiênciasubjectiva e intersectiva. A primeira diz respeito ao bom encaixe de uma categoria a outra. Por exemplo, substantivos que funcionam como adjetivos (os autores exemplificam com a palavra *fun* em inglês, que significa diversão ou divertido). A segunda diz respeito a duas categorias ou dois conjuntos de propriedades que podem estar convergidos em um *cline*.

⁷ A gradualidade, nos termos de Trousdale e Traugott (2010), é entendida como uma série de micro mudanças que dá resultado à mudança em si.

Ao tratar da abordagem centrada no uso, Martelotta (2011) afirma que “a gramática é um *fenômeno sociocultural*, o que sugere que sua estrutura e regularidade vêm do discurso, sendo moldadas em um processo contínuo” (Martelotta, 2011, p. 65, grifos do autor). Logo, isso significa que as línguas nunca estão em estágios totalmente uniformes de mudança e de evolução, mas que, se a língua é viva e usada, a mudança está ocorrendo a todo momento. Dessa forma, tomando como base que os termos diacronia e sincronia foram cunhados por Saussure (1915), em seu *Cours de Linguistique Générale*, definindo a última como o “eixo das simultaneidades”, podemos compreender que os falantes de uma língua não precisam ter noção dos movimentos que geraram as mudanças, mas sim ter consciência de quais movimentos e variações podem utilizar – o que, conseqüentemente, pode gerar mudanças. A mudança, segundo Martelotta (2011), não ocorre de modo linear no tempo, mas é um reflexo de tendências atemporais, isto é, de atuações de forças comunicativas.

A LFCU, em sua essência, tem como pontos centrais o uso (em relação ao sistema), o significado (em relação à forma) e o social (em relação ao individual). Sendo assim, a ideia de processos lentos de mudança se torna um pouco arbitrária. Qual seria o sentido de lento? É claro que uma construção não ganha estatuto de amplamente reconhecida e utilizada instantaneamente por uma comunidade de falantes, porém esse processo parece ser bem mais rápido do que se acreditava. Rosário e Lopes (2019) defendem que há possibilidade de atestar mudanças linguísticas por meio de estudos sincrônicos. Nesse trabalho, os autores trabalham com o conceito de “construcionalidade”, que é entendido como um conceito complementar ao de construcionalização, proposto por Traugott e Trousdale (2013), uma vez que prevê o estudo e a análise de construções por um viés sincrônico, diferentemente do que está previsto pelos autores britânicos com a construcionalização gramatical – que é entendida como processo e resultado de estudos diacrônicos). Nesse sentido, Rosário e Lopes (2019) definem construcionalidade como

[...] a relação sincrônica estabelecida entre construções, de tal sorte que (i) duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática. (Rosário; Lopes, 2019, p. 92).

Além disso, esses autores destacam a ideia de “mudança em curso” proposta por Mendes (2017), que se refere ao vigor da sincronia, no que tange ao uso real, e entendem que:

[...] a perspectiva sincrônica é bastante vigorosa nos estudos teóricos não só sobre variação, mas também sobre mudança. Afinal, o estado sincrônico da língua nada mais é do que um conjunto de diferentes camadas que emergem ao longo do tempo, como defende Hopper (1991). Sob esse ponto de vista, novas formas estão constantemente emergindo, sem que isso acarrete o desaparecimento de formas antigas. (Rosário; Lopes, 2019, p. 86)

Nesse sentido, os estudos sincrônicos se mostram relevantes para as análises de mudança nas línguas. Essa relevância, contudo, é comentada em diversos trabalhos de vários autores funcionalistas, como Trousdale e Traugott (2010), entre outros. A variação sincrônica, conforme tratam Trousdale e Traugott (2010), é reflexo da diacronia, das histórias passadas de uma dada língua. Então, essa história pode ser reconstruída baseada na variação que ocorre sincronicamente, posto que “a gradiência é o resultado da mudança em pequenos passos, associadas à gradualidade” (Trousdale; Traugott, 2010, p. 27).

Halliday (1973,1985), por exemplo, postula que o falante procede a escolhas, e a gramática organiza as opções em alguns conjuntos dentro dos quais o falante faz seleções simultâneas. E é justamente nessas seleções que a mudança ocorre, pois, da necessidade de escolher novas formas de falar e de expressar uma mesma ideia, surgem novas formas com novas funções, isto é, como o conhecimento gramatical é baseado na cognição, usamos formas já existentes combinadas com outras formas já existentes de modo a criar novos significados e novas funções, pois, como afirma Halliday (1985), as formas da língua são meios para um fim, e não um fim em si mesmas.

Dessa forma, a gramática é moldada pelas pressões do uso e pelas determinações do discurso, sendo este entendido como a rede total de eventos comunicativos relevantes. O uso, então, deve ser entendido como contemporâneo, sincrônico, pois é o “aqui” e o “agora” que precisa ser alimentado de novas formas e funções que deem conta de mantê-lo vivo, dinâmico e de estabelecer que a comunicação seja efetivada conforme as demandas dos falantes, pois são eles que fazem uso dessas funções conforme suas necessidades comunicativas.

E, como o objeto da gramática funcional é a competência comunicativa, é incoerente postular que os processos de mudança gramatical e lexical ocorrem apenas na diacronia. Essas mudanças estão ocorrendo “aqui e agora” na sincronia, servindo como material linguístico para a necessidade dos seus falantes. Conforme o professor Graeme Trousdale, ao ser entrevistado por Rosário (2018), a questão da variação sincrônica indica um conjunto de fatores propícios de padrões de mudança, ou seja, podem-se atestar, na sincronia, mudanças graduais que ocorreram na diacronia e que, no recorte mais atual, indicam a possibilidade de replicação de padrões já atestados e a possibilidade de atualização de alguns desses padrões.

Trabalhos como os de Dall’Orto (2018), Barbosa (2019) e Durço (2019), entre outros, demonstram exatamente isso: processos de mudança linguística podem ser atestados também por meio de estudos sincrônicos. Dall’Orto (2018) apresenta uma proposta de rede de construções avaliativas com “super”, “hiper”, “mega” e “ultra” na língua portuguesa. Barbosa (2019) propõe uma rede construcional de marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção e um advérbio – como “olha só”. Por último, Durço (2019) analisa construções com “então”, mostrando usos desde os mais canônicos até os mais novos, como os de marcador discursivo.

O que esses trabalhos apresentam em comum, contudo, é o fato de os dados terem sido obtidos dentro de um período de tempo sincrônico mais abrangente, visando a verificar a gradiência das construções pesquisadas. Com isso, chegam à conclusão de que a mudança ocorre por meio de *continuum*, que vai de um grau de menos intersubjetividade a um maior grau de intersubjetividade. Esses trabalhos, embora tenham sido publicados antes do conceito de construcionalidade, proposto por Rosário e Lopes (2019), mostram estar em consonância com as postulações dos autores, principalmente no que se refere à seguinte afirmação: “uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática” (Rosário; Lopes, 2019, p. 98)

Portanto, a possibilidade de conceber que as análises de mudança linguística também podem ser sincrônicas coloca em relevo tanto o modo como essas análises devem ser realizadas como também a aplicabilidade dos modelos atuais que dão conta da explicação de processos de mudança linguística, dentre eles, a abordagem construcional da mudança, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), com a

proposição da construcionalização gramatical, a qual será discutida nas seções subsequentes.

1.3. A abordagem construcional da mudança: redes construcionais e construcionalização

Em 2013, Traugott e Trousdale propõem a abordagem construcional da mudança linguística, tomando como base pressupostos fundamentais da Gramática das Construções (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001): as unidades básicas da língua são as construções, unidades de pareamentos de forma e significado organizados em rede.

As construções são unidades convencionais, representadas por associações normalmente arbitrárias de forma e significado, com aspectos tão idiossincráticos e tão frequentes que se tornam entrincheiradas nas mentes dos usuários da língua; dessa forma, são unidades compartilhadas pelos falantes. Com isso, a criação de um novo par de forma e significado, ou seja, a criação de uma nova construção, é chamada por Traugott e Trousdale (2013) de construcionalização, que é dividida em dois tipos: gramatical e lexical⁸.

Os autores tomam como base para a abordagem proposta um modelo baseado no uso real da língua, pois entendem que a mudança só é mudança no uso, isto é, que o lócus da mudança está no construto – uma instância real do uso da língua. Além disso, a questão basilar de sua abordagem se refere à organização das propriedades gramaticais em redes hierarquicamente organizadas, uma vez que a gramática é entendida como universal e compartilhada, tal como outros sistemas cognitivos. Assim como Goldberg (1995, 2006), os autores entendem que as construções podem apresentar qualquer tamanho, desde afixos a enunciados mais complexos, e assumem que a língua é aprendida em *chunks*, unidades de processamento

⁸ Em suma, a construcionalização gramatical, conforme será apresentado mais adiante, trata da instanciação de novos pares forma-função que sejam processuais, isto é, que interferem na estrutura gramatical de uma língua. A construcionalização lexical, por outro lado, se trata da instanciação de novos pares forma-função que sejam de conteúdo, constituindo novas unidades lexicais em uma língua.

linguístico, em “blocos”, ou seja, os falantes adquirem as construções a partir de sua forma e de suas funções discursivas e semânticas.

Nesse sentido, Traugott e Trousdale (2013) assumem pressupostos basilares da *Radical Construction Grammar* de Croft (2001). Para Croft (2001), uma construção também é um par de forma e significado, em que, no polo da forma, estão as propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas; ao passo que, no polo do significado, estão as propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, havendo, portanto, uma ligação de correspondência simbólica entre esses dois polos. Com isso, Traugott e Trousdale (2013) entendem que uma construção se constitui de um pareamento de forma e significado, representados por $[[F] \leftrightarrow [S]]$, em que F representa a forma (as propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas), e S representa o significado (as propriedades discursivas, pragmáticas e semânticas). Diferentemente de Croft (2001), os autores entendem que a função discursiva constitui a informação que estrutura uma construção ou que tem função conectiva, não se referindo ao contexto do discurso, mas sim ao papel que uma construção desempenha nele.

Além disso, as construções apresentam três propriedades internas: a esquematicidade, a produtividade e a composicionalidade. Essas propriedades estão implicadas em diversos estágios da mudança e estão intrinsecamente relacionadas aos conceitos de rede construcional e de frequência de uso.

A esquematicidade é uma propriedade de categorização das construções que envolve abstração e generalidade. A ela, estão relacionados os esquemas, que são categorias taxonômicas de generalização, sejam essas linguísticas ou não. Langacker (2008) sinaliza que os esquemas são categorizações inerentes à cognição humana e que, a partir deles, criamos padrões de experiências que podem ser cognitivamente entrincheirados. Para Traugott e Trousdale (2013), os esquemas linguísticos constituem grupos semânticos abstratos e gerais de construções, em que os usuários, inconscientemente, armazenam o seu conhecimento da língua.

Desse modo, a esquematicidade está relacionada ao grau de abstração de uma construção, isto é, à capacidade de ela instanciar outras construções análogas com significados e formas similares e mais específicos. Devido a esse caráter, a noção de rede construcional está relacionada a essa propriedade, e Traugott e Trousdale (2013)

propõem os três seguintes níveis de hierarquia construcional em rede para a análise e descrição de estudos de mudança linguística: esquemas, subesquemas e microconstruções. O primeiro nível, conforme exposto anteriormente, é o nível mais abstrato e genérico de uma rede construcional, abarcando todos os níveis que se encontram abaixo na hierarquia. O subesquemas, por sua vez, constituem agrupamentos de microconstruções, ou seja, representam abstrações mais específicas de um grupo menor de construções. Por fim, o terceiro nível é representado pelas microconstruções, as quais se instanciam a partir da convencionalização de um pareamento forma-sentido (Goldberg, 1995, 2006) ou, de forma mais recente, a partir da convencionalização de um pareamento forma-função (Goldberg, 2016).

A seguir, na Figura 1, observemos um modelo adaptado de uma rede construcional, conforme proposto por Traugott e Trousdale (2013).

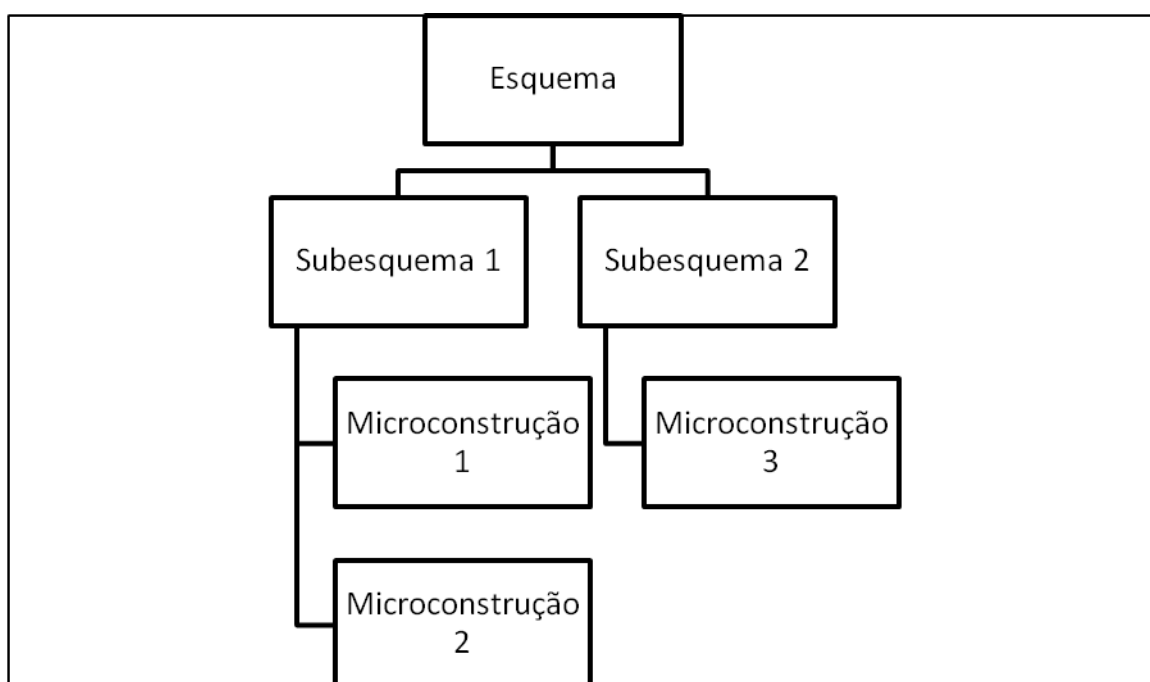


Figura 1 – Modelo de rede construcional adaptado do modelo proposto.

A esquematicidade, então, é uma das propriedades das construções que prevê a criação de uma rede construcional. Isso ocorre devido aos graus de esquematicidade, os quais se referem a níveis de especificidade, posto que um esquema contém diversos *slots* preenchíveis de acordo com o padrão de estrutura estabelecido para ele.

A produtividade, por outro lado, é a propriedade que diz respeito ao grau de extensibilidade, regularidade e generalidade de uma construção. Nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a produtividade é gradiente e permite que ocorra a sanção de outras construções menos esquemáticas, estando relacionada à frequência. De acordo com Bybee (2003, 2011), é importante distinguir as frequências *type* e *token*. A primeira se refere à frequência de um certo padrão, e a segunda se caracteriza pela frequência de ocorrência de uma unidade no uso. Logo, a produtividade está também relacionada ao aumento da frequência de ocorrência de construtos, isto é, os novos pareamentos forma-função emergentes tendem a ser cada vez mais usados, levando, assim, à sua rotinização e automatização.

A composicionalidade relaciona-se ao grau de transparência da forma e do significado de uma construção, isto é, se as características funcionais combinam com as características formais de uma construção, referindo-se a que grau essa relação é transparente ou não. Logo, essa propriedade é frequentemente associada em termos de *match* ou *mismatch*, ou de compatibilidade ou incompatibilidade.

Nesse sentido, é caro à abordagem construcional da mudança o interesse em pesquisar quais exemplos composicionais ou não composicionais passam a ser pares de forma e significado – ou forma e função – convencionalizados na língua, principalmente os que apresentam redução no grau de composicionalidade, posto que esses demonstram muitos casos de mudança ao longo do tempo no nível da microconstrução, indicando que houve construcionalização, conforme veremos na seção a seguir.

1.3.1. Construcionalização e mudanças construcionais

Com base em uma visão construcional da mudança, Traugott e Trousdale (2013) definem que a interação discursiva entre os falantes de uma língua é o “local” da mudança, visto que novas representações são criadas na mente do usuário da língua. Nesse âmbito, a formação de novos pareamentos de forma e significado, envolvendo a convencionalização de um novo nó na rede de construções de uma língua, é chamada de construcionalização, o que, nas palavras dos autores, se constitui na

[...] criação de (combinações de) novos pares forma-significado. Formando novos tipos de nós, os quais têm nova sintaxe ou morfologia e novos significados codificados na rede linguística de uma população de falantes. É acompanhada de mudanças em grau de esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A construcionalização de esquemas sempre é resultado de uma sucessão de micropassos e é, portanto, gradual. Novas microconstruções podem, da mesma forma, serem criadas gradualmente, porém podem também ser instantâneas. Microconstruções criadas gradualmente tendem a ser processuais, enquanto as criadas instantaneamente tendem a ter mais conteúdo. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22, tradução nossa⁹).

Entendemos, então, que a instanciação de novas construções na língua é um processo gradual, que envolve neoanálise das propriedades morfossintáticas – no polo da forma – e das propriedades pragmáticas e semânticas – no polo do significado – e que, em diversos estágios, as mudanças fonológicas e discursivas também podem fazer parte desse processo. Os autores pontuam, contudo, que mudanças formais e de significado por si só não caracterizam construcionalização, mas sim o que eles chamam de mudanças construcionais¹⁰. Além disso, há também dois tipos de construcionalização: i) a que se caracteriza pela mudança de itens de conteúdo, no âmbito do léxico, também chamada de construcionalização lexical; e ii) a que se caracteriza pela mudança de unidades de processo, isto é, que apresentam significados abstratos que criam relações linguísticas complexas, perspectivas e orientações dêiticas, também chamada de construcionalização gramatical. Conforme Traugott e Trousdale (2013), essa se caracteriza pelo

[...] desenvolvimento por meio de uma série de mudanças em micropassos de um novo par de forma e significado que (na maioria das vezes) processual em função. Uma unidade gramatical sinaliza como o falante conceptualiza as relações entre referentes nos enunciados, e como o interlocutor interpreta esses enunciados. Em muitos casos, a construcionalização gramatical envolve a perda de significado lexical,

⁹ C.f.: “Constructionalization is the creation of form_{new}-meaning_{new}(combinationsof) signs. It forms new types of nodes, which have new syntax or morphology and new coded meaning, in the linguistic network of a population of speakers. It is accompanied by changes in degree of schematicity, productivity, and compositionality. The constructionalization of schemas always results from a succession of micro-steps and is therefore gradual. New micro-constructions may likewise be created gradually, but they may also be instantaneous. Gradually created micro-constructions tend to be procedural, and instantaneously created micro-constructions tend to be contentful”. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 22).

¹⁰ Mudanças construcionais são entendidas como as mudanças que afetam apenas uma dimensão interna de uma construção, não envolvendo, portanto, a criação de um novo nó na rede construcional.

ainda que as fontes sejam também não-lexicais [...]. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 147, tradução nossa¹¹)

Assim, tendo a noção de gramática como um sistema de conhecimento linguístico que inclui a morfossintaxe, a semântica a fonologia e, também, as funções discursivas e a pragmática, a construcionalização gramatical se torna um conceito chave para a pesquisa de marcadores discursivos, pois estes, embora não reforcem a visão clássica de que as classes gramaticais são fechadas, apresentam funções processuais. Muitas das construções processuais são relativamente abstratas e relacionais e, por isso, tendem a se tornar amplamente utilizadas com o passar do tempo, depois de passar alguns mecanismos de mudança. Mecanismos se referem ao “como”, ao modo como as mudanças se dão, diferentemente das motivações, que seriam o “porquê” da mudança, baseando-se no pensamento analógico, na aquisição da linguagem e nas habilidades e motivações comunicativas, o que os caracteriza como motivações baseadas na cognição. Logo, os mecanismos ocorrem conforme a língua é usada, moldando-a, criando interações do sistema linguístico com a cognição humana (Bybee, 2001, 2010).

Os mecanismos de mudança são representados, nesse caso, pela neoanálise¹² e pela analogização. A neoanálise é considerada por Traugott e Trousdale (2013) como a ocorrência de “pequenos passos em uma mudança construcional, os quais, sejam na forma sejam no sentido, podem ser particularmente bem capturados nos modelos construcionais. Sendo assim, esse mecanismo de mudança atua nas propriedades formais e funcionais da construção-fonte, envolvendo mudanças em propriedades morfológicas, fonológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e discursivas. Isto é, a neoanálise ocorre quando um construto é usado pela primeira vez e o ouvinte recebe-o e o replica com mudanças de significados, e esse novo construto passa a ser integrado e convencionalizado na comunidade de usuários da língua.

¹¹ C.f.: “Grammatical constructionalization is the development through a series of small-step changes of a form_{new}-meaning_{new} sign that is (mostly) procedural in function. A grammatical sign cues how the speaker conceptualizes relationships between referents within the clause(s), and how the addressee is to interpret the clause(s). In many cases grammatical constructionalization involves loss of lexical meaning but the sources may also be non-lexical, as in the case of the pseudo-clefts.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 147, tradução nossa)

¹² Adotamos, nesta tese, o termo neoanálise, em vez do termo “reanálise”, originalmente usado por Langacker (1970), posto que o prefixo “re-” indica que a análise seja feita novamente, o que contradiz o que defendemos aqui: que o usuário da língua tem contato com esse novo construto pela primeira vez. Por isso, assumimos o termo neoanálise, tal como cunhado por Andersen (2001).

Em outras palavras, a neoanálise acontece quando a mudança começa a criar uma nova representação mental no usuário da língua, transformando um elemento em uma construção. É também resultado, normalmente inconsciente, de um processo de correspondência e combinação de padrões, também conhecido como pensamento analógico. Para que haja construcionalização, é necessário que haja neoanálise, principalmente da morfossintaxe e dos significados semânticos e/ou pragmáticos, bem como mudanças fonológicas e ampliações de usos discursivos em vários estágios.

A analogização, por outro lado, refere-se a um processo de mudança em que há a ocorrência de analogias, novas combinações entre os aspectos do significado e os aspectos da forma de uma construção, ou seja, é um mecanismo que leva a combinações de forma e função que eram, até então, inexistentes. Esse mecanismo promove a instanciação de uma nova construção, pois reflete a escolha de padrões que são análogos a construções mais prototípicas ligadas a um padrão mais esquemático. Diferentemente do pensamento analógico, que pode ou não resultar em mudança, a analogização prevê mudança, uma vez que as combinações formadas por esse processo não existiam antes (Traugott; Trousdale, 2010a).

Desse modo, para atestar a mudança, uma abordagem construcional privilegia o uso e as habilidades cognitivas, pois entende a língua como um sistema complexo de construções em que há estruturação e variação. Em consonância com a noção de construcionalização, demonstraremos, na seção seguinte, como esse modelo de mudança, que é comumente entendido como diacrônico, pode ser adaptado ou remoldado a uma perspectiva sincrônica.

1.3.2. Construcionalização e Construcionalidade

Desde a publicação da obra *Constructionalization and Construcional Changes* de Traugott e Trousdale, em 2013, muitas pesquisas em mudança linguística têm sido baseadas em dados de usos sincrônicos da língua. Embora haja a indicação de gradualidade, de tempo e de diacronia no texto desses autores, não há uma clara restrição na obra de que haja possibilidade de se trabalhar a construcionalização a partir de uma perspectiva sincrônica. É consenso entre os pesquisadores da

abordagem construcional da mudança que, para haver a criação de um novo nó na rede construcional, isto é, construcionalização, uma sucessão de micro-passos a precede. Contudo, os autores sinalizam a possibilidade de haver construcionalização instantânea, que pode ocorrer a partir da instantaneidade de micro-passos na mente de um indivíduo, ainda que as mudanças construcionais¹³ – que ocorrerem em micro-passos – antecedam a criação desse novo nó instantâneo. É possível também que haja a criação de construções sem nenhuma mudança construcional precedente. Como exemplo, os autores citam os empréstimos linguísticos, tais como “abajur”, “sutiã” e “show”.

Outro aspecto da obra de 2013 de Traugott e Trousdale é que a construcionalização, principalmente a gramatical, “é o resultado de mudanças, e não um processo” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 147). Corroborando essa ideia, Graeme Trousdale, em sua entrevista a Rosário (2018), questiona a aplicação do termo “construcionalização” a estudos sincrônicos. Nessa entrevista, o professor britânico fala da abordagem construcional da mudança e do seu foco nos estudos diacrônicos, por tratar pontualmente da mudança linguística. Porém, quando questionado sobre a possibilidade de se analisarem fenômenos de mudança em estudos cujo foco é sincrônico, Trousdale esclarece que a variação sincrônica é um aparato para os padrões de mudança e que muitos dos conceitos usados pela construcionalização podem ser aplicados a esses estudos, tais como algumas dimensões das mudanças construcionais – mudança na esquematicidade, na produtividade e na composicionalidade –, possibilitando, portanto, considerar que as construções que resultam de mudança são organizadas em redes taxonômicas de maneira hierárquica.

A partir disso, Rosário e Lopes (2017) apontam, então, a possibilidade de aplicação da construcionalização à sincronia. Os autores usam a concepção de língua de Traugott e Trousdale (2013), baseando-se em Bybee (2010), para fundamentar sua defesa: a de que a língua “exibe uma estrutura aparente de regularidade de padrões ao mesmo tempo em que apresenta considerável variação em todos os níveis” (Bybee, 2010, p. 1). Outro ponto levantado pelos autores é a consideração de

¹³ Mudanças construcionais, conforme Traugott e Trousdale (2013), se caracterizam por mudanças que transformam ou afetam os componentes de uma construção já existente (por exemplo, no português brasileiro, a redução do pronome *você* para a forma coloquial *cê*), mas sem criar, necessariamente, uma nova construção.

Labov (2008) de que a mudança linguística só pode ser concebida se é tomada como base a vida social da comunidade de usuários em que ela ocorre.

Também nessa perspectiva, Martins Dall’Ortto e Cunha Lacerda (2019) observam que

[...] uma análise sincrônica dos dados nos permite, também, observar a extensibilidade de padrões a partir da perspectiva da analogização, sem necessariamente negarmos a mudança linguística em micropassos – isto é, do ponto de vista de uma sucessão de neoanálises. (Martins Dall’Ortto; Cunha Lacerda, 2019, p. 186).

Durço (2019) também corrobora a visão de que a construcionalização pode ser analisada por meio de estudos sincrônicos. Desse modo, a autora compreende que, no trabalho com a construcionalização gramatical em uma perspectiva sincrônica, analisa-se o resultado, ou seja, as construções que estão sendo usadas e compartilhadas por uma comunidade de usuários da língua em uma sincronia, e não o processo pelo qual essas construções passaram. A autora ainda defende que a perspectiva sincrônica permite

[...] demonstrar pareamentos de formas e funções distintos uns dos outros, o que, por extensão, nos permite afirmar que em algum momento na linha temporal houve instanciação de pareamentos novos na língua através do processo de construcionalização, uma vez que, nessa perspectiva de análise, as mudanças ocorrem através de pequenos passos e não são fortuitas e estão interconectadas em rede. (Durço, 2019, p. 36-37).

Sendo assim, o trabalho da construcionalização em perspectiva sincrônica se mostra possível e em consonância com os pressupostos de Traugott e Trousdale(2013). Entretanto, a fim de evitar confusões entre os termos e estabelecer padrões para a pesquisa em mudança linguística, Rosário e Lopes (2019) cunham o termo construcionalidade, que, segundo os autores, deve ser entendido como a relação estabelecida entre construções na sincronia, de modo que “duas construções A e B apresentam horizontalmente algum grau de parentesco, ou (ii) uma construção menos esquemática pode ser associada verticalmente a uma ou mais construções de natureza mais esquemática.” (Rosário; Lopes, 2019, p. 98). Dessa maneira, a noção de construções organizadas em rede e as propriedades das construções

(esquematicidade, produtividade e composicionalidade) se tornam cruciais para a análise desse fenômeno.

Nesta tese, contudo, devido à necessidade de estudos mais aprofundados em relação à construcionalidade, especialmente sobre a questão dos mecanismos de mudança – neoanálise e analogização –, conforme apontam Rosário e Lopes (2019), adotaremos o uso do termo construcionalização sincrônica. Em consonância com os estudos propostos por Rosário e Lopes (2017), Martins Dall’Ortto e Cunha Lacerda (2019) e Durço (2019), entendemos que uma abordagem sincrônica nos estudos de MDs é capaz de mostrar um *continuum* de intersubjetividade nas redes construcionais das línguas a que nos propomos analisar, além de possibilitar que observemos a extensibilidade dessas construções no que se refere aos mecanismos de analogização e neoanálise, posto que os verbos de percepção e os elementos de focalização utilizados para formá-los ganham significados mais complexos que os originais, demonstrando o aumento do grau de esquematicidade e a diminuição do grau de composicionalidade dessas construções.

1.4. Intersubjetividade e seu papel na mudança linguística

Nesta seção, abordamos o conceito de intersubjetividade e sua importância para o objeto de análise desta tese: MDs e mudança linguística. Para tal, elencamos os trabalhos de Traugott e Dasher (2002) e Verhagen (2005). O primeiro trata desse conceito sob uma perspectiva de mudança semântica diacrônica e discursiva, relacionando gramática e uso em consonância com a Gramática de Construções (Goldberg, 1995; 2006; Croft, 2001). O segundo trabalho que elencamos trata da intersubjetividade a partir de uma perspectiva cognitiva, partindo do pressuposto de que o conhecimento linguístico está baseado no uso.

Partindo desses pressupostos, é necessário que, para entendermos o conceito de intersubjetividade, nós nos debruçemos, primeiramente, no conceito de subjetividade. Nos termos de Verhagen (2005), a capacidade que o ser humano tem de experienciar a si mesmo e perceber os demais como agentes mentais é o que dá base ao conceito de subjetividade. Contudo, esse conceito é bem mais complexo,

levando-se em conta, principalmente, a subjetividade no uso da língua. Assim, de um lado, há a dimensão em que a conceptualização de um sujeito se distingue do objeto da conceptualização. Nesse sentido, a subjetividade é compreendida como a contrapartida da objetividade e incorpora a ideia de que os pensamentos e crenças de alguém podem ser distintos da realidade. Por outro lado, a subjetividade também é tida como um ponto de vista possivelmente diferente de outros – e não como possivelmente diferente do mundo; assim, o que é considerado subjetivo se refere ao que é pessoal e não compartilhado.

Traugott e Dasher (2002), em sua obra *Regularity in Semantic Change*, também fazem essa oposição entre subjetividade e objetividade, buscando elucidar o papel desses conceitos na mudança semântica, mais especificamente sob uma perspectiva diacrônica e discursiva. Em termos gerais, para esses autores, a subjetividade é compreendida como a expressão da visão pessoal e dos pontos de vista do locutor no discurso, opondo-se a uma visão objetiva, na qual o locutor não imprime o que sente, vê ou percebe em seu discurso e se propõe apenas a descrever as situações e fatos do mundo tais como elas ocorrem na realidade (Traugott; Dasher, 2002). Desse modo, os autores entendem que as expressões mais objetivas requerem que os locutores construam significados para seus interlocutores com o mínimo de inferências possível, ao passo que as expressões mais subjetivas são aquelas em que o locutor deixa mais claras as suas atitudes em relação ao discurso. Nesse sentido, as expressões linguísticas devem ser distribuídas em um *continuum* em que se pode classificá-las como mais ou menos subjetivas ou objetivas. Entretanto, é praticamente impossível haver essa extrema polaridade que representa os conceitos de “subjetividade” e “objetividade”, posto que o discurso, seja ele o mais fiel possível à realidade, sempre está atrelado a um locutor, logo, não é possível pressupor neutralidade, conforme prevê Verhagen (2005).

Outro ponto em que Traugott e Dasher (2002) discutem sobre o *continuum* objetivo-subjetivo envolve as escolhas que os falantes fazem entre o uso de uma expressão mais objetiva ou mais subjetiva. Essas escolhas dentro do *continuum* estão comumente relacionadas ao papel social e às posições de autoridade que o falante exerce. É mais comum que, principalmente nas tradições euro-americanas, aqueles que desejam chamar atenção para sua autoridade tendem a fazê-lo com um uso mais “objetivo” da língua, ao passo que aqueles que não querem chamar atenção para sua

posição de poder, tendem a fazer o uso de uma linguagem mais “subjetiva”. Os autores pontuam, contudo, que, nesse fenômeno, isso não acontece em todas as sociedades, mas que todas têm em comum o fato de representar o mundo pela linguagem, marcar uma fonte de informação (experiência pessoal, conhecimento tradicional, focos etc.) e, nesse caso, uma postura epistemológica pode e deve ser esperada de todo falante de qualquer língua.

Há um questionamento de Benveniste (1971), destacado por Traugott e Dasher (2002), com relação a essa díade objetividade e subjetividade nas línguas: seria uma língua ainda considerada língua se ela não fosse profundamente marcada pela expressão da subjetividade? Para o autor, a díade entre locutor e interlocutor é a base da comunicação linguística, e essa base se caracterizaria por uma relação de intersubjetividade”, ou seja, um evento de comunicação em que um participante falante reconhece e está ciente da existência de outro participante que também é um falante. Assim, para Benveniste (1971), a única condição que torna a comunicação linguística possível é intersubjetividade, uma vez que é a partir de dela que a linguagem é aprendida pelo ser humano e, portanto, é a partir dela que o discurso se dá.

Traugott e Dasher (2002), então, entendem que a intersubjetividade está atrelada à atenção que o locutor dispensa ao interlocutor durante o evento discursivo. Em outras palavras, a intersubjetividade prevê que haja subjetividade no discurso, uma vez que o locutor deixa marcas claras de seu posicionamento e visão no discurso e está interessado na recepção que o interlocutor tem do que está sendo dito/escrito. Sendo assim, a intersubjetividade é entendida como interpessoal, impactando diretamente a autoimagem e a face do locutor e de seu interlocutor. Tal visão está de acordo com a de Verhagen (2005), que denomina intersubjetividade como a coordenação mútua ou comunicação de sistemas cognitivos, isto é, a interação entre locutor e interlocutor com base em seus respectivos sistemas cognitivos que se encontram coordenados. Destacamos, porém, que

[...] a (inter)subjetividade não é apenas uma questão de estância cognitiva, mas sim uma propriedade da linguagem que surge diretamente da díade locutor-interlocutor e dos usos retóricos aos

quais eles colocam a linguagem em comunicação. (Traugott; Dasher, 2002, P. 24, tradução nossa¹⁴)

Essa visão está em consonância com o que diz Diessel (2019) sobre os processos cognitivos de domínio geral – conforme veremos mais profundamente do Capítulo II – e, principalmente, sobre as escolhas linguísticas dos falantes. Para o autor, o locutor tem um papel importantíssimo na escolha de quais construções e palavras são usadas durante o discurso, ainda que essas escolhas não sejam inteiramente conscientes. Porém, o autor destaca que o interlocutor, ou seja, o ouvinte/leitor tem um papel crucial na escolha do material linguístico, já que é ele que recebe esse material e o analisa, pois cada palavra e cada construção tem diferentes interpretações possíveis dentro do conhecimento do interlocutor, o que indica, portanto, que o uso e as mudanças da língua são atravessados não só por processos cognitivos, mas também por fatores sociais. E é exatamente nessa interseção que a intersubjetividade apresentaria um papel fundamental.

Um ser social reconhece outro ser social como falante e ouvinte de uma língua, e esse reconhecimento é marcado no uso, no material linguístico, fazendo emergir construções que agregam funções ao discurso e que passam a ser necessárias para que a interação discursiva seja efetivada com êxito. Concluimos, portanto, que a intersubjetividade é a troca de informações com base em conhecimentos e visões individuais tanto do locutor quanto do interlocutor, isto é, que não são necessariamente compartilhados entre ambos. Além disso, algumas características da intersubjetividade são destacadas por Traugott e Dasher (2002), dentre elas o uso de marcadores explícitos da atenção entre locutor e interlocutor (nesse caso, são englobados os marcadores discursivos) e a predominância de mais implicaturas e inferências no discurso do que é de fato enunciado.

E é nesse ponto que o papel da intersubjetividade se destaca nos processos de mudança linguística: o ganho de nuances de significados que uma determinada construção passa a ter a partir de aspectos puramente discursivos, como as inferências sugeridas. Assim, de acordo com Traugott e Dasher (2002), temos dois mecanismos de mudança que são provenientes da intersubjetividade: a metaforização e a metonimização. Basicamente, a metaforização é um princípio analógico que

¹⁴Cf.: “[...] (inter)subjectivity is not only a matter of cognitive stance but a property of language that arises directly out of the SP/W-AD/R dyad and the rhetorical uses to which they put language in communication.” (Traugott; Dasher, 2002, p. 24).

envolve a comparação implícita entre um domínio fonte e um domínio alvo, criando um novo domínio conceptual chamado de mescla, em que há uma mistura de significados. A metonimização, por outro lado, se trata de um mecanismo mais complexo, a partir do qual ocorrem conceptualizações de parte-todo, de modo a evitar que a máxima da quantidade seja violada, ou seja, que o locutor enuncie apenas o que é necessário para o discurso.

De modo a ilustrar esses mecanismos, vejamos o exemplo (1) a seguir:

(1)E a espera na sala de embarque? Ah, a espera. Morte certa. Não consigo ler, não consigo escrever, só esperando o momento de entrar naquele cilindro metálico que pesa toneladas e que, **olha só**, sai do chão! Tudo que já li a respeito parece que não existe. Não há provas boas o suficiente de que voar naquilo ali é uma boa ideia. Sempre gosto de ser o último a entrar no avião, em uma vã tentativa de ficar o menor tempo possível fora dele. Como se adiantasse alguma coisa... (Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017, retirado de Barbosa (2019)).

Em (1), o locutor fala sobre seu medo de viajar de avião e sobre como a espera na sala de embarque o deixa ansioso para entrar na aeronave, que, segundo ele, não parece ser seguro. Nesse exemplo, temos o MD “olha só”, que se caracteriza como intersubjetivo e apresenta o verbo olhar metaforizado. O verbo *olhar*, nesse caso, não apresenta seu sentido original, mas o sentido de *entender* ou *perceber*, ou seja, apresentando a metáfora “a visão é entendimento”. Além disso, como *visão* e *entendimento* são percepções humanas e relativamente dependentes entre si (isto é, o entendimento depende de uma outra percepção humana, seja tátil, visual, auditiva etc.), há também uma relação metonímica do uso de parte pelo todo, sendo a parte a visão recrutada com o verbo *olhar*, e o todo sendo a percepção visual servindo como base para a percepção cognitiva. Logo, *olhar* ganha um novo sentido baseado nas inferências sugeridas e nos mecanismos de mudança mencionados anteriormente.

Também se destaca, no exemplo (1), o modo como o locutor insere o interlocutor no discurso, criando um espaço no jogo discursivo para que o interlocutor se reconheça no discurso e crie significados a partir do que está sendo dito. O apontamento e o destaque para o próprio discurso que ocorre por meio do MD instruem o interlocutor a criar suas próprias inferências e interpretações a partir de suas experiências e do modo como o locutor o reconhece como um ser social.

Dessa forma, concluímos que a intersubjetividade faz parte da construção do jogo discursivo e, por consequência, contribui para que haja mudança e para que

novas construções sejam instaciadas. Além disso, conforme preveem Traugott e Dasher (2002) em relação à objetividade à subjetividade, entendemos que também há *continuum* de intersubjetividade, em que temos construções que são mais ou menos intersubjetivas em relação às demais uma mesma categoria.

CAPÍTULO II

MARCADORES DISCURSIVOS, COGNIÇÃO E FOCALIZAÇÃO

Neste capítulo, trataremos de um conceito central para esta tese: marcador discursivo (MD). Tal conceito é amplamente discutido na literatura linguística, sendo os estudos mais relevantes os de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Brinton (1996). Os marcadores discursivos, que serão profundamente abordados na subseção 2.1.1., podem ser classificados, conforme as definições dos autores supracitados, como elementos sequencialmente dependentes que delimitam unidades do discurso, auxiliando na organização textual e da fala e apresentando funções tanto anafóricas quanto catafóricas, seja em posições iniciais ou finais. Essa classificação, contudo, será problematizada também na subseção 2.1.1., na qual abordaremos estudos mais recentes que demonstram que os MDs podem apresentar outras características que abrangem construções mais complexas.

Dessa maneira, na seção 2.1., trataremos brevemente da definição do conceito de discurso sob o viés funcionalista e, na subseção seguinte, discutiremos as definições de MDs encontradas na literatura até o momento, destacando os estudos de Schiffrin (1987), Brinton (1996, 2008, 2017) e Chanet (2003). Logo após, na subseção 2.1.2., abordaremos alguns estudos precedentes que tratam do uso de verbos de percepção na formação de MDs, dentre os quais destacamos os de Brinton (1996), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009), Bolly (2010), Martins (2013), Tanghe e Jansegers (2014) e Huentecura (2018).

Na seção 2.2, trataremos da interação entre cultura, cognição e uso da língua, principalmente no que concerne às construções de MDs que são objeto desta tese. Nosso enfoque, com base Tomasello (2005), Diessel (2019) e Bybee (2010), será em relação aos processos cognitivos de domínio geral, comuns entre as línguas com as quais estamos trabalhando. Em seguida, lançaremos mão de alguns mecanismos inerentes à formação de MDs, tais como a metáfora, a metonímia – apresentadas a partir das conceituações de Lakoff e Johnson (1980) – e a intersubjetividade, nos termos propostos por Traugott e Dasher (2002). Além disso, na subseção 2.2.2., abordaremos questões relacionadas ao papel focalizador dos MDs, apresentando o conceito de focalização sob um viés funcionalista – a partir dos pressupostos

assumidos por Dik (1989) – e sob um viés cognitivista, a partir dos pressupostos assumidos por Langacker (2008).

Por sua vez, na seção 2.3, apresentaremos algumas propostas de remodelação dos conceitos de marcador discursivo, baseando-nos, principalmente, nos trabalhos discutidos na seção 2.1. e no conceito de focalização.

Por fim na seção 2.4., discutiremos uma questão central para a formação de MDsfocalizadores: quais são comumente as unidades lexicais formadoras de marcadores discursivos que apresentam função focalizadora. Também trataremos, nesta seção, da função discursiva dos MDs e da transitividade dos verbos em seu uso como marcador discursivo, a qual, conforme veremos, tende a apresentar diferenças de seu uso como verbo pleno.

2.1. O conceito de discurso sob um viés funcionalista

O nosso objetivo, com esta seção, é apresentar uma discussão concisa acerca do que é entendido como discurso sob uma perspectiva funcionalista. Nesse sentido, na subseção 2.1.1., traçamos um breve panorama ao longo da literatura linguística sobre o conceito de marcador discursivo, discutindo os conceitos com os quais nossa pesquisa está mais alinhada e também revisando alguns pontos de vista clássicos, como o assumido por Schiffrin (1987).

Primeiramente, em se tratando de um estudo que visa à investigação de um fenômeno de mudança linguística denominado marcador discursivo, é necessário que discutamos, ainda que de forma concisa, o conceito de discurso. Sob um viés funcionalista, a língua é entendida como um fenômeno de natureza dinâmica e social, que está sempre situada em um contexto. Desse modo, a análise dos fenômenos linguísticos apenas poderá se realizar por meio da associação entre a estrutura e a função interacional da língua (Wilson; Wiedemer, 2019). Com isso, a dimensão social da linguagem deve ser levada em consideração nos estudos que se denominam como baseados no uso da língua, pois, nessa dimensão, é possível perceber as nuances de uma perspectiva dialógica da linguagem, na qual os sujeitos do discurso se expressam tanto presencialmente quanto sem presença física (em textos escritos,

mensagens de textos etc.). Portanto, o discurso é uma atividade sociocultural e é compreendido sob uma perspectiva dialógica, em que há motivação de fatores diversos, como a relação que um determinado indivíduo ou comunidade de fala estabelece com a fala e a escrita.

O discurso é, então, “uma manifestação concreta da língua que reflete e refrata a dinâmica da vida” (Wilson; Wiedemer, 2019, p.13), pondo em questionamento a noção de língua como um sistema abstrato e autônomo, dissociado do contexto social. Logo, o que podemos inferir é que, para o funcionalismo, o conceito de discurso diz respeito a

[...] construção e troca intersubjetiva de sentido(s), incluindo as estratégias sociopragmaticamente orientadas de sua configuração, em uma dada situação intercomunicativa. Dito de outro modo, constitui qualquer instância autêntica de uso da linguagem em todas as suas manifestações, quer dizer, qualquer ato motivado de produção e compreensão de enunciados em um contexto de interação verbal. (Cezário; Furtado da CUnha, 2013, p. 19).

O discurso é um poderoso indicativo do comprometimento do falante em relação ao enunciado e em relação aos discursos previamente já estabelecidos, o que faz com que cada momento do discurso deva ser acolhido, uma vez que pode ser esquecido, repetido, transformado e, até mesmo, apagado (Foucault, 2004). Todo discurso se caracteriza por um conjunto de pontos de vista cuja fonte pode ser múltipla, fazendo apenas sentido se se colocam em evidência os agentes discursivos – locutor, interlocutor, destinatário etc. (Anscombe, 2016). Em suma, a troca de informações, conhecimentos e meta-conhecimentos que estão em constante fluxo é o que forma o discurso, fazendo com que os conhecimentos acerca do mundo estejam sempre se transformando. E é exatamente essa transformação que os indivíduos esperam do discurso (Schiffrin, 1987). E é a partir dele, então, que as mudanças ocorrem e que formas já existentes passam a funcionar como seus articuladores (Brinton, 2017).

Partindo desse ponto, as transformações do discurso se dão por meio da interação dos indivíduos que dele participam. Sob essa perspectiva, os marcadores discursivos têm um papel importante nessa transformação, uma vez que são compreendidos como “unidades do discurso que sequenciam o tópico conversacional com a finalidade de o locutor chamar a atenção de seu interlocutor para o tópico discutido” (Barbosa, 2019, p. 47). Os MDs são amplamente estudados na literatura,

sendo alguns dos trabalhos mais notáveis os de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Brinton (1996), os quais discutiremos mais profundamente na subseção a seguir.

2.1.1. Marcadores discursivos: breve panorama, definição e conceituação

Com base nas definições de discurso apresentadas na seção anterior, pretendemos traçar, nesta subseção, um breve panorama das definições de MD na literatura, discutindo os principais conceitos apresentados. Para isso, trataremos aqui dos trabalhos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989), Brinton (1996, 2008, 2017) e Chanet (2003). Desde “unidades de fala” (Schiffrin, 1987) a “placas de trânsito linguísticas” (Brinton, 2017), as definições são variadas e, às vezes, podem ser contraditórias entre si. Para esta tese, os MDs objetos de análise são derivados de verbos de percepção – visual, tátil, auditiva, cognitiva, por exemplo – e configuram-se como construções mais complexas. Vejamos dois exemplos:

- (1) Nina: Ai, gente, **olha só**, essa é a ponte dos namorados! É cadeado ou não? São fitinhas?
Fabi: são fitinhas.
Nina: Melhor, pesa menos
(*Corpus oral vlogs YouTube* – anos 2019 a 2022)

- (2) Zoé: Alors, le gars je suis arrivée dans l'hôtel j'ai jamais vu ça je me sens dans un conte de fées, c'est énorme il ya des porties de ahh c'est un truc de ouf et moi je suis en jogging je suis hyper content je suis arrivée en jogging [...] il faut que je me change parce que je ne veux pas faire un shooting comme ça [...] C'est mieux comme ça en ce moment c'est trop on a tenu pour moi. **Voilà** arrivée on va faire l'interview ici.
(*Corpus oral vlogs YouTube* – anos 2019 a 2022)

Em (1), temos o MD *olha só* em função de chamada de atenção dêitica, isto é, a locutora chama a atenção de seus interlocutores para um elemento da cena, apontando-o. Em (2), que representa um excerto do *corpus* em francês, temos o MD *voilà*, também funcionando como uma chamada de atenção dêitica, que, nesse caso, se trata da própria locutora se mostrando na cena. Ambos os MDs são formados por um verbo de percepção visual e um advérbio focalizador, porém, o termo *voilà* já se encontra gramaticalizado em francês, ou seja, o verbo *voir*, no imperativo em P2, foi aglutinado ao advérbio *là*, formando uma nova palavra que pode ser classificada como

preposição, verbo, advérbio ou locução¹⁵. No excerto (2), contudo, esse termo passa a ter uma função mais processual e mais intersubjetiva, característica dos marcadores.

Essa característica discursiva que certas construções passam a adquirir ao longo do tempo foi o que motivou muitos estudos sobre os MDs. Em sua obra “DiscourseMarkers”, Schiffrin (1987, p. 31, tradução nossa) define, de forma operacional, os MDs como sendo “elementos sequencialmente dependentes que apoiam unidades de fala¹⁶”, considerando que sua análise faz parte de uma análise mais geral da coerência discursiva – isto é, como os locutores e interlocutores integram formas, significados e ações de modo a criarem um sentido do que é dito. A autora também sugere que os MDs têm amplo escopo discursivo, mas que perdem significado e força comunicativa com um escopo amplo, o que não aconteceria se seu escopo estivesse limitado a apenas uma cláusula. Essa afirmação, contudo, está relacionada ao fato de a autora, nessa obra, apenas considerar que os MDs podem ocorrer em posição inicial do discurso por se caracterizar pelo momento em que os turnos de fala se iniciam. Isso se refuta a partir do que foi proposto por Barbosa (2019), pois o autor mostra que os MDs apresentam funções claras de focalização em relação a um ou a mais elementos do discurso, conectando as ideias e apresentando um escopo mais amplo no discurso.

Em sua pesquisa, Barbosa (2019) mostra que os MDs podem ocorrer em posição inicial, final ou no meio do discurso. Tais resultados estão em consonância com Marcuschi (1989), que, sob um viés funcionalista da análise dos marcadores, entende que, devido ao caráter interacional do discurso, os marcadores podem ocorrer em posição inicial, no meio e no final da unidade de fala, pois, durante a interação, o locutor pode sentir a necessidade de organizar e reorganizar seu discurso sempre que julgar necessário.

Apesar de Marcuschi (1989) considerar que os marcadores podem ser usados tanto na fala quanto na escrita, seu trabalho está focado na modalidade oral do uso da língua. Para o autor, os marcadores são característicos da fala e apresentam alta frequência de uso nessa modalidade, por conseguinte, o autor os denomina de

¹⁵Sobre os termos *voilà* e *voici*, apresentaremos questões e estudos mais detalhados na seção 2.4.

¹⁶Cf.: “[...] sequentially dependent elements which bracket units of talk.” (Schiffrin, 1987, p.31).

Marcadores Conversacionais (MCs), os quais podem ser formados, inicialmente, por elementos de todas as classes gramaticais e formas sintáticas, operando como organizadores da interação, articuladores do texto e indicadores de força ilocutória, obedecendo a regras linguísticas e princípios pragmáticos e apresentando características multifuncionais.

Em consonância com o que propõe Marcuschi, Brinton (1996) entende que a denominação mais adequada para os MDs é “marcadores pragmáticos”. A autora entende que o termo pragmático é mais abrangente que o termo discursivo, no sentido que o primeiro capta melhor a gama de funções desempenhadas por essas formas linguísticas¹⁷. Sua obra, intitulada “PragmaticMarkers in English” compreende uma vasta lista de definições e estudos sobre os marcadores realizados por autores de todo o mundo e, a partir de um estudo diacrônico sobre essas formas em diferentes fases da língua inglesa, ela mostra a emergência de novos padrões e sugere que, se um discurso não apresenta marcadores, ele não se torna agramatical, mas pode ser julgado como “não-natural”, esquisito, desarticulado, impolido, pouco amigável ou, até mesmo, dogmático dentro de um contexto comunicativo (Brinton, 1996).

Em seu trabalho de 2017, a autora retoma a sua obra da década de 1990 e apresenta uma revisão e uma atualização de algumas definições previamente formuladas por ela. Dessa lista, destacamos algumas características que julgamos importantes para esta tese, a saber (Brinton, 2017):

- i) MDs são estilisticamente estigmatizados e negativamente avaliados, especialmente em discursos escritos e formais: embora ainda haja a visão de que o uso de MDs seja um “declínio de linguagem”, os acadêmicos estudiosos dos MDs (e também de processos de mudança linguística) compreendem o quão essencial e importante para os estudos linguísticos eles são. Além disso, podemos perceber alta frequência de uso em textos escritos on-line, como *blogs*, mensagens instantâneas, interações em redes sociais e em textos jornalísticos.

¹⁷ Apesar de Brinton (1996, 2008, 2017) e Marcuschi (1989) preferirem os termos “pragmático” e “conversacional”, respectivamente, ao termo discursivo, neste trabalho, manteremos a nomenclatura “marcadores discursivos”, pois, conforme expusemos no Capítulo I, nossa pesquisa está em conformidade com os pressupostos do funcionalismo, mais especificamente da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Por esse motivo, entendemos que o termo “discursivo” abrange o caráter de construção e da troca intersubjetiva de informações e sentidos que definem o uso real da língua em situações comunicativas.

- ii) Considera-se que os MDs têm pouco significado proposicional ou que são difíceis de especificar lexicalmente: antes de haver mais estudos sobre essas formas, pensava-se que elas eram “preenchedores semanticamente vazias”, completamente desprovidas de significado. O que é acordado entre os estudiosos, contudo, é que os MDs têm pouco significado proposicional (referencial/conceptual) e não adicionam conteúdo informacional ao enunciado. Porém, os MDs podem ser compreendidos como tendo funções processuais e como sendo não composicionais, já que agem como tipos de instrução ou, como afirma Brinton (2017), como “placas de trânsito linguísticas”, guiando o interlocutor para a interpretação pretendida. É devido a essa característica, inclusive, que se resulta tão difícil traduzir um marcador de uma língua para outras.
- iii) MDs ocorrem fora da estrutura sintática ou estão debilmente conectados a ela, não tendo, portanto, função gramatical clara: a independência sintática dos MDs é um entendimento geral dos estudiosos, tanto que é uma de suas características mais conspícuas e, por isso, muitos deles são parentéticos. No entanto, ainda que haja um desgarramento da estrutura sintática da cláusula, alguns MDs mais complexos, que apresentam construções frasais e clausais – como alguns estudados aqui –, têm estrutura gramatical interna e apresentam certa dependência sintática, principalmente por se tratar de MDs formados por verbos, passando, com isso, a adquirir funções gramaticais mais proeminentes, como a de articular foco.
- iv) MDs são opcionais, e não formas obrigatórias: sintaticamente e gramaticalmente, os MDs são dispensáveis, porém são pragmaticamente essenciais. Em sua obra de 1996, Brinton afirma que um discurso sem marcadores pode soar, até mesmo, dogmático e Schiffirin (1987) considera que a estrutura sintática se mantém intacta se não há uso de um marcador. Porém, sem eles, ocorre a remoção de uma pista poderosa do comprometimento do locutor com enunciado atual e o discurso precedente, além de torná-lo mais difícil de processar para seu interlocutor, que precisa ser guiado na interação.

Essas características elencadas por Brinton (2017), no entanto, dizem respeito a apenas um estudo realizado com a língua inglesa, o que torna algumas das afirmações realizadas por ela inadequadas aos MDs encontrados em outras línguas e também a alguns que analisamos nesta tese. No item (iii), Brinton (2017) afirma que os MDs ocorrem fora da estrutura sintática, porém alguns MDs focalizadores formados por verbos de percepção, principalmente aqueles que denotam alguma função dêitica, tendem a se manter agarrados à estrutura sintática de alguma forma, ainda mantendo algum traço de sua acepção original.

No item (iv), a autora também afirma que os MDs são opcionais e sintaticamente dispensáveis, contudo, também nos casos dos MDs focalizadores formados por verbos de percepção, isso pode não ser totalmente aplicável. Como já mencionamos anteriormente, alguns dos MDs que analisamos aqui apresentam ainda uma certa ligação mais forte com a estrutura sintática do que os MDs que Brinton (2017) analisa. Isso se dá por serem formados por verbos de percepção, mas também por terem funções dêiticas, sejam elas do discurso para o discurso, ou apontando elementos reais na cena. Isso faz com que o falante, ainda que esteja usando um MD, conceptualize aquele verbo ainda com alguns dos traços originais, como se ele ainda estivesse passando por um processo de desprendimento da acepção original.

Entretanto, dentro dessa perspectiva de que os MDs funcionam como um “guia de interpretação do discurso”, como propõe Brinton (2017), podemos destacar a importância do conceito de pistas de contextualização, de Gumperz (1982), a fim de coadunar o que ambos os autores tratam acerca da realização do discurso. Gumperz (1982) entende que a contextualização se realiza por meio do uso de sinais verbais e não verbais pelos falantes que relacionam o que está sendo produzido a experiências e conhecimentos prévios de modo que os interlocutores possam se envolver na interação e acessar o que está sendo pretendido. Assim, as pistas de contextualização estão presentes na prosódia, nos sinais paralinguísticos, na escolha do código e na escolha de “formas lexicais e expressões formulaicas” que funcionam como uma forma de destacar, de colocar em prominência ou de salientar as relações estabelecidas no discurso. Essas pistas, então, quando são interpretadas com relação a um conhecimento gramatical, criam condições favoráveis para implicaturas e interpretações situadas.

Por isso, quando Brinton (2017) sinaliza que os MDs são placas do trânsito linguístico, as pistas de contextualização elencadas por Gumperz (1982) se tornam essenciais para a compreensão da função dos MDs no discurso. A esse respeito, vejamos o exemplo (3) a seguir:

- (3) **Vitor:** Isso que ia te perguntar, você acha que se a pessoa beijou alguém do mesmo sexo, ela é... ela é bi?
Klébio: Não
Vitor: um beijo não?
Klébio: Não, se ela gostar e for algo que... só testar, não
Vitor: não, tá, beleza, beleza
Klébio: Não, assim, é que...
Vitor: é que sexualidade é muito louco, porque assim, ó, existe aquele momen... a gente sabe porque a gente não tá, né, nós não somos héteros, então normalmente a pessoa que não é hétero, eu tô falando normalmente tá? Não tô falando que hétero é inferior ou alguma coisa assim, a gente abre a cabeça de um jeito que a gente tá tentando se colocar em algum lugar porque as pessoas pedem que você seja isso, se você é gay, fala que você é gay...
Klébio: Então, tipo assim, **olha só**, outra coisa, pra alguém aí que já é militante nível hard, a gente tentando falar da coisa mais básica
Vitor: básico do básico do básico... pra galera que ainda não tá lá...
Klébio: isso, aí quando a gente vai puxar pra esse assunto de “ah, sou bissexual, mas não gosto de fazer o ato lá, mas gosto de beijar” isso tem várias camadas...(Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022¹⁸)

Neste excerto, os locutores estão conversando sobre bissexualidade e falam suas percepções e opiniões sobre o assunto. O MD *olha só* é usado de modo a introduzir uma nova informação ou prefaciar o que ainda será dito: no caso, o fato de que as pessoas que querem criticar o que eles estão falando têm que levar em conta o contexto de fala de ambos. Assim, podemos perceber as pistas de contextualização que Gumperz (1982) menciona, pois o MD funciona como um chamador de atenção para o novo ponto discursivo, também desenhando essa mudança de assunto e criando, então, pistas para que o interlocutor se guie no discurso que está se desenrolando.

A partir desse exemplo, podemos perceber o uso do verbo de percepção olhar no modo imperativo com função de MD. Porém, para alguns estudiosos, essas construções se classificam simplesmente com uma função de verbo pleno. Dessa

¹⁸ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=vM24rkd7hx4>. Acesso em jan. 2021.

forma, a partir do que consideram Brinton (1996, 2008, 2017), Schiffrin (1987) e Marcuschi (1989), chegamos a um ponto de discussão central, que permite a formulação das seguintes indagações: i) o que deve ser chamado de marcador discursivo?; ii) quais são, de fato, as características básicas dos MDs; e iii) qual é a nomenclatura mais adequada a ser empregada para a classificação dos MDs?

No que tange à primeira pergunta, Chanet (2003) afirma que é difícil estabelecer uma definição precisa acerca do que é um MD, porque essa definição levanta questões de metodologia. Para a autora, a definição de uma categoria como essa não se deve pautar em fatores tradicionais ou canônicos, já que duas características devem ser levadas em conta ao defini-la.

A primeira delas diz respeito ao próprio termo “marcador discursivo”, o qual não é capaz de abranger o que a análise conversacional chama tradicionalmente de “fático” e “regulador”, categorias que constituem apenas e unicamente sinais de “pilotagem da interação destinados a manter/orientar a troca” (Chanet, 2003, p. 2, tradução nossa¹⁹). Os elementos “fáticos” são tidos como aqueles emitidos pelo locutor – a autora dá exemplos em francês, tais como *tu vois*[você vê], *tu sais* [você sabe] e *hein*²⁰ –, ao passo que os elementos “reguladores” – *humhum*, *sim*, *é verdade* etc. – são emitidos pelo interlocutor e assumem um papel de *feedback* interacional. Porém, esses elementos, em uma conversa real, oral e face a face, também são marcados por gestos, posturas, olhares, sorrisos, acenos de cabeça e mudança de tons de voz.

A segunda característica que Chanet (2003) menciona em relação ao termo “marcador discursivo” se refere ao que a literatura pragmática chama de “conectores” e de “partículas”. Muitos desses conectores – *comomas*, *então* etc.” – também são usados como MDs, bem como as partículas *bem*, *bom* e, no caso do francês, *voilà*. Esses conectores já foram definidos apenas como “realocadores” de enunciados e atos de linguagem, contudo, quando apresentam funções de MDs, se constituem

¹⁹ Cf.: “[...] signaux de pilotage de l’interaction destinés à maintenir / orienter l’échange. ” (Chanet, 2003, p. 2).

²⁰ Em francês, esses termos podem designar MDs mais complexos como os que estão sendo analisados nessa tese ou, como indica Chanet, apenas elementos fáticos que indicam uma reformulação do que está sendo dito no momento da interação. No português brasileiro, também existem elementos fáticos, os quais podem ser *né*, *sabe?* e *tipo*. Para mais detalhes, sugerimos a leitura do artigo de Chanet (2003) e do artigo sobre a pragmaticalização do MD *tu vois* em francês de Bolly (2010).

como elementos que conectam informações produzidas no discurso em relação ao conjunto de representações mentais anteriormente construídas para esse discurso. As partículas, por outro lado, se classificam como elementos que não necessariamente têm o papel de ligação, mas que dão informações sobre as operações conduzidas pelo locutor na construção de seu discurso.

Desse modo, ambos os conectores e as partículas, segundo Chanet (2003), têm em comum o fato de constituírem unidades não referenciais, não tendo uma função denotativa, mas, principalmente, uma função instrucional, além de agirem sobre as representações cognitivas construídas no discurso e em seus desdobramentos discursivos. Esses marcadores dão as instruções sobre a maneira como os interlocutores podem co-construir representações, modificá-las e ajustá-las. Portanto, para Chanet (2003), os marcadores discursivos

[...] não vão intervir necessariamente na construção discursiva de um universo de referência, mas podem dar indicações sobre a maneira de construir esse universo e, de modo mais geral, sobre as operações cognitivas que serão conduzidas pelos interlocutores na atividade discursiva para otimizar a comunicação. (Chanet, 2003, p. 3, tradução nossa²¹)

O que a autora defende, portanto, é que uma palavra, ou sequência de palavras – ou, como assumimos neste trabalho, uma construção –, é considerada um marcador discursivo a partir do momento em que deixam de cumprir a função de sua categoria original normativa – verbo, advérbio, conectivo etc. –, passando a exercer uma função discursiva, que é mais complexa e que resulta em outras formas de interpretar e conceptualizar o discurso.

É nessa perspectiva que atuam os verbos de percepção na formação de MDs. Uma vez entendidos como um guia do discurso, conforme afirma Brinton (2017), os MDs são usados como uma forma de o locutor, além de chamar a atenção do interlocutor, indicar o modo como o interlocutor deve conceptualizar o discurso que está em curso. Dessa forma, os verbos de percepção têm grande potencial de serem selecionados para comporem essas construções. Nesse sentido, na próxima subseção, trataremos do uso desses verbos na formação dos MDs, apresentando os

²¹ Cf. : “[...] les marqueurs discursifs n’interviendraient pas nécessairement dans la construction discursive d’un univers de référence, mais pourraient donner des indications sur la manière de construire cet univers, et, de façon plus générale, sur les opérations cognitives à conduire par les interactants dans l’activité discursive pour optimiser la communication.”. (Chanet, 2003, p. 3)

estudos de Brinton (1996), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009), dentre outros.

2.1.2. O uso de verbos de percepção na formação de MDs

Na literatura linguística, não é novidade encontrar trabalhos que se propõem a analisar MDs formados por verbos de percepção – principalmente, por verbos de percepção visual. Dentre os diversos trabalhos, podemos elencar alguns que já se lançaram a essa tarefa, como Brinton (1996), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009), Bolly (2010), Martins (2013), Tanghe e Jansegers (2014), Huentecura (2018), dentre outros.

Os trabalhos de Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009) dialogam diretamente com esta tese, uma vez que a autora descreve os usos de marcadores discursivos formados por verbos de percepção visual em P2 no imperativo na língua portuguesa. A autora propõe ainda que, nas diferentes línguas românicas (português, espanhol, italiano, francês etc.), os MDs expandem suas funções discursivas dependendo do contexto em que estão inseridos, mas ainda carregando vestígios de seus sentidos originais, isto é, ainda apresentando certos traços dos significados dos verbos utilizados em suas formas. Apesar de não tratar do conceito de rede, a pesquisa da autora deixa implícita a ideia de que um estudo partindo dessa premissa é possível, principalmente, ao tratar dos vestígios de significados originais e das funções adquiridas no discurso, conforme sinaliza Brinton (2017).

Huentecura (2018), por sua vez, traça um comparativo de MDs derivados dos verbos de percepção visual do espanhol e do português brasileiro. Segundo o autor, um dos motivos que fazem com que esses verbos sejam utilizados em MDs é que se trata de verbos que desenham uma ponte entre a realidade e o conhecimento humano dessa realidade. Assim, o uso desses verbos permitiria um aumento de subjetividade nas interações, fazendo com que processos de mudança mais complexos vão ocorrendo ao longo do tempo.

Já Tanghe e Jansegers (2014), ao traçarem um comparativo de MDs do espanhol e do italiano derivados de verbos de percepção, chegam a conclusões

parecidas com as de Huentecura (2018) ao afirmarem que o uso desses verbos, principalmente *sentire*, em italiano, e *ver*, em espanhol, configuram palavras que expressam um sentimento emocional básico humano e, portanto, tendem a admitir mais extensões metafóricas. Partindo das acepções do dicionário, *ver*, um dos verbos de percepção visual mais comuns do espanhol – assim como *mirar* –, apresenta como alguns de seus significados, no dicionário on-line da Real Academia Española (RAE)²², o seguinte: “[...] percibir com losojos algo mediante la acción de la luz; percibir com La inteligencia algo, comprenderlo; comprobar algo com algún sentido; observar, considerar algo; examinar algo, reconocerlo con cuidado y atención” (RAE, 2021). Portanto, as próprias acepções dicionarizadas do verbo já preveem o que Tanghe e Jansegers (2014) e Huentecura (2018) propõem: a maior possibilidade de extensão metafórica baseada em um aspecto cognitivo básico humano: a visão.

Nesse mesmo viés, Bolly (2010) investiga os processos de mudança relacionados ao MD “tu vois” em francês, que é derivado do verbo de percepção visual *voir*. Para a autora, esse verbo tem um valor semântico-cognitivo de potencial elevado, uma vez que é altamente polissêmico, permitindo maior possibilidade combinatória morfológica (a autora cita, como exemplo, as derivações *entrevoir* e *prévoir*, também encontradas no português), maior possibilidade léxico-gramatical (por exemplo, *voirlavie en rose*, *voirrouge* e *tu voisce que jeveuxdire*) e maior possibilidade de combinação sintática (por exemplo, *se voir* + verbo no infinitivo, com o sentido de *parecer*) que outros verbos de percepção.

A partir desses estudos, podemos perceber que o uso de verbos de percepção não é exclusivo da língua portuguesa e não se trata de um uso fortuito. Sweetser (1990), em seus estudos sobre verbos de percepção no inglês e em algumas outras línguas indo-europeias, também sinaliza que os verbos de percepção têm um potencial cognitivo elevado, pois esses verbos – que incluem, em português, *ver*, *olhar*, *escutar*, *ouvir*, *entender*, *tocar*, *sentir* entre outros – têm a particularidade de poder estabelecer conexões psicológicas entre nossa atividade cerebral e o mundo que está ao nosso entorno. Além disso, a autora afirma que os verbos de percepção

²²A Real Academia Española (RAE) é uma instituição acadêmica cujo objetivo é praticar uma política de integração da língua espanhola falada nos cinco continentes do mundo, principalmente na Europa e nas Américas, visando à missão principal de velar para que as mudanças ocorridas na língua espanhola em sua constante adaptação às necessidades de seus falantes não rompam com a unidade essencial mantida em todo o âmbito hispânico.

visual geralmente desenvolvem sentidos abstratos de atividade mental, podendo designar conceitos como intelecto, controle e manipulação.

O sentido da visão apresenta uma certa primazia em relação aos outros sentidos humanos, posto que é a partir dele que se experiencia o mundo pela primeira vez, tornando-se uma fonte objetiva e intelectual de informações sobre o mundo exterior que é captado de uma forma que não é nem completamente controlada nem inteiramente voluntária. Assim, Viberg (2002) argumenta que os verbos de percepção são verbos nucleares, ou seja, verbos de base, frequentes no uso, tendendo a ter correlatos semântico-cognitivos em outras línguas e estando sujeitos a um alto grau de polissemia.

Por conseguinte, processos de metaforização e metonimização são mais prováveis de ocorrer com esses verbos e, conseqüentemente, de derivarem construções cujas funções são de guiar a atenção dos interlocutores. A metaforização constitui um princípio analógico que envolve a conceptualização de um elemento em detrimento de outro, operando entre dois domínios. Tal operação é motivada por uma comparação implícita de um domínio fonte com um domínio alvo, criando, assim, um novo domínio conceptual, com novo sentido, o qual evidencia a mescla entre os domínios fonte e alvo (Lakoff; Johnson, 1980). Já a metonimização é um processo que envolve as inferências sugeridas que vão ocorrendo ao longo do evento discursivo, as quais se dão por meio da conceptualização de relações de parte-todo, evitando, assim, que não seja dito mais que o necessário em um evento discursivo (Traugott; Dasher, 2002).

Na seção subsequente, abordaremos esses processos mais profundamente, bem como discutiremos a interação entre cultura, cognição e uso da língua, visando a elucidar como a cognição humana tem papel importante na seleção de palavras para a criação de novos padrões. Além disso, trataremos também de aspectos culturais ocidentais relevantes que podem ter influenciado a escolha dos verbos e dos demais elementos que têm função focalizadora nos MDs das diferentes línguas analisadas nesta tese.

2.2. A interação entre cultura, cognição e uso da língua: processos cognitivos de domínio geral na instaciação de MDs e focalização

Na seção anterior, discutimos o uso de verbos de percepção na formação de MDs em diferentes línguas. Vimos que esses verbos são de uso frequente na maioria das línguas por representarem ações basilares da cognição e percepção humana acerca do mundo que nos envolve, estando, por conseguinte, sujeitos a maiores graus de polissemia (Viberg, 2002). Portanto, é muito provável que as mesmas fontes semânticas sejam utilizadas em culturas distintas para alcançar inferências e acepções pretendidas (Bybee, 2010).

Como já vimos no Capítulo I desta tese, a LFCU concebe a língua como um sistema cultural, cognitivo e interacional que molda a forma como se constrói, tendo um alto grau de idiomaticidade e de criação de padrões gramaticais que podem ser percebidos interlinguisticamente. Assim, há uma capacidade genética humana – diferente da que propõe Chomsky (1957) em sua teoria gerativa – que torna a linguagem possível, o que faz com que semelhanças entre as línguas sejam percebidas e atribuídas a capacidades de domínios gerais e domínios específicos. Nesta seção, interessa-nos as capacidades de domínio geral, ou seja, aquelas que são usadas também para outros fins que não seja o linguístico, tais como categorização, uso de símbolos e capacidade de fazer inferências.

Tomasello (2005), ao tratar de aquisição da linguagem por parte das crianças, discute processos biológicos e culturais relacionados à aquisição de uma língua. Segundo o autor, adquirir uma língua faz parte de um processo bem mais amplo de adaptação cultural, o que implica a aprendizagem de padrões e convenções culturais, a interação com ferramentas e materiais simbólicos e a criação de papéis de colaboração e de relações empáticas etc.. Quando os seres humanos começaram a se comunicar uns com os outros por meio de símbolos, houve a manutenção das habilidades primatas inerentes à espécie: esquematização, categorização, conhecimento estatístico e realização de analogias. Assim, essas capacidades primatas inerentes a nossa espécie, juntamente com a habilidade cognitiva humana de adaptar as coisas cultural e simbolicamente, são necessárias para explicar

universais linguísticos e, também, particularidades intrínsecas a cada língua. Portanto, processos culturais e históricos, assim como os cognitivos, podem implicar a criação de padrões linguísticos abstratos intrínsecos às gramáticas das línguas naturais.

As atividades e as interações humanas permitem que a criação dessas construções simbólicas e abstratas sejam realizadas por meio de processos culturais e históricos, pois somos seres complexos que querem falar de eventos que envolvem múltiplos participantes, ações, detalhes, estados, marcações de tempo e emoções que fazem com que a língua se torne um sistema com alto grau de complexidade. E, naturalmente, o falante leva em consideração a sua referência às coisas e aos processos que envolvem seu discurso, além de estar preocupado com a forma como seu interlocutor recebe tais informações. Logo, é nas interações que os falantes sempre buscam mais clareza, formas mais expressivas ou adequadas ao objetivo comunicativo e formas mais simples que as já conhecidas, mas que podem ser interpretadas por seu interlocutor (Tomasello, 2005).

Portanto, essa busca por universais linguísticos, tanto na Linguística Cognitiva quanto na Linguística Funcional, deve estar focada nos “processos que criam e mantêm as estruturas linguísticas, e não as próprias estruturas” (Bybee, 2010, p.312). Em se tratando de marcadores discursivos, interessa-nos não somente os efeitos de *chunking* categorização, mas também processos de metaforização e metonimização, relações de intersubjetividade e inferências sugeridas. Tais processos deixam aparentes as propriedades da forma linguística, permitindo-nos explicá-las e mostrar como as interações são geralmente semelhantes e, portanto, como as diferentes línguas apresentam muitas semelhanças entre si.

2.2.1. Processos cognitivos de domínio geral

Como vimos na seção anterior, os universais linguísticos estão atrelados a processos que instaciam novas estruturas linguísticas e as mantêm vivas. A língua humana é uma das mais complexas e mais sistemáticas formas de nosso comportamento (Bybee, 2010). Logo, há processos cognitivos de domínio geral envolvidos nesse sistema complexo que nos ajudam a criar formas e funções que surgem para servir às nossas necessidades linguísticas.

Bybee (2010) elenca cinco desses processos que estão relacionados aos processos linguísticos: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Para a autora, a categorização envolve a correspondência de identidade entre palavras, frases e suas partes, sendo fundamental para o sistema linguístico. É por meio dela que se formam categorias de palavras e construções linguísticas, pois conseguimos identificar padrões e similaridades entre elas.

O processo de *chunking*, por outro lado, une sequências de unidades para criar unidades mais complexas, que, ao serem repetidas e rotinizadas, podem passar a compor a gramática e léxico da língua. A interação entre categorização e *chunking* confere diferentes graus de analisabilidade e composicionalidade a sequências convencionais na linguagem. A memória enriquecida é o processo que se refere ao armazenamento detalhado de experiências linguísticas, incluindo fonética, contextos, significados e inferências associadas a enunciações. Inclusive, a categorização funciona como o processo de mapear essas memórias ricas em representações existentes; e as representações de formas lingüísticas ocorrem por meio de exemplares, que se formam a partir de experiências linguísticas consideradas idênticas.

A analogia é o processo pelo qual novas expressões são criadas com base em experiências linguísticas anteriores. Esse processo também demanda categorização, pois as partes de expressões previamente vivenciadas precisam ser divididas em unidades alinhadas e categorizadas antes que novas expressões possam ser elaboradas a partir delas. Esse processo analógico é abrangente, sendo estudado em relação a estruturas relacionais em estímulos visuais, como cenas, formas e cores.

Por fim, temos a associação transmodal, que se caracteriza por processos automáticos de detecção de padrões que se manifestam nessas modalidades de representação e que indicam que associações cruzadas modais geralmente se desenvolvem entre os níveis mais elevados de agrupamento de nós ativados. Sendo assim, o significado é dado a partir do maior *chunk* disponível, isto é, do maior agrupamento de estruturas linguísticas (palavras, cláusulas ou construções) que apresenta padrões.

Diessel (2019) também elenca processos cognitivos de domínio geral que julga importantes para o desenvolvimento e o surgimento de novas estruturas linguísticas, mas não descarta o fator social. O autor argumenta que tanto o uso quanto o desenvolvimento de uma língua não são influenciados apenas por processos cognitivos, mas também por fatores sociais, porque esses fatores são importantes para entender as convenções linguísticas, as quais são estabelecidas à medida que cada indivíduo inserido em uma determinada comunidade de falantes busca falar e se comunicar como os demais, desenvolvendo, assim, padrões específicos de uso da língua dentro do grupo.

Ainda, segundo o autor, a motivação das escolhas linguísticas de um usuário da língua compreende processos cognitivos que concorrem com três domínios gerais: cognição social, conceptualização e processamento de memória. Primeiramente, lançaremos atenção para os processos cognitivos de cognição social. Para o autor, em consonância com a abordagem de Tomasello (2005) que apresentamos anteriormente, a cognição social se dá pela forma particular de interação social que ocorre no uso da língua, isto é, a habilidade de perceber o conhecimento, a intenção e as crenças de outra pessoa por meio do uso de símbolos linguísticos. O autor, então, chama a atenção para a forma básica de cognição social: a atenção conjunta. Essa forma básica diz respeito à comunicação entre locutor e interlocutor, já que precisam focar sua atenção na mesma experiência, e isso pode envolver objetos ou eventos que foram mencionados ou evocados no discurso precedente. Essa atenção conjunta se estabelece, principalmente, pelo apontamento dêitico, acompanhado por demonstrativos ou dêiticos espaciais que podem construir essa relação dentro do discurso.

Essa forma básica é o que proporciona o que chamamos de “common ground”, isto é, um fenômeno cognitivo de domínio geral que possibilita a criação de um espaço

no discurso e na interação em que ambos os participantes conseguem compartilhar seus conhecimentos e crenças, além de ter o importante papel de fazer com que emane do discurso aspectos comunicativos que fornecem *background* e orientação para interpretação dos elementos que surgem no discurso que se desenrola. Desse modo, depreende-se que os processos cognitivos de domínio geral são tão sofisticados e tão requisitados durante o uso da língua que acabam por se tornar ferramentas com papéis importantíssimos no processo de mudança da língua, bem como reforçam que a interação entre cognição e cultura (ou aspectos sociais), sendo parte crucial no desenho e na elaboração de novas construções que estão de acordo com as necessidades dos interlocutores

Ainda, Diessel (2019) afirma que o “common ground” e o que ele chama de “audience design”²³ têm grande influência no desenvolvimento gramatical e na evolução da gramática, ou seja, é a partir desses espaços cognitivos-sociais que estratégias gramaticais – como os MDs objetos desta tese – surgem como padrões no discurso de modo a facilitar a compreensão dos desdobramentos do discurso.

O segundo processo cognitivo de domínio geral que o autor elenca é a conceptualização, que, numa abordagem baseada no uso, é processo que molda o significado, construindo novos sentidos a partir da correspondência entre língua e experiência de mundo, além de estruturar a experiência cognitiva e o conteúdo semântico. A conceptualização também promove a abertura de centro dêitico, um espaço mental em que as informações de uma conversa são organizadas, permitindo ao falante conceptualizar o evento linguístico em um espaço.

O último processo cognitivo de domínio geral apontado por Diessel (2019) é o processamento de memória. Para o autor, a informação linguística na memória é ativada e representada pela frequência e pelo processamento de estruturas linguísticas; e esse processamento da memória influencia a escolha dos falantes sobre os significados linguísticos. Assim, o processamento de memória cria um fluxo de consciência e um mecanismo de atenção que é influenciado tanto pela interação

²³ “Audience Design” é a proposta de desenho do discurso conforme necessidades dos interlocutores, representando a forma como o locutor molda seu discurso para que seu interlocutor entre no jogo discursivo e se engaje.

social bem como pela memória e pela percepção sensorial, o que interfere na capacidade dos interlocutores de coordenar sua atenção.

Dessa forma, concluímos que os universais linguísticos não apenas refletem a complexidade e a sistematicidade da língua humana, mas estão intrinsecamente ligados a processos cognitivos de domínio geral que instanciam novas estruturas linguísticas e as mantêm dinâmicas. Como destacado por Bybee (2010), a língua é uma das formas mais complexas e sistemáticas do nosso comportamento, e processos cognitivos fundamentais, como categorização, chunking, memória enriquecida, analogia e associação transmodal, desempenham papéis cruciais nesse sistema complexo.

Portanto, a complexidade da língua é resultado não apenas de processos cognitivos de domínio geral intrínsecos, mas também da interação dinâmica entre cognição, cultura e sociedade. Esses elementos fundamentais desempenham papéis cruciais na criação, na adaptação e na mudança de construções linguísticas, refletindo as necessidades e as interações dos falantes em uma determinada comunidade linguística. Logo, tais processos têm forte influência na instanciação de construções de MDs focalizadores, os quais surgem por necessidades discursivas que são reflexo de fatores sociais e cognitivos.

2.2.2. Aspectos cognitivos para a formação de MDs

Nesta subseção, abordaremos alguns dos aspectos cognitivos que são fundamentais para a compreensão e o estudo de MDs que são formados por verbos de percepção, que vão além dos processos cognitivos de domínio geral mencionados anteriormente. Primeiramente, é necessário que delimitemos que os MDs constituem construções gramaticais, isto é, que funcionam como parte do processo da arquitetura do discurso, apresentando funções que guiam o interlocutor para uma interpretação pretendida, conforme vimos na seção 2.1.

Para Langacker (2008), a gramática constrói-se por meio de significados, configurando um aspecto essencial do nosso aparato conceptual, porém não se trata

de um aparato distinto e independente, mas sim de uma parte integral da cognição. Johnson (1987), nesse sentido, considera que o corpo humano delimita a experiência e estrutura a cognição, ou seja, nossa percepção física do mundo molda as nossas capacidades mentais de conceber o próprio mundo, refletindo-se, conseqüentemente, na linguagem que usamos para interagir com ele. Sendo assim, podemos entender que é a partir das construções linguísticas e de seus usos na língua que podemos compreender a gramática. A gramática é, portanto, um conjunto de estruturas simbólicas que está em constante mudança, posto que se trata de um aparato cognitivo que percebe o mundo em que vivemos – e este mundo também está em constante mudança.

A linguagem é, portanto, uma construção humana da realidade. E, conforme percebemos uma mudança na realidade, necessitamos adaptar e reformar essa construção de realidade para que ela sempre esteja atualizada de acordo com nossas percepções individuais e coletivas. Para tal, utilizamos algumas características de nossa percepção e cognição para criar imagens e conceitos que nos servirão para atualizar nossa relação com o mundo.

A categorização é uma dessas características da cognição humana muito presente na emergência dos MDs estudados nesta tese. A compreensão do discurso é uma percepção mental e cognitiva, portanto, é natural que, ao selecionar verbos para formar MDs, esses verbos tenham significados de ações ou atitudes de perceber o que está a nossa volta, conforme prevê Johnson (1987). Dessa maneira, agrupamos esses verbos por semelhança de significado e selecionamos alguns deles para formar construções de MDs que possam exercer as funções que pretendemos. Com isso, temos alguns verbos que são mais prototípicos, isto é, que dentro da categoria, devido a suas características mais centrais, tornam-se mais frequentes no uso. É o caso do verbo *olhar* no português, como sinaliza Barbosa (2019), o qual é o mais frequente no *corpus* analisado pelo autor na formação de MDs. Outros verbos mais periféricos, tais como *sacar* e *catar*, conforme Barbosa (2019), não são tão frequentes, tanto por não apresentarem características tão similares aos outros quanto por apresentarem alto grau de metaforização.

A metáfora é também um recurso muito recorrente na formação de MDs. Conforme Barbosa (2019), exceto em usos dêiticos, os verbos estão metaforizados em seus usos discursivos, pois o locutor não quer que seu interlocutor *olhe*

literalmente para o discurso, mas que lance sua atenção para as informações compartilhadas. Lakoff e Johnson (1980), nesse sentido, classificam a metáfora como de caráter rotineiro, sendo intrínseca ao pensamento e às ações. Esta é a conceptualização de uma comparação implícita, em que há um domínio-fonte (relativo às propriedades concretas da experiência) e um domínio-alvo (relativo à abstração, ao qual as características do domínio fonte são comparadas). A metáfora, então, está relacionada a uma questão de perspectiva, de modo que a percepção de diferentes fenômenos da interação humana esteja associada a diferentes conceitos e percepções humanas. Dessa forma, a metáfora está na base de diversos verbos polissêmicos, como é o caso dos verbos de percepção, pois estes englobam elementos cognitivos e socioculturais – como a ideia de que a visão é a porta de entrada para o intelecto humano (Sweetser, 1990).

Diferentemente da metáfora, temos a metonímia, que, conceptualmente, é entendida como um deslocamento de significado, no qual uma construção normalmente utilizada para designar uma entidade passa a ser utilizada para designar uma entidade contígua (Lakoff; Johnson, 1980), porém a projeção metonímica envolve apenas um domínio e se estabelece por meio de associação de experiência. Na formação de MDs, a metonímia ocorre na seleção dos verbos de percepção, pois indica uma compreensão subjetiva do referente, envolvendo uma associação entre estado mental e o objeto que o causa (Traugott; Dasher, 2002). Em outras palavras, o uso de um verbo que originalmente indica o sentido da visão, por exemplo, é usado no discurso de modo a criar uma comparação de parte-todo, em que visão é igual a intelecto – conforme vimos nas proposições de Sweetser, (1990). No excerto a seguir, retirado de Barbosa (2019), o uso do verbo *ver*, no MD *veja bem*, é um exemplo de como a metonímia atua na formação de MDs, a saber:

- (4) A maquiagem mineral é ótima para peles sensíveis por ter uma formulação mais 'natural' o que a torna hipoalergênica. **Veja bem**, isso NÃO significa que você não terá alergia, significa que o risco de uma reação alérgica é menor. (*Corpus escrito blogs – sincronias 2008, 2011, 2014 e 2017*, retirado de Barbosa (2019)).

Neste excerto, o verbo *ver* passa a apresentar um sentido mais intersubjetivo, tendo o interlocutor que realizar inferência sobre seu significado – caso não conheça a construção –, e perceber que o verbo passa a ter um sentido de *entender*. A metonímia está nessa relação parte-todo, em que o MD *veja bem* se refere a um

entenda bem, ou “entenda da mesma forma que eu entendo”. É dessa forma que ocorrem as inferências sugeridas, evitando que o desnecessário seja dito em um evento discursivo (Traugott; Dasher, 2002).

E é nesse ponto que outro fator crucial à formação de MDs deve ser mencionado: a intersubjetividade. Nas seções anteriores, frisamos o caráter discursivo dessas construções, levando em consideração a troca de informações e a interação social como aspectos inerentes ao uso e a novas instâncias de construções cujo objetivo é guiar interpretações e chamar a atenção para o evento discursivo.

Em termos gerais, conforme discutido no Capítulo I, a subjetividade é compreendida como a expressão da visão pessoal e dos pontos de vista do locutor no discurso, opondo-se a uma visão objetiva, na qual o locutor não imprime o que sente, vê ou percebe em seu discurso e se propõe apenas a descrever as situações e fatos do mundo tais como elas ocorrem na realidade (Traugott; Dasher, 2002). Entretanto, é praticamente impossível haver essa extrema polaridade que representa os conceitos de subjetividade e objetividade, posto que o discurso, seja ele o mais fiel possível à realidade, sempre está atrelado a um locutor, logo, não é possível pressupor neutralidade. Nesse sentido, as expressões linguísticas devem ser distribuídas em um *continuum* em que se pode classificá-las como mais ou menos subjetivas ou objetivas.

Desse modo, Traugott e Dasher (2002) entendem que as expressões mais objetivas requerem que os locutores construam significados para seus interlocutores com o mínimo de inferências possível, ao passo que as expressões mais subjetivas são aquelas em que o locutor deixa mais claras as suas atitudes em relação ao discurso. Além disso, os autores preveem o conceito de intersubjetividade, o qual está atrelado à atenção que o locutor dispensa ao interlocutor durante o evento discursivo. Em outras palavras, a intersubjetividade prevê que haja subjetividade no discurso, uma vez que o locutor deixa marcas claras de seu posicionamento e visão no discurso e está interessado na recepção que o interlocutor tem do que está sendo dito/escrito. Sendo assim, a intersubjetividade é entendida como interpessoal, impactando diretamente a autoimagem e a face do locutor e de seu interlocutor.

Além disso, os autores sinalizam algumas expressões linguísticas que são caracterizadas como mais intersubjetivas, são elas: i) expressões de dêixis social; ii) marcadores explícitos de chamada de atenção do interlocutor pelo locutor; e expressões heurísticas (em que o que é dito implica mais do que é pretendido). Nesse sentido, enquadram-se os MDs, uma vez que se trata de construções utilizadas no discurso para chamar a atenção do interlocutor para o evento discursivo, guiando a interpretação pretendida. Há, portanto, marcadores mais intersubjetivos do que outros, conforme postula Barbosa (2019), pois, a depender do contexto em que se inserem, as relações interpessoais passam a depender mais fortemente das inferências sugeridas que vão sendo criadas ao longo do evento discursivo. Além disso, a expressão da subjetividade é evidente, uma vez que o locutor apenas chama a atenção para aquilo que julga relevante, necessário e indispensável ao discurso e, como se trata de relações interpessoais, para que não haja impolidez e pedantismo, o interlocutor protege sua face e a de seu interlocutor, modalizando seu discurso com o uso de MDs.

Outra questão relevante com relação à intersubjetividade dos MDs é a focalização. Em termos gerais, esta é proeminência dada a uma informação do discurso de modo a criar uma relação de importância para determinado ponto do discurso. Como o delineamento do que é mais importante deve ser realizado pelo locutor, visando à minimização de inferências, a focalização, principalmente relacionada ao uso de MDs, pode ser considerada de caráter intersubjetivo. Desse modo, na subseção a seguir, trataremos do conceito de focalização sob o viés funcionalista – com base nos pressupostos assumidos por Dik (1989) – e sob o viés cognitivista – com base nos pressupostos assumidos por Langacker (2008).

2.2.3. Focalização: aspectos relativos aos usos de MDs

Nesta subseção, de modo a dar tratar do caráter focalizador dos MDs estudados nesta tese, abordaremos o conceito de focalização. Para tal, elencamos duas correntes que estão de acordo com os pressupostos que adotamos aqui: a corrente funcionalista, apresentando principalmente a conceituação apresentada por Dik (1989), e a corrente cognitivista, elencando o trabalho de Langacker (2008).

Dik (1989), em sua obra “The theory of Functional Grammar”, concebe a linguagem como um instrumento de interação verbal, a qual é definida como uma atividade estruturada – regida por normas e convenções –, e como uma atividade cooperativa, na qual dois falantes cooperam para sua realização. Nesse sentido, o autor prevê que o foco tem uma função pragmática de destacar a informação relativamente mais importante no conjunto comunicativo. Logo, o foco parte da necessidade de o locutor dar contraste a uma informação em relação as outras no evento discursivo. O autor postula, a partir dessas definições, que a função de foco pode se manifestar por meio dos seguintes recursos focalizadores: i) proeminência prosódica; ii) ordem especial de constituinte; iii) marcadores especiais de foco; e iv) construções especiais de foco.

No caso dos marcadores, o foco pode ser realizado, principalmente, por meio dos dois últimos recursos mencionados. Barbosa (2019) defende que os advérbios “só” e “bem”, que compõem MDs formados por verbos de percepção, apresentam a função de focalizar elementos do discurso. Sendo assim, esses advérbios podem ser compreendidos como marcadores especiais de foco que compõem construções especiais de foco, os próprios MDs. Dik (1989), nesse sentido, destaca dois principais parâmetros de subcategorização para delimitar foco: o escopo e o ponto comunicativo. Entende-se que o escopo é a porção discursiva ou a parte do enunciado sobre a qual o foco incide. O ponto comunicativo, por outro lado, ocorre quando há uma mudança do foco da interação, a partir de uma abertura de lacuna no discurso por parte do locutor para que interlocutor possa ser inserido no discurso, ou, ainda, a partir da oposição de informações que já foram previamente divulgadas.

Assim, o conceito de foco relacionado à importância que o locutor dá a uma informação está diretamente atrelado à noção de marcadores como guia do evento discursivo proposta por Brinton (2017). Outro aspecto relevante dos pressupostos de Dik (1989) refere-se à noção de escopo, pois a porção discursiva que recebe destaque está delimitada pelo uso de marcadores e construções especiais de foco. Dessa maneira, a depender do item lexical usado para realizar tal delimitação, o escopo pode ser mais ou menos abrangente.

Langacker (2008) também entende que o foco é um fenômeno dependente do discurso, cuja ancoragem, ou *grounding*, se faz por meio de expressões linguísticas

que localizam o discurso no espaço e no tempo em que ocorre. O autor, em sua “CognitiveGrammar”, entende que a focalização é um caso de gradualidade, relacionada a propósitos particulares de dimensão de estruturas e de níveis de organização, incluindo também a seleção de conteúdo conceptual para o evento discursivo, bem como a disposição do que pode ser considerado *foreground* e *background*.

Para o autor, *foreground* e *background* são uma característica geral da cognição, podendo ser comparadas às noções de figura e fundo. Assim, o *background* seria o conhecimento básico do mundo físico conforme o experienciamos, a informação compartilhada, uma base conhecida pré-estabelecida para acesso tanto para o locutor quanto para o interlocutor. Já o *foreground* constitui o ponto em que se encontra o alvo de percepção e conhecimento, ou seja, a informação que ganha destaque em relação à base. A informação focalizada é, portanto, aquela se encontra fora da base, aquela que se torna o alvo da percepção. Logo, o foco ocorre no *foreground*.

O foco, então, inclui a seleção de conteúdo conceptual para a apresentação linguística envolvendo duas facetas: a primeira delas é o acesso que uma expressão linguística dá a um conjunto de domínios cognitivos; já a segunda diz respeito à cobertura e à extensão que essa expressão linguística tem sobre os domínios acessados, ou seja, quais porções desses domínios ela evoca e quais ela utiliza como base para criação de significado. Para cada domínio, uma expressão linguística apresenta um escopo, uma cobertura, que tem uma base cognitiva evidente, pois nós podemos acessar mentalmente apenas um determinado número de informações por vez. Langacker (2008), então, exemplifica a noção de escopo fazendo uma comparação com o nosso sistema visual. Nossos olhos captam uma imagem completa do que está a nossa frente. O nosso cérebro, contudo, limita e seleciona ainda mais o que está no nosso campo de visão, dando mais importância a um determinado ponto em um dado momento.

O escopo é uma questão de seleção e está relacionado aos conceitos de *foreground* e *background*. Estabelecendo uma aproximação entre as proposições de Dik (1989) e de Langacker (2008), podemos concluir que o escopo é a delimitação de um campo, realizada por meio da linguagem, por meio de uma construção. Focalizar,

portanto, se trata de uma questão de selecionar de informações que, sob a perspectiva do locutor, devem ser destacadas, o que ocorre por meio de expressões linguísticas que têm como função selecionar uma determinada porção discursiva para receber esse foco. Não é fortuita, então, a escolha de verbos de percepção para formar MDs, uma vez que um locutor os usa para chamar a atenção do seu interlocutor. Nesse sentido, esses verbos, no modo imperativo, somados a expressões – como os advérbios *só* e *bem*, por exemplo – criam domínios cognitivos complexos, mas amplamente compartilhados, que conduzem a uma interpretação pretendida.

Além disso, Diessel (2019) baseado em Langacker (1991) e outros, nos lembra sobre a conceptualização, um processo cognitivo de domínio geral, e sua relação com o foco. O autor coloca em perspectiva o entendimento que os psicólogos gestálticos têm sobre um sentido humano: a visão. Para eles, a visão envolve muito mais do que apenas uma ação passiva do que está sendo capturado pelo aparato sensorial, mas que a visão, guiada por princípios cognitivos de domínio geral como reificação²⁴ e distinção de figura e fundo, é uma das formas de marcar foco por meio de unidades lexicais cujo significado se relaciona com esse sentido. A visão é usada, portanto, como um enriquecimento da percepção de informação via inferência.

A visão é o sentido que tem direta ligação com o centro dêitico (Diessel, 2019), que é a origem de um sistema coordenado e normalmente referenciado pela localização corporal do locutor no momento em que o discurso é realizado, podendo ser mudado do locutor para outra pessoa ou, até mesmo, para um interlocutor fictivo. Nesse sentido, o centro dêitico se torna uma forma de direcionar o foco, uma vez que, da posição física no espaço do locutor, é possível operar o discurso de modo que a focalização esteja nas mãos do locutor, sendo ele o agente de colocar a percepção da orientação espacial (real, fictiva ou, até mesmo, discursiva) à disposição dos interlocutores.

Outros pontos que Diessel (2019) elenca relacionados à focalização e à direção da atenção são a memória e o fluxo de consciência. O autor argumenta que os sistemas de atenção e memória são influenciados altamente pelas interações sociais

²⁴ Reificação, ou coisificação, é um conceito do marxismo e diz respeito à operação mental que consiste em transformar conceitos abstratos em objetos ou mesmo tratar seres humanos como objetos. Esse conceito é também um dos processos cognitivos de domínio geral e que é altamente recrutado no uso dos MDs estudados nesta tese.

e pelas percepções sensoriais e de memória, fazendo com que a tentativa do interlocutor de coordenar sua atenção seja interferida. Assim, a qualquer momento, o foco de atenção centra em apenas um item, mas esse único item está conectado a outros itens semi ativados que podem ser facilmente ativados se forem necessários no evento discursivo, ativando também diferentes pontos da rede de conhecimento de uma pessoa. Como o discurso e a linguagem vão se desdobrando no tempo, o foco de atenção vai se movimentando e ativando elementos em constante fluxo, o que tem grande importância para a escolha de significados linguísticos, ordem de palavras e seleção de construções pelos usuários da língua. Isso é o que se chama de fluxo de consciência e fluxo de atenção, ou seja, ativação da memória de acordo com a necessidade do fluxo discursivo.

Essas conclusões, contudo, nos fazem levantar questões sobre dois pontos centrais para a análise de dados realizada no Capítulo IV: i) o primeiro se trata das definições de MDs que apresentamos aqui, as quais parecem não ser suficientes para dar conta dos dados identificados no *corpus* analisado; ii) o segundo se trata, exatamente, da questão que acabamos de discutir: a focalização, que, para nós, pode ser um processo elaborado, que é construído no decorrer do discurso. A fim de discutir essas questões, na seção a seguir, proporemos algumas reflexões e definições que podem ser mais adequadas aos dados que apresentaremos e analisaremos no Capítulo IV deste trabalho.

2.3. O que se entende por marcador discursivo focalizador? Propostas e reflexões

O título desta seção reflete uma questão que nos inquietou durante toda a pesquisa sobre marcadores discursivos focalizadores, termo que já havia sido utilizado por Barbosa (2019). Apesar de se tratar de uma pergunta de pesquisa para qual temos algumas hipóteses e algumas atestações por meio de análises em outros trabalhos, tal como o de Barbosa (2019), sabemos que chegar a uma resposta exata ou que seja capaz de dar conta de toda uma categoria é uma tarefa árdua e praticamente inacabável, uma vez que, conforme temos mencionado desde o primeiro capítulo desta tese, tratamos aqui de mudança linguística, da língua sob um viés

funcionalista, cujo caráter principal é o de ser um sistema vivo, complexo, cultural, interacional e não autônomo.

Porém, é necessário que, a partir dos dados analisados e dos trabalhos dos autores que apresentamos nas seções anteriores, tentemos elaborar conceitos que visem a dar conta do objeto de pesquisa que estamos analisando neste trabalho. Assim, destacamos novamente, a seguir, o excerto (3):

- (1) **Vitor:** Isso que ia te perguntar, você acha que se a pessoa beijou alguém do mesmo sexo, ela é... ela é bi?
Klébio: Não
Vitor: um beijo não?
Klébio: Não, se ela gostar e for algo que... só testar, não
Vitor: não, tá, beleza, beleza
Klébio: Não, assim, é que...
Vitor: é que sexualidade é muito louco, porque assim, ó, existe aquele momen... a gente sabe porque a gente não tá, né, nós não somos héteros, então normalmente a pessoa que não é hétero, eu tô falando normalmente tá? Não tô falando que hétero é inferior ou alguma coisa assim, a gente abre a cabeça de um jeito que a gente tá tentando se colocar em algum lugar porque as pessoas pedem que você seja isso, se você é gay, fala que você é gay...
Klébio: Então, tipo assim, olha só, outra coisa, pra alguém aí que já é militante nível hard, a gente tentando falar da coisa mais básica
Vitor: básico do básico do básico... pra galera que ainda não tá lá...
Klébio: isso, aí quando a gente vai puxar pra esse assunto de “ah, sou bissexual, mas não gosto de fazer o ato lá, mas gosto de beijar” isso tem várias camadas... (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022²⁵).

Conforme vimos anteriormente, os locutores estão conversando sobre bissexualidade e falam sobre suas percepções e opiniões sobre o assunto. O locutor Klébio usa o MD *olha só* para guiar os interlocutores para a interpretação de que é necessário ter cautela, pois eles estão falando de forma básica e pessoal sobre o assunto, buscando proteger sua face e não se envolver em polêmicas. Então, o MD é usado nesse discurso como um alerta prefacial sobre essa pontuação em que ele protege sua face. Portanto, esse alerta cria um foco especial e restrito a essa informação, fazendo com o interlocutor seja guiado para essa interpretação (a de que não intenção dos locutores em tratar o assunto de forma aprofundada). O verbo *olhar*,

²⁵ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=vM24rkd7hx4> Acesso em jan. 2021.

nesse excerto, está metaforizado, já que tem o sentido de “compreender, analisar”, passando a ter um sentido mais mental e menos perceptivo visual.

É possível definirmos, então, com base nos autores já mencionados na seção 2.1. (Brinton, 2017; Chanet, 2003; Marcuschi, 1989; Schiffrin, 1987; entre outros), que os MDs são construções gramaticais complexas²⁶ por meio das quais os locutores guiam, direcionam e articulam a interação com seus interlocutores, criando representações cognitivas e interacionais que são essenciais ao jogo discursivo. Essas construções podem apresentar independência sintática das cláusulas do discurso, mas sua função processual e significado gramatical interno criam nuances de sentido que tornam a situação comunicativa cada vez mais intersubjetiva.

A criação de representações cognitivas essenciais ao jogo discursivo é crucial para entendermos a formação de MDs com verbos de percepção em diversas línguas, mas principalmente nas quatro línguas que nos propomos a analisar nesta tese: português, espanhol, francês e inglês. No caso da ocorrência (3), essas representações cognitivas se dão por meio da criação de um espaço mental por meio dos verbos de percepção utilizados nos MDs, os quais criam um ambiente propício para a focalização das informações que precisam, na visão do locutor, receber destaque.

E esse é outro ponto que mencionamos que parece ganhar uma nova maneira de ser realizada. Segundo as proposições apresentadas por Dik (1989) e Langacker (2008), podemos entender a focalização como sendo um fenômeno dependente do discurso, cujo objetivo é colocar em evidência uma informação em detrimento de outras. Contudo, como podemos perceber no excerto (3), o processo de focalização parece ser composto e multiforme.

O locutor tende a colocar em destaque mais de uma informação ao longo do jogo discursivo para criar a atmosfera que possa levar seu interlocutor às conclusões e inferências que ele julga importantes na cena discursiva. É o que acontece no excerto (3), por exemplo, quando o locutor coloca em foco os itens do café da manhã, a vista da janela, as embalagens plásticas dos itens e o cuidado do hotel com a higiene

²⁶ É necessário clarificar que o termo “complexas” não se refere apenas a uma construção composta de mais de uma unidade lexical. O termo, na verdade, é empregado aqui de modo a contemplar construções que desencadeiam processos gramaticais, morfossintáticos e pragmáticos mais sofisticados, que demandam maior esforço cognitivo do locutor e do interlocutor.

para convencer quem o escuta de que sua viagem está segura. Para tal, o locutor utiliza três vezes o MD *miren* e uma vez o MD *fjense*. No caso deste último – em que há, inclusive, a metáfora da “fixação da atenção” e o pronome reflexivo *se* –, o locutor conclui a argumentação apresentada, focalizando o cuidado do hotel com a segurança e com saúde dos hóspedes.

Entendemos, então, que o processo de focalização funciona como ciclo, em que, a partir do discurso – que se configura como o *background*, nos termos de Langacker (2008) –, o locutor coloca em *foreground*, isto é, em foco, as informações que o auxiliam a colocar mais à frente no discurso aquela informação ou ideia para a qual ele, de fato, deseja chamar a atenção. A focalização, assim, pode ser entendida em termos de um processo de composição de pequenos focos em prol de um destaque mais importante na perspectiva do locutor.

Nesse sentido, a noção de marcador discursivo focalizador poderia ser concebida como uma mescla das definições de MD e de focalização que propusemos aqui, isto é, um marcador discurso focalizador se configuraria como uma construção com a função gramatical de direcionar e guiar o interlocutor para a composição de uma informação ou defesa de uma ideia em que os pontos importantes para essa composição seriam sinalizados por esses MDs. Essa é uma hipótese que buscaremos validar a partir da análise dos dados que será apresentada no Capítulo IV.

2.4. Unidades lexicais formadoras de MDsfocalizadores: significado, funções discursivas e transitividade

Nesta seção, discutiremos outra questão relevante para a formação de MDsfocalizadores: as unidades lexicais formadoras de marcadores discursivos. Essa é uma questão intrigante, pois abarca dois pontos já discutidos anteriormente, mas que aprofundaremos aqui: os verbos de percepção e os elementos focalizadores – tais como advérbios, locativos e pronomes. Também discutiremos, nesta seção, a função discursiva dos MDs e a transitividade dos verbos em seu uso como marcador discursivo, a qual, conforme veremos, tende a apresentar diferenças de seu uso como verbo pleno.

2.4.1. Unidades, significados e sua relação com os MDs

O primeiro ponto para o qual chamaremos a atenção aqui será o recrutamento de alguns elementos, em especial, para a formação de marcadores discursivos. Nas seções anteriores, discutimos como é comum o recrutamento de verbos de percepção para a formação de MDs, destacando o motivo pelo qual eles normalmente são recrutados em construções de marcação discursiva. Entretanto, não nos detivemos nos elementos focalizadores – advérbios, locativos e pronomes – que cumprem papel importantíssimo na focalização –, o que faremos, portanto, nesta subseção.

De acordo com as definições de MD que vimos anteriormente, tais como a de Brinton (2017), essas construções cumprem um papel discursivo de guiar o interlocutor na interação, de modo que os objetivos do discurso sejam cumpridos. Além disso, como o discurso se trata de uma troca da subjetividade dos participantes, o uso de construções marcadoras do discurso demonstra que o locutor está atento a proteger a sua face, a não soar impositivo e impolido, bem como está preocupado em incluir o seu interlocutor no discurso.

Nesse sentido, o discurso é entendido como um espaço, ou seja, um espaço em que as informações compartilhadas são colocadas e podem ser apontadas, direcionadas, selecionadas e passadas a frente. Assim, a partir dessa metáfora, podemos entender o uso de algumas unidades lexicais para formar construções de marcação discursiva.

Em primeiro lugar, chamamos a atenção para os verbos de percepção. Quando um locutor usa um MD formado por um verbo de percepção visual, este faz um apontamento no próprio discurso de modo a criar esse espaço. O mesmo acontece com verbos metaforizados, tais como os que elenca Barbosa (2019): *sacar* e *catar*, em que o locutor pede ao interlocutor que colete uma informação no espaço que foi criado. Além deles, temos os verbos de percepção cognitiva, tais como *saber* e *imaginar*, no caso do português, que criam uma relação de apontamento em relação às informações contidas nesse espaço.

Em segundo lugar, tratamos dos advérbios e locativos. O uso dessas categorias de palavra na formação de MDs demonstra que os locutores tratam o discurso como espaço. No caso do português, os advérbios *só* e *bem*, em conjunto com os verbos de percepção, focalizam a informação de modo a restringi-la (*só*) e de modo a avaliá-la melhor (*bem*), assim o locutor aponta ou pede para que o interlocutor “pegue” apenas uma informação que está nesse espaço discursivo, no caso do uso do *só*, ao passo que, no caso do uso de *bem*, o locutor aponta ou pede para que o locutor examine, de forma mais atenta, uma informação que está no espaço criado (Barbosa, 2019).

Com os locativos, essa questão fica ainda mais clara. Chamamos a atenção aqui tanto para o caso do português, que apresenta os advérbios *aqui* e *lá* em conjunto com verbos de percepção na formação de MDs, quanto para o caso do francês, que também apresenta os advérbios de mesmo significado do português, *ici* e *là*, respectivamente. Em ambos os casos, esses locativos, principalmente quando apresentam funções discursivas mais refinadas, apontam para informações que estão no espaço do discurso, podendo elas ser anafóricas ou catafóricas.

Ainda, no caso do francês, temos as construções *voici voilà*, as quais já mencionamos anteriormente. Essas construções, segundo o dicionário de L’Académie Française²⁷, já estão gramaticalizadas e são compostas pelo indicativo *voi*, forma antiga do verbo *voir* (*ver*, em português) aglutinados aos advérbios *ici* e *là*. Essas formas gramaticalizadas são classificadas pelo dicionário como preposições, tendo como significado “uma preposição que serve a mostrar, a designar uma pessoa ou uma coisa” (L’Académie Française, 2022, tradução nossa²⁸); além disso, *voilà* e *voici* apresentam um outro significado que demonstra o seu caráter discursivo: “diz-se *voilà* também das coisas que acabam de ser ditas, explicadas, detalhadas, por oposição a *voici*, que designa aquilo que ainda será dito” (L’Académie Française, 2022, tradução nossa²⁹). Porém, esse mesmo dicionário reserva uma seção apenas

²⁷L’Académie Française é uma instituição francesa composta por quarenta membros cujo objetivo principal é manter a língua francesa viva, a partir da elaboração do seu dicionário, bem como de regras do idioma, que vão desde as ortográficas às gramaticais. A Academia Brasileira de Letras tem sua inspiração na academia francesa.

²⁸ No original: “Préposition qui sert à montrer, à designer une personne ou une chose[...]” (L’Académie Française, 2022).

²⁹ Cf. : “Voilà se dit aussi des choses qui viennent d’être dites, expliquées, détaillées, par opposition à Voici qui désigne ce qu’on va dire.” (L’Académie Française, 2022).

para restringir o uso do *voilà* discursivo, em que explicitam que “convém não fazer de *voilà* uma forma de advérbio de frase que serve a introduzir o que será dito ou sinalizar que não se tem nada a adicionar” (L’Académie Française, 2022, tradução nossa³⁰). Contudo, esses usos que a academia pede que sejam evitados são bem comuns no francês falado, conforme veremos no Capítulo IV.

Por fim, trataremos dos pronomes. Conforme vimos na ocorrência (3), pronomes reflexivos são unidades lexicais recrutadas para formar MDsfocalizadores. Além desses, pronomes pessoais também podem ser recrutados, como os casos que Chanet (2003) cita – como, por exemplo, *tu*, em *tuvois* e *tu sais*, e os casos do inglês que Schiffrin (1987) também destaca: *I* e *you*, em *youknow* e *I mean*. Retomando a ideia de que o discurso é um espaço, o uso desses pronomes seria uma maneira de o locutor localizar o próprio interlocutor (nos casos dos pronomes de segunda pessoa) ou a ele mesmo (no caso dos pronomes de primeira pessoa) nesse espaço. Como essas construções são geralmente parentéticas e apresentam forte desprendimento e independência da sintaxe das cláusulas do discurso, os verbos de percepção que as compõem apresentam pouca ou nenhuma transitividade, no entanto apresentam forte ancoramento no discurso, situando locutor e interlocutor nesse espaço, além de chamar a atenção para determinadas informações que merecem destaque.

Essas unidades lexicais utilizadas na formação dos MDs corroboram Diessel (2019), que já destacamos na seção 2.2.2. O autor menciona que a visão é altamente recrutada porque é um aparato cognitivo que permite a inferência e a compreensão do todo e do espaço, seja ele físico ou mental, e, ademais, o autor ressalta que a atenção conjunta, um dispositivo cognitivo social, requer um centro dêitico, isto é, um ponto de referência do qual os apontamentos e direcionamentos do discurso devem partir e chegar. Logo, os locativos e pronomes utilizados estão abarcados por esse centro dêitico que envolve a relação locutor-interlocutor.

Portanto, percebemos que as unidades lexicais que formam construções marcadoras do discurso tendem a ser aquelas que oferecem maior funcionalidade no que tange à intenção do locutor de guiar a interpretação que o interlocutor terá do

³⁰ Cf. : “ Il convient de ne pas en faire une forme d’adverbe de phrase servant à introduire ce que l’on va dire ou à signaler que l’on n’a rien à ajouter.” (L’Académie Française, 2022).

discurso. Na subseção a seguir, trataremos, desse modo, das funções discursivas e da transitividade dos verbos de percepção na função de MDs.

2.4.2. Funções discursivas e transitividade

Na seção 2.3, discutimos – sob o ponto de vista assumido nesta tese – o que entendemos por marcador discursivo focalizador e chegamos à conclusão de que se trata de construções gramaticais complexas por meio das quais os locutores guiam, direcionam e articulam a interação com seus interlocutores, criando representações cognitivas e interacionais que são essenciais ao jogo discursivo. A partir dessa definição, é possível entender o porquê de algumas unidades lexicais serem recrutadas para exercer essa função discursiva, uma vez que mantêm um rastro de seus significados originais nas novas funções que passam a ter.

Os verbos de percepção são recrutados em diversas línguas para exercer tais funções, os quais, conforme Sweetser (1990), têm um elevado potencial cognitivo e, por conseguinte, dispõem de uma maior possibilidade de serem recrutados para exercerem funções discursivas. A partir de uma visão de discurso como uma construção e também a partir da troca intersubjetiva de sentidos, tais verbos passam, então, a ganhar essas funções e a perder certas características intrínsecas, tal como a sua transitividade original. Como os MDsobjeto de estudo desta tese podem ser classificados como novas construções pertencentes às quatro línguas aqui estudadas, eles têm significados próprios que não dependem totalmente das palavras que os compõem, conforme previsto na Gramática de Construções a partir do princípio da fraca composicionalidade. Dessa forma, podem ser classificados a partir de uma gradiência de transitividade (Furtado da Cunha; Souza, 2011), sendo os que apresentam maiores relações com a cláusula em que se encontram aqueles com menos funções discursivas e mais próximos do modo *realis*³¹. Por outro lado, aqueles

³¹Assumimos aqui as noções de *realise* *irrealis* nos termos de Givón (1984).

que têm menos relações com a cláusula – apresentando maior grau parentético e estando mais próximos do modo *irrealis* – revelariam mais funções discursivas.

Logo, os MDs formados por verbos de percepção com mais funções discursivas se encontrariam, dentro de um *continuum* de transitividade, em um polo [-transitivo], apresentando pouca ou nenhuma transitividade em relação às cláusulas do discurso. Por outro lado, os MDs formados por verbos de percepção com menos funções discursivas se encontrariam em um polo [+transitivo] no *continuum* de transitividade, já que apresentam traços da transitividade original do verbo nas cláusulas que formam o discurso. Sendo assim, MDs com função dêitica, por exemplo, tendem a apresentar características da transitividade original do verbo de percepção, normalmente visual, que formam os MDs dessa categoria.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, buscaremos elucidar os procedimentos e pressupostos metodológicos adotados para a realização da pesquisa de MDsfocalizadores. A fim de cumprir esse objetivo, dividiremos este capítulo em três seções: i) na primeira seção, 3.1, descreveremos os procedimentos adotados para a constituição do *corpus* oral sincrônico composto por vídeos retirados da plataforma YouTube, detalhando o número de horas de vídeos e a razão pela escolha do gênero *vlog* e pela escolha da modalidade oral nas línguas analisadas; ii) em seguida, na seção 3.2, trataremos do método misto para análise dos dados, o qual se caracteriza pela junção dos métodos quantitativo – a partir do qual podemos atestar a frequência de uso de uma construção – e qualitativo – que nos possibilita verificar se as ocorrências encontradas são MDs e classificá-las de acordo com forma e função; iii) por fim, na seção 3.3, abordaremos os procedimentos adotados para a coleta dos dados no *corpus*, detalhando a técnica de análise dos vídeos, a maneira como foi realizada a transcrição dos dados e a forma como apresentaremos a análise no capítulo subsequente.

3.1. A constituição do corpus: procedimentos e questões fundamentais

Como esta tese tem por objetivo a descrição de MDsfocalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa com base nos pressupostos da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), a constituição de um *corpus* que abrangesse dados dessas quatro línguas se tratava de uma questão central para a realização do trabalho. Conforme já discutimos no Capítulo I, buscamos, nesta tese, analisar o fenômeno dos marcadores discursivos a partir de uma perspectiva sincrônica, ainda que, em trabalhos sob a luz dos pressupostos da abordagem construcional da mudança, há a tendência tradicional de equacionar amostras diacrônicas e sincrônicas (Furtado da Cunha *et al.*, 1999), uma vez que proporcionam a possibilidade de uma análise que aponte as tendências de mudança, de variabilidade, de estabilidade e, assim, a incorporação das construções na gramática e no léxico da língua.

Essa perspectiva sincrônica, no entanto, torna possível a verificação do comportamento e uso dessas construções em um determinado recorte de tempo, indicando uma tendência de mudança. Outras pesquisas que fazem parte do âmbito da LFCU e que visam ao estudo de novas construções que emergem do uso também utilizam *corpora* sincrônicos para obter seus dados e realizar suas análises, como são os casos de Martins Dall’Orto (2018), Barbosa (2019) e Durço (2019). Gonçalves *et al.* (2007) corroboram a ideia de que uma análise de viés sincrônico também possibilita a verificação da mudança, já que “uma forma linguística desenvolve a partir dos deslizamentos funcionais a ela conferidos pelos padrões fluidos da língua” (Gonçalves *et al.*, 2007, p. 16).

Desse modo, ainda que Traugott e Trousdale (2013) indiquem que a construcionalização deve ser estudada a partir de um viés diacrônico, Trousdale (2018) argumenta que a variação sincrônica em uma língua está diretamente ligada a padrões de mudança e também que os princípios dos trabalhos em mudança construcional podem ser utilizados para explicar por que esses padrões têm a forma particular que eles apresentam nesse recorte sincrônico. Além disso, construções marcadoras do discurso, como as estudadas aqui, tendem a ser mais utilizadas na modalidade oral da língua devido ao seu caráter altamente discursivo, logo, dados sincrônicos orais possibilitam uma análise mais robusta desse fenômeno linguístico por apresentarem maior nível de desprendimento das regras formais e normativas das línguas selecionadas para o estudo.

Nesse sentido, optamos pela constituição de um *corpus* oral sincrônico composto por vídeos do gênero *vlog* retirados da plataforma de portagem de vídeos YouTube. Foram selecionados canais aleatórios de falantes nativos ou naturalizados³² das quatro línguas e, desses canais, apenas os vídeos do gênero *vlog*, e seus subgêneros³³, foram selecionados. Para cada língua, selecionamos duas horas (2h) de vídeos, de modo a dispor de grande possibilidade de dados para análise, totalizando, assim, um *corpus* formado por oito horas de vídeo.

³² Por falantes naturalizados, entendemos aqueles que falam a língua fluentemente e possuem cidadania do país em que vivem, sendo assim, falam a língua como nativos.

³³ Apesar de ainda haver pouca literatura sobre assunto, tratamos aqui, como subgêneros do *vlog*, os gêneros que têm suas bases em um *vlog*, mas que são híbridos com outros gêneros multimodais (*vlogcasts*, *videocasts*, *receitavlog* etc., conforme os próprios criadores de conteúdo costumam chamá-los).

A escolha do gênero *vlog* para compor o *corpus* deve-se a sua característica como um gênero do discurso que é amplamente difundido no ambiente on-line. Segundo o dicionário Oxford (2022), um vlog é “um *blog* cuja maioria do conteúdo é feita em forma de vídeos” (Oxford, 2022, tradução nossa³⁴). Em consonância com essa definição, Ataliba (2017) afirma que o *vlog* remete à abordagem dos *blogs*, ou seja, é um gênero do discurso que permite certa interação entre o criador do conteúdo e o seu público, com potencial para publicação conteúdo original, desde vídeos humorísticos a relatos autobiográficos e reportagens. Portanto, os discursos produzidos nos *vlogs* não se esgotam em um tempo e espaço determinados, além de serem discursos espontâneos e altamente expressivos e subjetivos, criando ambientes propícios para ocorrências de novas construções da língua.

Além disso, por ser uma plataforma gratuita, de fácil manuseio e de acesso simples e internacional, o YouTube se tornou a principal plataforma de postagens de vídeos desse gênero. Devido a isso, a escolha dessa plataforma foi a mais adequada para ter acesso aos vídeos que comporiam o *corpus*. A escolha dos canais, ou seja, dos perfis de usuários que postam vídeos na plataforma se deu de forma aleatória. A partir de listas divulgadas no próprio YouTube de *vloggers* e canais de *youtubers* de falantes nativos e naturalizados das quatro línguas, foram selecionados vídeos classificados pelos próprios usuários como *vlog* ou seus subgêneros. Os vídeos selecionados para compor o *corpus* compreendem uma amostra dos anos 2019, 2020, 2021 e 2022.

A escolha por falantes nativos e naturalizados foi necessária para que os dados não fossem enviesados, pois os falantes não nativos e não fluentes poderiam deixar sua língua nativa influenciar a sua fala na língua alvo. Além disso, optamos por escolher as variedades com maior número de falantes de cada língua, exceto o caso do espanhol em que optamos pela chamada variedade latino-americana, que compreende os *hispanohablantes* do continente americano. Dessa forma, os dados do português são referentes à variante brasileira, os dados do espanhol referentes à variante latino-americana, os dados do francês são referentes à variedade metropolitana (isto é, da França), e os dados do inglês são referentes à variedade estadunidense (ou norte-americana).

³⁴No original: “a blog on which most of the content is in the form of videos”. (Oxford, 2022)

A partir desses procedimentos, foi possível constituir um *corpus* oral sincrônico das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa robusto e abrangente, que nos possibilitou coletar os dados necessários para realização da nossa pesquisa e das análises sob o método misto, o qual abordaremos na seção subsequente.

3.2. Método misto: definições e aplicação nas análises dos dados

Com o objetivo de descrever as construções de MDs focalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, utilizamos, nesta tese, os pressupostos da abordagem construcional da mudança (Traugott; Trousdale, 2013), a qual postula que novos pares de forma e sentido se instanciam na língua e passam a fazer parte da gramática e do léxico. Dessa maneira, para que possamos estabelecer e descrever os padrões desses MDs, é preciso que tenhamos dados reais de fala retirados de um *corpus* e que esses dados sejam analisados tanto no que diz respeito à qualidade quanto à frequência de uso desses padrões.

É nesse ponto que o método misto se torna importante para a pesquisa. De acordo com Cunha Lacerda (2016), esse método é crucial para a análise dos dados de pesquisas sobre mudança linguística, uma vez que auxilia no apontamento de evidências empíricas sobre os padrões e sobre os níveis esquemáticos aos quais eles estão atrelados em uma rede construcional. Essa crucialidade se dá porque o método misto baseia-se no equacionamento entre as metodologias qualitativa e quantitativa, possibilitando o mapeamento das frequências *type* (número de expansões possíveis de uma categoria) e *token* (número de ocorrências de uma determinada construção).

Para definir o método qualitativo, Cunha Lacerda (2016) toma como base Bryman (1998), um estudioso das ciências sociais, e define que esse método é caracterizado pelo olhar do analista para os seus dados. Desse modo, o pesquisador tem a possibilidade de descrever detalhadamente o objeto analisado, levando em consideração o contexto em que ocorre e, com essas informações, podendo considerar as características de seu objeto a partir do que é fornecido pelos dados. Ou seja, o pesquisador não deve detalhar características antes de olhar para os

dados. Portanto, o método qualitativo define-se pelo olhar do pesquisador para seus dados, sem realizar pré-julgamentos em relação às ocorrências empíricas.

Também com base em pressupostos das ciências sociais, Cunha Lacerda (2016) define que o método quantitativo “pauta-se na quantificação dos dados analisados, objetivando resultados que evitem possíveis distorções de análise e interpretação” (Cunha Lacerda, 2016, p. 86). Essa quantificação das ocorrências, segundo a autora, deve ser realizada a partir da aplicação de técnicas estatísticas, desde as mais simples (como a contagem de número de ocorrências de um determinado padrão), até as mais sofisticadas (como estabelecimento de porcentagens de um padrão em relação à totalidade de ocorrências). Esses dados quantitativos devem ser analisados pelo analista, de forma que possa verificar quais informações sobre o objeto de pesquisa estão sendo obtidas.

Schiffrin (1987), em sua obra sobre os marcadores pragmáticos em inglês, menciona a importância de equacionar os métodos quantitativo e qualitativo para analisar os dados. Segundo a autora, a associação de ambos os métodos, ainda que de modo assimétrico, permite que o pesquisador tenha um alto número de ocorrências, podendo, com isso, analisar mais adequadamente o modo como se formam os padrões, as estruturas que os compõem e seu comportamento no contexto de uso. A partir disso, o pesquisador consegue extrair abstrações do conjunto de padrões identificados nos dados e realizar uma pesquisa com informações mais robustas.

Outros autores que também trabalham com mudança linguística, como Bybee (2003, 2007, 2011), Traugott (2011) e Martelotta (2009), também defendem o papel fundamental do método quantitativo, já que é um mecanismo que pode apontar se a frequência de uso é um recurso explicativo para que haja mudança ou não.

Bybee (2003), ao tratar da gramaticalização, argumenta que o aumento da frequência de uso, ao longo de um período de tempo, pode definir se houve a padronização de uma construção em uma dada língua. Essa padronização, segundo a autora, se dá devido ao aumento da repetição de sequências de palavras ou de morfemas, ocasionando um *chunking* (unidade única de processamento linguístico), e reforçando o princípio da fraca composicionalidade.

Para Martelotta (2009), uma língua é entendida como um sistema complexo em que os fenômenos de uso real com alto grau de repetição formam a base da gramática. Desse modo, a frequência de uso, para o autor, passa a ser um instrumento que deve ser utilizado para identificar e descrever o valor que os elementos linguísticos têm no uso, uma vez que uma construção só poderá integrar a gramática se apresentar alta frequência de repetição.

Também ao tratar de gramaticalização de construções, Traugott (2011) defende que a repetição de uso de um padrão tem um papel tão fundamental nos processos de mudança quanto a reanálise e a analogia – ou, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a neoanálise e a analogização.

Além disso, na obra de Traugott e Trousdale (2013), é possível verificarmos a sinalização indireta de que a análise dos dados de qualquer pesquisa que siga a abordagem deve ser realizada por meio do método misto, já que os autores afirmam que consideram as abordagens qualitativa e quantitativa como complementares para estudos em mudança linguística. Os autores indicam que uma análise mista permite que o pesquisador estabeleça uma relação entre frequência e entricheiramento das construções, referindo-se à propriedade da esquematicidade, pois uma análise quantitativa permite verificar o aumento da produtividade das construções estudadas, oferecendo pistas sobre o grau de abstração de um grupo de construções. Nos termos dos autores, temos que

[...] a esquematização parece se correlacionar ao aumento em produtividade, e em generalidade semântica, sem fornecer medidas concretas de tais mudanças. A abordagem quantitativa pode ser capaz de fornecer algumas pistas sobre a natureza do entricheiramento dos esquemas e sobre a formação prototípica no nível da microconstrução. [...] Uma vez que o *chunking* parece ser um importante fator no desenvolvimento de uma microconstrução, uma abordagem quantitativa baseada em corpus pode demonstrar como, ao longo do tempo, um *chunk* se torna entricheirado como uma microconstrução (Traugott; Trousdale, 2013, p. 238, tradução nossa³⁵).

Nesse sentido, para cumprir os objetivos desta tese, é fundamental que aliemos a análise qualitativa à análise quantitativa, como defende Cunha Lacerda (2016), de

³⁵ Cf.: “[...] schematization appears to correlate with increases in productivity, and semantic generality, without providing concrete measures of such changes. A quantitative approach may be able to provide some insights into the nature of entrenchment of schemas, and prototype formation at the level of micro-construction. [...] since chunking appears to be an important factor in the development of a micro-construction, a quantitative corpus-based approach can demonstrate how, over time, a ‘chunk’ come to be entrenched as a ‘micro-construction’”. (Traugott; Trousdale, 2013, p. 238)

modo que possamos obter mais evidências empíricas sobre a ocorrência de construcionalização dos MDsfocalizadores.

Assim, a análise sob o método qualitativo nos proporciona, principalmente, i) a caracterização do pareamento forma e função no nível da microconstrução; e ii) descrição dos contextos de uso em que emergem os construtos de MDs nas línguas analisadas. A análise sob o método quantitativo nos permite realizar o levantamento da frequência de uso, de modo que possamos i) demonstrar que os construtos passam a ser reconhecidos, nas quatro línguas, como padrões microconstrucionais, sendo representados por pareamentos de forma e função; e ii) entender como se estabelecem as microconstruções das quatro línguas, compreendendo melhor como cada uma se comporta no uso.

3.3. Procedimentos adotados para a transcrição dos dados e para a análise

Nesta seção, objetivamos explicar os procedimentos adotados para as transcrições dos dados retirados do *corpus*, bem como os procedimentos adotados para a verificação e análise dos dados. Além disso, buscaremos detalhar a maneira como apresentaremos a análise dos dados nesta tese, na qual tratamos dos padrões microconstrucionais dos MDsfocalizadores identificados no *corpus*.

Conforme exposto na seção 3.1, o *corpus* utilizado nesta tese foi constituído por nós, por meio da seleção aleatória de canais de vídeos da plataforma YouTube que tinham vídeos do gênero *vlog*. A seleção dos vídeos também se deu de forma aleatória a partir das postagens em cada canal, restringindo-se apenas aos vídeos que eram intitulados ou marcados por meio de *hashtags* como *vlogs* e seus subgêneros. Dessa forma, para cada uma das línguas, foram selecionadas duas horas de vídeo, totalizando oito horas de gravação por recorte anual e trinta e duas horas de gravação total, contando todos os recortes anuais e o composto completo das línguas.

Após a seleção dos vídeos e separação por subgrupos das línguas, construímos uma lista com hipóteses de construções de MDsfocalizadores que poderiam ser identificadas nos vídeos. Essa lista tinha como base os trabalhos de

Barbosa (2019), Schiffrin (1987), Brinton (2017), Chanet (2003), Anscombe (2016), Huentecura (2018) entre outros. Com a lista organizada, assistimos aos vídeos de cada subgrupo, começando pelo grupo da língua portuguesa e finalizando pelo grupo da língua inglesa. Ao assistir aos vídeos, a cada possível construção de MD, anotávamos a minutagem, de modo que pudéssemos fazer um levantamento de possíveis construções tanto baseadas na lista, quanto novas possibilidades utilizadas nos vídeos. Após esse primeiro levantamento, foi realizada uma nova etapa em que reassistíamos aos vídeos e transcrevíamos o contexto de uso e o construto representativo do possível marcador. Por fim, em uma etapa final, após termos as transcrições prontas, realizávamos as análises qualitativa dos dados, verificando quais deles eram de fato marcadores focalizadores, separando inicialmente em possíveis padrões formais e contextos de uso similares.

A transcrição dos dados foi realizada de modo a cumprir os objetivos da pesquisa, transcrevendo o mais fiel possível a língua falada para a língua escrita. Assim, optamos pelo padrão de transcrição mais simples e neutro, em que transpusemos as palavras faladas para a forma escrita, respeitando reduções fônicas (tais como *pra*, em português, *hablao*, em espanhol, *t'es*, em francês, *'cause*, em inglês, entre outras), pausas (as quais foram representadas com vírgulas, reticências e pontos finais), uso de gírias e linguagem informal entre outros aspectos. A opção por esse padrão de transcrição neutro se dá pela natureza da pesquisa, que visa à verificação de ocorrência de MDsfocalizadores, e não à verificação de aspectos do campo da Análise da Conversa ou da Fonética e da Fonologia. Apesar de as características fonéticas das construções de MDs serem um dos pontos que vislumbramos analisar no futuro da pesquisa, por meio do uso do PRAAT, esse objetivo não esteve presente neste trabalho.

A partir desses pontos, realizamos esse tipo de transcrição neutra e simples para cada uma das ocorrências de MDs identificadas no *corpus*. Em seguida a esse processo, passamos a analisar qualitativamente as ocorrências, de modo a verificar quais se encaixavam nas definições de MDsfocalizadores que encontramos na nossa revisão de literatura, quais eram de fato focalizadoras e quais eram formadas por verbos de percepção ou construções metaforizadas. Durante essas análises, várias construções que, em um primeiro momento, pareciam se encaixar na definição que tínhamos, após novas análises, constatamos que não se tratava de MDs focalizadores. Algumas porque se tratava apenas de MD, mas não apresentavam o

caráter focalizador; outras porque eram constituídas por verbo e advérbio ou verbo e pronome sem função discursiva. Dessa forma, alguns dados tiveram que ser descartados da nossa amostra.

Após essa análise, classificamos em padrões de forma e de uso no contexto, identificando pareamentos de forma e função. Depois, contabilizamos os dados que obtivemos e realizamos uma contagem estatística de porcentagem para classificar quais construções eram as mais produtivas e quais eram as menos produtivas no *corpus*. E, por fim, revisitamos os padrões a fim de refiná-los e de estabelecer similaridades entre eles, bem como suas idiossincrasias.

Portanto, nossa análise se deu da maneira *bottom-up*, em que partíamos da escuta dos vídeos, da identificação das ocorrências, da nova análise mais minuciosa das ocorrências para verificar se se tratava de MDs de fato e, por fim, do estabelecimento de padrões formais e de uso. Esses procedimentos de análise nos permitiram estar atentos aos dados, identificando padrões que não se encontravam na nossa lista de hipóteses e, também, verificando que nem todos os itens hipotéticos da lista puderam ser identificados no *corpus*, além de identificarmos funções de determinados padrões formais que não estavam listados em nossas hipóteses iniciais e vice-versa.

Desse modo, conseguimos identificar no *corpus* constituído um total de 165 ocorrências, sendo 26 de língua portuguesa, 25 de língua espanhola, 41 de língua francesa e 73 de língua inglesa. No Quadro abaixo, destacamos esses dados referentes ao número total de ocorrências e ao total por língua:

Dados por língua	Número de ocorrências
Língua portuguesa	26
Língua espanhola	25
Língua francesa	41
Língua inglesa	73
Total das quatro línguas	165

Quadro 1 - Número de ocorrências totais no *corpus* e por língua.

A partir disso, no Capítulo IV a seguir, apresentaremos as análises dos dados que obtivemos, os quais se caracterizam pelos padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa. O capítulo está dividido em quatro seções, cada uma delas dedicada às análises dos padrões de uma língua, seguindo a ordem: i) português, ii) espanhol, iii) francês e iv) inglês. A apresentação nessa ordem é uma escolha metodológica e diz respeito a dois pontos: a nossa língua nativa e a origem dessas línguas. Assim, os padrões de língua portuguesa, por se tratar de nossa língua nativa, são os primeiros que apresentamos as análises, seguidos dos padrões do espanhol e do francês, ambas línguas de origem latina, porém, devido às similaridades históricas e linguísticas, os padrões espanhóis são apresentados em segundo lugar. Por sua vez, os padrões de língua inglesa são apresentados em quarto lugar devido à sua origem distinta das demais línguas, já que o inglês se trata de uma língua do tronco germânico.

É importante frisar que essa ordem foi decidida apenas por essas questões. Portanto, as origens das línguas não foram questões cruciais levadas em conta para a análise, conforme veremos no capítulo a seguir, mas sim o uso de verbos de percepção e de elementos focalizadores para formar os MDs, além, é claro, dos processos cognitivos de domínio geral que fundamentam a formação e o uso de tais marcadores.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados retirados dos *corpora* formados por vídeos do gênero *vloge* retirados da plataforma YouTube, os quais foram caracterizados no Capítulo III. Mais especificamente, os dados retirados desses *corpora* são representativos dos padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores que foram identificados durante a pesquisa. Nesta tese, conforme já explicitado anteriormente, não nos preocuparemos em formalizar os demais níveis superiores da hierarquia da rede construcional – subesquema e esquema –, conforme propõem Traugott e Trousdale (2013), uma vez que nossa análise contará apenas com os padrões microconstrucionais.

Os pressupostos teóricos discutidos nos capítulos anteriores – principalmente nos Capítulos I e II – servirão de base para a análise, que será dividida em quatro partes, sendo cada parte referente aos padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores de uma das línguas analisadas, seguindo a seguinte ordem: i) padrões microconstrucionais identificados no *corpus* de língua portuguesa; ii) padrões microconstrucionais identificados no *corpus* de língua espanhola; iii) padrões microconstrucionais identificados no *corpus* de língua francesa; e iv) padrões microconstrucionais identificados no *corpus* de língua inglesa. Isso posto, o principal objetivo deste capítulo de análise será descrever os pareamentos forma-função dos padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores formados por verbos de percepção no modo imperativo em P2 em conjunto com um elemento focalizador – que pode ser representado por diferentes categorias gramaticais, tais como pronomes, advérbios, locativos etc. – nas quatro línguas supracitadas.

Os dados que apresentamos aqui são acompanhados, em nota de rodapé, pelos links dos vídeos em que ocorrem. Desse modo, é possível verificar o dado em sua modalidade oral. Além disso, os dados das três línguas estrangeiras (espanhol, francês e inglês) são apresentados também em suas versões traduzidas, que podem ser encontradas no Anexo I.

4.1. Padrões microconstrucionais de MDs focalizadores identificados no *corpus* de língua portuguesa

Em sua obra de 2013, Traugott e Trousdale definem como microconstrução as ocorrências *type* mais específicas que estão sob a hierarquia de em esquema em uma rede construcional. Assim, como se trata de um nível mais específico, cada padrão microconstrucional apresenta forma e função únicas e diferentes dos outros padrões microconstrucionais que estão sob a mesma hierarquia. Cada padrão, então, apresenta idiosincrasias tanto no âmbito da forma quanto no âmbito da função, sendo exatamente esse ponto que nos permite classificar um construto como pertencente a um determinado padrão. E é a partir dos construtos, ou seja, das ocorrências empíricas encontradas no *corpus* – os *tokens* –, que é possível descrever e analisar os padrões microconstrucionais que apresentamos aqui.

No caso da língua portuguesa, identificamos oito diferentes padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores a partir dos dados encontrados no *corpus* constituído, totalizando 26 ocorrências. A maior parte desses padrões de língua portuguesa apresentam o padrão “olha só”, formado por um verbo de percepção no modo imperativo em P2 e pelo advérbio “só”. E apenas um padrão apresenta “olha aqui”, formado por um verbo de percepção no modo imperativo em P2 e pelo advérbio locativo “aqui”. Sendo assim, nomeamos os padrões de 1 a 7 – por exemplo, “Olha só 1” –, sendo o primeiro padrão o mais frequente no *corpus*, e o último o menos frequente; e o padrão 8 de “Olha aqui 1”. Esses padrões serão apresentados e descritos nas subseções seguintes que se referem, cada uma, a um desses padrões microconstrucionais.

4.1.1. Microconstrução 1.1 – Olha só 1

O primeiro padrão microconstrucional – *Olha só 1* – se caracteriza como o mais frequente no *corpus*, com um total de 8 ocorrências. Tal padrão apresenta o foco dêitico como sua característica principal, já que o locutor faz uso desta microconstrução para chamar a atenção do interlocutor para um ou mais elementos

da cena e do evento discursivo. No Quadro 1 a seguir, apresentamos a descrição da forma e da função desta microconstrução, bem como o número de ocorrências no *corpus* na Tabela 1. A ver:

Microconstrução 1.1 – Olha só 1	
Forma	[(vocativo) + [V ^{olharimp em P2} + só] ^{parentético} + cláusula]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico e restritivo em relação a um ou mais elementos de uma cena

Quadro 2 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução 1.1.

Olha só 1	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
8	30,7%

Tabela 1 – Número de ocorrências da microconstrução 1.1 no *corpus*

Esta microconstrução apresenta a forma [(vocativo) + [V^{olhar imp em P2} + só]^{parentético} + cláusula], em que o vocativo é um elemento opcional na sua forma, por isso, a sua representação está entre parênteses. Esse vocativo pode ser qualquer elemento linguístico cuja função é a de reintrodução do interlocutor no discurso, podendo ser representado por nomes próprios, nomes coletivos, pronomes, chamamentos informais etc.

No que tange à representação do verbo juntamente com o advérbio só, entendemos como P2 a segunda pessoa do discurso; no PB, como existem três pronomes principais para o tratamento da segunda pessoa do discurso – *tu*, *você* e *vocês* –, a forma verbal pode estar de acordo com qualquer um desses pronomes – *olha*, *olhe* e *olhem*. Outro ponto dessa representação diz respeito à possibilidade de ela ter mobilidade no discurso, apresentando um caráter parentético, ou seja, podendo encontrar-se no início, no meio ou no final do conteúdo proposicional. Com relação à cláusula que consta nessa forma, trata-se de uma cláusula cujo valor semântico é o

de demonstração ou indicação de um elemento, podendo normalmente conter pronomes demonstrativos ou outros elementos dêiticos.

Já a função desta microconstrução está descrita como uma chamada de atenção com foco dêitico e restritivo em relação a um ou mais elementos de uma cena, logo, o uso de um MD como o descrito nesta seção configura-se como um guia para a interpretação do jogo discursivo, já que o locutor o utiliza para apontar elementos na cena que julga relevantes para a construção de seu discurso e para a manutenção da interação com o interlocutor. Além disso, o uso do advérbio *só* reforçaria o caráter focalizador do MD, restringindo o direcionamento que o locutor pretende dar ao discurso, tendo a intenção que o interlocutor redirecione seu foco apenas para o elemento destacado. Ainda que haja subjetividade, visto que as intenções do locutor estão claras ao apontar elementos e guiar o interlocutor no discurso, trata-se de uma microconstrução [-intersubjetiva] em relação às demais que foram identificadas no *corpus* de língua portuguesa, levando em consideração os pressupostos de Traugott e Dasher (2002), pois, em uma escala de comparação com as demais microconstruções do português, é possível perceber que o locutor deixa menos explícitos seus posicionamentos e intenções, focando apenas na intenção de direcionamento no discurso.

A seguir, em (1) e em (2), apresentamos dois excertos retirados do *corpus* em que tal microconstrução encontra-se exemplificada:

- (1) **Nina:** Gente, olha só, hoje a gente vai comer na ladeira, nessa mesa torta, tem que segurar o copo, gente, pra ele não deslizar... olha a cara do Leandro, ele tá putto! Tá nervoso, o coração tá palpitando... (*Corpus oral vlogsYouTube* – 2019 a 2022³⁶)

Nesta ocorrência, a locutora, Nina, está em um restaurante com mais três pessoas e mostra a seus interlocutores a situação em que se encontra, falando da mesa posta em uma ladeira que, conseqüentemente, está torta, além de ironizar a reação de Leandro, um de seus acompanhantes na cena. Podemos perceber, nesta ocorrência, todos os elementos descritos na forma da microconstrução: o vocativo

³⁶Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_ytrV5gbRGI. Acesso em jan. 2020.

(*gente*), o verbo *olhar* no modo imperativo em P2 juntamente com o advérbio *só* (*olha só*) e a cláusula logo após o MD com o valor semântico de demonstração. No vídeo, a locutora está mostrando a situação em que se encontra a seus interlocutores, destacando os elementos da cena e restringindo-os com o advérbio *só*. Há, também, a instauração de um espaço discursivo que se dá pelo vocativo, que, nesse caso, é fictivo, já que a “gente” a quem ela chama, os interlocutores, são os espectadores do vídeo, que não existem na cena real, mas que são chamados ao espaço de interação. Percebe-se, além disso, o centro dêitico (Diessel, 2019) emergir quando a locutora chama atenção para seu campo de visão apontando para os elementos da cena, convidando seus interlocutores à percepção do espaço físico, inserindo-os de modo discursivo nele e criando um espaço mental discursivo em que ela pode apontar para as demais informações que julga necessárias ao discurso. Esse MD é [-intersubjetivo] porque recruta menos atenção e menos inferências sugeridas por estar apontando diretamente um elemento da realidade da cena. O verbo *olhar* ainda mantém traços de sua acepção original e está apontando tanto para o elemento real da cena quanto para o próprio discurso, pois é nele que se descreve a situação com mais detalhes. Então, o interlocutor olha para o elemento e projeta sua atenção para o discurso. Logo, percebemos que a função de chamada de atenção para um ou mais elementos da cena se concretiza, funcionando como um guia da interpretação do discurso, conforme palavras de Brinton (2017), uma vez que a locutora chama a atenção para esses elementos para construir o seu jogo discursivo, seja com intenção de ironizar a situação ou com a intenção de reclamar dela.

(2) **Alexis:** Bom, a gente andou o que, 20 minutos até agora e tem um castelo lá que dá pra ver, olha só! Tantanram ... a distância... olha como a galera tá descendo rápido! (*Corpus oral vlogsYouTube – anos 2019 a 2022*³⁷)

Em (2), o locutor, Alexis, está em uma viagem à França e filma seu percurso durante um passeio, destacando a seus interlocutores um castelo que se vê ao longe de onde se encontra. Neste exemplo, o elemento opcional da forma da microconstrução, o vocativo, não aparece, porém os demais elementos estão presentes: o verbo *olhar* no modo imperativo em P2 juntamente com o advérbio *só*

³⁷ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RO8WoOuA7ys>. Acesso em jan. 2021.

(*olha só*), que, nesse caso, aparece em posição final, ilustrando seu caráter parentético, bem como a cláusula antes do MD com o valor semântico de demonstração, em que há o verbo *ter* com valor de existir e o locativo *lá*. A função de chamada de atenção com foco dêitico e restritivo em relação a um elemento da cena também se destaca, já que o locutor guia a atenção de seus locutores para o castelo que se vê ao longe, o que poderia ser facilmente despercebido se o locutor não se utilizasse do MD para guiar a interpretação do discurso e do desenrolar da cena. Esse também é um caso de MD [-intersubjetivo], pois o interlocutor é menos requisitado no sentido de interpretar o discurso e de realizar inferências sugeridas. Assim como no excerto anterior, o MD também é usado de forma a apontar tanto o elemento da cena real como o discurso. O locutor destaca, então, dois pontos: o castelo e a distância que eles estão do castelo, e os focaliza com o MD. O verbo *olhar*, então, ainda mantém traços de sua acepção original, mas agrega também funções discursivas, como a de centro dêitico (Diessel, 2019), pois o locutor cria um espaço mental em que o interlocutor consegue acessar as imagens e informações agregadas ao discurso.

4.1.2. Microconstrução 1.2 – *Olha só 2*

Este padrão microconstrucional – *Olha só 2* – é caracterizado pela sua função avaliativa, isto é, quando o locutor utiliza um MD para focalizar uma avaliação que ele mesmo faz sobre algum elemento da cena. Com um total de 7 ocorrências no *corpus*, este padrão é o segundo mais frequente e, diferentemente do primeiro, caracteriza-se como [+intersubjetivo], pois o locutor deixa explícitas suas crenças e opiniões no discurso, chamando atenção para elas, de modo a guiar que o interlocutor tenha alguma reação imediata com relação à expressão dessa avaliação. A seguir, no Quadro 2, apresentamos a descrição da forma e da função deste padrão, bem como, na Tabela 2, o número de ocorrências encontradas no *corpus*. A saber:

Microconstrução 1.2 – Olha só 2	
Forma	[[V olhar imp em P2 + só] ^{parentético} + cláusula avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo em relação à avaliação do locutor apresentada na cláusula avaliativa.

Quadro 3 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução 1.2.

Olha só 2	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
7	26,9%

Tabela 2 – Número de ocorrências da microconstrução 1.2 no *corpus*

Conforme representado no Quadro 2, a forma desta microconstrução é descrita como [[V olhar imp em P2 + só]^{parentético}+ cláusula avaliativa]. Assim como no padrão anterior, as possíveis formas do imperativo do verbo *olhar* se referem aos pronomes de segunda pessoa do discurso *tu*, *você* e *vocês* (*olha*, *olhe* e *olhem*) seguidas do advérbio *só* e de uma cláusula avaliativa. Essa cláusula avaliativa pode se apresentar de diferentes maneiras, podendo ser com um adjetivo, com um nome com valor avaliativo ou com construções que expressam opinião, tais como *eu acho*, *eu creio* etc.. Além disso, o *chunk* “olha só” tem caráter parentético, ou seja, pode ocorrer antes, no meio ou ao final da cláusula avaliativa.

No que diz respeito à função, nós a definimos como a de chamada de atenção com foco restritivo em relação à avaliação do locutor apresentada na cláusula avaliativa, pois o uso desse padrão indica que o locutor tem como intenção destacar a sua avaliação sobre determinado elemento do discurso, guiando o interlocutor a fazer seus próprios julgamentos sobre esse mesmo elemento e, conseqüentemente, tornando essa microconstrução [+intersubjetiva] do que a que foi descrita na seção anterior.

Em seguida, em (3) e (4), apresentamos duas ocorrências representativas deste padrão microconstrucional que foram identificadas no *corpus*.

- (3) **Mohamad:** Aí em Grand Canyon tem um restaurante super legal, a gente tentou muito gravar, não rolou, mas eu fiz questão de pegar um sanduíche pra mostrar pra vocês ó já tá até meio aberto, **olha só** que lindão é um sanduíche de pastrami com coentro, cenoura, maionese, várias coisas delícia, o De Elina tem o restaurante e ao lado tem esse esquema *to go* que você pode pegar várias coisas, pizza ou sanduíche ou pratos mais leves e sair comendo pelas ruas. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022³⁸)

Em (3), o locutor, Mohamed, está em uma viagem pelos Estados Unidos e visita alguns restaurantes para provar os diferentes pratos do país. Nesse trecho, especificamente, ele vai até um restaurante, compra um sanduíche famoso do cardápio e o come pela rua, emitindo suas opiniões sobre o sanduíche e sobre o restaurante. O uso do marcador, nesta ocorrência, é para chamar a atenção em relação à avaliação que ele faz sobre a aparência do sanduíche. Nesse caso, é possível perceber todos os elementos da forma: o verbo *olhar* no modo imperativo em P2 juntamente com o advérbio *só* bem como a cláusula avaliativa *que lindão*, constituída pelo adjetivo “lindão” em grau aumentativo. O verbo *olhar*, nesse caso, ainda mantém traços de seu significado original, mas também agrega função discursiva ao apontar para o próprio discurso, nesse caso, a avaliação. Além disso, a função é a de chamar a atenção do interlocutor com foco restritivo para a avaliação realizada em relação à aparência do sanduíche. Como a opinião está explícita, o interlocutor é convidado, indiretamente, a também avaliar o sanduíche que é mostrado e, devido a essa inferência sugerida, esse MD é [+intersubjetivo] do que os anteriores. Dessa forma, o locutor guia o interlocutor para a interpretação pretendida – um reforço da qualidade do restaurante e de seus produtos –, criando espaços para inferências sugeridas e para que o interlocutor possa fazer seus próprios julgamentos baseados no julgamento pré-estabelecido. Além disso, destacam-se também dois pontos: a atenção conjunta e o centro dêitico (Diessel, 2019) que estão sendo colocados pelo MD. A atenção conjunta se dá pela construção de um espaço discursivo em que o locutor inclui o interlocutor no jogo discursivo, e, nesse caso, o MD funciona como reforço dessa atenção, atuando como esse guia; em segundo lugar, o centro dêitico também se estabelece ao longo do discurso, de modo que o locutor crie imagens

³⁸Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=2b6YAwV21RE>. Acesso em jan. 2021.

mentais (descrição do lugar onde está, do sanduíche, avaliação) que ajudam o interlocutor a estabelecer uma conexão com que está sendo dito, podendo manter sua atenção ao discurso. Nesse sentido, o MD é o ponto chave que focaliza diretamente o que o locutor chama atenção como mais importante.

- (4) **Nina:** é, parece um shoppinzinho aberto, sabe? Bonitinho, deixa eu dar uma olhadinha aqui na Bershka. Alguém perguntou “vai ter vídeo de comprinhas de Portugal?” e eu falei “Se deus quiser, não” é porque eu não quero gastar dinheiro. A Pull&bear... olha, tem Stranger Things, camisetas de Stranger things... Decidimos dar uma olhadinha na loja, eu amei as camisetinhas daqui, são fofas. **Olha só** o que eu comprei que fofinho! (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022³⁹)

Em (4), a locutora, Nina, encontra-se em uma viagem a Portugal e se depara com algumas lojas nas quais decide entrar e fazer algumas compras. A locutora mostra os produtos das lojas a seus interlocutores ao mesmo tempo em que emite opiniões sobre eles. E, ao entrar em uma das lojas, acaba comprando um produto e mostrando aos interlocutores à medida que emite sua avaliação acerca dele. O MD apresenta todos os elementos da forma descrita no Quadro 2: verbo *olhar* no modo imperativo em P2 + advérbio *só*, seguidos pela cláusula avaliativa *o que eu comprei que fofinho*, cuja avaliação se explicita por meio do adjetivo *fofinho* no diminutivo. Além disso, o MD cumpre a função descrita no Quadro 2, que é a de chamar a atenção do interlocutor com foco restritivo na avaliação dada, ou seja, a locutora usa o MD de modo a destacar a sua opinião sobre o produto comprado por ela, guiando o interlocutor a entender seus motivos para realizar a compra, bem como permitindo que o interlocutor faça seus próprios julgamentos acerca do produto ao basear-se na avaliação previamente apresentada. Isso ocorre por conta da atenção conjunta e do centro dêitico estabelecidos (Diessel, 2019), pois a locutora criou um espaço mental em que os elementos discursivos e os elementos da cena são postos e por meio dos quais o interlocutor acompanha e interage com o discurso. Assim, o MD é usado de modo a criar foco para um ponto que reúne toda a porção do discurso em que está inserido.

³⁹ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_ytrV5gbRGI. Acesso em jan. 2020.

4.1.3. Microconstrução 1.3 – *Olha só* 3

O terceiro padrão microconstrucional de MDsfocalizadores identificado no *corpus* representativo da língua portuguesa é o que classificamos de *Olha só* 3, o qual apresenta um total de três ocorrências e se caracteriza pela mescla das funções dos dois padrões anteriores: a função dêitica e a função avaliativa. Neste padrão – como veremos mais detalhadamente a seguir na descrição da forma e da função –, há uma característica peculiar na forma, a qual se refere ao uso de uma gradação em relação ao que é apontado no discurso até a avaliação que é realizada sobre esse elemento apontado inicialmente. Vejamos o Quadro 3 e a Tabela 3 a seguir:

Microconstrução 1.3 – <i>Olha só</i> 3	
Forma	[[V ^{olharimp em P2} + porção do discurso] + [(V ^{olhar imp em P2} + porção do discurso)] + [V ^{olharimp em P2} + só] ^{parentético} + cláusula avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico em relação a um elemento da cena e à avaliação construída pelo locutor e apresentada no discurso.

Quadro 4 – Descrição do pareamento forma-função da microconstrução 1.3.

<i>Olha só</i> 3	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
3	11,5%

Tabela 3 – Número de ocorrências da microconstrução 1.3 no *corpus*

A forma desta microconstrução é descrita como [[V^{olharimp em P2}+porção do discurso] + [(V^{olhar imp em P2} + porção do discurso)] + [V^{olharimp em P2} + só]^{parentético}+ cláusula avaliativa], em que se encontra uma cláusula com verbo pleno *olhar* no modo imperativo em P2, podendo estar em concordância com qualquer um dos pronomes pessoais de segunda pessoa do discurso utilizados no português brasileiro (*tu, você e vocês*). Em seguida, há uma porção do discurso, ou seja, uma ou mais cláusulas

que dão corpo ao discurso construído pelo locutor. Essa parte da forma pode se repetir uma ou mais vezes e, por isso, está representada entre parênteses logo em seguida. E, por último, temos o *chunk* formado pelo verbo olhar no modo imperativo em P2 juntamente com o advérbio só, o qual, devido a seu caráter parentético, pode ocorrer no início, no meio ou no final da cláusula avaliativa.

A função está descrita como uma chamada de atenção com foco dêitico em relação a um elemento da cena e à avaliação construída pelo locutor apresentada no discurso, pois, com o uso deste padrão, conforme veremos nas ocorrências a seguir, o locutor cria uma base para sua avaliação final ao longo de seu discurso, construindo essa avaliação e a chamando atenção para pontos diferentes de um mesmo elemento, como se estivesse afunilando de um ponto menos intersubjetivo – o apontamento do elemento na cena – até um ponto mais intersubjetivo – uma avaliação final sobre esse elemento da cena. A fim de ilustrar este padrão, vejamos a seguir as ocorrências (5) e (6), retiradas do *corpus*.

(5) Alexis: Olha esse campo lindo! Olha essa vegetação natural que tem, é bem lindo, olha só! (Corpus oral *vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁴⁰)

Nesta ocorrência, o locutor, Alexis, está em uma viagem pela França e, de modo específico, em um lugar onde há vários campos de vegetação nativa. O locutor, então, chama a atenção do interlocutor para o campo que está a sua frente; em seguida, destaca a vegetação natural que compõe o campo e, logo após, dá sua opinião sobre o que vê e usa o *chunk* “olha só” para reforçar a opinião, convidando o interlocutor a também avaliar a cena. Todos os elementos da forma se encontram neste excerto: o verbo *olhar* no modo imperativo em P2 seguido de uma porção do discurso, que ocorre duas vezes, e a cláusula avaliativa seguida do *chunk* “olha só” ao final do discurso. O verbo *olhar* aparece três vezes nesse exemplo: nas duas primeiras, se trata de um verbo pleno, que está apontando para elementos reais da cena que o locutor destaca para criar um espaço mental de análise dos elementos. Em “olha só”, o verbo já perde alguns dos seus traços originais, mas ganha traços discursivos, já que ocorre um apontamento também para o próprio discurso, para a avaliação que ele apresenta acerca de todos os elementos.

⁴⁰Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RO8WoOuA7ys>. Acesso em jan. 2021.

O uso do MD, nesta ocorrência, evidencia a construção da avaliação do locutor a partir do apontamento dos elementos da cena, afunilando-os, indo do elemento mais geral ao mais específico e, depois, deixando a opinião ao final, restringindo-a. Esse tipo de afunilamento está de acordo com o que Diessel (2019) aborda sobre o centro dêitico e o fluxo de atenção, ou seja, o locutor se coloca no centro da cena e chama o interlocutor para também fazer parte da experiência por meio dos apontamentos que ele faz e, ao fazê-lo, cria um fluxo de atenção e de consciência em que o locutor é guiado no fluxo discursivo. Conforme Brinton (2017), a função de guiar o interlocutor no discurso dos MDs está evidente neste exemplo, já que esse afunilamento das informações compartilhadas da mais geral à mais específica funciona como “placa do trânsito discursivo” que o interlocutor deve seguir para alcançar a interpretação almejada, abrindo espaço para que o interlocutor faça seus próprios julgamentos, o que torna essa microconstrução [+intersubjetiva] do que as anteriores.

(6) **Alexis:Olha** essa flor linda, nunca vi, nossa ela tá linda demais, vocês já viram essa? Eu nunca vi. **Olha só**, nossa, adorei! (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁴¹)

Em (6), o locutor, Alexis, está em uma viagem pela França e caminha por um local onde há algumas plantas e flores nativas que ele desconhecia até o momento. O locutor chama a atenção para uma determinada flor desconhecida que julga de uma beleza extraordinária, pergunta aos interlocutores se eles já viram tal flor e reforça nunca a ter visto antes; em seguida, restringe a sua avaliação final usando o *chunk* “olha só” e a cláusula avaliativa “nossa, adorei”. Neste exemplo, todos os elementos da forma estão presentes: o verbo *olhar* no modo imperativo em P2 seguido de uma porção do discurso, bem como o *chunk* “olha só” seguido da cláusula avaliativa. Assim como em (5), o locutor cria um afunilamento, começando pela indicação do elemento da cena até uma avaliação mais subjetiva sobre esse mesmo elemento, guiando o interlocutor no trânsito discursivo, de modo que ele alcance a interpretação desejada e crie espaços de reação. Há também a ocorrência do verbo pleno *olhar* e, em seguida, do MD em que o verbo perde traços de sua acepção original e ganha traços

⁴¹Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=RO8WoOuA7ys>. Acesso em jan. 2021.

de acepções mais discursivas, ao passo que há um apontamento direto ao discurso avaliativo que está em curso.

4.1.4. Microconstrução 1.4 – *Olha só 4*

A microconstrução classificada por nós como *Olha só 4* é caracterizada pela função prefaciadora, isto é, um MD com essa função é utilizado para iniciar um tópico discursivo, de modo a ganhar tempo e a atenção do interlocutor para este novo tópico. Utilizado anteriormente por Risso *et al.* (2006) e Martins (2013) para designar funções de marcação discursiva, o termo prefaciação é entendido como o desencadeamento de atos verbais preparatórios de declarações subsequentes. Desse modo, tanto esse termo quanto o termo por nós utilizado – prefaciador – derivam do verbo “prefaciar”, cujo significado no dicionário Houaiss é: “deixar antever; servir de introdução a; preceder, iniciar, introduzir.” (Houaiss, 2009). Portanto, este padrão microconstrucional apresenta essa função de iniciar um novo tópico no discurso. Vejamos o Quadro 4 a seguir, o qual representa a forma e a função deste padrão microconstrucional, e a Tabela 4, com as informações do número de ocorrências.

Microconstrução 1.4 – <i>Olha só 4</i>	
Forma	[[MD ^{prefaciador} + (porção do discurso)] + [V ^{olharimp} em P2 + só] parentético + porção do discurso]]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo e prefaciador em relação ao discurso que se inicia.

Quadro 5 – Descrição da microconstrução 1.4.

Olha só 4	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
3	11,5%

Tabela 4 – Número de ocorrências da microconstrução 1.4 no *corpus*

Com um total de 2 ocorrências, essa microconstrução apresenta a forma [[MD^{prefaciador}+ (porção do discurso)] + [V *olhar* imp em P2 + *só*] parentético + porção do discurso]], em que, no *slot* MD^{prefaciador}, figuram marcadores de outras naturezas, formados por outras construções que não sejam verbos de percepção, seguidos de um elemento focalizador, tais como *então*, *bem*, *aqui*, *agora* etc.. Esse MD^{prefaciador} pode ser ou não seguido de uma porção do discurso e, logo após, ocorre o *chunk* formado pelo verbo *olhar* no modo imperativo em P2 juntamente com o advérbio *só*, o qual, devido a seu caráter parentético, pode ocorrer no início, no meio ou no final da porção do discurso que o sucede.

Já a função é caracterizada pela chamada de atenção com foco restritivo e prefaciador em relação ao discurso que se inicia, isto é, conforme foi discutido anteriormente, o locutor, ao fazer uso dos MDs deste padrão, inicia um novo tópico no discurso, ganhando tempo e a atenção do interlocutor para o novo assunto que inicia. Por se tratar de uma construção que está focada na interação discursiva, na relação entre locutor e interlocutor e de caráter metafórico⁴², este padrão está classificado, conforme Traugott e Dasher (2002), como [+ intersubjetivo]. A seguir, apresentamos as ocorrências (7) e (8) que ilustram este padrão.

⁴² Neste caso, o verbo “olhar” está metaforizado, uma vez que não há nenhum apontamento real para algum elemento físico da cena. Há, na verdade, apenas um apontamento discursivo; logo, a visão do interlocutor é entendida como a cognição, a atenção.

(7) **Vitor:** Isso que ia te perguntar, você acha que se a pessoa beijou alguém do mesmo sexo, ela é... ela é bi?

Klébio: Não

Vitor: um beijo não?

Klébio: Não, se ela gostar e for algo que... só testar, não

Vitor: não, tá, beleza, beleza

Klébio: Não, assim, é que...

Vitor: é que sexualidade é muito louco, porque assim, ó, existe aquele momen... a gente sabe porque a gente não tá, né, nós não somos héteros, então normalmente a pessoa que não é hétero, eu tô falando normalmente tá? Não tô falando que hétero é inferior ou alguma coisa assim, a gente abre a cabeça de um jeito que a gente tá tentando se colocar em algum lugar porque as pessoas pedem que você seja isso, se você é gay, fala que você é gay...

Klébio: Então, tipo assim, olha só, outra coisa, pra alguém aí que já é militante nível hard, a gente tentando falar da coisa mais básica

Vitor: básico do básico do básico... pra galera que ainda não tá lá...

Klébio: isso, aí quando a gente vai puxar pra esse assunto de “ah, sou bissexual, mas não gosto de fazer o ato lá, mas gosto de beijar” isso tem várias camadas... (Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022⁴³)

Nesta ocorrência, os locutores Vitor e Klébio estão discutindo sobre bissexualidade. No vídeo, Klébio se identifica como bissexual, e Vitor como homossexual; e ambos discutem sobre a visibilidade das pessoas bissexuais, bem como a maneira como a sociedade entende esse espectro da sexualidade humana. Vitor, ao tentar entender como funciona a atração para os gêneros masculino e feminino, pergunta a Klébio se experimentar um beijo com uma pessoa do mesmo sexo já a torna bissexual. Nesse momento, Klébio tenta explicar que a situação não é tão simples; Vitor o interrompe dizendo que a sexualidade humana é muito complicada. Klébio, então, o interrompe e inicia um novo tópico discursivo com o MD, ao dizer que o modo como estão tratando o assunto é bem básico, apenas para que as pessoas que nada entendem do assunto possam entender um pouco mais, e quem já sabe bastante deve entender esse ponto de vista da conversa. Com relação à forma, o MD neste exemplo apresenta todos os componentes obrigatórios: o MD prefaciador (*então, tipo assim...*) e o *chunkolha só*, seguido da porção do discurso que contém o novo tópico discursivo. O uso desta construção evidencia a função de chamar a atenção do interlocutor, restringindo o foco para o novo tópico discursivo que se inicia: o de que é necessário entender que ambos ali estão tratando de

⁴³Este excerto foi retirado deste vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=vM24rkd7hx4>. Acesso em: jan. 2021.

conceitos básicos para que todos possam compreender um pouco melhor sobre o tema tratado. É importante ressaltar que o verbo *olhar*, nesta construção, está metaforizado, ou seja, o locutor pede que a visão do interlocutor se volte para o discurso, e não para um elemento real da cena. Assim, nesse exemplo, *olhar* é compreender, prestar atenção, logo, o verbo *olhar* passa a ter um sentido mais amplo, mais mental, em que a visão é o intelecto. Essa metáfora da visão como intelecto é um processo de domínio geral comum, já mencionada por Tomasello (2003) e Diessel (2019) entre outros, compreendendo um processo presente nos MDs desta tese; nos exemplos anteriores, já se percebiam pequenos traços dessa metáfora, uma vez que os MDs também faziam apontamentos para o próprio discurso, mas não estavam completamente metaforizados. Outro ponto que se evidencia neste exemplo é reificação, ou seja, a transformação de uma ideia abstrata (o assunto discutido) em um objeto, uma coisa, pois, no excerto, o locutor diz “Então, tipo assim, **olha só**, outra coisa, ...”, então ele coisifica o assunto e chama atenção para ele com um verbo de percepção visual, mas essa percepção, na verdade, ocorre via intelecto e processamentos mentais, pois não é necessário enxergar nada. Percebe-se, assim, outro processo de domínio geral presente no uso desse MD.

Destaca-se também o conceito de atenção conjunta de Diessel (2019), o qual diz respeito ao foco de atenção discursiva no mesmo ponto e é exatamente isso que o locutor Klébio faz ao utilizar o MD, que funciona como um dêitico discursivo, isto é, há um apontamento do discurso para o discurso, de modo que a atenção se volte para um ponto em comum entre as partes do jogo. Logo, esta microconstrução é considerada ainda [+intersubjetiva], pois está intrinsecamente relacionada à função discursiva, à interação, de modo que o locutor guie a atenção do interlocutor para as novas informações adicionadas no discurso.

(8) **Nina:**Bu! Gente, eu sempre apareço assim pra vocês eu não sei nem como vocês me levam a sério ainda! Hoje o dia foi lindo, foi maravilhoso e estou de volta no hotel, tomei banho, lavei meu cabelo, estou com uma máscara facial aqui cuidando da minha pele, eu tenho que fazer a mala porque amanhã a gente faz checkout e o quarto tá uma zona, tá uma bagunça, mas enfim, eu tô aqui testando as novas máscaras faciais da Ruby Rose, eles lançaram muitas máscaras na Beauty fair, tissuemasks, que são essas máscaras que eu amo que são de colocar de tecido tem muitas opções, a que eu tô usando hoje é de aloe vera que acalma e nutre, você deixa 10, 15 minutinhos e depois tira, e o que eu tô mais gostando dessa máscara é que ela é bem molhadinha, então ela tem bastante produto e o tecido dela é muito bom assim, é mais grossinho sabe não é aquele tecido fininho que não gruda no rosto, ele fica bem grudadinho no rosto pelo fato de ser molhadinha, achei esse buraco da boca pequeno. Outro dia eu usei a de romã que renova e hidrata, gostei muito também, eu não enxaguo quando eu tiro a máscara, tá, gente?! Deixa a pele absorver e, no dia seguinte, minha pele acordou linda assim, eu ainda sentia produto, sabe, bem gostoso, bem hidratado, deixa eu mostrar as outras opções que temos aqui, olha só tem de pêssego, máscara dois em um, tem algumas que são dois em um que eu ainda não experimentei, eu amei as embalagens, elas são muito lindas, olha só, aí temos também a dois em um carvão e amêndoas, ah tá, saquei, essa é pêssego mais creme por isso que é dois em um e essa aqui é carvão mais amêndoas que faz uma hidratação e desintoxicação [...] Enfim, tem várias outras limão e carvão, cacau e menta, eu amei o cheirinho dessa de aloe vera é bem suave e o que eu gosto de fazer, gente, espreme assim a embalagem eu tô com uma mão só e fica difícil, mas sempre vai sair produto aqui, aí você aplica no pescoço e no colo aproveita todo esse produto maravilhoso, pescoço e colo também merecem nossa atenção, a Ruby rose lançou vários produtos de skincare, quero testar tudo, contar pra vocês, aguardem vídeos em breve no canal sobre isso... gente, eu tô assustadora, aguardem vídeo em breve no canal sobre isso, deixem sugestões também o que vocês querem que eu teste a marca lançou muitos produtos na beauty fair, conta tudo pra mim aqui embaixo. Agora, **olha só**, eu preciso arrumar a minha mala, gente, virou uma zona meu quarto, como eu deixei chegar a esse ponto? (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁴⁴)

Em (8), a locutora, Nina, fala com seus interlocutores sobre algumas máscaras faciais para o cuidado com o rosto. Ela apresenta os produtos, expõe as qualidades, os defeitos e suas opiniões sobre as máscaras. Contudo, ao final do excerto, ela muda de assunto e introduz um novo tópico discursivo, que trata da bagunça do quarto dela e de sua necessidade de arrumar a mala. Neste exemplo, temos todos os elementos constituintes da forma: o MD^{prefaciador}(*agora*), o *chunkolha só* e, em seguida, a porção do discurso em que é iniciado o novo tópico discursivo. A função de chamada de atenção com foco restritivo e prefaciador em relação ao discurso subsequente pode

⁴⁴Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_ytrV5gbRGI. Acesso em jan. 2020.

ser claramente percebida, já que a informação *eu preciso arrumar minha mala* é totalmente nova em relação a todo o contexto anterior, e a locutora guia o interlocutor exatamente a essa interpretação ao destacar a bagunça do quarto, se mostrando surpresa com a cena que vê. Além disso, assim como na ocorrência (7), o verbo *olhar* também está metaforizado aqui com a metáfora “olhar é entender”, uma vez que a locutora chama a atenção do interlocutor para o discurso, e não para um elemento real da cena, evidenciando que se trata de uma construção [+intersubjetiva]. Aqui, percebe-se também a atuação dos processos cognitivos de domínio geral: atenção conjunta e centro dêitico (Diessel, 2019), a reificação e o uso do sentido da visão como um enriquecimento da percepção de informação via inferência.

4.1.5. Microconstrução 1.5 – *Olha só* 5

Este padrão microconstrucional, *Olha só* 5, identificado no *corpus* de língua portuguesa é caracterizado pelo foco restritivo na expressão de surpresa em relação a um tópico do discurso. Apenas uma ocorrência deste padrão foi encontrada no *corpus*, e a descrição da forma e da função está disposta no Quadro 5, bem como os dados de número de ocorrência na Tabela 5 a seguir.

Microconstrução 1.5 – <i>Olha só</i> 5	
Forma	[porção do discurso + [V ^{olhar imp em P2} + só]]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo em relação a um elemento do discurso previamente descrito de modo a demonstrar surpresa com relação à informação dada.

Quadro 6 – Descrição da microconstrução 1.5.

Olha só 5	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
1	3,84%

Tabela 5 – Número de ocorrências da microconstrução 1.5 no *corpus*

A forma desta microconstrução está representada como [porção do discurso + [V *olhar* imp em P2 + só]], em que porção do discurso se caracteriza como o discurso em que há a informação surpreendente, e o *chunk* formado pelo verbo *olhar* no imperativo em P2, cujas formas podem ser *olha*, *olhe* e *olhem*, seguido do advérbio *só*.

Com relação à função, a sua descrição é chamada de atenção com foco restritivo em relação a um elemento do discurso previamente descrito de modo a demonstrar surpresa com relação à informação dada. Isto é, o uso dessa construção indica que o locutor está surpreso com uma informação que acabou de compartilhar e, como se trata de um MD, que está baseado na interação entre locutor e interlocutor, o locutor destaca a informação que lhe causou surpresa e guia o seu interlocutor a ter uma reação – seja ela de surpresa ou não – sobre a informação compartilhada. Devido a esse caráter altamente interacional e à metaforização do verbo *olhar*⁴⁵, esta microconstrução classifica-se como ainda [+intersubjetiva] que as anteriores.

A seguir, em (9), apresentamos o exemplo da ocorrência desta microconstrução no *corpus*.

- (9) **Nina:** Olha! Fabi também é cultura... E gente, é porque você acabou de ler né? E gente, aqui, não sei se a gente vai ver, mas eu já vou falar pra vocês, os universitários usam aquela capa assim, capa preta tipo uma do Harry Potter e isso tem um motivo, eu tô filmando a Fabi tirando foto. Isso tem uma explicação, a J. K. Rowling morou em Portugal por alguns anos e ela se inspirou nesse uniforme que é essa capa preta pra fazer os uniformes de Hogwarts, **olha só!** (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2020 a 2022⁴⁶)

⁴⁵ Assim como na microconstrução *Olha só 4*, o verbo *olhar* tem aqui o seu sentido metaforizado, ou seja, o locutor não solicita que o interlocutor lance seus olhos para um elemento real da cena, mas sim que lance sua atenção, seu conhecimento de mundo para avaliar a informação compartilhada.

⁴⁶ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=_ytrV5gbRGI. Acesso em jan. 2020.

Em (9), a locutora, Nina, está visitando a cidade do Porto, em Portugal, e, ao caminhar pela rua, ela vê algumas pessoas utilizando uma capa preta de uniforme universitário e se lembra de que a escritora da saga Harry Potter, J. K. Rowling, se inspirou nesses uniformes para criar os uniformes da escola de bruxaria da série. Essa informação, embora tenha sido pesquisada ou informada à locutora, lhe causou surpresa e, ao compartilhá-la, ela transmitiu essa surpresa focalizando essa informação com o uso do MD. É importante ressaltar que, no vídeo, a locutora caminha na rua e não indica nenhuma capa ao utilizar o MD, conforme pode ser conferido com o link disponibilizado em nota; portanto, ele não se caracteriza como de função dêitica. Com relação à forma, todos os elementos estão presentes nesta ocorrência: a porção do discurso que contém a informação “surpreendente” e o *chunk* “olha só” ao final do discurso. Além disso, a função é representada pela chamada de atenção com foco restritivo em relação a um elemento do discurso previamente descrito de modo a demonstrar surpresa com relação à informação dada, já que a informação *a autora de Harry Potter se inspirou nos uniformes dessa universidade para criar os uniformes da escola dos livros* está restrita e focalizada, de modo que receba a atenção dos interlocutores. Logo, a locutora, conforme destaca Brinton (2017), está guiando a interpretação do discurso por parte dos interlocutores com o uso do MD, focalizando a informação que julga mais importante de todo o discurso proferido por ela, além de estabelecer um centro dêitico discursivo (Diessel, 2019) apontando com o MD essa informação destacada, bem como estabelecendo a atenção conjunta. Nesse padrão, o verbo *olhar* também se encontra metaforizado (olhar é compreender) e ganha traços de função discursiva mais claros, pois aponta para o próprio discurso, transformando a informação em um objeto a ser visto (reificação).

4.1.6. Microconstrução 1.6 – Olha só 6

O padrão microconstrucional *Olha só 6* identificado no corpus de língua portuguesa se caracteriza pelo foco restritivo em uma repreensão por parte do locutor em relação ao interlocutor. Essa repreensão acontece em consonância com o tópico discursivo. Esse padrão também ocorreu apenas uma vez no *corpus*, e as descrições de número de ocorrências e porcentagem se encontram na Tabela 6 abaixo, bem como a descrição da forma e da função no Quadro 6.

Microconstrução 1.6 – Olha só 6	
Forma	[cláusula + (tagquestion/MD) + [V ^{olhar imp em P2} + só] + vocativo]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo em uma repreensão a uma pessoa.

Quadro 7 – Descrição da microconstrução 1.6.

Olha só 6	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
1	3,84%

Tabela 6 – Número de ocorrências da microconstrução 1.6 no corpus

Representamos a forma desta microconstrução como [cláusula + (tagquestion/MD) + [V^{olhar imp em P2} + só] + vocativo], em que esta cláusula pode ser de qualquer natureza, a *tagquestion* em português, que é formada por [não + verbo de ligação], ou um MD não focalizador, seguidos de *olha só* e um vocativo que chama pelo interlocutor.

A função é descrita como uma chamada de atenção com foco restritivo em uma repreensão a uma pessoa, ou seja, o uso desta microconstrução se dá como uma maneira de o locutor chamar a atenção do interlocutor para repreendê-lo, adverti-lo, de modo que essa repreensão esteja marcada na cláusula anterior ao chunk *olha só*.

Esse tipo de uso de um MD focalizador revela uma interação [+ intersubjetiva], já que cria mais uma camada de interpretação das intenções do discurso, além de o verbo *olhar* estar metaforizado, com acepção de cognição.

Em (10), apresentamos o exemplo desta microconstrução no *corpus*.

(10) Tatá: Olá, pessoal, tudo bem com vocês?
Bruna: tudo bem com vocês?
Tatá: tudo ótimo, tudo incrível
Bruna: e com você?
Tatá: tô bem, você tá bem amiga?
Bruna: eu tô, que você vai falar da... da...
Tatá: que bom que você tá bem porque cheirosa... não sei se vocês ficaram sabendo, cortaram a água da casa da Bruna, ela tava sem tomar banho, teve que vir aqui ó lavar o cabelo aqui no prédio
Bruna: não, é que assim, eu deixei pro Lin pagar algumas contas de casa
Tatá: nem pra isso ele serve, né, **olha só**, @lin
Bruna: cinco meses atrasado, foram cortar agora e até agora não voltou
Tatá: olha, eles tão dando uma lição em vocês pra nunca mais vocês deixarem de pagar, pode ter certeza, aconteceu já lá em casa com a luz, fica tranquila. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2020 a 2022*⁴⁷)

Neste exemplo (10), temos duas amigas apresentando um *videocast*, Tatá e Bruna. Elas começam a introduzir a apresentação do programa, cumprimentando os ouvintes, até que Tatá surge com o assunto de que Bruna teve que tomar banho no prédio onde é gravado o programa porque seu marido não pagou as contas de casa, e os abastecimentos foram cortados. Tatá, ao ouvir que o marido de Bruna não pagou as contas, o repreende, chamando a atenção dele para essa repreensão por meio do MD em questão. Esse padrão se caracteriza por ser [+intersubjetivo] porque o verbo *olhar* está metaforizado – olhar é compreender –, havendo maior esforço por parte do interlocutor para o entendimento das inferências sugeridas. Com isso, temos também o processo cognitivo de domínio geral retificação (Diessel, 2019) atuando, pois a situação em que se encontra Bruna é coisificada, transformada em um objeto que pode ser “visto”, de modo que possa ser apontada deiticamente no discurso, usando o MD com o verbo *olhar* para destacá-la.

⁴⁷Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=ZHm_nMEcrSE&t=6036s. Acesso em jan. 2023.

Também há maior grau de ancoragem no discurso, já que ocorre um apontamento dêitico discursivo, isto é, do discurso para o próprio discurso. Percebe-se, além disso, que a atenção conjunta (Diessel, 2019) é estabelecida entre as duas locutoras para com os interlocutores do programa, bem como para o marido esquecido, quando ocorre a triangulação dos participantes no evento discursivo e sua inserção por meio dos vocativos e pelo MD que chama o interlocutor a receber essa repreensão. O MD, ocorrendo no final da forma da construção, demonstra que o foco restritivo funciona como uma retomada anafórica que ganha mais peso e focalização, pois há um direcionamento da locutora para a essa interpretação dos fatos (Brinton, 2017), para que todos, principalmente o marido, entendam que essa repreensão tem seu lugar no jogo discursivo.

4.1.7. Microconstrução 1.7 – Olha só 7

Este padrão microconstrucional *Olha só 7*, identificado no *corpus* de língua portuguesa, é caracterizado pelo foco restritivo em uma informação de re-enquadramento dentro do contexto do discurso, o qual ocorre quando o locutor precisa se reinserir ou reinserir uma informação no discurso que está em desenvolvimento. Há também apenas uma ocorrência deste padrão no *corpus* e, no Quadro 7 e na Tabela 7 abaixo, apresentamos, respectivamente, as descrições da forma e da função deste padrão e o número de ocorrências e porcentagem no *corpus*.

Microconstrução 1.7 – Olha só 7	
Forma	[vocativo + [V ^{olhar imp em P2} + só] + cláusula]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo em uma informação de re-enquadramento dentro do contexto discursivo.

Quadro 8 – Descrição da microconstrução 1.7.

Olha só 7	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
1	3,84%

Tabela 7 – Número de ocorrências da microconstrução 1.7 no corpus

A forma desta microconstrução está representada como [vocativo + [V^{olhar imp} em P2 + só] + cláusula], em que temos um vocativo, que pode ser mais genérico, seguido do verbo *olhar* no modo imperativo em P2, juntamente com o advérbio *só*, seguidos de uma cláusula, a qual carrega a informação que está sendo focalizada por esse MD.

Já a função está descrita como uma chamada de atenção com foco restritivo em uma informação de re-enquadramento dentro do contexto discursivo, em outras palavras, usa-se este padrão para chamar a atenção do interlocutor para a reinserção do locutor no discurso, causando um re-enquadramento discursivo, em que o foco da interação se torne a nova informação que o locutor traz.

Apresentamos, em (11), o exemplo desta microconstrução no *corpus*.

- (11) Giovanna: e negócio de várias vezes quanto o máximo de vezes que vocês conseguiram transar assim com a mesma pessoa?
 Déborah: eu não contei, gente, viralizou um negócio que eu falei de transar 10 vezes ao dia, eu não contei, porque, sei lá, mas era uma era isso, era transar o dia inteiro, entendeu, acordou, tomou café, transou, botou a roupa, transou, foi tomar banho, transou, fez pipi, transou, levou pra piscina, transou, acordou, foi pra piscina, transou...
 Giovanna: e você fez isso?
 Déborah: eu fiz, no início do meu namoro com o Hugo eu só transei.
 Fernanda: Eu e o Vitor também, a gente contou porque eu sou competitiva, eu gosto de meus próprios recordes bater, a gente transou um dia 7 vezes.
 Déborah: eu, até, é isso...
 Giovanna: Gente, eu, **olha só**, o meu máximo foi 4 vezes e assim gente, tipo assim, 10 dias sem transar depois, pelo amor de deus.
 Déborah: mas, gente, assim, início de relação, tá, pegou o boyzinho e tananan
 Giovanna: ai, gente, eu vou embora. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2020 a 2022*⁴⁸)

⁴⁸Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Z0qB2qAAJDU>. Acesso em jan. 2023.

Em (11), temos três locutoras: Giovanna, Déborah e Fernanda. Elas conversam sobre a maior quantidade de vezes que já mantiveram relações sexuais com seus parceiros. Giovanna lança a pergunta às demais sobre essa quantidade de vezes máxima que já alcançaram, e Déborah e Fernanda contam de seus recordes nesse assunto, enquanto Giovanna se mantém calada. Após isso, Giovanna se reinsere no discurso usando o MD e chamando atenção para si mesma e para a sua fala sobre o assunto. Nesse contexto, é como se ela mesma se visse distante do discurso e quisesse se reinserir nele, respondendo também à própria pergunta. O MD, então, funciona como suporte para a chamada de atenção para essa reinserção no discurso. Desse modo, o seu caráter focalizador e restritivo afunila o centro de foco para a nova informação que Giovanna insere, que, de certo modo, ajuda a encaminhar o discurso para um caminho diferente, mas estabelecendo também um destaque para ela mesma, para sua voz no discurso. E, de acordo com Diessel (2019), esse MD contribui para um evento de cognição social chamado “atenção conjunta”, que diz respeito a estratégias discursivas para o bom funcionamento e bom entendimento do discurso por ambas as partes participantes, locutor e interlocutor. Logo, o que a locutora faz com o MD é balancear esta atenção conjunta, deixando que todas as participantes do discurso tenham seus momentos de fala, e ela o faz se inserindo e chamando atenção para esse re-enquadramento e para essa adição de nova informação. Assim, temos o verbo *olhar* sob a metáfora de “olhar é compreender”, a reificação, em que Giovanna coisifica a informação que dá depois do MD de modo que ela possa ser “vista, percebida” no espaço mental dêitico criado no discurso.

4.1.8. Microconstrução 1.8 – Olha aqui

A microconstrução classificada por nós como Olha aqui é o único padrão encontrado no *corpus* que foge do *chunk olha só*. Este padrão se caracteriza pelo foco restrito em uma prefaciação de um tema, de modo a deixar que a relação discursiva com o interlocutor seja mais informal e descontraída. Este padrão também apresenta somente uma única ocorrência no *corpus*. Abaixo, no Quadro 8, encontramos as descrições de forma e função desta microconstrução e, na Tabela 8 abaixo, apresentamos sua frequência.

Microconstrução 1.8 – Olha aqui	
Forma	[[V ^{olhar imp em P2} + <i>aqui</i>] + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco restrito na prefaciação de um determinado assunto, estabelecendo, metaforicamente, proximidade discursiva entre o locutor e o interlocutor.

Quadro 9 – Descrição da microconstrução 1.8.

Olha aqui 1	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LP
1	3,84%

Tabela 8 – Número de ocorrências da microconstrução 1.8 no corpus

Representamos a forma desta microconstrução da seguinte forma: [[V^{olhar imp em P2} + *aqui*] + porção do discurso], em que temos o verbo *olhar* no modo imperativo em P2, seguido do advérbio locativo *aqui* e, em seguida, uma porção do discurso, a qual se caracteriza pela porção inicial de um novo tópico discursivo, já que se trata de uma focalização na informação prefaciada.

A função se descreve como uma chamada de atenção com foco restrito na prefaciação de um determinado assunto, estabelecendo, metaforicamente, proximidade discursiva entre o locutor e o interlocutor. Portanto, esse MD é usado como um destaque para uma informação que inicia um novo tópico no discurso, chamando a atenção para o discurso, logo, trata-se de um padrão mais discursivo e [+intersubjetivo], já que demanda maior grau de inferência por parte do interlocutor.

A seguir, veremos o exemplo (12), retirado do *corpus*, que ilustra este padrão.

(12) Tatá: **olha aqui**, eu preciso confessar que por muito tempo eu só via você com filtro e eu só fui te reconhecer mesmo quando eu comecei a te seguir no insta porque por causa do filtro, no tiktok como que é a cara dele? Eu acho que alguém te marcou, tô tentando lembrar quem te marcou, e eu falei pera Vitor: aquelas marcações bacanas né, que as pessoas fazem
Tatá: ah, uma marcaçãozinha.
(Corpus oral vlogs YouTube – anos 2020 a 2022⁴⁹)

Em (12), a locutora Tatá é uma entrevistadora de *podcast* que conta com a participação do convidado Vitor. Esse MD ocorre logo no início da entrevista, depois de as apresentadoras introduzirem o convidado e lhe dar boas vindas. Tatá corta as apresentações, iniciando um novo assunto: o fato de apenas conhecê-lo por meio dos filtros de imagem usados por ele em redes sociais. Ela diz, então, que finalmente o viu sem os filtros em uma postagem de uma terceira pessoa que o marcou. Nesse contexto, o MD é usado para prefaciar essa mudança de assunto repentina, prefaciando esse novo assunto, funcionando como um guia da atenção no discurso (Brinton, 2017) e mostrando ao interlocutor que o enfoque está prestes a mudar no discurso. O uso do locativo *aqui*, no MD, demonstra uma localização metafórica espacial no próprio discurso, não funcionando, portanto, como um dêitico locativo no espaço real, já que o advérbio está apontando metaforicamente para o próprio discurso. Portanto, a metáfora é “discurso é um lugar e é nesse lugar que sua atenção deve estar”. Logo, essa metáfora serve para tirar o interlocutor da posição de entrevistado de certa maneira, criando uma intimidade, uma proximidade para que ele se sinta à vontade para responder às perguntas que estão sendo postas. Outra metáfora presente é a do verbo *olhar* que se apresenta por “olhar é compreender”, já que ele não funciona como verbo pleno e apresenta mais traços de funções discursivas, como a de apontamento para o discurso, abrindo um centro dêitico e um espaço de atenção conjunta (Diessel, 2019).

O MD é usado, portanto, não somente como um guia do discurso, mas como um convite à escuta e à interação na conversa, atuando uma espécie de “quebrador do gelo” que redireciona o foco. Por isso, esse MD é [+intersubjetivo], pois demanda maior grau de interpretação de inferências sugeridas e abaixa a guarda na proteção de face da locutora.

⁴⁹ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=ZHm_nMEcrSE&t=6036s. Acesso em jan. 2023.

4.1.9. Conclusões

Nesta primeira seção do Capítulo IV, buscamos apresentar os padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores identificados no *corpus* representativo da língua portuguesa. Esses padrões, conforme já mencionado anteriormente, foram retirados de um *corpus* oral constituído de vídeos do gênero *vlog*, retirados da plataforma YouTube. No total, foram encontrados oito diferentes padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores do português, sendo eles classificados como: i) *olha só 1 – dêitico*; ii) *olha só 2 – avaliativo*; iii) *olha só 3 – dêitico-avaliativo*; iv) *olha só 4 – prefaciador*; v) *olha só 5 – expressão de surpresa*; vi) *olha só 6 – compreensão ao interlocutor*; vii) *olha só – re-enquadre*, e viii) *olha aqui – prefaciador*.

Em um primeiro momento, a classificação se deu devido à frequência no *corpus*, sendo o padrão 1 o mais frequente, e o último o menos frequente. Porém, além disso, foi constatado que, do padrão 1 ao padrão 8, há um *continuum* de intersubjetividade, sendo o primeiro padrão o menos intersubjetivo e o último o mais intersubjetivo, contudo, não necessariamente há uma escala definida e estanque de qual padrão é mais ou menos intersubjetivo que outro. No Capítulo II, abordamos o conceito de intersubjetividade com base nos pressupostos assumidos por Traugott e Dasher (2002). Nesse caso, um dos pontos elencados pelos autores é importante para esta análise: o de que expressões intersubjetivas apresentam marcadores explícitos da atenção do locutor em relação ao interlocutor. Nesse sentido, MDs podem ser considerados construções intersubjetivas, já que sua principal função é possibilitar que o locutor inclua o interlocutor no discurso, chamando a sua atenção e criando tópicos discursivos focais para os quais a atenção deve ser direcionada. Dessa forma, um MD de foco dêitico apresenta menor grau de intersubjetividade, ao passo que um MD de foco com expressão de surpresa ou de re-enquadre apresenta um maior grau de intersubjetividade, dependendo muito mais de pistas contextuais e inferências sugeridas.

Outro ponto relevante diz respeito à função dos MDs. De acordo com Brinton (2017), os MDs funcionam como placas do trânsito no discurso, guiando o interlocutor a interpretar o discurso pelo caminho que o locutor conduz. Tal função fica evidente

nos exemplos retirados do *corpus* do português, pois se nota que os locutores estabelecem um foco para as informações que julgam mais importantes em seu discurso, buscando espaços de reflexão e interação a partir do foco lançado, seja esse foco com um escopo dêitico e limitado a um elemento da cena real, seja esse foco com um escopo em uma avaliação ou na introdução de um novo tópico discursivo.

No que tange aos processos cognitivos de domínio geral, os dados do português demonstram a influência desses processos na formação e no uso desses MDs. Conforme visto no Capítulo II, Diessel (2019) elenca alguns processos cognitivos de domínio geral que são normalmente requisitados: conceptualização, processamento de memória e cognição social. Bybee (2010) elenca outros: categorização, *chunking*, memória enriquecida, analogia e associação transmodal. Nos dados, podemos perceber, principalmente, a conceptualização, a cognição social, o *chunking* e analogia. A conceptualização está presente nas metáforas do verbo de percepção visual *olhar*, bem como nas metáforas do discurso como lugar, além do centro dêitico estabelecido no discurso, os processos de focalização gerados por figura-fundo (foco em um determinado item) e reificação. A cognição social se dá principalmente por dois fatores: a atenção conjunta e o *common ground*, isto é, na forma como o locutor cria espaços mentais de foco em determinadas informações usando dêiticos e o desenrolar do discurso que possibilita orientação, *background* e interpretação dos elementos por parte dos participantes.

No caso do *chunking*, percebemos que a unidade *olha só* já é um *chunking* formado na língua portuguesa, estabelecendo outros *chunkings* mais complexos com a formação de novos padrões microconstrucionais, conformes vimos aqui. Esses MDs se tornam unidades de processamento, estando organizados em nossa memória, prontos para serem usados em um contexto de uso adequado. E, ainda, temos a analogia, isto é, um processo pelo qual se criam novos itens para uma construção, sendo assim, podemos perceber pelos padrões apresentados novos itens adicionados ou a troca de um item por outro similar (por exemplo, *olha só* e *olha aqui*) criam novas construções, como novas formas e funções.

Com relação à LFCU e à abordagem construcional da mudança, os MDs da língua portuguesa analisados aqui podem ser considerados microconstruções, uma vez que apresentam forma e função delimitadas, sendo resultados de processos de mudança linguística e apresentando as três propriedades das construções, segundo

Traugott e Trousdale (2013): i) esquematicidade, pois apresentam certo grau de generalidade e apontam para caminhos de replicação para construções análogas e similares; ii) produtividade, já que muitos dos padrões, só no *corpus* utilizado para esse estudo, demonstram uma frequência considerável e indicam que há regularidade e extensibilidade e iii) composicionalidade, uma vez que há certa transparência entre forma e função, por exemplo, nas microconstruções *Olha só 2* e *Olha só 3*, em que há uma cláusula avaliativa na forma, e sua função é a de foco restritivo em uma avaliação.

Esses padrões microconstrucionais da língua portuguesa nos demonstram, portanto, que há padrões já estabelecidos e outros que estão em emergência na língua. A partir do *corpus*, é possível verificar a coexistência desses padrões e o percurso da mudança, ainda que em um pequeno recorte temporal. Há, nesse sentido, uma tendência, no português, de formas mais antigas, como *olha só*, irem se tornando cada vez mais discursivas, se distanciando de suas acepções originais de verbo seguido de advérbio e criando, cada vez mais, entrincheiramento no discurso, o que configuraria um recurso linguístico de chamada de atenção altamente eficaz e com diversas funções discursivas.

4.2. Padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores identificados no corpus de língua espanhola

Nesta seção, apresentaremos os padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores da língua espanhola que foram identificados no *corpus*. Nesses padrões, pudemos identificar três *chunks*: i) *fijate* – bem como suas variações de conjugação para a segunda pessoa do discurso; ii) *A ver*; e iii) *mire nada más* – bem como as variações de conjugação para a segunda pessoa do discurso do verbo *mirar* e o pronome indefinido *nada*, que também pode ser substituído pela negativa *no*. Os dois primeiros *chunks* são compostos por dois elementos: um verbo de percepção – *ver* e *fijar*⁵⁰ – e um elemento focalizador – a preposição *a* em *a ver*, e os pronomes reflexivos da segunda pessoa do discurso *te*, *se* e *os*, no caso de *fijate*. No caso do terceiro, temos três elementos: um verbo de percepção visual e dois elementos focalizadores – uma palavra com valor negativo, *nada* ou *no*, e o advérbio *más*.

No total, foram identificados dez padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores da língua espanhola, totalizando 25 ocorrências. Apresentaremos, nas seções a seguir, a descrições desses padrões, iniciando pelos do verbo *fijar*.

4.2.1. Microconstrução 2.1 – Fijate 1

O primeiro padrão microconstrucional da língua espanhola – *Fijate 1* – é o mais frequente com o verbo *fijar* no *corpus*, com um total de 4 ocorrências. Este padrão tem como característica principal o foco dêitico, isto é, é usado no discurso para apontar um determinado elemento da cena. A seguir, no Quadro 9, apresentamos a descrição da forma e da função deste padrão, bem como o número de ocorrências encontradas no *corpus* na Tabela 9, a saber:

⁵⁰ Em tradução livre, o verbo *fijar* significa *fixar*. Contudo, de acordo com o dicionário on-line da RAE, esse verbo também tem o sentido de “Poner o aplicar intensamente. Fijarla mirada, laatención.” (RAE, 2021). Dessa forma, trata-se de um sentido metaforizado do verbo que, quando usado de forma reflexiva *fijarse*, apresenta a acepção de verbo de percepção visual.

Microconstrução 2.1 – Fijate 1	
Forma	[[verbo fijar ^{imperativo em P2} + pronome reflexivo] ^{parentético} + cláusula]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo dêitico em relação a um elemento da cena.

Quadro 10 – Descrição da microconstrução 2.1.

Fijate 1	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no corpus de LE.
5	20%

Tabela 9 – Número de ocorrências da microconstrução 2.1 no corpus

Conforme consta no Quadro 6, a forma desta microconstrução é [[verbo fijar^{imperativo em P2} + pronome reflexivo]^{parentético} + cláusula], em que o verbo *fijar* encontra-se na segunda pessoa do discurso no modo imperativo, podendo apresentar as conjugações *fija*, *fijee* *fijen*, aglutinado a um pronome reflexivo referente à segunda pessoa do discurso (*te*, *os* ou *se*) e seguido de uma cláusula com valor semântico de demonstração. É importante notar que o *chunkfijate*, e suas variações, tem valor parentético, ou seja, apresenta mobilidade no discurso, podendo ocorrer antes, no meio ou ao final da cláusula com valor demonstrativo.

No que tange à função, descrevemo-la como uma chamada de atenção com foco restritivo dêitico em relação a um elemento da cena. Portanto, este padrão é usado para que o locutor chame a atenção do interlocutor para um elemento da cena em que ocorre o jogo discursivo, elemento esse que é considerado, pelo locutor relevante para a construção e interação discursivas. Diferentemente dos padrões com função semelhante da língua portuguesa, o foco restritivo dêitico deste padrão se deve ao significado do verbo *fijarse*, que, conforme dicionário on-line da RAE, denota uma atenção intensa por meio do olhar, uma fixação no elemento a ser observado. Apesar de já estar dicionarizado, esse significado pode ser entendido como metaforizado, pois este verbo origina-se do verbo latino *figere* (RAE, 2021), que significa, em português, cravar ou fixar e esse sentido de “cravar os olhos em um determinado elemento” se

configura como uma transposição de características, tal qual uma metáfora, por isso, chamamos o foco de restritivo, já que a ideia do locutor é que o interlocutor restrinja sua atenção ao elemento que está recebendo o destaque no discurso.

Além disso, este padrão, dentre os MDs de língua espanhola, pode ser classificado como [-intersubjetivo] dentro de um *continuum* de intersubjetividade, de acordo com os pressupostos de Traugott e Dasher (2002), porque requereria menos inferências por parte do interlocutor, posto que os objetivos e as intenções em seu uso estão mais explícitos, nesse caso, com o apontamento de um elemento da cena. A seguir, apresentamos os excertos 13 e 14 para ilustrar esse padrão.

(13) Bueno, amigos, luego de estar en el cristo redentor los he traído a otro punto de la ciudad que son las escaleras de Selarón, son muy famosas porque se han firmado múltiples películas aquí y han venido muchos famosos y debido a ese hecho muchos turistas vienen aquí a tomarse una foto y visitar el lugar, como ustedes pueden ver está repleto de personas, he visto varios lugares para comprar bebidas no sé todavía qué tipo de comidas podrán vender aquí, pero eso es lo que vamos a descubrir mientras subimos esas icónicas escaleras. **Fijense** que las escaleras del lado y lado tienen como cerámicas y con diferentes tipos de imágenes, **fijense** estos de aquí y por lo largo todas las escaleras, también esta fila de personas aquí es para tomarse la foto justo parado allí donde se ve el nombre de las escaleras, estas son las cosas que tienen que hacer para tomarse una buena foto. (*Corpus oral vlogs YouTube – años 2019 a 2022*⁵¹)

Em (13), o locutor é um turista hispano-americano que está de passagem pela cidade do Rio de Janeiro. Ele se encontra na Escadaria Selarón, um famoso ponto turístico da cidade maravilhosa que é muito frequentado pelos turistas. Neste excerto, há dois usos do MD *fijate*, que aqui apresentam a forma *fijense*, usados pelo locutor para chamar a atenção para os detalhes das cerâmicas que compõem as escadas, em conformidade com a função descrita no Quadro 6. Com relação à forma, além do uso da conjugação e do pronome reflexivo referentes ao pronome de segunda pessoa *ustedes*, é possível perceber que as cláusulas com valor semântico de demonstração também se fazem presentes, nas quais há uso de pronomes demonstrativos para indicar os elementos que estão em destaque. Outro ponto relevante deste excerto diz respeito ao uso de dois marcadores que, apesar de apresentarem certa

⁵¹Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=9wFihWKSwo>. Acesso em jan. 2021.

independência um do outro por indicarem elementos distintos, funcionam como guias da interpretação que o interlocutor deve ter do discurso (Brinton, 2017), pois há uma indicação da hierarquia dos detalhes construída pelo locutor.

Destaca-se também a metaforização do verbo *fijar*, que, como mencionado no Capítulo II, ao ser usado como marcador, já apresenta uma acepção metaforizada diferente da sua original, que é fixar algo em algum lugar. Dessa forma, temos a metáfora “fixar é ter atenção plena”, ou seja, de um sentido de ação manual para um sentido mental cognitivo. Ainda que o sentido e a função dêiticos predominem no uso desse MD, há também no verbo traços de funções discursivas, como a de apontar para o próprio discurso. Vale destacar que essas funções criam um centro dêitico no discurso de que o interlocutor se utiliza mentalmente para se guiar junto com os MDs postos, bem como um espaço de atenção conjunta (Diessel, 2019).

(14) Ya hemos subido bastante morro atrás, hay bastante montañas, **fijense**. Este lugar en el que estamos ahorita piense que inmensidad esto que está acá. Estas rocas, se ve que hay muchos derrumbes de vez en cuando me imagino cuando hay lluvias... (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁵²)

Em (14), o locutor se encontra em um local de florestas e morros no interior da Venezuela, seu país natal, e apresenta a seus interlocutores as belezas e atividades disponíveis para serem aproveitadas no lugar. Aqui, a forma do MD utilizada também é *fijense*, que, como no excerto anterior, também está metaforizada em “fixar é ter atenção plena”, além de ocorrer após a cláusula com valor semântico de demonstração, apresentando, assim, o caráter parentético descrito no Quadro 6. Nessa cláusula, temos o uso do verbo *hay*, indicando que o locutor mostra a existência das montanhas a seus interlocutores, sendo sobre elas que o foco restritivo cai, ou seja, é sobre esse ponto que se chama a atenção, destacando que há bastante montanhas ainda que tenham subido muitas outras. Logo, a função descrita no Quadro 6 se evidencia neste excerto. Além disso, o uso do MD ajuda a construir a ideia que o locutor deseja passar, isto é, ao usá-lo para apontar o tanto de montanhas que ainda há para subir, ele destaca dois pontos: 1) que fez uma longa caminhada; e

⁵²Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=q92gHEJkSUY>. Acesso em jan. 2021.

2) que o lugar é de fato imenso e vale a pena a visita. Essa construção das ideias no jogo discursivo é prevista tanto por Chanet (2003) como por Brinton (2017), quando afirmam que MDs são usados como indicações sobre a maneira de construir o universo discursivo, além de que essa construção do universo discursivo se trata também da manutenção de um centro dêitico ativo e da atenção conjunta em foco (Diessel, 2019).

4.2.2. Microconstrução 2.2 – Fijate 2

O padrão microconstrucional *Fijate 2* é caracterizado pelo foco restritivo em uma avaliação sobre um dos eventos ou elementos do discurso. Apenas uma ocorrência deste padrão foi encontrada no *corpus* até o momento e sua descrição como o padrão 2 dos MDs de língua espanhola se deve ao *continuum* de intersubjetividade observada entre os demais padrões identificados. No Quadro 10 a seguir, apresentamos a descrição de forma e função deste padrão e, na Tabela 10, apresentamos a sua frequência no *corpus*.

Microconstrução 2.2 – Fijate 2	
Forma	[(elemento focalizador) + [verbo <i>fijar</i> ^{imperativo em P2} + pronome reflexivo] + cláusula avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo na avaliação feita pelo locutor referente a um elemento da cena.

Quadro 11 – Descrição da microconstrução 2.2.

Fijate 2	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
1	4%

Tabela 10 – Número de ocorrências da microconstrução 2.2 no corpus

A forma estabelecida para este padrão microconstrucional é [(elemento focalizador) + [verbo *fijar* imperativo em P2 + pronome reflexivo] + cláusula avaliativa], em que o termo “elemento focalizador” se refere a um MD do tipo *hedge*, isto é, o que Chanet (2003) chama de partículas realocadoras, tal como *bem, bom, então, é...* etc. no português. Em seguida, temos o verbo *fijarem* P2 no modo imperativo, podendo ocorrer em três diferentes conjugações (*fija, fije e fijem*), e aglutinado a um pronome reflexivo de P2 (*te, os ou se*), e, por fim, temos uma cláusula avaliativa.

No que tange à função, sua descrição é chamada de atenção com foco restritivo na avaliação feita pelo locutor referente a um elemento da cena. Isso porque o uso deste padrão demonstra que o locutor visa a restringir a atenção do interlocutor para a sua opinião sobre um determinado acontecimento ou objeto da cena, buscando criar um espaço de interação ou até mesmo convencimento sobre essa opinião. A seguir, em (15), ilustramos este padrão com o excerto extraído do *corpus*.

- (15) Bueno, no sé si a la altura los he dicho que hoy es día domingo cuando estoy grabándolo y esta avenida la cierran totalmente para que las personas puedan caminar en ella, pasear, hacer deporte ir en bicicleta, patines lo que sea... entonces **fijense** lo full que está eso allí con puros puestos vendedores ambulantes así que bueno vamos a recorrer un poquito esta calle a ver que nos conseguimos. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁵³)

Em (15), o locutor está visitando a cidade do Rio de Janeiro e passeia pela orla de uma praia em um domingo. Ele destaca que a avenida que segue a praia é fechada aos domingos para que as pessoas possam caminhar, brincar, praticar esportes etc.. Com o MD, ele chama a atenção do interlocutor para a aglomeração de pessoas na avenida, deixando sua avaliação sobre o estado que se encontra o local e dizendo que, inclusive, há vários vendedores ambulantes que trabalham ali. Podemos perceber que há o uso do *hedge entonces*, de modo a conectar a parte anterior do discurso com a precedente, do MD *fijense* e da cláusula avaliativa “lo full que está esoallí”; em espanhol, a construção *lo* (artigo neutro) + adjetivo é usada para intensificar uma avaliação, que, no caso, é realizada com o adjetivo do inglês *full*, que significa *cheio, lotado*. Assim, conforme indica Brinton (2017), o locutor usa o MD de

⁵³Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=9wFihWKSwo>. Acesso em jan. 2021.

forma a guiar o interlocutor na interpretação que ele tem, criando possibilidades de inferências sugeridas, dando pistas de contextualização (Gumperz, 1982) de, nesse caso, avaliando positivamente a ideia de fechar a avenida para o lazer das pessoas. Além disso, o verbo *fijar* aqui também se encontra metaforizado sob a ideia de que “fixar é ter atenção plena” e, devido a isso, apresenta mais traços de função discursiva, uma vez que aponta tanto para uma cena real quanto para o próprio discurso, nesse caso, a avaliação. Esse contexto de condução da interpretação, somado às pistas de contextualização dadas pelo locutor, promove a atenção conjunta e o centro dêitico (Diessel, 2019), pois o interlocutor consegue acessar mentalmente, por meio de processamento da memória, as informações colocadas e chegar às conclusões que estão sendo guiadas pelo locutor. Outro ponto diz respeito à analogia (Bybee, 2010), já que a microconstrução interior possibilitou uma expansão que deu origem a esta: com o mesmo *chunk fijense* seguido de uma cláusula avaliativa, criando outra função.

4.2.3. Microconstrução 2.3 – Fijate 3

O padrão microconstrucional *Fijate 3* caracteriza-se por uma maneira de o locutor construir uma avaliação sobre a cena em que ocorre o discurso. Isto é, por meio de apontamentos de alguns elementos, ele cria uma avaliação final com base em todos os pontos anteriormente destacados, guiando, dessa forma, o interlocutor à interpretação pretendida. A seguir, no Quadro 11, nós apresentaremos a forma e a função estabelecidas para este padrão e, na Tabela 11, mostraremos dados relativos ao número de ocorrência no *corpus*.

Microconstrução 2.3 – Fijate 3	
Forma	[verbo <i>mirar</i> ^{imperativo em P2} + porção do discurso + (verbo <i>mirar</i> ^{imperativo em P2} + porção do discurso) + [verbo <i>fijar</i> ^{imperativo em P2} + pronome reflexivo] + cláusula avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco na confirmação de uma avaliação que o locutor constrói sobre a cena.

Quadro 12 – Descrição da microconstrução 2.3.

Fijate 3	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no corpus de LE.
1	4%

Tabela 11 - Número de ocorrências da microconstrução 2.3 no corpus

De acordo com o Quadro 8, a forma desta microconstrução é [verbo *mirar*^{imperativo} em P2 + porção do discurso + (verbo *mirar*^{imperativo} em P2 + porção do discurso) + [verbo *fijar*^{imperativo} em P2 + pronome reflexivo] + cláusula avaliativa], em que deve haver o verbo *mirar* no modo imperativo em P2, seguido de uma porção do discurso e, logo após, essa mesma configuração pode se repetir uma ou duas vezes. Por isso, está representada com parênteses; em seguida, temos o verbo *fijar* também no modo imperativo em P2, aglutinado a um pronome reflexivo de segunda pessoa e, por fim, uma cláusula avaliativa.

No que tange à função, a descrição é a de chamada de atenção com foco na confirmação de uma avaliação que o locutor constrói sobre a cena. Conforme veremos no excerto que ilustrará esta microconstrução, o locutor cria uma base de dados no discurso a partir de elementos apontados para o interlocutor e, com essa base de dados, ele cria uma avaliação final sobre o assunto tratado no discurso. Sendo assim, o locutor cria um afunilamento de informações, mostrando elementos menos centrais até concluir com seu ponto de vista que seja relevante ao jogo discursivo. No excerto 3, a seguir, já apresentado no Capítulo II, nós ilustramos essa microconstrução:

- (16) Gabriel: Pero antes de salir vamos a desayunar así que vamos a tomar el pequeño almuerzo como lo decimos en Portugal, aquí se dice café da manhã ya que escogí mis cosas de desayuno no se van a asustar no son tantas lo que pasa es que vienen por individual empaquetadas y miren la vista que tengo aquí muy buenas. De desayuno, **miren**, jamoncito, quesito, frutas, mermelada, jugo de naranja, yogurt, un pan de queso, que ya se lo voy a mostrar, un pan normalito y de postre un muffin y una galleta. **Miren** todos los empaques que saqué, y bolsas y todo plástico de lo que protegían a la comida para evitar que todas las personas toquen y tengan contacto directo y **fijense** que esta servilleta viene envuelta en un papel, ¡que lujo! Pero así están cuidando la higiene de todos. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁵⁴)

⁵⁴Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=ljYoP9sw9xA>. Acesso em jan. 2021.

Neste excerto (16), o locutor é um turista hispano-americano que está visitando o Rio de Janeiro e se encontra em seu hotel durante o café da manhã. Essa visita ocorre durante a pandemia de COVID-19, em que é necessário um cuidado maior com a higiene dos itens servidos na refeição para evitar a contaminação pelo vírus causador da doença, e é exatamente para esse ponto que o locutor visa a chamar a atenção ao final do seu discurso. Primeiro, atentemos à forma: o verbo *mirar* no modo imperativo em P2, seguido de uma porção do discurso, aparece duas vezes e, em seguida, o verbo *fijar* também no modo imperativo em P2, aglutinado ao pronome reflexivo *se* e seguido da cláusula avaliativa, que contém os termos *¡que lujo!*, deixando explícito o caráter avaliativo da cláusula. No que tange à função, o MD é usado de forma a construir um “pano de fundo” para que a ideia de que o hotel está cuidando da higiene de todos os hóspedes de maneira adequada seja destacada. O verbo *fijar* encontra-se metaforizado, sob a ideia de que “fixar é ter atenção plena”. Desse modo, ele é utilizado após dois verbos plenos de percepção visual, o que indica que há uma construção de centro dêitico para chegar à função estabelecida. Assim, o locutor, em primeiro lugar, chama a atenção para os itens disponíveis na refeição; depois, destaca a quantidade de sacos plásticos que envolviam esses itens; e, por fim, chama a atenção para o fato de que até o guardanapo está envolvido por um papel, deixando sua avaliação final *“¡que lujo! Pero así están cuidando la higiene de todos.”*. Há aqui uma construção dos significados, como indica Chanet (2003) e Brinton (2017). Por meio dessa condução do MD, o uso do verbo *mirar*, que está em sua acepção plena, é uma forma de criar o centro dêitico mental (Diessel, 2019) de modo que todos os elementos que devem ser destacados recebem esse destaque e ficam gravados no processamento da memória do interlocutor. Dessa forma, o uso do MD final chama atenção para o ponto principal do discurso, fazendo com que todos os outros elementos que estavam nesse centro dêitico mental sejam acessados novamente, podendo-se chegar à interpretação sugerida pelo locutor.

4.2.4. Microconstrução 2.4 – Fijate 4

Esta microconstrução – *Fijate 4* – apresenta uma função particular e mais intersubjetiva que as demais já apresentadas: o foco restritivo que o locutor aplica à reafirmação de uma informação já dada ao adicionar novas informações. No Quadro 12 e na Tabela 12, a seguir, apresentaremos a descrição de forma e função deste padrão e os dados referentes ao número de ocorrências, respectivamente.

Microconstrução 2.4 – <i>Fijate 4</i>	
Forma	[[Verbo <i>fijar</i> ^{imperativo em P2} + pronome reflexivo] ^{posição inicial} + que + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo na reafirmação da informação precedente com base em novas informações adicionadas.

Quadro 13 – Descrição da microconstrução 2.4.

<i>Fijate 4</i>	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
1	4%

Tabela 12 - Número de ocorrências da microconstrução 2.4 no corpus

A forma definida para este padrão microconstrucional é [[Verbo *fijar*^{imperativo em P2} + pronome reflexivo]^{posição inicial} + que + porção do discurso], em que temos o verbo *fijamo* modo imperativo em quaisquer uma das conjugações espanholas para a P2, aglutinado um pronome reflexivo de P2 obrigatoriamente em posição inicial do discurso, seguidos por uma porção do discurso, na qual deve conter a reafirmação de uma informação já dada no discurso.

Sobre a função, chamamo-la de chamada de atenção com foco restritivo na reafirmação da informação precedente com base em novas informações adicionadas. Dessa forma, o locutor lança o foco na informação que julga necessária ao jogo

discursivo ao adicionar mais elementos a ela. O caráter [+intersubjetivo], o qual mencionamos anteriormente, se deve ao fato de que essa microconstrução deixa mais explícita a sua função discursiva, isto é, o seu uso pelo locutor prevê que o interlocutor esteja participando efetiva e completamente do discurso, atento às informações postas e trocadas entre eles, de modo que esse marcador apresente essa função de reafirmação.

O excerto 16 retirado do *corpus* ilustrará, a seguir, esta microconstrução.

- (17) **Yuya:** Hay mucha gente que le da nervios que se pudieran poner la copa y que la copa viaje, así como...
Julie: Buenísima pregunta, acuérdate que, aunque nuestros órganos no están fijos, la vagina no llega a una cavidad oscura, el espacio del más allá de nuestro corazón, sino que cuando nosotros introducimos cualquier cosa a la vagina tenemos un tope que realmente es esto es el cuello del útero no hay manera de que la copa se pueda perder o extraviar, no hay manera
Yuya: quizás podría llegar, o sea, realmente sería muy difícil de sacar o no
Julie: Fíjate que sobretodo chavitas muy jóvenes que están como incursionando sus primeras veces me han hablado muy asustadas porque no se pueden retirar la copa y esto es porque acuérdense de la curva que nosotros tenemos y tenemos aquí la copa y tu tratas de jalar así y lo único que va a ocasionar es el cuello se jale si hay una presión negativa, recuerden que siempre hacia el lado ustedes van a bajar con su dedo para quitar esa presión y van a mover poco a poco para que pueda salir por completo super bien, no tengan miedo. (*Corpusvlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁵⁵)

Em (16), as locutoras são uma jovem, Yuya, e uma médica ginecologista, Julie, que estão conversando e tirando dúvidas sobre como usar um copo coletor menstrual de silicone. Yuya comenta que muitas pessoas têm medo de que o copo possa se perder dentro do corpo, ao passo que Julie prontamente responde que isso é impossível devido a questões anatômicas femininas. Yuya, ainda assim, diz que talvez fosse possível chegar a um lugar realmente difícil de retirar e, prontamente, a médica responde – utilizando o MD *fíjate* – que essa dúvida é, de fato, muito comum entre as meninas mais jovens, mas que, ainda assim, é impossível e que a dificuldade de retirar o coletor deve-se à pressão causada pela má colocação do item. Logo, a função de chamada de atenção para a reafirmação de uma informação precedente está evidente, pois a médica continua seu argumento de que o coletor não se perde dentro

⁵⁵Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Jwygi3ecua0>. Acesso em jan. 2021.

do corpo e usa o MD para chamar a atenção da interlocutora sobre o fato de que o medo de o perder no corpo se deve à má colocação do objeto, além de que o único ponto máximo que se pode alcançar com o objeto é o colo do útero. No que tange à forma, podemos perceber que o aglutinado *fijate* está no início do discurso, apresentando a conjugação para *tú* e com o pronome reflexivo *te*, e, em seguida, *que* mais a porção do discurso em que a nova informação que reafirma o que foi dito anteriormente se encontra. O verbo *fijar* está metaforizado, seguindo a ideia de que “fixar é ter atenção plena”, adquirindo mais traços de funções discursivas. Aqui temos também a criação do centro dêitico e a atenção conjunta ativa (Diessel, 2019), pois há a criação de pontos de informação que são necessários para o discurso e que são retomados a partir do MD.

4.2.5. Microconstrução 2.5 – Fijatebien 1

Esta microconstrução – *Fijatebien 1* – trata-se de um padrão diferente dos anteriores por apresentar dois elementos focalizadores: o pronome reflexivo aglutinado ao verbo *fijar* e o advérbio *bien*. Além disso, devido a esses dois elementos, há um reforço no foco que o locutor deseja criar no discurso. A seguir, apresentamos a descrição da forma e da função desta microconstrução e o número de ocorrências no Quadro 13 e na Tabela 13, respectivamente.

Microconstrução 2.5 – <i>Fijate bien 1</i>	
Forma	[[verbo <i>fijar</i> ^{imperativo em P2} + pronome reflexivo + <i>bien</i>] ^{parentético} + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo e reforçado na introdução de uma nova informação importante ao jogo discursivo.

Quadro 14 – Descrição da microconstrução 2.5.

<i>Fíjate bien 1</i>	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
1	4%

Tabela 13 - Número de ocorrências da microconstrução 2.5 no corpus.

A forma desta microconstrução é descrita como [[verbo *fijar*^{imperativo em P2} + pronome reflexivo + *bien*]^{parentético} + porção do discurso], em que temos o verbo *fijar* no modo imperativo em P2 (em quaisquer das conjugações referentes aos pronomes pessoais de P2 do espanhol), aglutinado a um pronome reflexivo de P2 e seguido do advérbio *bien*, com o caráter parentético, e, por fim, por uma porção do discurso.

No que concerne à função, a descrição estabelecida é a de chamada de atenção com foco restritivo e reforçado na introdução de uma nova informação importante ao jogo discursivo. Desse modo, com esse marcador, o locutor pede ao interlocutor que tenha uma atenção redobrada em relação à informação que está sendo posta no discurso. Portanto, por apresentar esse caráter fortemente discursivo e por condicionar a reação do interlocutor, este MD é [+intersubjetivo], nos termos assumidos por Traugott e Dasher (2002). A seguir, apresentamos o excerto 17 a fim de ilustrar esse padrão.

- (18) **Yuya:** y esta también es una gran pregunta ¿cómo colocártela correctamente?
Julie: Fíjate bien, hay tres formas que tú tienes que implementar porque mucha gente se da por vencido la primera, el reto sería no hacer tres intentos, tres meses estrictos, una posibilidad es que lo hagas en forma de C, de esta forma, ahí está, en forma de C, o puedes utilizar tantito lubricante a base de agua, la otra es que metas eso así y que hagas que el angulito sea más pequeño, así, esa para mí es la forma la que yo me lo coloco y así me hace lo más fácil, y la tercera sería como en un 7, doblas y doblas de esta forma, como si fuera un 7, vas a doblar así y luego lo vas a hacer chiquito pa'cá. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁵⁶)

Em (17), as locutoras Yuya e Julie, uma médica ginecologista, estão conversando e tirando dúvidas sobre como usar um copo coletor menstrual de silicone, mais especificamente, a médica explica a Yuya quais são as formas corretas

⁵⁶Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Jwygi3ecua0>. Acesso em jan. 2021.

de colocá-lo. Por se tratar de uma instrução que julga de extrema importância, a médica começa a sua resposta à pergunta de Yuya com o MD *fijatebien*, ou seja, ela pede de antemão a atenção reforçada da interlocutora para que o assunto receba a importância necessária que tem. Em seguida, após dizer que há três formas de colocar o coletor e que a pessoa deve seguir tentando até conseguir achar a forma mais adequada, ela demonstra as possibilidades para que a ilustração seja mais precisa. Nesse MD, o verbo *fijar* também está sob a metáfora “fixar é ter atenção plena”, ou seja, ele passa a ser um verbo com acepção mental cognitiva e ganha mais traços de funções discursivas, as quais são agregadas ao advérbio *bien*. Nessa microconstrução, é possível perceber, também, o processo de analogia em curso, uma vez que o advérbio *bien* é adicionado ao *chunk fijate* para agregar não só na forma, como na função do MD. Nesse sentido, o que está previsto por Brinton (2017) – que os MDs servem como um guia do trânsito discursivo – se aplica satisfatoriamente, isto é, a locutora, baseada na pergunta, pede a atenção reforçada para o assunto importante e guia a interlocutora para a interpretação de que é imprescindível implementar as três formas de tentar colocar o objeto para melhor adaptação. O centro dêitico e a atenção conjunta (Diessel, 2019) estão estabelecidos pelo MD, já que se cria um espaço mental em que as informações podem ser recolhidas e o interlocutor é colocado no discurso como agente de sua interpretação. Além disso, sobre a forma, podemos perceber todos os elementos descritos: verbo *fijar*+ pronome reflexivo + *bien*, seguidos da porção do discurso sobre a qual recai o foco.

4.2.6. Microconstrução 2.6 – A ver 1

Esta microconstrução caracteriza-se pela função de foco dêitico do MD *a ver*. Na língua espanhola, em todas as suas variedades, *a ver* é muito comum com funções discursivas, desempenhando desde funções menos intersubjetivas a mais intersubjetivas. Neste caso, como se trata de uma função dêitica, este padrão é entendido como [-intersubjetivo]. A seguir, apresentamos o Quadro 14, com a descrição de forma e função desta microconstrução, e a Tabela 14, com os dados relativos ao número de ocorrências.

Microconstrução 2.6 – A ver 1	
Forma	[preposição <i>a</i> + verbo <i>ver</i> no infinitivo] ^{parentético} + cláusula]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico a um elemento ou evento da cena.

Quadro 15 – Descrição da microconstrução 2.6.

A ver 1	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
4	16%

Tabela 14 - Número de ocorrências da microconstrução 2.6 no corpus.

A forma desta microconstrução é definida por [preposição *a* + verbo *ver* no infinitivo]^{parentético} + cláusula], em que temos a preposição *a*, seguida do verbo *ver* no infinitivo, seguidos, por sua vez, de uma cláusula em que há o valor de demonstração de um elemento ou evento da cena discursiva.

Sobre a função, a descrição estabelecida é a de chamada de atenção com foco dêitico para um elemento ou evento da cena, isto é, o locutor usa o MD de forma a indicar ou apontar um acontecimento ou um elemento da cena discursiva, guiando o interlocutor para a interpretação pretendida na cena discursiva.

A seguir, nos excertos (18) e (19), ilustramos esta microconstrução.

(19) Para que tengan una idea de todo lo que hemos atravesado, fijense toda esa montaña, venimos de toda esa zona ya y hacia allá está la ciudad de Maracay, amigos. La carretera es bastante difícil, amigos, vi que es estrechita en algunos sitios que no yo no entiendo como pasa un autobús por ahí. **A ver** como passa el autobús. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁵⁷)

⁵⁷Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=q92gHEJkSUY>. Acesso em jan. 2021.

Em (18), o locutor está em uma estrada de terra no interior da Venezuela, onde faz visitas a pontos turísticos. O locutor fala sobre as condições ruins da estrada e sobre como ela é estreita, além de mencionar o fato de entender como pode um ônibus passar por essa estrada. Então, ele chama a atenção dos interlocutores para esse evento: o ônibus tentando passar na estrada estreita e ruim. Logo, o locutor faz uma chamada de atenção dêitica, guiando o olhar do interlocutor para esse evento que, em seu entendimento, é difícil de ocorrer. No que tange à forma do MD, temos a preposição *a*, seguida do verbo *ver* no infinitivo e no início da cláusula, seguidos, por sua vez, de uma cláusula com valor semântico de demonstração. A expressão *a ver* é um *chunk* na língua espanhola e, nesse caso, funciona como marcador discursivo, chamando a atenção para uma situação da cena discursiva, mas também aponta para o próprio discurso e para as inferências sugeridas que o locutor dá, principalmente, quando diz “*no entendo como pasa unautobús por ahí*”. Nesse caso, o verbo *ver* não está metaforizado, e o MD cria um centro dêitico mental (Diessel, 2019), em que as ideias e inferenciais do discurso estão sendo divididas com o interlocutor.

- (20) Alan: danos un tour por loscamerinos
Esván: ¡A ver, vamos! Cuidado aquí conlacabeza. [...] Aquí es elcamerino de loshombres, colectivohombres
Alan: ¿Se puede? Toca, ¿quién está? ¡Qué onda, Iván, saluda! ¿Qué es esto?
Ivan: **A ver**, me ha regalado Carlos
Alan: ¡ay, qué bonita foto! (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁵⁸)

Em (19), temos o locutor Alan, que está passeando pelos bastidores de uma peça de teatro da qual participa como ator. Nesse passeio, ele encontra seus colegas de elenco e pede entrevistas, comentários e impressões. Nesse recorte, ele encontra o colega Esván, que lhe mostra o camarim masculino. Ao entrar no espaço, o locutor Alan encontra outro colega, Ivan, que lhe mostra uma foto. É nesse momento que o MD é usado para focalizar a demonstração da foto. Nesse contexto, Alan pergunta o que é, sem ver muito bem o objeto, e Ivan o pega e mostra para ele com detalhes, utilizando o MD *a ver*; logo depois, diz se tratar de um presente de Carlos. De acordo com Brinton (2017), o MD aqui funciona como um guia de interpretação do discurso e também como uma forma de manter a atenção conjunta (Diessel, 2019), pois o locutor pega a foto, usa o MD para destacá-la, mas, em seguida, adiciona a informação de

⁵⁸Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=mJ0JZc_Pfbc. Acesso em jan. 2023.

que foi um presente de Carlos, como uma forma de guiar o discurso para esse foco de conversa e também criar possibilidades de jogos discursivos diferentes. Assim, a função discursiva do MD é tanto dêitica para um objeto da cena como para o próprio discurso, o que faz com que o centro dêitico (Diessel, 2019) seja criado para que o interlocutor possa acessar as informações e fazer suas próprias inferências.

4.2.7. Microconstrução 2.7 – A ver 2

Esta microconstrução – *A ver 2* – é caracterizada pela função de foco na construção de uma avaliação do locutor, sendo assim, apresenta caráter mais intersubjetivo. No Quadro 15 e na Tabela 15, a seguir, apresentamos, respectivamente, as descrições de forma e função deste padrão e o número de ocorrências no *corpus*.

Microconstrução 2.7 – A ver 2	
Forma	[verbo <i>mirar</i> imperativo em P2 + porção do discurso + (verbo <i>mirar</i> imperativo em P2 + porção do discurso) + [preposição <i>a</i> + verbo <i>ver</i> no infinitivo] ^{parentético} + cláusula avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco na construção da avaliação com relação a um elemento da cena.

Quadro 16 – Descrição da microconstrução 2.7.

A ver 2	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
1	2,7%

Tabela 15 - Número de ocorrências da microconstrução 2.7 no *corpus*.

Para esta microconstrução, a forma estabelecida foi [[verbo *mirar* imperativo em P2 + porção do discurso + (verbo *mirar* imperativo em P2 + porção do discurso) + [preposição *a* + verbo *ver* no infinitivo]^{parentético} + cláusula avaliativa], em que temos,

obrigatoriamente, ao menos, uma ocorrência do verbo *mirar* no modo imperativo em P2, seguido de uma porção do discurso, podendo-se apresentar, subsequentemente, essa mesma forma uma ou mais vezes, dependendo da construção de avaliação do locutor. Após, tem-se a forma parentética da preposição *a* em conjunto com o verbo *ver* no infinitivo e, em seguida, há a presença de uma cláusula avaliativa.

A função estabelece-se como uma chamada de atenção com foco na construção da avaliação em relação a um elemento da cena. Assim, o locutor cria, com o MD, um ambiente discursivo que dá o destaque pretendido à avaliação sobre determinado elemento que compõe a cena discursiva, ao mesmo tempo em que afunila informações até concluir sua avaliação. A seguir, ilustramos esta microconstrução com o excerto 20.

- (21) Gabriel: Bueno, conseguí un puesto para probar el açáí, miren como se escribe con C de cedilla que se pronuncia como una S y tiene acento en la I, açáí, miren como viene ahí miren como está allí, ¿qué es açáí?
Mozo: O açáí é uma fruta típica cá do Brasil.
Gabriel: ¿Una fruta de una parte en especial o en todo?
Mozo: é de uma parte especial, lá de Amazônia. \Gabriel: Es una fruta del Amazonas, es con eso que se hace, es considerada proteína para que sepan, así que para ti está bueno. Miren, normalmente lo comen con maní, pero tiene también muchas otras cosas...
Mozo: leite em pó
Gabriel: tiene maní en polvo, granola y leche en polvo también le echan sirups él me está recomendando de morango que sería de fresa, sirup de fresa y ese pequeño que estoy comprando cuestan cuatro reales con este tipo de cinco lo pago y me queda ya lo vamos a probar, miren, ¡obrigado! Mi primera moneda de Brasil...
Mozo: vai te dar sorte.
Gabriel: obrigado! Ahora vamos a probar esto, a ver, ha sido de fresa, leche en polvo y granola y granola ... ¡muybueno! (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁵⁹)

No excerto (20), o locutor está visitando a cidade do Rio de Janeiro e decide provar açáí. Em um primeiro momento, ele chama a atenção para o modo como se escreve o nome da fruta; em seguida, chama a atenção para o local de venda. Em ambos os casos, utiliza o MD *miren*. Após uma interação com o vendedor, ele explica a seus interlocutores a origem da fruta no Brasil e chama a atenção para o fato de haver outros itens para comê-lo além de amendoim, também utilizando o MD dêitico

⁵⁹Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=9wFihWKSwo>. Acesso em jan. 2021.

miren. Depois de ter feito o seu pedido e de tê-lo recebido e pagado, o locutor demonstra a seus interlocutores o copo de açaí com os tens que solicitou, também usando o MD *miren*. Em seguida, anuncia que provará o conteúdo do copo e utiliza o MD *a ver* para focalizar a sua avaliação, dando o seu veredito final sobre o item que demonstrou curiosidade desde o início do jogo discursivo. Dessa forma, percebemos que, neste excerto, o locutor cria pistas a serem seguidas pelos interlocutores sobre o item a ser avaliado no final, chamando a atenção para diversos elementos: a escrita, a maneira mais comum de comer, a aparência de um copo de açaí etc. para, no fim, dar a sua avaliação sobre este item da culinária brasileira tão curioso a estrangeiros. Os MDs com o verbo *mirar* ainda preservam bastantes traços do verbo pleno, o de apontamento dêitico e uso da visão, mas também apresentam função discursiva, pois, neste excerto, estão funcionando em posição parentética, ou seja, ocorrem em posições não canônicas e perdem alguns traços de sua estrutura argumental. Já o verbo *ver*, do *chunk a ver*, está metaforizado, com o sentido de “ver é experimentar”, pois o locutor usa o verbo para marcar que vai comer e provar o açaí, assim, o verbo ganha acepções que são similares à sua original, que é a de um dos sentidos do corpo. Este excerto, então, corrobora o que Brinton (2017) afirma sobre os MDs funcionarem como placas do trânsito discursivo, já que ocorre essa indicação por parte do locutor acerca do que se deve prestar atenção para que o jogo discursivo tome o rumo pretendido, criando um centro dêitico (Diessel, 2019), em que o interlocutor tem acesso a todas as informações pontuadas no discurso que o ajudam a realizar inferências e conceptualizar o discurso como o locutor indica também por meio do processamento de memória.

4.2.8. Microconstrução 2.8 – A ver 3

Esta microconstrução da língua espanhola – *A ver 3* – se caracteriza pelo foco em uma mudança de perspectiva no discurso. Devido a essa ancoragem altamente discursiva e por criar mais possibilidades inferências sugeridas, esta microconstrução se classifica como [+intersubjetiva]. No Quadro 16, apresentamos a descrição de

forma e função deste padrão e, na Tabela 16, os dados referentes ao número de ocorrências no *corpus*.

Microconstrução 2.8 – A ver 3	
Forma	[porção do discurso + [(elemento contrastivo) + preposição <i>a</i> + verbo <i>ver</i> no infinitivo] + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção para a mudança de perspectiva do assunto tratado no jogo discursivo.

Quadro 17 – Descrição da microconstrução 2.8.

A ver 3	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
5	20%

Tabela 16 – Número de ocorrências da microconstrução 2.8 no corpus

Na forma desta microconstrução, temos [porção do discurso + [(elemento contrastivo) + preposição *a* + verbo *ver* no infinitivo] + porção do discurso], em que, em um primeiro momento, apresenta-se uma porção do discurso em que há a introdução e o desenvolvimento do assunto tratado; em seguida, temos, não obrigatoriamente, um elemento contrastivo – que pode se manifestar como uma conjunção recebendo essa acepção de contraste –, seguido da preposição *a* e do verbo *ver* no infinitivo. Por fim, temos outra porção do discurso, na qual ocorre a mudança de perspectiva do assunto tratado.

A função é descrita como uma chamada de atenção para a mudança de perspectiva do assunto tratado no jogo discursivo. Nesse sentido, essa microconstrução é usada de modo que o locutor realoque a atenção do interlocutor para o ponto a que se quer alcançar com aquele discurso, de modo a reestruturar a linha de raciocínio que está sendo criada e permitir que as intenções do locutor fiquem claras. Vejamos os excertos (21) e (22) a seguir.

(22)Luisito: Amigos míos, vamos a hacer un storytime hablando sobre los robos, los robos, los asaltos que muy tristemente pasan pasan muchísimo pasan mucho más de lo que deberían. Me nacieron las ganas de hablar de este tema porque recientemente a mi papá a mi padre le pasó que lo asaltaron y lo asaltaron feo o sea que lo robaron su coche, mano armada, pistola, el pobre hombre lo golpearon, o sea, porque alguien golpearía un señor de ¿cuántos años tiene? 60, ¿no? 60 y tantos años porque o sea en qué momento un hombre de sesenta años flaquito de mi complexión representa un riesgo como de plano darle unos golpes está muy fea la situación, está muy mala, **a ver**, la idea del video no es que nos pongamos sentimentales ni nada, mi papá la verdad es que cuenta su historia de una manera muy optimista hasta chistosa, mi papá es un poco como yo, es muy optimista muy positivo, pero si te cuentas su historia como que “no que pues yo estaba esperando y en esto llegaron dos hombres con pistola y me empezaron a pegar y me aventaron del coche y rodé por la calle” así de optimista te lo cuenta, pero la verdad es que es una situación muy fea, es triste que pase, en la verdad, cuidense amigos estense con cuidado por las calles. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁶⁰)

Em (21), o locutor, Luisito, decide falar com seus interlocutores, inscritos em seu canal do YouTube, sobre roubos, contando-lhes uma história triste e traumática de seu pai, que foi roubado e agredido. Luisito dá os detalhes dessa história, relatando como ocorreu o roubo, informando o que fizeram com o seu pai e se indignando com a falta de segurança de seu país e com a crueldade dos assaltantes com o senhor de sessenta anos. Nesse contexto, ele usa o MD *a ver* para chamar a atenção dos interlocutores para o real motivo de iniciar o assunto do vídeo, que é o de apenas falar sobre roubos, e não de levar os interlocutores a sentirem pena de seu pai, que, segundo ele, já está recuperado do trauma e até contando essa história com certo despreendimento. No que se refere à forma, temos a primeira porção do discurso, em que se inicia o assunto do roubo do pai; em seguida, temos a preposição *a* e o verbo *ver* no infinitivo; por fim, temos a porção do discurso final. Nessa porção do discurso final, há a mudança de perspectiva do assunto, pois, em um primeiro momento, como se trata de uma situação traumática e indignante, o assunto se desenrola nessa perspectiva, a qual não é a pretendida pelo locutor no discurso; então, o uso do marcador chama a atenção para essa mudança de sentido no desenrolar da interação. Nesse ponto, a função do MD está de acordo com duas afirmações de Brinton (2017): a de que os MDs atuam como guia de interpretação do discurso e a de que os MDs não são obrigatórios sintaticamente no discurso, mas pragmaticamente necessários,

⁶⁰Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=KqsXjJ3gxcl>. Acesso em jan. 2021.

de modo que o discurso soe fluido e não dogmático. Nesse caso, para que o interlocutor não receba a mudança de perspectiva de forma brusca e possa acompanhar as intenções do locutor. Além disso, o verbo *ver* nesse MD está metaforizado com a ideia de que “ver é compreender”, pois o locutor quer que seu interlocutor compreenda a situação da qual está falando. O MD também funciona aqui como um acionador do centro dêitico (Diessel, 2019), pois ele divide o discurso em dois momentos, assim, estabelece-se também a atenção conjunta.

(23)Luisito: La primera vez que fui asaltado, que me robaron... la primera vez que me robaron, **y a ver**, vamos abrir un gran paréntesis aquí de que realmente es robar pero yo me sentí super asaltado, así sentí que me asaltaron y curiosamente fue un policía, de verdad, así esas cosas pasan en mi país, que la primera vez que me sentí robado, que me sentí asaltado fue por un policía. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁶¹)

Em (22), Luisito, o locutor, está falando a seus interlocutores sobre a primeira vez que se sentiu roubado. Ele começa falando da primeira vez que foi roubado e logo usa o marcador *y a ver* para chamar a atenção dos locutores para o que é que se entende por “ser realmente roubado”. Em seguida, relata a vez que foi subornado por um policial de seu próprio país. No que diz respeito à forma, temos todos os elementos presentes, incluindo o elemento contrastivo opcional (nesse caso, a conjunção aditiva *y*, que desempenha um valor contrastivo no discurso). No que se refere à função, primeiramente, o locutor afirma que foi roubado e, ao usar o marcador, ele chama a atenção para a questão do que é ser, de fato, roubado e muda para a perspectiva de que ele se sentiu roubado nessa situação que vivenciou com o policial. Aqui, então, é possível perceber que o locutor protege sua face, conforme Goffman (1967), ao reavaliar o significado de roubar, já que trata de uma situação vivida com um agente da lei e, então, guia o locutor ao convencimento de que ele se sentiu roubado na situação. Ao proteger-se, o uso do MD abre também um centro dêitico e estabelece a atenção conjunta (Diessel, 2019), guiando o interlocutor para a interpretação pretendida com o discurso (Brinton, 2017). Aqui, o verbo *ver* também se encontra

⁶¹Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=KqsXjJ3gxcl>. Acesso em jan. 2021.

metaforizado com a ideia de que “ver é compreender”; além disso, há um maior desprendimento da estrutura sintática nessa microconstrução, bem como se percebe o processo de analogia (Bybee, 2010) acontecer, com a inclusão de um novo componente na forma, ainda que alternativo, que pode resultar em um novo *chunking*.

4.2.9. Microconstrução 2.9 – A ver 4

Esta microconstrução se caracteriza pelo foco em uma explicação avaliativa, isto é, pela inserção de uma nova informação ao discurso que contém uma avaliação do locutor. Por se tratar de um padrão que precisa de maior envolvimento do interlocutor no discurso, entendemo-lo como [+intersubjetivo]. Abaixo, no Quadro 17 e na Tabela 17, apresentamos as descrições de forma e função e também as informações acerca do número de ocorrências identificado no *corpus*.

Microconstrução 2.9 – A ver 4	
Forma	[porção do discurso + a <i>ver</i> ^{parentético} + cláusula explicativa]
Função	Chamada de atenção com foco em uma explicação avaliativa dada sobre um elemento do discurso.

Quadro 18 – Descrição da microconstrução 2.9.

A ver 4	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
3	12%

Tabela 17 – Número de ocorrências da microconstrução 2.9 no corpus

A forma desta microconstrução está descrita como [porção do discurso + a *ver*^{parentético} + cláusula explicativa], em que temos a porção do discurso anterior seguida do *chunk* formado por preposição *a* e verbo *ver*^{parentético}, acompanhados de uma cláusula explicativa re-explicativa. A função classifica-se como uma chamada de atenção com foco em uma explicação avaliativa dada sobre um elemento do discurso,

em que o MD serve para chamar a atenção do interlocutor para a explicação que será dada a seguir, seja ela sobre um elemento já mencionado ou não, de modo a avaliá-la. A seguir, nos excertos (23) e (24), ilustramos esse padrão.

(24)Luisito:Tierra firme, tierra firme, a explorar, a explorar lasentrañasdel mercado y, **a ver**, entendamos que este es un mercado muy grande tiene una superficie de digamos, aproximemos unos 5 kilómetroscuadrados.(*Corpus oral vlogs YouTube* – anos 2019 a 2022⁶²)

Nesse excerto (23), o locutor, Luisito, está em uma viagem pela Amazônia peruana e passeia pelo local de barco, um dos únicos meios de transportes disponíveis, chegando a um mercado da cidade. Ao chegar ao mercado, ele diz que vai explorá-lo, mas, antes de continuar a falar sobre a exploração, Luisito interrompe seu discurso com o MD e adiciona a explicação sobre o mercado, indicando que tipo de exploração o seu interlocutor pode esperar, que tipo de coisas e que tipo de mercado será apresentado, a partir da avaliação que ele dá. O MD tem a função, então, de por foco nessa explicação, colocando o interlocutor de volta no jogo discursivo, isto é, fazendo com que ele seja guiado na interação sem que se perca o fluxo e lhe permitindo entender e acompanhar todos os pontos discutidos. Essa função de guia do trânsito discursivo está em consonância com os pressupostos assumidos por Brinton (2017), que prevê que os MDs são recursos linguísticos de encaminhamento discursivo, que servem para indicar o caminho que o discurso está a tomar. Essa condução discursiva é possibilitada pelos processos cognitivos de domínio geral, como a atenção conjunta e centro dêitico (Diessel, 2019), que são estabelecidos ao longo do discurso e reforçados pelo uso do MD. Outro ponto é que o verbo *ver* está metaforizado no *chunk a ver*, tendo o significado de “ver é compreender”, inclusive, esta metáfora é reforçada pela porção do discurso precedente com o verbo no imperativo *entendamos*.

(25)**Luisito:** nos encontramos explorando la selva amazónica peruana, yalosabe, en esta ocasión en la ciudad de Iquitos en el barrio de Belén, que es uno de sus más grandes barrios con una población de arriba de cien mil personas y podemos ver que la mayoría de las casas están construidas en altura o de manera flotante porque aquí se sigue el nivel del Río que varía muchísimo, recordemos que esta es la selva inundable y justo en este barrio está el mercado de Belén en el cual se puede analizar gran parte de la sociedad de Iquitos, **a ver**, Iquitos, es una ciudad,

⁶²Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=L3bp3IJScXU>. Acesso em jan. 2023.

ludiré como es caótica, quéhay mucha gente. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁶³)

Em (24), o locutor, Luisito, fala sobre sua viagem à Amazônia, comentando sobre a cidade e o bairro onde está e deixando explicado cada detalhe para que o interlocutor tome consciência deles. Ao final, Luisito usa o MD *a ver* para realizar uma explicação sobre Iquitos e deixar sua avaliação explícita sobre ela junto. O uso do MD se dá como um guia para essa interpretação, pois, num primeiro momento, Luisito fala de todos os detalhes da cidade que está vendo e, somente ao final de seu discurso, ele chama atenção para esse outro ponto do discurso. O que o locutor faz é construir um ambiente discursivo de atenção conjunta (Diessel, 2019), construindo o cenário da cidade e dando detalhes da paisagem que vê. Nesse contexto, somente ao final, o locutor chama atenção para o fato de a cidade ser caótica; ele elenca, então, todos os pontos, deixando que o interlocutor perceba esse caos. Mas, somente ao final, ele introduz essa informação, como uma explicação acerca do que vê. Assim, o MD é usado para chamar a atenção do interlocutor para a explicação, mas também para guiá-lo à interpretação pretendida (Brinton, 2017) e proteger sua face (Goffman, 1967).

4.2.10. Microconstrução 2.10 – *Mire nada más* 1

O último padrão microconstrucional de língua espanhola – *mire nada más*– se caracteriza pelo foco dêitico e restritivo acerca de um determinado elemento da cena discursiva. Este é o único padrão que apresenta os elementos focalizadores *nada* e *más*, os quais, juntos, criam um foco restritivo parecido com aquele presente nos padrões de língua portuguesa que contam com a presença do advérbio *só*. A seguir, no Quadro 18, apresentamos as descrições de forma e função dessa microconstrução, bem como, na Tabela 18, ilustramos os dados referentes ao número de ocorrências.

⁶³Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=L3bp3lJScXU>. Acesso em jan. 2023.

Microconstrução 2.10 – <i>Mire nada más 1</i>	
Forma	[cláusula com valor demonstrativo + [verbo <i>mirar</i> imperativo em P2 + [<i>nada más</i>]]parentético]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico e restritivo em um determinado elemento da cena.

Quadro 19 – Descrição da microconstrução 2.10

<i>Mire nada más 1</i>	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LE.
3	12%

Tabela 18 – Número de ocorrências da microconstrução 2.10 no corpus

No quadro 18, temos a descrição da forma desse padrão, a qual está como [cláusula com valor demonstrativo + [verbo *mirar* imperativo em P2 + [*nada más*]]parentético], em que há uma cláusula que apresenta a demonstração de algum elemento no discurso seguido do verbo *mirar* no modo imperativo em segunda pessoa do discurso; há ainda o pronome indefinido *nada* seguido do advérbio *más*, podendo ocorrer de modo parentético. A função está descrita como uma chamada de atenção com foco dêitico e restritivo em relação a um determinado elemento da cena, em que o locutor usa o MD de modo a focalizar esse elemento visual da cena discursiva, fazendo que todo o foco recaia sobre ela.

A seguir, nos excertos (25) e (26), apresentamos duas ocorrências representativas deste padrão microconstrucional.

- (26)Alan:Damas y caballeros, estamos afuera del teatro Ramiro Jimenez ahí miren nada más!Nuestra marquesina Siete Veces Adiós con este equipo creativola que que hace creativo solo la que hacen, oye, como se sienten?
Mujer:Felices!
Hombre 1: contentos, emocionados, nerviosos, muy nerviosos,
Alan:bueno, yo nervioso.
Hombre 2: sí, yo estoy nervioso aquí también.
(*Corpus oral vlogs YouTube –anos 2019 a 2022*⁶⁴)

⁶⁴Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=mJ0JZc_Pfbc. Acesso em jan. 2023.

Em (25), o locutor Alan está do lado de fora de um teatro no México e mostra a seus interlocutores a fachada, solicitando que eles olhem para ela e para nada além dela. O MD, usado ao final da cláusula, pede uma contemplação restrita do elemento da cena que já foi mencionado anteriormente e, por isso, lança-se o foco sobre ele. O teatro é tido como muito importante para o locutor, pois, no dia da gravação do vídeo, era a estreia de uma de suas peças. Nesse contexto, o uso do MD dá esse destaque ao teatro e guia o interlocutor para a interpretação de que há uma importância muito grande em tudo o que vai ser dito sobre o teatro (Brinton, 2017). E, sob essa perspectiva, a expressão *nada más* cria essa restrição absoluta devido à sua aceção altamente restritiva e também focalizadora, por restringir o ponto de foco e por reforçar a atenção conjunta (Diessel, 2019) para esse ponto. Aqui, o verbo *mirar* não está metaforizado, mas apresenta traços de função discursivas, ao apontar deiticamente para um elemento real da cena e para o próprio discurso. Outro ponto de destaque se dá ao *chunk mira nada más*, que apresenta o processamento analógico em que o verbo *mirar* ganha mais elementos a sua forma (*nada más*) que agregam ao seu valor funcional na construção.

- (27) **Alan:** los establecimientos dentro de los hoteles son los únicos en el país con licencia para vender alcohol, así que, mientras las calles de Doha estaban vacías durante el día, en los restaurantes y bares de los hoteles no cabían ni un alma. **Miren nada más** lo que no se podía, se pudo, se pudo, un pedazo de México en Qatar, salucita, salucita. (Corpus oral vlogs YouTube – años 2019 a 2022⁶⁵)

Em (26), o locutor Alan está em uma viagem pelo Qatar durante a copa do mundo de futebol masculino de 2022. Qatar é um país com muitas restrições em relação ao consumo de álcool e, devido à copa, teve que abrir algumas exceções para que os turistas se sentissem à vontade durante sua visita ao país. O locutor nos dá essa explicação no vídeo e, em seguida, mostra um balde com garrafas de cerveja de uma marca famosa mexicana, usando o MD para chamar a atenção e para focalizar esses elementos da cena discursiva. Temos, nesse excerto, todos os elementos da forma: *miren nada más* parentético, ocorrendo no início da cláusula, e a cláusula com valor

⁶⁵Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=7wxx4_j2x7A&t=126s. Acesso em jan. 2023.

demonstrativo (*unpedazo de México en Qatar*), além de uma referência ao discurso anterior (*lo que no se podía, se pudo*), sinalizando a proibição do consumo de álcool. Aqui, percebemos que o MD aponta tanto para um elemento real da cena quanto para o próprio discurso, principalmente quando não há uma menção explícita às cervejas, tendo o interlocutor que realizar mais inferências e também se apoiar na atenção conjunta e no centro dêitico (Diessel, 2019) estabelecidos. Logo, o MD tem a intenção de dar destaque às cervejas que estão na cena, mas, principalmente, tem o objetivo de atuar como guia de interpretação do discurso (Brinton, 2017), pois o locutor mostra que as mudanças de regra em relação ao consumo de álcool no país estão sendo cumpridas.

4.2.11. Conclusões

Nesta segunda seção do Capítulo IV, apresentamos os padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores de língua espanhola identificados no *corpus*. Conforme já mencionado, esse *corpus* é constituído por vídeos do gênero *vlog* retirados da plataforma YouTube, constituindo, portanto, um *corpus* oral de dados reais de fala representativa de falantes da língua espanhola, principalmente da variedade hispano-americana. Conforme demonstrado, identificamos dez padrões microconstrucionais, formados pelos verbos de percepção *ver*, *mirar* e *fijar*. Com esses padrões, pudemos perceber que, na língua espanhola, assim como na língua portuguesa, foco da seção anterior, os verbos de percepção são recrutados pelos falantes para desempenhar funções discursivas complexas, com caráter cada vez mais intersubjetivo.

Com os MDs de língua espanhola, pudemos perceber que os elementos focalizadores recrutados para formar um marcador são de natureza distinta dos que foram identificados na língua portuguesa. Em espanhol, temos a preposição *a*, que indica movimento, ordem e ideia de futuro, e também os pronomes reflexivos aglutinados ao verbo *fijar*. Além disso, o dicionário da RAE prevê que a construção *a ver* é um coloquialismo, dando significados como expressão de surpresa ou de “pedir algo que se quer reconhecer”, porém nada menciona sobre sua função discursiva. Essas informações nos indicam que os falantes da língua espanhola conceptualizam

o modo de focalizar diferentemente dos falantes de língua portuguesa, já que os *hispanohablantes* preferem focar na recepção do indivíduo, que é o interlocutor (uso do pronome reflexivo), e na ideia de ordem ou pedido (uso da preposição *a*).

Porém, em um único padrão, encontra-se uma similaridade de elementos focalizadores em relação aos da língua portuguesa: o uso de *nada más* para foco restritivo. Temos, então, o uso do pronome indefinido *nada* seguido do advérbio *más*, formando uma expressão restritiva com significado, em português, relativo a “nada além de”, que pode ser comparado ao uso restritivo de *só*. Essa similaridade demonstra que os falantes de espanhol também sentem a necessidade cognitiva de realizar o foco restritivo, buscando estratégias e unidades lexicais na sua língua para conseguirem realizá-lo, isto é, o princípio cognitivo de domínio geral nas duas línguas seria o mesmo.

Outro ponto se refere às similaridades nos padrões das duas línguas: ambas apresentam um *continuum* de intersubjetividade no uso dos MDs, passando de usos dêiticos a usos com funções com caráter altamente discursivo para as mesmas construções base, contudo, assim como nos MDs de língua portuguesa, não é possível classificar em ordem de intersubjetividade, mas apenas como mais ou menos intersubjetivas. Além disso, a função principal percebida é que o uso de MD em ambas as línguas visa a guiar o interlocutor para uma interpretação pretendida do discurso, apontando as direções que o discurso deve tomar para que a atenção e o foco estejam direcionados aos pontos pretendidos no jogo discursivo, conforme aponta Brinton (2017), e buscando estabelecer um espaço cognitivo de atenção conjunta (Diessel, 2019).

Sendo assim, os processos cognitivos que estão associados aos MDs focalizadores da língua espanhola também são os mesmos que os de língua portuguesa. Em primeiro lugar, destacamos a cognição social (Diessel, 2019) que, segundo o autor, trata-se da atenção conjunta e do *common ground*, que, brevemente, dizem respeito a fenômenos cognitivos de domínio geral cujas bases são a interação social e o estabelecimento de alinhamentos para uma mesma perspectiva da interação entre os participantes. Os MDs, então, são recrutados pelos falantes para estabelecer essas necessidades de foco num mesmo ponto discursivo e de um compartilhamento de ideias, sendo essa a base cognitiva principal de seus usos. Em segundo lugar, destaca-se a conceptualização, pois esse conceito trata-se do

significado que é moldado pelo processo cognitivo de estruturação da experiência, ou seja, das unidades lexicais que são recrutadas para exercer funções discursivas. Nesse sentido, no espanhol, também há um recrutamento de verbos de percepção visual para exercer tais funções, alguns deles metaforizados e outros não. Aqueles já metaforizados tendem a se desprender de sua acepção original e terem funções discursivas mais fortes, ao passo que os que ainda mantêm traços da acepção original estão com funções com menos traços discursivos e intersubjetivos. Além disso, o espanhol tem o verbo *fijar* que, em seus usos como MD, sempre está metaforizado. Outro ponto diz respeito aos elementos focalizadores que, no espanhol, se diferem do português, como já mencionado, logo, o foco e a distinção de figura e fundo são conceptualizados de maneira diferente, focando principalmente no interlocutor.

Destacam-se também a analogia e o *chunking* (Bybee, 2010). O primeiro se destaca pela grande variedade de elementos focalizadores que podem ser agregados via analogia aos MDs. Por se tratar de pronomes reflexivos em alguns casos, o falante, via pensamento analógico, entende que, dependendo do seu interlocutor, pode mudar o pronome e adiciona novas possibilidades de formas aos MDs. E o *chunking* é claro ao percebermos que o espanhol já tem algumas unidades de processamento nítidas às quais outras unidades lexicais se agregam para formar novos padrões microconstrucionais.

Com relação à LFCU e à abordagem construcional da mudança, os MDs da língua espanhola analisados aqui também podem ser considerados microconstruções, pois apresentam forma e função delimitadas, sendo resultados de processos de mudança linguística e apresentando as três propriedades das construções, segundo Traugott e Trousdale (2013): i) esquematicidade, pois apresentam certo grau de generalidade e apontam para caminhos de replicação para construções análogas e similares; ii) produtividade, já que muitos dos padrões, só no *corpus* utilizado para esse estudo, demonstram uma frequência considerável e indicam que há regularidade e extensibilidade e iii) composicionalidade, uma vez que há certa transparência entre forma e função, por exemplo, na microconstrução *Mire nada más 1*, em que ocorre um foco dêtico restritivo.

4.3. Padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores identificados no *corpus* de língua francesa

Nesta seção, apresentaremos e analisaremos os padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores de língua francesa que foram identificados no *corpus* até o momento, a saber: i) *voici*; ii) *voilà*; iii) *tu vois*; iv) *tu sais*; e v) *tu imagines*. Apesar de haver a possibilidade de ocorrer um padrão como *tu vois* com o pronome de segunda pessoa *vous*, tanto para forma plural quanto para a formal – como em *vousvoyez* –, nenhuma ocorrência com essa forma foi identificada.

Além disso, identificamos oito padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores da língua francesa, distribuídos da seguinte maneira: um deles apresenta *voici* ou *voilà* na sua forma, cinco apresentam a preposição *voilà* em sua forma e, por fim, um padrão apenas apresenta formas com o pronome *tu* seguido dos verbos *vois*, *sais* e *imagines*, totalizando 41 ocorrências em língua francesa.

4.3.1. Microconstrução 3.1 – *Voici/voilà*

Esta microconstrução – *voici/voilà* – é o primeiro padrão a ser descrito e se encontra mais à esquerda em um *continuum* de intersubjetividade. Com um total de duas ocorrências, este padrão é caracterizado pelo foco dêitico, isto é, é utilizado para indicar, no discurso, um elemento da cena, seja ele físico ou não. Vejamos a seguir, no Quadro 19, a descrição da forma e da função deste padrão e, na Tabela 19, os dados relativos ao número de ocorrências.

Microconstrução 3.1 – <i>Voici/voilà</i>	
Forma	[porção do discurso + [<i>voici/voilà</i>] ^{parentético}] + cláusula]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico e restrito em relação a um elemento da cena discursiva previamente mencionado.

Quadro 20 – Descrição da microconstrução 3.1.

Voici/voilà	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
5	12,2%

Tabela 19 – Número de ocorrências da microconstrução 3.1 no corpus

De acordo com o Quadro 19, a descrição da forma desta microconstrução é [porção do discurso + [*voici/voilà*]^{parentético} + cláusula], em que temos uma porção do discurso seguida de ou *voici* ou *voilà*, os quais apresentam caráter parentético, podendo ocorrer no início, no meio ou no fim da cláusula que encerra a forma. A cláusula pode apresentar valor demonstrativo, podendo conter pronomes demonstrativos ou construções verbais que indicam a existência de algo, uma vez que se trata de um padrão de foco dêitico.

Já a função é descrita como uma chamada de atenção com foco dêitico e restrito em relação a um elemento da cena discursiva previamente mencionado, pois o locutor faz uso deste padrão para apontar um elemento da cena discursiva do qual já se falava anteriormente de forma indireta na porção do discurso. Por isso, o foco, nesse caso, também é restrito, pois os locativos *ici* e *là*, aglutinados às preposições francesas, restringem o foco ao mesmo tempo em que fazem referência ao que foi dito na porção do discurso. Vejamos as ocorrências (27) e (28) a seguir:

(27) Coucou, nous sommes aujourd'hui mardi je vous ai pas donné au courant de ce que je faisais je me suis réveillée je me suis préparée et là il est 10 heures et j'ai rendez-vous chez le coiffeur chez Birchbox on voit pas mais bref c'est là ils ont ouvert un salon et du coup j'y vais et je pense que je vais me faire un balayage je sais pas trop comment je vais faire mais bravo [...] Bon, il y a un petit fail la boutique que je vous ai dit la boutique genre ça ouvre à onze heures du coup j'étais comme ça en train d'essayer de me faillait qu'ils n'en voient du coup j'ai dit j'ai un rendez-vous brest et anti hall je dois faire des digicodes [...] Du coup, **voici** le résultat j'arrive pas bien vous montrer c'est trop beau genre c'est bon bah c'est trop beau, j'arrive pas à vous montrer la vraie couleur mais en vrai c'est trop beau. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁶⁶)

⁶⁶Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejcb7QEr83tQY>. Acesso em jan. 2020.

Em (27), a locutora está na cidade de Paris e diz a seus interlocutores que tem uma hora marcada para ir ao cabelereiro, onde ela diz que pensa em fazer uma balaiagem. Ela se confunde com relação à hora marcada e à hora que o salão abre e encontra o estabelecimento fechado, porém ela descobre que deveria chamá-los para poder entrar. Ela entra e começa o procedimento. Assim que sai, ela demonstra o resultado do procedimento aos seus interlocutores, chamando a atenção para seu cabelo e para a nova cor que eles têm. Nesse excerto, é possível verificarmos todos os elementos da forma: a porção do discurso, *voici* – que se encontra no início da cláusula – e a cláusula com valor demonstrativo. No que tange à função, a locutora chama atenção para um elemento da cena discursiva que já havia sido, de certa forma, mencionado antes, ou seja, ela chama atenção para o resultado do procedimento, sendo que, anteriormente, ela já havia mencionado o procedimento e também suas dúvidas de como seria feito. O MD, então, é utilizado para guiar o interlocutor para a interpretação pretendida (Brinton, 2017) e para criar um centro dêitico, estabelecendo a atenção conjunta (Diessel, 2019) por conta dos elementos já postos que levam à finalização do discurso, em que se encontra o MD, colocando o interlocutor a par do jogo discursivo, como agente de suas inferências e interpretações. Além disso, como já mencionado no Capítulo II, a forma *voici* já está gramaticalizada, sendo resultado da junção do verbo *voir* com o locativo *ici*. Essa forma gramaticalizada tem o status de preposição na gramática normativa francesa, mas apresenta funções discursivas no uso cotidiano da língua. Essa forma gramaticalizada se assemelha à forma encontrada em português *olha aqui*, o que indica um processo parecido de conceptualização, nas duas línguas, no que se refere à junção de um verbo de percepção visual com um locativo para funcionarem como MD focalizadores dêiticos.

(28) Alors, le gars je suis arrivée dans l'hôtel j'ai jamais vu ça, je me sens dans un conte de fées, c'est énorme : il ya des porties de ahh c'est un truc de ouf et moi je suis en jogging je suis hyper content je suis arrivée en jogging [...] il faut que je me change parce que je ne veux pas faire un shooting comme ça [...] C'est mieux comme ça en ce moment c'est trop on a tenu pour moi. **Voilà** arrivée on va faire l'interview ici. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁶⁷)

⁶⁷Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejcb7QEr83tQY>. Acesso em jan. 2020.

Neste excerto, a locutora acaba de chegar à cidade de Paris e se hospeda em um hotel aparentemente requintado, padrão com que ela não está acostumada. Ela menciona que está de roupas inadequadas para fazer uma gravação (*shooting*) e que precisa se trocar para melhor se apresentar para tal evento. Após a troca de roupas, ela anuncia sua chegada ao local da entrevista de frente a um espelho utilizando o MD *voilà*. Com relação à forma, podemos perceber todos os elementos: porção do discurso, *voilà* cláusula como valor demonstrativo. Já com relação à função, a locutora chama a atenção dos locutores para a sua chegada. Logo, o elemento da cena é ela mesma chegando ao local da entrevista, a qual já havia sido mencionada antes por meio do termo gravação (*shooting*). Assim, o MD faz referência tanto à gravação quanto à chegada, com o foco sendo restrito à chegada no lugar marcado, funcionando como um guia da interpretação do discurso (Brinton, 2017), pois se constrói um cenário, e o MD faz sua função discursiva catafórica e anafórica, apontando tanto para a cena real quanto para o discurso e mantendo a atenção conjunta e o centro dêitico estabelecidos (Diessel, 2019). Como *voilà* e *voici* são formas já gramaticalizadas que têm significados parecidos, o processo de analogia (Bybee, 2010) é percebido aqui, pois uma forma pode ser usada com as mesmas funções que a outra, demonstrando a extensibilidade dessa construção, bem como um aparente *chunk* sendo estabelecido.

4.3.2. Microconstrução 3.2 – *Voilà* 1

Esta microconstrução – *Voilà* 1 – é caracterizada pelo foco restrito, conclusivo e dêitico discursivo, ou seja, o locutor a utiliza de modo a apontar e concluir uma informação compartilhada no discurso. Como se trata de um apontamento puramente discursivo, este padrão é [+intersubjetivo] que o anterior. Este padrão, até o momento, apresenta, no total, cinco ocorrências no *corpus* analisado. A seguir, no Quadro 20, demonstramos a descrição de forma e função desta microconstrução. Em seguida, por meio da Tabela 20, apresentamos os dados relativos ao número de ocorrências.

Microconstrução 3.2 – Voilà 1	
Forma	[porção do discurso + [voilà]]
Função	Chamada de atenção com foco restrito, conclusivo e dêitico em relação a um assunto do discurso.

Quadro 21 – Descrição da microconstrução 3.2.

Voilà 1	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no corpus de LF
5	12,2%

Tabela 20 – Número de ocorrências da microconstrução 3.2 no corpus

Conforme consta no Quadro 15, a forma desta microconstrução é [porção do discurso + [voilà]], na qual temos uma porção do discurso em que o tópico discursivo é tratado. Em seguida, temos a preposição *voilà*, ocorrendo sempre em posição final. Com relação à função, descrevemo-la como uma chamada de atenção com foco restrito, conclusivo e dêitico em relação a um assunto do discurso, pois o locutor, ao fazer uso deste padrão, realiza um apontamento conclusivo em relação a uma informação já mencionada na porção do discurso precedente. Desse modo, é realizado um destaque nessa informação que o locutor julga importante para o jogo discursivo.

Para ilustrar este padrão, vejamos, a seguir, os excertos (29) e (30), retirados do *corpus*.

(29) Dr. Nozman: Salut à tous, ici Nozman, aujourd'hui je vous vais parler d'un truc dont on entend peu parler depuis quelques mois, aux infos et tout... le covid, **voilà**. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁶⁸)

⁶⁸Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=eNu4u9ic-Rk>. Acesso em jan. 2021.

Em (29), o locutor é um *youtuber* cujos conteúdos são majoritariamente sobre ciência, saúde e educação. Nesse vídeo, ele trata da COVID-19, mais especificamente, da sua experiência em ter contraído a doença ainda no ano de 2020. Neste excerto, especificamente, começando o seu vídeo, ele indica qual será o assunto tratado “le covid” e, logo após, usa o MD *voilà*. Assim, o MD aqui é utilizado para chamar a atenção para o assunto principal do vídeo, que foi dito anteriormente, também de modo a concluir a introdução e de restringir o foco no assunto. É possível percebermos que o advérbio *là*, aglutinado à preposição francesa, é um agente focalizador, uma vez que faz referência discursiva à informação que já havia sido mencionada, reforçando a ideia de que o discurso é um espaço e o que está mais distante do locutor, ou seja, a informação já dita, é retomada com um locativo que demonstra distância. Assim, serve como um guia de como o interlocutor deve conceptualizar o discurso, que será majoritariamente sobre a doença mencionada. Com relação à forma, temos todos os elementos: a porção do discurso, na qual se encontra a informação focalizada, e *voilà* em posição final. A preposição gramaticalizada *voilà* ganha um status de metaforização (em que “discurso é lugar”), pois ela é usada para apontar um elemento dêitico físico em algum lugar, porém, nesse padrão, ela é usada como MD para apontar discursivamente uma informação, algo que não é palpável, ainda que o traço dêitico permaneça. O MD também marca a atenção conjunta e o centro dêitico estabelecido (Diessel, 2019), criando um espaço mental em que as informações são postas ao interlocutor para que ele consiga fazer suas inferências do discurso.

(30) Nathan: Est-ce que c’est autorisé de commencer un vlog dans le lit ? Je ne sais pas ! Hello à tous, j’espère que vous allez bien, je viens de me réveiller, non je viens pas de me réveiller, franchement, en fait, j’ai reçu un petit colis et j’ai commandé un pair de chaussures aussi qui a arrivé et ça m’a réveillé, **voilà**. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁶⁹)

Neste excerto, o locutor, Nathan, está gravando o *vlog* de sua cama e se justifica dizendo que o motivo se deve ao fato de ele ter acabado de acordar. Depois, ele se corrige e diz que, na verdade, não tinha acabado de acordar, mas sim que

⁶⁹Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=cFXbPz33tQY>. Acesso em jan. 2022.

recebeu algumas encomendas pelo correio e que isso é o que o teria acordado. Após essa justificativa, ele usa o MD *voilà* de modo a restringir a informação de que a chegada do correio o teria acordado com a intenção de chamar atenção para ela e de concluir a introdução de seu vídeo. Assim como em (30), neste excerto, o locativo *là* também faz referência à informação que já havia sido compartilhada anteriormente, focalizando a justificativa de ainda estar na cama, criando assim um *common ground*. Podemos perceber que, conforme Brinton (2017), o locutor guia o seu interlocutor para a interpretação de que não acordou naquele momento, apresentando a sua justificativa. E, ao fazê-lo, também protege sua face (Goffman, 1967), já que, como ele mesmo diz, não sabe se “é autorizado” ou não a fazer um *vlog* estando em sua cama. Ainda, com relação à forma, também podemos perceber aqui a porção do discurso em que há a informação focalizada e, em seguida, o termo *voilà* em posição final, o qual também apresenta status de metaforizado, em que “discurso é lugar” devido a essa retomada discursiva.

4.3.3. Microconstrução 3.3 – *Voilà*2

Este padrão microconstrucional – *Voilà* 2 – é caracterizado pela chamada de atenção com foco em uma avaliação, tratando-se, pois, de uma construção [+intersubjetiva] que as anteriores. Até o momento, no *corpus* analisado, foram registradas três ocorrências deste padrão. No Quadro 21, a seguir, veremos as descrições de forma e função do padrão e, na Tabela 21, os dados referentes ao número de ocorrências.

Microconstrução 3.3 – <i>Voilà</i> 2	
Forma	[porção do discurso + cláusula avaliativa + (MD conclusivo) + [<i>voilà</i> ^{parentético}]]
Função	Chamada de atenção com foco restrito na avaliação sobre um determinado elemento da cena discursiva já mencionado

Quadro 22 – Descrição da microconstrução 3.3.

Voilà 2	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
3	7,3%

Tabela 21 – Número de ocorrências da microconstrução 3.3 no corpus

No Quadro 21, temos que a descrição da forma deste padrão é [porção do discurso + cláusula avaliativa + (MD conclusivo) + [*voilà*^{parentético}]], cujos componentes são inicialmente uma porção do discurso e uma cláusula avaliativa, na qual pode ocorrer o uso de adjetivos para classificar um determinado elemento da cena discursiva ou uma construção mais complexa de marcação de opinião, tal como *je pense que* ou *je crois que* etc.. Em seguida, temos um MD conclusivo (*alors, bref, donc*⁷⁰ etc.) opcional, marcado na descrição da forma com parênteses, e, por fim, temos *voilà* com caráter parentético, ou seja, ele pode ocorrer no início, no meio ou no final da cláusula avaliativa para a qual chama a atenção.

Sobre a função, a descrição no Quadro 21 é a de chamada de atenção com foco restrito na avaliação sobre um determinado elemento da cena discursiva, isto é, o locutor aponta para a cena discursiva e restringe o foco na avaliação que faz sobre um determinado elemento da cena, deixando que o foco do interlocutor recaia sobre essa avaliação e que ele seja guiado a interpretação desejada. A fim de exemplificar este padrão, vejamos os excertos (31) e (32) a seguir.

(31) Zoé: Le gars, j'étais en interview avec « Avec ta star », je vous dirai quand ça sort coucou.

Interviewer: hey, on a pris plein de choses.

Zoé: Ouais, plein de choses sur moi, donc **voilà** c'était trop cool, on repart directement pour une autre interview. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁷¹)

⁷⁰ Esses MDs conclusivos – *alors, bref* e *donc* – podem ser traduzidos ao português, respectivamente, como *então, resumindo* e *e aí* ou *assim*.

⁷¹ Este excerto foi retirado deste vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejcb7QEr83tQY>. Acesso em: jan. 2020.

Em (31), a locutora, Zoé, acaba de ser entrevistada por um jornalista do programa “AvecStar” e avisa a seus interlocutores que a entrevista sairá em breve. O entrevistador, em seguida, diz que conseguiu retirar muitas informações da entrevistada. Zoé, então, concorda com ele e faz uma avaliação positiva da entrevista e anuncia que fará uma nova entrevista logo depois. A locutora utiliza o MD para chamar a atenção para a avaliação positiva “*c’était trop cool*”, focalizando-a e, também, retomando a informação de o entrevistador ter tirado muitas coisas dela. Portanto, a locutora guia o interlocutor no discurso (Brinton, 2017) de modo que a sua avaliação sobre a entrevista seja o foco dessa interação. A cognição social, processo de domínio geral, se estabelece também nesse exemplo, pois a atenção conjunta e centro dêitico (Diessel, 2019) criam esse espaço mental em que os interlocutores podem realizar suas inferências e acompanhar o discurso. Sobre a forma, nesse excerto, temos todos os componentes: a porção do discurso, em que se fala sobre a entrevista, a cláusula avaliativa “*c’était trop cool*”, o MD conclusivo – nesse caso, *donc* – e a preposição *voilà*, que ocorre no início na cláusula. A preposição também adquire o status de metaforizada nessa construção, pois há uma retomada referente ao discurso, e não a um elemento físico, mantendo a metáfora de “discurso é lugar”.

(32) Du coup, là ce que je veux faire c’est aller à Zara acheter une veste parce que j’ai oublié ma veste genre j’ai en pas plus de veste et il fait super froid au soir et, du coup, je vais passer ma vie en chemise comme ça je vais prendre une veste en cuir et genre je vais pas coupé l’étiquette et je le ramènerai dans deux jour quand je n’aurai plus besoin de l’arranger. Les gars, ça fait une demie heure que je tourne, enfin, maintenant ça fait dix minutes je tourne dans la même rue je comprends pas mon GPS il me dit d’aller par là et par là, voilà, je faisais d’allers-retours et je ne connais pas, donc, je suis obligé de suivre mon GPS il veut complètement il m’emmène pas du tout à Zara et les gens me voit passer devant eux trois fois de suite. Alors, j’ai pas acheté une veste en cuir, j’ai acheté un truc un peu plus étrange, voilà. J’ai acheté un manteau vert fluo. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁷²)

Em (32), a locutora decide ir a uma loja famosa de roupas para comprar um casaco de couro, pois, segundo ela, faz muito frio e ela se esqueceu de levar seus casacos. Ela se perde no caminho em direção à loja, mesmo seguindo o GPS, até que finalmente a encontra. Em seguida, ela já mostra sua sacola de compras e diz que

⁷²Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejcb7QEr83tQY>. Acesso em jan. 2020.

não comprou o casaco de couro, mas sim uma coisa um pouco estranha, mostrando-a aos interlocutores. Depois de mostrar, ela descreve a peça de roupa, que é um casaco verde fluorescente. Ao avaliar a peça de roupa como estranha, a locutora usa o MD *voilà*, chamando a atenção tanto para a avaliação que ela faz da roupa quanto para o objeto e para a descrição que ela faz logo em seguida. Assim, o foco é restrito na avaliação, mas é necessário que ela mostre a peça para que os interlocutores possam ser guiados para a interpretação pretendida. Esses pontos são perfilados por dois processos cognitivos de domínio geral: atenção conjunta e *common ground*, bem como pelo estabelecimento de um centro dêitico (Diessel, 2019). No que tange à forma, todos os componentes também podem ser identificados nesse caso: porção do discurso, em que ela cria o contexto para comprar a peça de roupa, a cláusula avaliativa “*j’ai acheté un truc un peu plus étrange*”, o MD conclusivo *alors* e a preposição *voilà* ao final da cláusula. Aqui, *voilà* também apresenta o status de metaforizado, com a ideia de que “discurso é lugar”, retomando e apontando para o próprio discurso.

4.3.4. Microconstrução 3.4 – *Voilà* 3

Este padrão microconstrucional – *Voilà* 3 – caracteriza-se pela construção de uma avaliação ao longo do discurso, por meio de pequenos apontamentos de elementos da cena, até o ponto mais importante do discurso: a avaliação desses elementos. Foram encontrados padrões correlatos a esse tanto no *corpus* do português quanto no *corpus* do espanhol. E, por se tratar da construção de uma avaliação, que depende mais da interação, este seria um padrão [+intersubjetivo] que os anteriores. No francês, foram identificadas duas ocorrências no *corpus*. No Quadro 22 a seguir, apresentamos a descrições de forma e função e, na Tabela 22, o número de ocorrências identificadas em relação ao total de ocorrências no *corpus* de língua francesa.

Microconstrução 3.4 – Voilà 3	
Forma	[porção do discurso + V ^{regarderimp} em P2+ porção do discurso + (V ^{regarderimp} em P2 + porção do discurso) + cláusula avaliativa +[voilà]]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico e restrito em um elemento da cena e na avaliação construída pelo locutor e apresentada no discurso.

Quadro 23 – Descrição da microconstrução 3.4.

Voilà 3	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no corpus de LF
2	4,9%

Tabela 22 – Número de ocorrências da microconstrução 3.4 no corpus

A forma desta microconstrução é descrita por [porção do discurso + V^{regarderimp} em P2+ porção do discurso + (V^{regarderimp} em P2 + porção do discurso) + cláusula avaliativa +[voilà]], em que temos a porção do discurso seguida do verbo *regarder* (*olhar*, em português) no modo imperativo na segunda pessoa, podendo apresentar as formas para os pronomes *tu* e *vous* (*regarde* e *regardez*, respectivamente) mais uma porção do discurso; em seguida, o mesmo componente – porém opcional, podendo ocorrer mais uma ou duas vezes; por isso, encontra-se representado entre parênteses; depois, temos uma cláusula avaliativa; e, por fim, temos a preposição *voilà* ao final da cláusula.

Com relação à função, a descrição é uma chamada de atenção com foco dêitico e restrito em relação a um elemento da cena e na avaliação construída pelo locutor e apresentada no discurso. Dessa forma, o locutor, por meio desses apontamentos com o verbo *regarder* no modo imperativo, vai criando subsídios para a sua avaliação final acerca dos elementos que estão em jogo na cena discursiva. Este padrão é ilustrado, a seguir, por meio das ocorrências (33) e (34).

(33) Moi, je peux regarder les photos, **regardez**, on dirait pas trop genre un robot, **regardez** mes yeux, dès le réveil sont étranges genre cool et sinon sont cool, je vous montre une avant-première, **voilà**. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁷³)

Em (33), a locutora se encontra em uma sessão de fotos e vê e avalia as fotos que foram tiradas dela mesma. Ela vai passando as fotos e fazendo avaliações. Nas primeiras, ela usa o verbo *regardez* (em português, olhar) para dizer que não está parecendo um robô; em seguida, reutiliza o verbo e chama a atenção para seus olhos; logo após, ela avalia que seus olhos estão estranhos desde que ela se levantou naquele dia, dizendo que estão legais mesmo assim e, para confirmar, mostra mais uma foto e usa o MD *voilà*. Portanto, é possível perceber que, conforme Brinton (2017), a locutora vai guiando os seus interlocutores para as interpretações pretendidas, que envolvem a avaliação positiva dela sobre as fotos que tirou. Ela faz duas avaliações principais: a de que parece um robô e a de que, apesar de estranhos, seus olhos estão legais. Logo, ela faz essa construção da avaliação das fotos ao longo do discurso conforme previsto na função desse padrão. Já sobre a forma, podemos perceber, neste excerto, todos os componentes: uma porção do discurso, o verbo *regarder* no modo imperativo, uma porção do discurso novamente, a cláusula avaliativa “*dès le réveil sont étranges genre cool et sinon sont cool*” e a preposição *voilà*, que também apresenta status de metaforizada, com traços de função discursiva, já que mantém a ideia “discurso é lugar”. Além disso, dois padrões como esse já foram identificados no *corpus* constituído, um em português e um em espanhol. O que há em comum nesses padrões, é a construção do foco restritivo, pois o locutor vai colocando elementos dêiticos que tem a ver com o elemento mais focalizado ao final; essa construção de marcação discursiva, além de estar em consonância com Brinton(2017) e Chanet (2003), mostra os processos cognitivos de domínio geral influenciando a instanciação do MD, principalmente aqueles de cognição social e a conceptualização, pois, nos três padrões, temos um verbo de percepção visual com traços discursivos sendo usado para apontar os elementos antes do MD com a avaliação final.

⁷³Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejob7QEr83tQY>. Acesso em jan. 2020.

(34) Alors, je suis désolée je vous ai oublié plus de genre une heure, je vais vous calmement faire un vlog, bref donc, du coup, ce qui s'est passé c'est qu'on a fini l'interview, l'interviewer ne sait pas quand est-ce qu'elle sort, bientôt je suis allée craquer ma carte bleue, j'ai acheté des trucs des bijoux de base, je voulais acheter un sac mais 2 milles euros... bon donc, j'ai acheté ça, **regarde** la grosse boîte et plus ce petit bord pour juste un petit collier comme ça et des petits boucles d'oreille, elles sont trop belles bref **voilà**. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁷⁴)

Neste excerto, a locutora pede desculpas a seus interlocutores por ter se esquecido de ter feito o *vlog* por uma hora, atualizando-os somente agora das atividades do seu dia. Ela diz que foi estourar o limite de seu cartão de crédito e que queria comprar uma bolsa, mas desistiu devido ao alto preço, decidindo, então, comprar joias. Nesse momento, ela mostra aos interlocutores a caixa em que se encontram as peças que comprou. Com o verbo *regarde* (olhar, em português), ela chama a atenção para o grande tamanho da caixa e para os itens que há dentro: um colar e um par de brincos. Em seguida, ela faz sua avaliação final dos produtos com a cláusula avaliativa “*elles sont trop belles*” e usa o MD *voilà*. Portanto, a locutora guia os interlocutores na construção da avaliação dos produtos que comprou, desde a caixa em que estão embrulhados até as peças em si, chamando a atenção para os pequenos detalhes da caixa e para beleza das peças. Ela tenta convencê-los de que o estouro do limite do cartão foi uma boa ideia devido às boas compras que fez. Por isso, ela cria esse jogo de construção da avaliação, que é guiada pelos marcadores (Brinton, 2017) e está dentro de um centro dêitico, acompanhando o fluxo de atenção conjunta (Diessel, 2019). Com relação à forma, neste excerto, também temos todos os elementos: uma porção do discurso em que ela introduz o assunto, o verbo *regarderem* P2, uma porção do discurso novamente, a cláusula avaliativa e a preposição *voilà*, que está metaforizada sob a ideia “discurso é lugar”, fazendo apontamentos discursivos.

⁷⁴Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejcb7QEr83tQY>. Acesso em jan. 2020.

4.3.5. Microconstrução 3.5 – Voilà 4

Esta microconstrução – *Voilà 4* – trata-se de um padrão cujo foco é prefaciador um discurso, isto é, o locutor usa o marcador para focalizar o discurso que está prestes a iniciar. Por se tratar de uma função discursiva mais expressiva, este padrão é [+intersubjetivo] que os anteriores, apresentando o total de duas ocorrências no *corpus*. No Quadro 23 e na Tabela 23 que se seguem, apresentamos, respectivamente, as descrições de forma e função deste padrão, bem como os dados referentes à frequência no *corpus*.

Microconstrução 3.5 – Voilà 4	
Forma	[(vocativo) + [<i>voilà</i>] + (elemento prefaciador) + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco prefaciador e restrito à porção do discurso subsequente

Quadro 24 – Descrição da microconstrução 3.5.

Voilà 4	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
2	4,9%

Tabela 23 – Número de ocorrências da microconstrução 3.5 no *corpus*.

A forma desta microconstrução é descrita como [(vocativo) + [*voilà*] + (elemento prefaciador) + porção do discurso], em que temos vocativo como um componente opcional, *voilà*, um elemento prefaciador também opcional e a porção do discurso. Entendemos aqui como vocativo as aquelas expressões usadas para chamar o interlocutor, tais como nomes próprios, expressões gerais de chamamento (em português, *pessoal*, *galera*, *gente* etc.), entre outras. Por elemento prefaciador, nós entendemos que são aquelas expressões *hedges* que abrem o discurso – em português, por exemplo, *bem*, *bom*, *então* etc..

No que tange à função, nós a descrevemos como uma chamada de atenção com foco prefaciador e restrito em relação à porção do discurso subsequente, ou seja, o locutor visa a ter a atenção do locutor para o início de um tópico, restringindo-o por meio do MD *voilà*, cuja partícula *là* projeta a visão do discurso para o que está por vir. Vejamos os excertos (35) e (36) a seguir.

(35) Chim: Salut, tout le monde, **voilà**, du coup, on a fini et on a fini la soirée bah on doit saluer les copines? Salut, les copains! Alors, on a fini la soirée au Coq sportif et on s'est poussé à basculer là-bas jusqu'à 22h45 pour aller connaître ici Paris c'est la fête quoi, Paris c'est bonne ambiance. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁷⁵)

Em (35), o locutor, Chim, saúda seus interlocutores e lhes fala que a festa da marca Le CoqSportif acabou e que eles vão sair por Paris para conhecer a cidade. Nesse excerto, com relação à forma, temos todos os componentes: o vocativo (*tout le monde*), a preposição *voilà*, o elemento prefaciador *du coup* (que, em tradução livre, é *então*) e a porção do discurso que se segue. Dessa forma, o locutor chama a atenção dos interlocutores para o seu discurso que precede a saudação, de modo a guiá-los a seguir a interação para além dos cumprimentos. A partícula *là* aqui funciona como um localizador de para qual ponto o foco do interlocutor deve recair, ou seja, indica que se deve atentar para as informações subsequentes ao uso do MD. Logo, a preposição *voilà* está metaforizada sob a ideia de “discurso é lugar”, em que suas funções discursivas apontam para frente, assim, o locativo *là* refere-se à informação que ainda está por vir. Dessa forma, o locutor guia os interlocutores para as interpretações pretendidas (Brinton, 2017), e os processos cognitivos de domínio geral, como atenção conjunta, conceptualização e centro dêitico fazem parte da instaciação desse MD.

⁷⁵Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejcb7QEr83tQY>. Acesso em jan. 2020.

(36) **Voilà**, ce matin on a parlé dans la petite bulle des produits des actions des messages étouffants, mais avec la plupart de gens ou non et même si ça dépend un acompte de bouteille [...] vraiment qu'ils trouvent dans la vie à pire genre les gens ils ont de concept de cancer il y a de gens qui meurent de faim et tout et même si ça vous gâche la vie il y a des solutions qui existent, donc estimez-vous, estime-toi, voilà. (Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022⁷⁶)

Em (36), a locutora acaba de sair de uma ação de *marketing* para uma marca de produtos de beleza durante a qual eles estavam em uma bolha de vidro em um parque de Paris. Nessa bolha de vidro, eles discutiram sobre as mensagens tristes que recebem, como as de pessoas que passam fome, que estão doentes etc.. O uso do *voilà* aqui tem a função de iniciar esse assunto das mensagens, chamando a atenção do interlocutor para o novo assunto que se seguirá, guiando-o, por meio do locativo *là*, a seguir adiante com o discurso, pois mais informações serão adicionadas à frente (Brinton, 2017). Com relação à forma, nesse caso, apenas temos o *voilà* seguido da porção do discurso em que se encontra o assunto que será introduzido, e ele está metaforizado sob a ideia “discurso é lugar”, apontando à frente as informações que ainda serão postas. Como no exemplo anterior, há também aqui a influência dos processos cognitivos de domínio geral na instanciação desse MD, principalmente a atenção conjunta e a conceptualização (Diessel, 2019). Outro ponto relevante sobre os processos cognitivos de domínio geral nessa construção é a analogia (Bybee, 2010). Essa construção também usa o *chunk voilà*, que já foi utilizado em outros padrões em posição final do discurso, apontando para algo que já havia sido falado. Aqui, no entanto, o apontamento é para frente, adiante, demonstrando que o pensamento analógico teve influência no processo de instanciação do MD, já que os falantes conceptualizaram que *voilà* pode apontar para ambos os “lados”.

4.3.6. Microconstrução 3.6 – *Voilà* 5

Este padrão microconstrucional – *Voilà* 5 – é, ao contrário do padrão anterior, caracterizado pelo foco na conclusão de um assunto. Assim como o anterior, essa é uma função discursiva mais expressiva. Por isso, se classifica como [+intersubjetiva]

⁷⁶Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=uXejcb7QEr83tQY>. Acesso em jan. 2020.

dentro do *continuum* de intersubjetividade. No *corpus*, foram identificadas quatorze ocorrências. No Quadro 24 e na Tabela 24, a seguir, apresentamos, respectivamente, a descrição de forma e função deste padrão e a frequência de uso no *corpus* analisado.

Microconstrução 3.6 – Voilà 5	
Forma	[porção do discurso + (conjunção aditiva/conclusiva) + [voilà] + cláusula conclusiva]
Função	Chamada de atenção com foco conclusivo e restrito à porção do discurso anterior

Quadro 25 – Descrição da microconstrução 3.6.

Voilà 5	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
14	34,14%

Tabela 24 – Número de ocorrências da microconstrução 3.6 no *corpus*.

De acordo com o Quadro 24, a forma dessa microconstrução é [porção do discurso + (conjunção aditiva/conclusiva) + [voilà] + cláusula conclusiva], em que temos uma porção do discurso em que se trata do assunto a ser finalizado, uma conjunção aditiva ou conclusiva opcional – representada em parênteses na forma –, seguida por *voilà* e, logo após, a cláusula conclusiva que termina o assunto tratado. No que tange à função, verifica-se uma chamada de atenção com foco conclusivo e restrito à porção do discurso anterior, ou seja, o locutor chama a atenção para a conclusão do assunto discutido, fazendo com que o foco recaia sobre o resumo das informações principais desse assunto que se encontra na cláusula conclusiva. Nos excertos (37) e (38), a seguir, ilustramos esta microconstrução.

(37) Donc, déjà ce qu'il faut savoir c'est que le labo m'a gentiment demandé de rester chez moi pendant 14 jours à compter de la date du dépistage, en fait, et de contacter l'intégralité des gens avec qui j'étais en contact 72 heures avant l'apparition des premiers symptômes « allô, salut, j'ai du covid » « salut, j'ai du covid, fais attention va te faire dépister », « j'ai de covid, va te faire dépister » et **voilà**, j'ai fait ça à tous mes amis. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁷⁷)

Em (37), o locutor acaba de receber o diagnóstico positivo para a COVID-19 e recebe a orientação do laboratório para avisar as pessoas com as quais teve contato nas últimas 72 horas para que elas possam se testar também. O locutor, então, simula as ligações que fez a seus amigos e conclui o assunto com o MD *voilà* e a cláusula conclusiva “*j'ai fait ça à tousmes amis*”. Assim, conforme as proposições assumidas por Brinton (2017), o locutor está guiando seus interlocutores a interpretar que ele seguiu as recomendações do laboratório. Além disso, ele protege a sua face (Goffman, 1967) ao dizer que cumpriu as sugestões que lhe foram passadas. O foco, então, recai sobre a cláusula conclusiva, em que há um resumo de tudo o que foi dito anteriormente. Já no que diz respeito à forma, todos os componentes são encontrados neste excerto: a porção do discurso em que o assunto é tratado, a conjunção aditiva *et*, *voilà* e a cláusula conclusiva.

(38) Donc, je n'ai contaminé personne pas même la personne avec laquelle je vis, ce que j'aime beau, et les jour sont passés les symptômes ont commencé tranquillement à diminuer jusqu'à arriver à aujourd'hui, des fois j'ai encore des phases de fatigue, des fois j'ai de petit mal à la gorge, des fois j'ai l'impression d'avoir le souffle court etc. bref, c'est un peu bizarre, je vous avoue que même le médecin qui m'a appelé pour me donner le résultat lui-même m'a dit « vous savez, c'est une maladie qui est encore très inconnue, donc, il y a plein des choses qu'on découvre un petit peu au fil du temps », donc, **voilà**, c'est comme ça en fait. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁷⁸)

⁷⁷Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=eNu4u9ic-Rk>. Acesso em jan. 2021.

⁷⁸Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=eNu4u9ic-Rk>. Acesso em jan. 2021.

Em (38), o locutor fala sobre não ter contaminado ninguém com COVID-19, nem mesmo a sua companheira, e que seus sintomas foram diminuindo ao longo dos dias, ainda que ele tivesse alguns episódios de alguns sintomas. Além disso, ele menciona uma fala do médico que o atendeu no laboratório, em que diz que ainda não se sabe muito sobre a doença e que há muitas coisas a descobrir. É nesse momento, então, que ele usa o marcador *voilà* para concluir o tópico e adiciona a cláusula conclusiva “*c’est comme ça en fait.*”. Logo, o locutor guia o seu interlocutor a concluir o mesmo que ele e o que foi dito pelo médico: que não há muito o que fazer além dos cuidados que já se sabia que deveriam ser tomados. Além disso, ele protege a sua face (Goffman, 1967) e usa o argumento de autoridade do médico para reafirmar o que ele já vinha dizendo. O foco do MD, então, recai sobre a cláusula conclusiva, na qual o locutor resume o assunto anterior. Sobre a forma, também temos todos os componentes neste excerto: a porção do discurso em que o assunto é tratado, a conjunção conclusiva *donc*, *voilà* e a cláusula conclusiva.

4.3.7. Microconstrução 3.7 – *Voilà* 6

O último padrão microconstrucional com *voilà* se caracteriza pelo foco em uma explicação sobre determinada informação já posta no discurso. Essa função, por demandar mais envolvimento do interlocutor no discurso, tem maior caráter discursivo e é [+ intersubjetiva] do que as anteriores. A seguir, no Quadro 25, apresentamos a descrição de forma e função desta microconstrução, e, na tabela 25, apresentamos os dados de número de ocorrências e porcentagem no *corpus*.

Microconstrução 3.7 – <i>Voilà</i> 6	
Forma	[porção do discurso + <i>voilà</i> (parentético) + cláusula explicativa]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo na explicação dada sobre um determinado elemento da cena discursiva.

Quadro 26 – Descrição da microconstrução 3.7.

Voilà 6	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
3	7,3%

Tabela 25 – Número de ocorrências da microconstrução 3.7 no corpus

No Quadro 25, temos as descrições da forma e função deste padrão micricinstrucional. A forma é descrita da seguinte forma: [porção do discurso + *voilà*^(parentético) + cláusula explicativa], em que temos a porção do discurso que se desenrola, *voilà*^{parentético} e, em seguida, uma cláusula explicativa. A função está descrita como uma chamada de atenção com foco restritivo para a explicação dada sobre um determinado elemento da cena discursiva. Em outras palavras, o locutor usa o MD para criar foco sobre uma explicação necessária ao jogo discursivo.

A seguir, nos excertos (39) e (40), apresentamos duas ocorrências deste padrão no *corpus*.

(39) Squeezie: aujourd'hui, on v'arrive un tour sur un sobriété que j'ai pas fait depuis au moins un an que l'un des plus grosses brésiles de la plateforme aka Reddit, c'est le seul Reddit de la surprise, voilà, tu fais que d'être surpris de faire, mais attends pas! Le principe! Ce Reddit est très simple, il y a des vidéos qui ont pour but de te surprendre et y a toujours un truc inattendu à la fin de la vidéo, alors tu découvres quelque chose dont tu ne te posais pas l'existence, c'est tout ce qu'on aime. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁷⁹)

Em (39), o locutor Squeezie fala aos seus interlocutores sobre o que fará no vídeo, que será uma reação a vídeos de uma plataforma on-line, um tipo de rede social. Além disso, ele diz que esse tipo de reação já é conhecido de seu público, mas, para deixar todos a par do que se trata, ele inclui uma explicação do que seria esse tipo de reação e a introduz por meio do MD *voilà*, de modo a criar um foco restritivo para a explicação, pois, desse modo, ele pode guiar a atenção do interlocutor para criar a ambientação que ele julga mais adequada para seu discurso, corroborando os

⁷⁹Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=xUZnN_7Xzlk. Acesso em jan. 2023.

pressupostos de Brinton (2017) e Chanet (2003). Em se tratando de um apontamento totalmente discursivo, já que o MD é utilizado para apontar o discurso no próprio discurso, esse MD se caracteriza como [+intersubjetivo], pois é necessário que o interlocutor siga as instruções discursivas mais profundamente, necessitando realizar mais inferências e se assegurando de que todas as pistas discursivas foram acessadas (Gumperz, 1982), além de que *voilà* está metaforizado sob a ideia de que “discurso é lugar”. Ressaltam-se também os processos cognitivos de domínio geral que fazem parte da instanciação desse MD, como a atenção conjunta e a conceptualização (Diessel, 2019), o primeiro tendo como base um *common ground* estabelecido entre os participantes do discurso, e o segundo estabelecido por meio da escolha (provavelmente inconsciente) de *voilà* para a marcação discursiva e para a focalização.

(40) Squeezie: un enfant a reçu une lettre à son nom, ok, les gars, c'est parce qu'on croit qu' elle est beaucoup trop méchante pour être vraiment méchante cette maman, voilà elle l'accuse d'avoir acheté des trucs dans un téléachat! C'est drôle il va être tellement content de voir sa petite surprise moi c'est un iPhone. Ok, c'est mignon peut-être que les enfants c'est pas si relou. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁸⁰)

No excerto (40), o locutor Squeezie comenta um vídeo que está assistindo. Nesse vídeo, uma mãe faz uma brincadeira com seu filho, a qual tem o intuito de ser divertida. O locutor explica o que está acontecendo no vídeo, fazendo um comentário sobre a mãe e chamando-a de maldosa. Em seguida, ele usa o MD *voilà* e adiciona a explicação de que a mãe do vídeo acusa o filho de ter comprado algum produto via internet. O MD é usado para chamar atenção e lançar o foco para essa explicação, que soa como uma reação absurda e que deve ser destacada para que o discurso ganhe as nuances que o locutor pretende. Esse modo de focalização funciona como um guia de interpretação do discurso, estabelecendo-o por meio da metáfora “discurso é lugar”, com o locativo *là* servindo de dêitico do discurso; assim, o interlocutor recebe informações que são necessárias ao jogo discursivo e, então, é guiado a interpretação

⁸⁰Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=xUZnN_7Xzlk. Acesso em jan. 2023.

que o locutor está construindo (Brinton, 2017), além de estabelecer atenção conjunta e o centro dêitico, como espaço mental em que o interlocutor faz suas inferências.

4.3.8. Microconstrução 3.8 – *Tu vois*

Este padrão microconstrucional, diferentemente dos anteriores, não apresenta as preposições *voici* e *voilà*. Nele, temos o padrão pronome *tu*, utilizado com os verbos *voir*, *savoir* ou *imaginer* no presente indicativo. O padrão, contudo, é chamado de *tuvois*, pois a maioria das ocorrências é com este verbo. Também, conforme discutimos no Capítulo II, os verbos de percepção visual tendem a ter uma preferência no recrutamento para formar esse tipo de construção, pois a visão é metaforizada como intelecto (Sweetser, 1990). Vale ainda destacar que este padrão se encontra mais à direita no *continuum* de intersubjetividade, apresentando o total de sete ocorrências. Vejamos o Quadro 26 e a Tabela 26 com as informações acerca do pareamento forma-função e da frequência no *corpus*.

Microconstrução 3.8 – <i>Tu vois</i>	
Forma	[porção do discurso + [<i>tu</i> + V ^(voir/savoir/imaginer) presente indicativo]+ porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco no conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor, de modo a adicionar uma informação sobre esse conhecimento compartilhado.

Quadro 27 – Descrição da microconstrução 3.7.

<i>Tu vois</i>	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
7	17,07%

Tabela 26 – Número de ocorrências da microconstrução 3.7 no *corpus*

Conforme informações do Quadro 20, a forma desta microconstrução é descrita como [porção do discurso + [*tu* + verbo de percepção (*voir/savoir/imaginer*) no presente indicativo] + porção do discurso], em que temos uma porção do discurso seguida do pronome *tu* associado a um verbo de percepção no presente do indicativo, podendo esse verbo ser *voir*, *savoir* e *imaginer*, seguidos por outra porção do discurso.

A função é descrita como uma chamada de atenção com foco no conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor, de modo a adicionar uma informação sobre esse conhecimento compartilhado. Isto é, o locutor pede que o interlocutor ative seus conhecimentos prévios, que são compartilhados entre ambos, e adiciona uma informação acerca desse conhecimento, de maneira que o locutor não precise falar sobre essas informações compartilhadas, uma vez que espera que o interlocutor as conheça. Assim, essa microconstrução tem funções discursivas bastante complexas, tornando-se, portanto, altamente intersubjetiva, já que depende totalmente do conhecimento do interlocutor para que o jogo discursivo continue em andamento sem que haja necessidade de maiores explicações. Vejamos os excertos (41) e (42), a seguir, os quais representam este padrão microconstrucional.

(41) Toutes les personnes avec qui j'ai été en contact ont fait le fameux test du PCR coton tige, désolé de vous avoir infligé ça, tout le monde a été négatif, donc, déjà je n'ai contaminé personne et ça j'en suis ravi, même la personne avec qui je vis, Lily, avant les symptômes tu ne sais pas ce que tu as donc tu continues à faire ta vie de couple normale à faire des trucs des trucs de couple, **tu vois**, enfin il joue pas à vous de faire un dessin, de déranger nous un peu, et bien, la fameuse Lily n'a eu aucune maladie elle a fait le test une foi: négatif. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁸¹)

No excerto (41), o locutor fala que todas as pessoas com quem ele teve contato antes de testar positivo para a COVID-19 obtiveram resultados negativos. Inclusive, sua companheira também obteve o teste negativo, ainda que eles tenham vivido a vida de casal normalmente. Nesse ponto, ele usa o MD *tu vois*, pois ele diz, anteriormente, que ele e sua companheira faziam coisas de casal. O locutor, então, utiliza o marcador *e*, depois, adiciona que não é necessário fazer um desenho a seus interlocutores na porção seguinte do discurso. Logo, o foco está no conhecimento

⁸¹Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=eNu4u9ic-Rk>. Acesso em jan. 2021.

compartilhado entre locutor e interlocutor: a vida de casal que mora junto. Além disso, a ideia de marcador como piloto do discurso (Chanet, 2003) ou guia do discurso (Brinton, 2017) também é perceptível, já que o locutor orienta a troca de informações, mostrando que não é preciso explicar o que é uma vida de casal porque ele espera que seu interlocutor saiba como funciona. O locutor também protege a sua face (Goffman, 1967), uma vez que não expõe exatamente a sua intimidade, mas guia o seu interlocutor a entender a sua colocação. Além disso, esse MD pode ser considerado com um traço mais discursivo, pois apresenta caráter parentético, certo desprendimento da estrutura sintática em relação ao restante do discurso, aparentando não ser de uso sintático obrigatório, mas tendo grande força discursiva e pragmática. O verbo *voir*, como já mencionado anteriormente, está metaforizado nesse exemplo sob a ideia de “ver é compreender”, seguindo os moldes de Sweetser (1990) e Tomasello (2003). O uso do MD também revela alguns processos cognitivos de domínio geral que atuam na sua instanciação, tais como a atenção conjunta e o centro dêitico (Diessel, 2019) e também a analogia (Bybee, 2010), já que há possibilidades de verbos similares que podem ocupar esse *chunking* e funcionar de forma similar. A atenção conjunta se dá pelo modo como o discurso é construído em que há informações não completamente explícitas, já que o interlocutor deve realizar inferências para entendê-las, e o MD marca esse momento do discurso, em que coloca a ação de interpretação do que está sendo dito como responsabilidade do interlocutor.

(42) Tout a démarré un dimanche soir où je me suis dit « tiens, j'ai la gorge qui gratte », oui, très très légèrement vraiment rien d'inquiétant du coup je m'ai senti comme avec des poils c'est bon, ça va, ça va passer, le problème c'est que le lendemain, le lundi matin je me réveille avec la gueule dans un genre de pâtés, les amis, vous n'avez même pas idée, le premier vrai jour, donc, le lundi, j'avais surtout mal au crâne et un petit peu de fièvre, donc là, je me suis dit « tiens, c'est étonnant ça, on était comme ça, ça ne me ressemble pas ». Donc, je me suis dit « pas d'inquiétude, attends le lendemain, tu vois un petit peu si ça évolue, comment ça bouge etc. et si jamais ça persiste, je vais faire le petit test et une tique du coton tige ». Donc, le lundi passe, la fièvre continue, elle augmente même un petit peu, mais rien d'alarmant, vraiment rien de fou, la gorge, ça passe pas trop de souci à priori, je monte à 38.4 le soir en fièvre, ok donc je passe ma soirée avec des petites éponges sur ma gueule, des éponges toutes froides, **tu sais**, pour faire redescendre un peu la température, aspirine, etc. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁸²)

⁸²Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=eNu4u9ic-Rk>. Acesso em jan. 2021.

Em (42), o locutor conta como surgiram seus primeiros sintomas da COVID-19, que começaram em um domingo à noite. Na terça-feira, ele teve um episódio de febre alta. Então, ele decidiu que colocaria panos frios em sua testa para tentar abaixar a temperatura. Nesse ponto, ele utiliza o MD *tu sais* e depois adiciona a informação de que é para fazer que temperatura abaixe. O uso do marcador mostra que locutor espera que seu interlocutor compartilhe o mesmo conhecimento que ele, ao mesmo tempo em que ele toma tempo para buscar as palavras certas para explicar a razão de ter colocado os panos na testa. Dessa forma, o foco recai na informação compartilhada entre locutor e interlocutor, tornando esse marcador altamente intersubjetivo, pois depende do conhecimento de ambos para que o discurso seja efetivo. A função de guia do fluxo discursivo (Brinton, 2017) é perceptível ao passo que o locutor desenha a situação e promove inferências sugeridas ao interlocutor sobre o porquê do uso desses panos. Assim, temos aqui um MD com traços mais discursivos, com certo desprendimento da estrutura sintática do discurso, sendo parentético e aparentemente não obrigatório; o verbo da forma, *savoir* (*saber*, em português), não está metaforizado e mantém suas acepções originais no MD, o que corrobora a ideia de que os verbos de percepção em MDs ainda podem ter suas acepções originais ainda que estejam exercendo funções discursivas. Destaca-se, além disso, assim como no exemplo anterior, os processos cognitivos de domínio geral que atuam na instanciação desse MD, como a atenção conjunta e centro dêitico, bem como a analogia e a conceptualização (Bybee, 2010; Diessel, 2019).

4.3.9. Conclusões

Apresentamos, nesta terceira seção deste capítulo, as análises de forma e função dos padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores na língua francesa que foram identificados no *corpus* analisado, o qual é constituído por vídeos do gênero *vlog*, retirados da plataforma YouTube, constituindo, portanto, um *corpus* oral de dados reais de falantes da língua francesa, principalmente da variedade metropolitana, ou seja, da França. Foram identificados oito padrões microconstrucionais, formados pelas preposições já gramaticalizadas *voici* e *voilà* e pelos verbos franceses de percepção visual e cognitiva *voir*, *savoir* e *imaginer*. A partir desses padrões da língua francesa, pudemos perceber que, assim como nas línguas portuguesa e espanhola, foco das seções anteriores, os verbos de percepção, ainda que aglutinados nas preposições gramaticalizadas, são recrutados pelos falantes para desempenhar funções discursivas complexas, que passam, cada vez mais, a ter caráter [+intersubjetivo].

Nesse sentido, vale a pena destacar que os MDs de língua francesa compartilham uma similaridade com a língua portuguesa no que diz respeito às palavras recrutadas para reforçar o foco: os advérbios. No caso do francês, esses advérbios são locativos e estão aglutinados ao verbo de percepção *voir*, formando as preposições gramaticalizadas *voici* e *voilà*. Apesar de o dicionário de L'Académie Française sugerir o não uso discursivo dessas preposições, pudemos perceber, no *corpus* constituído, que esses usos discursivos apresentam mais funções do que aquelas ditas como inadequadas pela academia, partindo de funções dêiticas a conclusivas. O uso dessas construções para a marcação discursiva demonstra que os falantes da língua francesa conceptualizam o discurso como espaço, isto é, que as informações de um discurso podem ser localizadas a partir do apontamento com os locativos *ici* e *là*. Essa conceptualização também ocorre em português, como indicam Martins (2013) e outros autores, e conforme vimos na primeira seção deste capítulo com o padrão *olha aqui*. No entanto, não encontramos no *corpus* que constituímos nenhum padrão que contivesse o locativo *lá* ou outros locativos.

No francês, destaca-se também, no sentido da conceptualização da focalização, o uso dos pronomes pessoais de segunda pessoa, principalmente o

pronome informal singular *tu*. Esse tipo de conceptualização demonstra que os falantes do francês também buscam colocar o interlocutor em foco, ou seja, que seus conhecimentos, por meio de inferências sugeridas que devem fazer, sejam inseridos no jogo discursivo, criando um *grounding* compartilhado, conforme prevê Langacker (2008). Esse uso também aponta para o que Diessel (2019) nos apresenta sobre a atenção conjunta, em que os participantes do discurso usam construções que servem para incluir ambas as partes e unir experiências.

Nesse sentido, os processos cognitivos de domínio geral que estão presentes na instanciação dos MDs franceses são similares aos do português e do espanhol, com destaque para a cognição social e atenção conjunta (Diessel, 2019), pois, para que a comunicação aconteça, os interlocutores têm que estar atentos ao estado mental dos participantes e coordenar a atenção conjunta e o *common ground*, assim, a cognição social tem importância central nas associações simbólicas que codificam novas construções de MDs. Como a marcação discursiva é uma necessidade do fluxo de conversação, que é um fenômeno social e interacional, esses processos cognitivos têm papel fundamental, já que, através deles, se percebe a necessidade de uma construção que mantenha esse fluxo e o jogo discursivo em ação. Por isso, funções dêiticas, avaliativas e prefaciadoras são frequentes, pois são funções que mantêm esse fluxo em alta.

A conceptualização também é um processo cognitivo de domínio geral cuja importância é perceptível nos dados do francês; há formas de verbo de percepção seguido de locativo já gramaticalizadas (*voilà* e *voici*) que ganham novos significados e funções do que aquelas que já haviam ganhado na gramaticalização e passam por novos processos de metaforização devido às pressões do uso, apresentando funções mais discursivas. Outrossim, temos o verbo *voir*, de percepção visual, sendo utilizado com função discursiva e tendo seu significado metaforizado por “ver é compreender”, conforme prevê Sweetser (1990), corroborando os usos do espanhol e do português com verbos de percepção visual. E, ainda, há o uso de locativos e de pronomes como focalizadores, apontando a metáfora “discurso é lugar”. E ainda vale destacar as formas como os falantes do francês fazem essa relação de figura e fundo e usam da reificação para coisificar ideias e informações postas no discurso.

A analogia, o *chunking* (Bybee, 2010) e o processamento de memória são outros processos cognitivos que também se evidenciam nesses dados, pois podemos

observar que *voilà* já é um *chunk* da língua francesa, por meio do qual os falantes fazem analogias com outras formas similares para formar funções parecidas e agregar outras formas para satisfazer outras funções.

Desse modo, os MDs focalizadores de língua francesa apresentados aqui podem ser considerados construções emergentes na língua, pois apresentam forma e função delimitadas, comportando as propriedades da construção elencadas por Traugott e Trousdale (2013), como a produtividade – têm boa frequência no recorte do *corpus* realizado –; a composicionalidade, pois apresentam compatibilidade entre os elementos da forma e a função que exercem, ou seja, são compreendidas como uma unidade construcional; e esquematicidade, por apresentarem certo grau de generalidade que permite que outras construções similares sigam aquele padrão.

Além disso, cabe destacar as similaridades nos padrões das três línguas até o momento analisadas: todas elas apresentam um *continuum* de intersubjetividade no uso dos MDs, em que podemos perceber usos dêiticos, mas também usos mais complexos com funções com caráter altamente discursivo para as mesmas construções base, como a prefaciação e a conclusão. Outro ponto relevante é a função de guia do discurso que os MDs das três línguas apresentam, confirmando o que prevê Brinton (2017). Essa função tem importante papel na emergência e no uso dos marcadores, pois é a necessidade de construções que cumprem esse papel que faz com que novos padrões sejam criados e que certas construções ou palavras pré-existentes sejam recrutadas para cumprir esse papel.

4.4. Padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores identificados no *corpus* de língua inglesa

Apresentaremos, nesta seção, os padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores de língua inglesa identificados no *corpus*. Das quatro línguas analisadas nesta tese, esta é a única que não compartilha com as demais a origem românica, sendo esta pertencente à família germânica. Nessas microconstruções, identificamos cinco padrões distintos, sendo eles: i) *look at*; ii) *check this out*; iii) *I mean*; iv) *you know*; e v) *you know what*.

No inglês, além dos verbos de percepção visual e cognitiva – *look*, *check* e *know* –, também encontramos padrões com o verbo *mean*, cuja acepção mais usada é “querer dizer algo” ou “significar”. De acordo com o dicionário Oxford (2022), o verbo *check* tem o significado de “examinar algo para ver se está correto, seguro ou aceitável” (Oxford, 2022, tradução nossa⁸³). Já o verbo *mean*, segundo o dicionário Oxford (2022), significa “pretender dizer alguma coisa em uma ocasião particular” (Oxford, 2022, tradução nossa⁸⁴) ou “ter algo como um propósito ou intenção” (Oxford, 2022, tradução nossa⁸⁵). Assim, apesar de não ser um verbo de percepção, o seu uso em MDs, conforme veremos nesta seção, tem base cognitiva, uma vez que a intenção do locutor seria dizer ou demonstrar algo e, até mesmo, guiar a interpretação do discurso.

Identificamos, no total, seis padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores no *corpus* de língua inglesa. Nesse sentido, vale destacar que, entre as quatro línguas analisadas, o inglês foi a língua que revelou o maior número de ocorrências de MDsfocalizadores: ao todo, foram identificadas 73 ocorrências para a língua inglesa. Desse modo, assim como procedemos em relação aos padrões das demais línguas analisadas, apresentaremos os padrões microconstrucionais do inglês a partir de um *continuum* de intersubjetividade, partindo de padrões menos intersubjetivos ao mais intersubjetivos.

⁸³ Cf.: “[...] to examine something to see if it is correct, safe or acceptable” (Oxford, 2022).

⁸⁴ Cf.: “[...] to intend to say something on a particular occasion” (Oxford, 2022).

⁸⁵ Cf.: “[...] to have something as a purpose or intention” (Oxford, 2022)

4.4.1. Microconstrução 4.1 – *Look at*

O primeiro padrão microconstrucional da língua inglesa – *look at* – caracteriza-se pelo foco dêitico em relação a um determinado elemento da cena discursiva. Formado pelo verbo de percepção visual *look* em conjunto com a preposição *at*, esse padrão é classificado como [-intersubjetivo], pois depende de menos inferências e pistas discursivas para sua compreensão pelo interlocutor. No Quadro 27 e na Tabela 27, a seguir, apresentamos, respectivamente, as descrições de forma e função desta microconstrução e os dados relativos à frequência.

Microconstrução 4.1 – <i>Look at</i>	
Forma	[porção do discurso + cláusula avaliativa + [<i>look at</i> + pronome demonstrativo] ^{parentético}]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico em relação a um ou mais elementos da cena, de modo a restringi-los e avaliá-los.

Quadro 28 – Descrição da microconstrução 4.1.

<i>Look at</i>	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
3	4,1%

Tabela 27 – Número de ocorrências da microconstrução 4.1 no corpus

Assim como consta no Quadro 27, a descrição da forma deste padrão é [porção do discurso + cláusula avaliativa+ [*look at* + pronome demonstrativo]^{parentético}], em que temos uma porção do discurso, uma cláusula avaliativa e, por último, o verbo *look* no modo imperativo em P2, coadunado à preposição *at* e a um pronome demonstrativo do inglês (*this* ou *that*), apresentando, também, um caráter parentético, ou seja, podendo ocorrer no início, no meio ou no final da cláusula avaliativa.

No que diz respeito à função, a sua descrição é: chamada de atenção com foco dêitico em relação a um ou mais elementos da cena, de modo a restringi-los e avaliá-los. Isto é, o uso deste padrão indica que o locutor visa a apontar e a restringir elementos da cena discursiva de modo a guiar o interlocutor a focar apenas nos elementos elencados como mais importantes para o jogo discursivo, apresentando uma avaliação sobre tais elementos. A seguir, ilustramos esta microconstrução com os excertos (43) e (44):

(43) So here's the vision for my IG reel, the first look I'm gonna start off with this, nice and cozy, comfortable for the home chilling... Ooh **look at** this, she is thirty! This is a maxi kind of body skimming dress very very comfortable, I really like the top it kind of looks like a polo. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁸⁶)

Em (43), a locutora está planejando filmar um vídeo para suas redes sociais e mostra aos seus interlocutores as roupas que pretende usar. O MD é usado para apontar não apenas a roupa que ela está usando, mas o fato de ela ter trinta anos e se sentir bem usando o tipo de roupa que ela decide usar. Desta forma, há o apontamento dêitico da locutora para ela mesma usando as roupas, mas também para a avaliação que ela faz, guiando os seus interlocutores na interpretação que ela julga importante (Brinton, 2017). Sendo assim, o MD é dêitico e aponta para um elemento real da cena, mas também para o próprio discurso, adquirindo mais traços discursivos. No que diz respeito à forma, temos a porção do discurso inicial, em que ela inicia o tópico do vídeo para redes sociais, o verbo *look* coadunado à preposição *at*, seguidos do pronome demonstrativo *this* ocorrendo no início da cláusula avaliativa. Já no que tange os processos cognitivos de domínio geral, destaca-se aqui a conceptualização, em que um verbo de percepção visual é usado com traços de sua acepção original para marcar a dêixis e a atenção conjunta, uma vez que a locutora está guiando os interlocutores para a interpretação e as inferências pretendidas.

⁸⁶Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=raf_wukTtv8. Acesso em jan. 2021.

(44) But now it's time to start thinking about the next apartment, what's the next move, you know, I can't stay here forever I miss having my own space and I specially miss being in Brazil. But besides those two factors: needing more space and wanting to be in Brazil, dude, I love being back to Colorado, I'm close to my family, plus, it's my parent's house so I don't have to pay any rent, also, across the street there's a huge park, I mean, I like to play outside so **look at that** you got the baseball diamond, soccer field, basketball court this place has everything. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁸⁷)

Em (44), o locutor fala de suas saudades do Brasil e de algumas vantagens de estar no Colorado na casa dos pais. Dentre essas vantagens, ele menciona o fato de ter um parque enorme com vários locais para praticar esporte, como ele gosta. Ao falar do enorme parque e ao mencionar que gosta de jogar em áreas externas, o locutor usa o MD para apontar para as diversas quadras e campos de esporte do parque, avaliando-o positivamente com a cláusula “*this place has everything*”. Assim, o locutor guia a atenção (Brinton, 2017) de seus interlocutores apenas para os pontos que julga necessários na cena e faz uma avaliação positiva ao final, tentando convencê-los de que há vantagens em morar na casa dos pais. No que tange à forma, temos a porção do discurso em que ele inicia o assunto, o verbo *look* seguido da preposição *ate* do pronome demonstrativo *that* ao início de uma cláusula com valor demonstrativo, seguidos de uma cláusula avaliativa. O verbo *look* (*olhar*, em português) mantém traços de sua acepção original de verbo de percepção visual ao apontar para elementos reais da cena, mas também adquire traços discursivos, uma vez que aponta para o próprio discurso. Então, a conceptualização e a atenção conjunta são dois processos cognitivos de domínio geral que se destacam nesse exemplo.

⁸⁷ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=m4Tw9NhzLMg&list=PLYWx2jogDCzhf6w8IUdUYdcT4hAuqMe6K>. Acesso em jan. 2021.

4.4.2. Microconstrução 4.2 – *Checkthis out*

Este padrão microconstrucional – *checkthis out* – caracteriza-se pelo foco dêitico e avaliativo em relação a um determinado elemento da cena discursiva. Este padrão é formado pelo verbo de percepção visual *check* em conjunto com a preposição *out*, formando um *phrasalverb*, padrão verbal comum no inglês que tende a formar um novo significado. A seguir, no Quadro 28, apresentamos as descrições de forma e função desta microconstrução e, na Tabela 28, os dados referentes à frequência.

Microconstrução 4.2 – <i>Check this out</i>	
Forma	[porção do discurso + [<i>checkthis out</i>] + cláusula avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico em um elemento do discurso e na avaliação desse elemento.

Quadro 29 – Descrição da microconstrução 4.2.

<i>Check this out</i>	
Número de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
1	1,36%

Tabela 28 – Número de ocorrências da microconstrução 4.2 no corpus

A descrição da forma desta microconstrução é [porção do discurso + [*checkthis out*] + cláusula avaliativa], em que temos uma porção do discurso, o verbo *check* no modo imperativo em P2 seguido do pronome demonstrativo *this* e da preposição *out* e, em seguida, temos uma cláusula avaliativa.

A função é descrita como uma chamada de atenção com foco dêitico em relação a um elemento do discurso e na avaliação desse elemento, pois o locutor focaliza um elemento do discurso para apresentar sua avaliação sobre tal elemento.

Assim, o locutor pode guiar o interlocutor no discurso para que tenha a interpretação pretendida. Vejamos o excerto (45) a seguir:

(45) **Scott:** Let's get some more light in here... Nice... Alright guys, **check this out**, listen shhh So satisfying. Mmm also delicious dude, vanilla coke? Yes, please, but, of course, zero sugar, cause, you know, your boy's healthy. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁸⁸)

Neste excerto, o locutor está em um ambiente que precisa de mais iluminação e chama a atenção de seus locutores para a abertura de uma lata de refrigerante. O elemento para o qual ele chama atenção com o MD é o som que a lata faz ao ser aberta. E, em seguida, ele apresenta a sua avaliação “*Satisfying*” com relação a esse som. Logo, o locutor guia o interlocutor a ter a mesma experiência com a abertura da lata de refrigerante que ele tem. Outro ponto relevante é que o foco dêitico, nesse caso, é para um som, e não para um elemento visual, bem como o apontamento para o próprio discurso, no caso, a avaliação. Então, podemos entender que o verbo *check* está metaforizado para um sentido menos visual do que o seu original, além disso, o *chunk check something out* é considerado um *phrasal verb*, segundo o dicionário Oxford, ou seja, já apresenta traços de uma gramaticalização. Segundo o dicionário, *check out* significa i) “ser considerado verdadeiro ou aceitável após ser examinado”; ii) “o descobrir se algo está correto ou se alguém é aceitável” e iii) “olhar ou examinar uma pessoa ou coisa que parece interessante ou atraente”⁸⁹(Oxford, 2023), isto é, todas as acepções estão relacionadas à visão, porém aqui o verbo está sob a metáfora “ver é ouvir”. Desse modo, a conceptualização é um processo cognitivo de domínio geral importante para a instanciação desse MD, bem como a atenção conjunta, já que o MD é usado para destacar os pontos de focalização do discurso (Diessel, 2019). Sobre a forma, temos todos os elementos descritos: porção do discurso, verbo *check* em P2 seguido de *this out* e cláusula avaliativa.

⁸⁸Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=wclYOOSpAw0>. Acesso em jan. 2021.

⁸⁹ No original: i) “to be found to be true or acceptable after being examined”; ii) “to find out if something is correct, or if somebody is acceptable” e iii) “to look at or examine a person or thing that seems interesting or attractive”. (Oxford, 2023)

4.4.3. Microconstrução 4.3 – *I mean*1

Este padrão microconstrucional – *I mean 1* – se aproxima dos padrões anteriores em relação ao foco direcionado para uma avaliação do locutor. Conforme mencionamos anteriormente, o verbo *mean* não apresenta um significado de percepção, mas de exteriorização da percepção cognitiva do locutor. Vejamos o Quadro 29 e a Tabela 29, a seguir, em que são apresentadas, respectivamente, as informações sobre o pareamento forma-função e sobre a frequência de uso no *corpus*.

Microconstrução 4.3 – <i>I mean 1</i>	
Forma	[porção do discurso + [<i>I mean</i>] + cláusula avaliativa]
Função	Chamada de atenção com foco dêitico e explicativo com relação à avaliação de um elemento da cena discursiva.

Quadro 30 – Descrição da microconstrução 4.3.

<i>I mean 1</i>	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
2	2,73%

Tabela 29 – Número de ocorrências da microconstrução 4.3 no *corpus*.

No Quadro 29, descrevemos a forma desta microconstrução como [porção do discurso + [*I mean*] + cláusula avaliativa], na qual temos a porção do discurso, o pronome pessoal de primeira pessoa do inglês *I*, seguido do verbo *mean* no *present simple* – correspondente ao presente do indicativo do português –, e de uma cláusula avaliativa.

Além disso, temos a descrição da função, que se dá como uma chamada de atenção com foco dêitico e explicativo com relação à avaliação de um elemento da cena discursiva, pois o locutor utiliza o *I mean* para apontar, focalizar e explicar o

elemento da cena a partir da apresentação de uma avaliação desse elemento. Essa explicação se dá pela função de *I mean* no discurso, bem como sua base de significado no dicionário, já que o padrão pode ser traduzido para o português como *quero dizer*, porém, no discurso, tal tradução não é suficiente, conforme podemos ver no excerto (46) a seguir.

(46) **Scott:** So here we are, you guys probably recognize this, right? But, what's behind the camera? Oh, man, just my bedroom, **I mean**, nothing fancy, you know, got the closet back there, huge blinding light, right here, the bed, this is where the magic happens, you know what I'm saying? No, this, this is where I sleep, a little bedside table, over here my reading glasses cause I'm old, my fancy book, I'm gonna I'm gonna finish this one day I swear, **I mean**, nice little view out there, it's a little bright out there I don't know if you can see down there there's a hammock, maybe we're gonna go check that out. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁹⁰)

Em (46), temos as duas ocorrências identificadas no *corpus* para este padrão. No excerto, o locutor, Scott, encontra-se em seu quarto e o apresenta a seus interlocutores. No primeiro uso de *I mean*, ele aponta para o quarto e o explica, avaliando-o como um quarto nada *chic*, apenas com as coisas que um quarto normal costuma ter. No segundo uso, há um apontamento no vídeo, mas que não ocorre no discurso do locutor, para a sua janela, a partir da qual ele avalia positivamente a vista que tem do lado de fora e, com um tom negativo, avalia o alto nível de luz. Assim, o locutor pilota o discurso (Chanet, 2003) com as suas avaliações acerca do seu entorno, fazendo com que o interlocutor veja tais pontos e também os avalie. No que tange à forma, em ambas as ocorrências, apresentam-se todos os componentes: porção do discurso, *I mean* e as cláusulas avaliativas “*nothingfancy*”, na primeira ocorrência, e “*nicelittleview out there*”, na segunda. O verbo *mean* tem como acepção principal no inglês “significar”, e o Dicionário Oxford apresenta o significado “pretender como significado”. Já o significado específico para o *chunk I mean*, classificado como informal, é: “usado para explicar ou corrigir o que você acabou de dizer”⁹¹, isto é, o dicionário já prevê o uso discursivo do *chunk*, mas com apenas uma função, como

⁹⁰ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://youtu.be/744TrE9jje4?list=PLyWx2jogDCzhf6w8IUdUYdcT4hAuqMe6K>. Acesso em jan. 2021.

⁹¹No original: “intend as meaning” e “(informal) used to explain or correct what you have just said”. (Oxford, 2023)

vemos neste exemplo. Portanto, além da função original de correção do que foi dito, temos a função dêitica, que aponta para um elemento real do discurso, e a função que focaliza em uma avaliação. Essas funções são estabelecidas pela atenção conjunta, pelo centro dêitico e pela conceptualização (Diessel, 2019), por propiciarem um ambiente discursivo em que o locutor orienta seus interlocutores por meio de focalizações e da distinção de figura e fundo.

4.4.4. Microconstrução 4.4 – *I mean*2

O quarto padrão microconstrucional da língua inglesa – *I mean 2* – é caracterizado pelo foco em uma explicação de um determinado ponto do discurso que o locutor julga ser necessário ser mais bem explicado. O verbo *mean*, como já explicamos anteriormente, não se trata de um verbo de percepção, mas sim de um verbo por meio do qual o locutor exterioriza suas percepções cognitivas no discurso. Assim, esse padrão pode ser entendido como [+intersubjetivo] que o padrão anterior porque não apresenta foco dêitico, ou seja, não há apontamento para nenhum elemento do discurso.

A seguir, vejamos o Quadro 30, com as descrições de forma e função deste padrão, e a Tabela 30, com os dados de frequência.

Microconstrução 4.4 – <i>I mean 2</i>	
Forma	[porção do discurso + [<i>I mean</i>] + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco na explicação mais detalhada sobre um tópico do discurso.

Quadro 31 – Descrição da microconstrução 4.4.

<i>I mean 2</i>	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
20	27,4%

Tabela 30 – Número de ocorrências da microconstrução 4.4 no corpus

De acordo com o Quadro 30, a descrição da forma dessa microconstrução é [porção do discurso + [*I mean*] + porção do discurso], em que temos uma porção do discurso seguida do pronome pessoal de primeira pessoa do inglês *I*, o verbo *mean* no *presentsimple* – que corresponde, em português, ao presente do indicativo –, e, por fim, outra porção do discurso.

No que tange à função, descrevemo-la como uma chamada de atenção com foco na explicação mais detalhada sobre um tópico do discurso. Isto é, o locutor faz uso deste marcador para focalizar a explicação de um determinado assunto ou ponto proferido no discurso que ele julga necessário reformular, reavaliar e explicar de modo que o jogo discursivo continue sendo guiado por ele.

Ilustramos, a seguir, com os excertos (47) e (48), este padrão microconstrucional.

(47) **Jenn:** For lunch I’m having a Mexican inspired meal, this is vegan impossible meat with zucchini strips, grilled bell pepper, we’ve got some bean and then I added a salad as well and then I also heated up a tortilla wrap with some lettuce so what I’m gonna do is I’m gonna make my own burrito taco thing and then whatever is remaining I’m gonna eat as a salad. That looks good! Okay, and lastly some tapatio and this is what it looks like when it’s all done mmm it tastes so freaking good, impossible meat is amazing, like it’s so easy to be plant-based when you have that as a base, *I mean*, I don’t recommend you eat it every day but every once in a while, it’s so delicious. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁹²)

Em (47), a locutora prepara seu jantar vegano inspirado em um prato mexicano. Ela fala dos ingredientes que usa, a forma como os prepara e suas opiniões acerca do prato que preparou. Além disso, ela avalia positivamente o uso de *impossiblemeat*, que é um alimento à base de plantas, ultraprocessado, vendido em supermercados e

⁹² Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=raf_wukTtv8. Acesso em jan. 2021.

que, apesar de parecer saudável, pode causar riscos à saúde como qualquer outro alimento industrializado. Depois de sua avaliação positiva acerca desse produto, ela diz que é muito fácil ter uma alimentação baseada em plantas usando o *impossiblemeat*, porém, como o uso do MD, ela adiciona uma explicação de que não recomenda o consumo diário do produto, mas que é delicioso consumi-lo de vez em quando. Portanto, o que a locutora faz com o uso do MD é guiar o interlocutor para a interpretação do discurso (Brinton, 2017) que ela julga mais relevante: o não consumo diário do ultraprocessado. Assim, ela protege sua face (Goffman, 1967) e faz com que o interlocutor tenha a interpretação do discurso que ela pretende. O *chunk I mean*, além de focalizar a recomendação, também apresenta a introdução de uma correção do que foi dito, pois a locutora percebe que está indicando algo que não é tão saudável assim, logo, essa correção pode focalizar discursos com características diversas. Percebe-se, então, que, como processo cognitivo de domínio geral, há a conceptualização de que se pode apresentar correções de várias naturezas com esse MD, criando analogias e extensibilidade dessa construção, o que demonstra um grau de produtividade maior, havendo 20 ocorrências apenas neste recorte do *corpus*.

(48) **Scott:** So, in November, I was still in Brazil, you know, having a little visit, a little three month visit, and I started to look at apartments, but, you know, I just started I went to see a few I was looking online and then I came back to Colorado for the holidays in December and then after the new year, **I mean**, Coronavirus, the pandemic, so I just I end up staying and I've been here since December. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁹³)

Em (48), o locutor explica a seus interlocutores como acabou ficando preso nos EUA após ter planejado apenas uma visita para as festas de fim de ano. Ele fala que, em novembro, estava no Brasil à procura de apartamentos para morar quando voltou ao estado do Colorado para as festas de Natal e Ano Novo e, que depois deste último evento, se deparou com a situação da pandemia e acabou ficando por lá desde dezembro. Para focalizar a explicação da situação que o fez acabar decidindo ficar nos EUA, o locutor usa o marcador *I mean* e adiciona a explicação sobre a pandemia. Dessa forma, o locutor cria sua justificativa de ter ficado em sua terra natal a partir da explicação focalizada pelo uso do MD, guiando os interlocutores a interpretá-lo da

⁹³ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://youtu.be/744TrE9jje4?list=PLyWx2jogDCzhf6w8IUdUYdcT4hAuqMe6K>. Acesso em jan. 2021.

maneira que pretendia e protegendo sua face (Goffman, 1967) no que tange a se livrar da culpa de não ter voltado para o Brasil. Aqui, *I mean* perde sua acepção de correção do que foi dito e apresenta apenas a função discursiva de apontar para e focalizar uma explicação sobre o discurso. Logo, a atenção conjunta é um processo cognitivo chave nesse exemplo, pois o locutor trata de assuntos pessoais que apenas quem o conhece de alguma forma sabe e também de assuntos globais de forma não tão explícita, sendo necessário acompanhar o raciocínio e fluxo discursivo pelo centro dêitico estabelecido.

4.4.5. Microconstrução 4.5 – *You know*

O padrão microconstrucional da língua inglesa – *youknow*– é o mais produtivo no *corpus* e apresenta alto grau de intersubjetividade, pois está caracterizado pelo foco no conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor. Esse foco se dá pelo uso do pronome de segunda pessoa *you* em conjunto com o verbo de percepção cognitiva *know*, que pode ser traduzido para o português como *saber*. Vejamos o Quadro 31, com as descrições de forma e função, e a Tabela 31, com os dados de frequência de uso.

Microconstrução 4.5 – <i>You Know</i>	
Forma	[porção do discurso + [<i>youknow</i> ^{parentético}] + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco em um conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor.

Quadro 32 – Descrição da microconstrução 4.5.

<i>You know</i>	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
44	60,27%

Tabela 31 – Número de ocorrências da microconstrução 4.5 no corpus

Conforme consta no Quadro 31, a descrição da forma dessa microconstrução é [porção do discurso + [*youknow*^{parentético}] + porção do discurso], em que temos porção do discurso seguida do pronome pessoal de segunda pessoa do inglês *you*, coadunado, por sua vez, ao verbo de percepção cognitiva *know* no *presentsimple*, tempo correspondente ao presente do indicativo em português. Destacamos que *youknow* tem caráter parentético, isto é, pode ocorrer em qualquer ponto – início, meio ou fim – das cláusulas que formam parte da porção do discurso.

Com relação à função, descrevemo-la de chamada de atenção com foco em um conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor, ou seja, o locutor usa o marcador para chamar a atenção do interlocutor com relação a uma informação que ambos conhecem, não tendo o locutor que se explicar longa e profundamente, pois ambas as partes compartilham esse conhecimento. Vejamos os excertos (49) e (50), os quais são representativos deste padrão microconstrucional.

(49) **Sam:** Since I'm in LA I figured out I just turn on my camera and take you guys along with me for my day, a day in the life, just write things off, have a phone call with my YouTube mentor she kinda teaches me and guides me through this whole process of how to, **you know**, accelerate the growth of this channel and then I'm going to the Trevor project offices here in west Hollywood, after a donation that I made on your guys' behalf to help out the LGBTQ youth they invited me into the offices... alright I have to hop to this call really quickly. (*Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022*⁹⁴)

Em (49) o locutor, Sam, fala com seus interlocutores sobre sua decisão de fazer um *vlog* enquanto está na cidade de Los Angeles. O primeiro ponto que ele toca é o fato de ter falado ao telefone com sua mentora da plataforma YouTube, destacando

⁹⁴Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=YjZuBaS2dd8>. Acesso em jan. 2022.

como ela o ajuda e o ensina a ter crescimento com seu canal na plataforma. Nesse momento, ele usa o marcador para chamar a atenção para o conhecimento compartilhado acerca da função de uma mentora da plataforma, de modo que não precisa se alongar além do necessário no assunto. Assim, conforme Brinton (2017), o locutor usa o MD como uma placa de trânsito do discurso, que faz com que o interlocutor saiba como interpretar o discurso nesse ponto, já que o seu conhecimento prévio sobre o assunto está sendo requisitado para que a interação continue acontecendo de forma efetiva. Com relação à forma, podemos notar a porção do discurso inicial, *youknow* parentético – uma vez que está no meio da cláusula “*howto, youknow, acceleratethegrowthofthischannel*”, separando a construção infinitiva do inglês *toaccelerate* – e mais uma porção do discurso. Com relação aos usos de *youknow*, o verbo *know* significa, em português, *saber* ou *conhecer*, ou seja, um verbo de percepção cognitiva, porém o Dicionário Oxford já prevê alguns usos desse *chunk*, a saber: i) “usado quando você está pensando no que dizer a seguir”; ii) “usado para mostrar que aquilo a que você está se referindo é conhecido ou compreendido pela pessoa com quem você está falando”; e iii) “usado para enfatizar algo que você está dizendo”⁹⁵. Ou seja, o uso do *chunk* com as funções do MD que encontramos no *corpus* já é previsto, demonstrando que a construção já tem alto grau de produtividade e extensibilidade. Além disso, esse MD se estabelece via atenção compartilhada e estabelecimento do centro dêitico, pois se cria um espaço mental em que o interlocutor pode acessar essas informações compartilhadas e interagir com o discurso (Diessel, 2019).

(50) I wanna go back to Brazil, dude, in general prices are, I mean, a little bit lower [...] when you're looking for an apartment, dude, I'm gonna give you a masterclass, number one: you gotta pick the city, because the city you can't really, I mean, it's the first thing you have to narrow down, dude, think about the millions of apartments in the world you gotta narrow down the search to the city you wanna live in, **you know**. For me, that's probably gonna be São Paulo, dude, I know it's expensive and I know that there are so many other cities in Brazil, But, I mean, I have my reasons for being in São Paulo (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁹⁶)

⁹⁵ No original: i) “used when you are thinking of what to say next”; ii) “used to show that what you are referring to is known or understood by the person you are speaking to” e iii) “used to emphasize something that you are saying”. (Oxford, 2023)

⁹⁶ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://youtu.be/744TrE9jje4?list=PLyWx2jogDCzhf6w8IUdUYdcT4hAuqMe6K>. Acesso em jan. 2021.

Neste excerto, o locutor fala sobre suas intenções de voltar ao Brasil e também sobre quais são os pontos que se deve levar em consideração quando se está buscando por um apartamento. O primeiro ponto para o qual ele chama atenção é a escolha da cidade em que se quer morar e, portanto, a escolha de um apartamento nessa cidade. Em seguida, o locutor usa o MD para chamar atenção para esse conhecimento compartilhado: é necessário saber a cidade em que se quer morar para poder começar uma busca por apartamentos apenas nesse lugar. Logo, o locutor focaliza esse conhecimento compartilhado e, ao mesmo tempo, guia o interlocutor no discurso (Brinton, 2017), de modo a relembrar e deixar clara a importância desse ponto. Nesse fluxo discursivo, os processos cognitivos de domínio geral potencializam a instanciação e o uso dos MDs, pois, em um ambiente de *common ground*, a escolha e interpretação de determinada construção é influenciada pelos participantes do discurso e, assim, há uma tentativa de moldá-lo de acordo com as necessidades de quem está como ouvinte. É necessário um ambiente de atenção conjunta para que construções como MDs, que guiam o discurso e focam em um conhecimento compartilhado entre locutor-interlocutor, sejam usadas e instanciadas.

No que diz respeito à forma desse MD, na qual se percebe analogia com outras construções análogas (*I mean*, por exemplo), temos a porção do discurso inicial, em que ele inicia o tópico e, em seguida, temos *you know* em caráter parentético, ocorrendo ao final da cláusula em que se encontra a informação compartilhada: “*yougottanarrowdownthesearchtothecityyouwannalive in*”. Por fim, temos a porção do discurso final, em que o locutor explicita suas escolhas pela busca de apartamentos em São Paulo.

4.4.6. Microconstrução 4.6 – *You know what*

O ultimo padrão microconstrucional de língua inglesa também se caracteriza por *youknow* seguido do elemento focalizador *what*. Essa microconstrução também se caracteriza como [+intersubjetiva], pois, além de também apresentar caráter mais discursivo, mais desprendido da estrutura sintática, é composto pelo foco na interação com o locutor devido ao uso do pronome de P2 *you* e pelo pronome *what*, que causa um despertar no interesse do interlocutor sobre a informação vindoura. A seguir, no Quadro 32, apresentamos as descrições do pareamento forma e função e, na Tabela 32, os dados de frequência desse padrão no *corpus*.

Microconstrução 4.5 – <i>You Know what</i>	
Forma	[porção do discurso + <i>youknowwhat</i> + (vocativo) + porção do discurso]
Função	Chamada de atenção com foco restritivo e catafórico na informação nova que se segue, sustentada pelo contexto da porção do discurso precedente.

Quadro 33 – Descrição da microconstrução 4.6.

<i>You know</i>	
N.º de ocorrências	Porcentagem em relação ao total de ocorrências no <i>corpus</i> de LF
3	4,1%

Tabela 32 – Número de ocorrências da microconstrução 4.6 no corpus

Conforme Quadro 26, a forma desta microconstrução está descrita como [porção do discurso + *youknowwhat* + (vocativo) + porção do discurso], em que temos uma porção do discurso seguido por *youknowwhat* mais um vocativo facultativo e, em seguida, outra porção do discurso. A função foi descrita como uma chamada de atenção com foco restritivo e catafórico na informação nova que se segue, sustentada pelo contexto da porção do discurso precedente. Logo, o uso desta microconstrução revela que o locutor chama a atenção de seu interlocutor de modo a restringir o foco

na informação que ainda virá, mas que mantém relação lógica e temática com o que já está posto no discurso.

A seguir, nos excertos (51) e (52), apresentamos exemplos deste padrão.

(51) Sam: I want to just have a quick conversation around dating anxiety which is something that I definitely have felt in the past and I know you guys have as well the reality is I don't really talk about this stuff that much on social media partly because I like to keep that aspect of my personal life a little bit private but I have learned so much because I have been through several really really positive relationships long term really healthy and then a few like vile toxic relationships so I figured: **you know what**, let me just share five things that I have learned and I think helpful to share with anyone who has relationship anxiety that I talk about with my therapist a lot I'm just gonna get it going. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁹⁷)

Em (51), o locutor Sam fala sobre suas questões com a ansiedade em relacionamentos amorosos. Ele menciona que tinha receio de compartilhar essas informações nas redes sociais, mas, ao mesmo tempo, sabe que muitos de seus interlocutores já passaram ou passam por esse problema. Então, ele usa o MD para introduzir a informação de que ele decidiu compartilhar algumas coisas que ele aprendeu sobre essa questão de forma a ajudar a si e as pessoas que o assistem. O MD é usado de forma a criar um foco restritivo na informação sobre a decisão de compartilhar as experiências, assim, o locutor guia o interlocutor no discurso, induzindo-o a interpretar o discurso da maneira que acha mais adequada (Brinton, 2017). Além disso, como as acepções dos elementos que formam o MD sugerem, cria-se um ambiente de suspense e surpresa, de modo que o interlocutor, antes que a informação seja de fato dada, levante hipóteses sobre o que ainda será falado; assim, a atenção conjunta (Diessel, 2019) no discurso é mais uma vez reestabelecida, bem como o centro dêitico, que, com o espaço mental criado, há possibilidade de realizar as inferências guiadas pelo MD no discurso. Por fim, destacamos também outros dois processos cognitivos basilares na formação dessa construção: analogia e conceptualização; primeiro, temos que esta construção apresenta forma similar a *you know*, adicionando *what* a seu *chunk*, e, segundo, temos a conceptualização do pronome *what* como potencial focalizador em um contexto prefaciador, criando expectativa e princípios como o de distinção de figura-fundo.

⁹⁷ Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=CPsApbjQHRy>. Acesso em jan. 2022.

(52) Other guy: So, I think this is a little bit better, I mean, that's 'cause you still have room that you can scoot over to
Scott: So do you. Well, I gotta see with the lights
Other guy: **you know what, dude?** I sit like this because sometimes I'm a little self-conscious of my titties
Scott: I mean, everyone has to think about the belly too. (*Corpus oral vlogs* YouTube – anos 2019 a 2022⁹⁸)

Em (52), os locutores estão discutindo sobre a melhor forma de gravar um vídeo para o YouTube. O primeiro locutor, cujo nome não é revelado no vídeo, fala que sua posição está adequada e que ainda há espaço para o outro se encaixar. Scott fala que é necessário verificar as luzes, então o outro locutor usa o MD para introduzir a informação nova de que ele se senta de tal maneira porque ele tem consciência de como seu peito fica na câmera. O MD é usado, então, para focalizar essa nova informação, a qual é uma justificativa para o modo que o locutor se senta. O interlocutor é guiado para essa virada do discurso, de modo que ele se insira nas inseguranças com o corpo que o locutor tem e consiga entender em parte o processo por trás da preparação dos vídeos. O locutor protege sua face (Goffman, 1967), por mais que não se mencione anteriormente em fala o desconforto na posição em que está sentado, ele demonstra no vídeo esse desconforto até que usa o MD para introduzir seu incomodo, protegendo sua face e criando um espaço de atenção conjunta (Diessel, 2019). Assim, com a criação desse *common ground*, há a focalização estabelecida pelo MD, que cria essa distinção de figura e fundo, ou seja, que chama a atenção para o que é mais importante para o jogo discursivo nesse momento.

⁹⁸Este excerto foi retirado do seguinte vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=wclYOOSpAw0>. Acesso em jan. 2021.

4.4.7. Conclusões

Nesta última seção do capítulo de análise de dados, tivemos a intenção de apresentar a descrição de forma e função dos padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores identificados para a língua inglesa. Conforme descrito nesta seção, conseguimos identificar um total de seis padrões microconstrucionais, formados pelos verbos de percepção visual e cognitiva da língua inglesa *look*, *check* e *know* e também pelo verbo *mean*, que, apesar de não ser um verbo de percepção, é um verbo cujo significado envolve a exteriorização das conceptualizações do discurso realizadas pelo locutor. Por meio da análise realizada, foi possível perceber que, assim como nas línguas portuguesa, espanhola e francesa, foco das seções anteriores, os verbos de percepção, na língua inglesa, também são recrutados pelos falantes para desempenhar funções discursivas complexas, apresentando, assim, um caráter [+intersubjetivo].

No caso dos MDs de língua inglesa, diferentemente das outras línguas analisadas, o reforço do foco acontece de três maneiras: pelo uso da preposição, formando um *phrasalverb*, característico dessa língua; pelo uso de pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa; e pelo uso do pronome *what*. No caso do uso de preposição, apenas o espanhol apresentou esse uso com a preposição *a* em *a ver* e, no caso dos pronomes pessoais, o francês também apresentou o uso do pronome de segunda pessoa, porém é inédito e exclusivo do inglês, até o momento, o uso do pronome pessoal de primeira pessoa para marcar o reforço do foco. No caso do uso do pronome *I*, o foco tende a recair sobre o locutor, tornando esse marcador menos intersubjetivo do que os que usam o pronome *you*, no caso de *youknow*. Isso se deve ao fato de haver menos inferências sugeridas e menos dependência discursiva no interlocutor, no caso do uso do pronome de primeira pessoa. Já no caso do uso do pronome de segunda pessoa, assim como no francês, o locutor cria um espaço discursivo de partilha e de interdependência com o interlocutor. No que se refere ao pronome *what*, há uma restrição catafórica do foco, ou seja, o foco é lançado na informação vindoura, restringindo-a, tal como acontece nas demais línguas com outros elementos focalizadores, como *só*.

Os processos cognitivos de domínio geral que estão atrelados à instanciação dos MDs focalizadores do inglês também são os mesmos que são requisitados nas demais línguas. Por se tratar de construções que têm base na interação social e considerando o modo como essa interação se desenrola, a cognição social é um dos processos que mais se mostram necessários para a instanciação de MDs focalizadores; a partir dela, temos também a atenção conjunta e o *common ground*, pois, conforme Diessel (2019), é por meio de atenção na mesma experiência e na partilha de conhecimento é que a escolha de unidades linguísticas se dá, fazendo do locutor um condutor do discurso conforme as necessidades do interlocutor.

Outro processo cognitivo importante é a conceptualização, que, dentro da abordagem baseada no uso, se caracteriza pelo significado moldado via conceptualização, estruturando cognitivamente a experiência ou o conteúdo semântico. Sendo assim, é a partir da conceptualização que os falantes selecionam uma unidade lexical já existente e a utilizam para instanciar construções marcadoras do discurso, que, na maioria das vezes, acontece de forma inconsciente. Os falantes entendem que uma palavra pode ocupar uma função diferente da que já existe, passando a ser focalizadora. O MD passa por processos de metaforização e ganha novos status e funções, como é caso de *I mean, you know, check out* e do pronome *what*.

Essa conceptualização também leva em conta a analogia, fazendo com que os falantes reconheçam os padrões e passem a utilizar outras construções em situações análogas e funções similares, o que faz com que essas construções ganhem extensibilidade. Outro processo cognitivo de domínio geral importante é o *chunking*, pois, no inglês, em que algumas construções de MD focalizador já se encontram mencionadas no dicionário, há aparentemente uma formação de *chunks* mais bem estabelecida e com funções mais bem demarcadas, conforme mostram os dados analisados aqui.

No que se refere às questões sintáticas, verifica-se que os padrões microconstrucionais de MDs da língua inglesa aqui apresentados demonstram ter um maior nível de separação da estrutura sintática que os demais, isto é, os MDs do inglês têm maior desprendimento da estrutura sintática, dependendo menos das construções das cláusulas produzidas no discurso, o que faz com que muitos padrões sejam parentéticos e, conseqüentemente, com maior nível discursivo. Nas demais línguas,

há menos padrões, no *corpus* analisado, que apresentam tais características. De acordo com nossos dados, os falantes das três línguas românicas ainda usam construções que integram os MDs à estrutura discursiva com mais frequência que no inglês. Isso destaca que, no inglês, as construções de MDs focalizadores apresentam grau de composicionalidade e esquematicidade, uma vez que aparentam estar com funções e formas bem estabelecidas. No que tange à produtividade, há também alto grau em relação ao *corpus* analisado.

No que tange às similaridades nos padrões das quatro línguas, as quais discutiremos na seção a seguir, destacamos as seguintes evidências: i) todas as línguas apresentam pelo menos um padrão de foco dêitico, demonstrando que esse é um ponto comum de conceptualização humana para criar funções discursivas; ii) em todas as línguas, é possível perceber o padrão de haver um *continuum* de intersubjetividade no uso dos MDs, passando de usos dêiticos a funções discursivas complexas, que dependem altamente da relação do locutor com interlocutor, dos conhecimentos compartilhados e do comprometimento com o discurso; e, por último, iii) destaca-se o comportamento dos MDs como placas do trânsito discursivo, ou seja, todos os MDs são usados pelos locutores para guiar a interpretação discursiva, destacando o que é necessário na cena e no discurso, confirmando o que preveem Chanet (2003) e Brinton (2017).

4.5. Conclusões gerais sobre a análise dos dados

Nesse capítulo, buscamos trazer alguns exemplos dos dados encontrados no *corpus* analisado no que tange aos MDs focalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, buscando analisá-los sob a ótica da LFCU e sob o aporte teórico referente a marcadores discursivos, a processos cognitivos de domínio geral e à focalização.

Em primeiro lugar, as construções analisadas aqui são construções gramaticais e podem ser classificadas como microconstruções de MDs focalizadores, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), pois são construções reais oriundas do uso dessas quatro línguas, constituindo as ocorrências *type* mais específicas, mas com grau de generalidade, uma vez que abarcam outras ocorrências do tipo *token*. Além disso, apresentam as três propriedades da construção, conforme os autores supracitados: produtividade, esquematicidade e composicionalidade.

Em segundo lugar, destacamos os usos e as funções dos MDs focalizadores dessas línguas. Foi percebido, a partir da análise dos dados, que todos os MDs formados por verbo de percepção e um elemento focalizador que identificamos funcionam como um guia de interpretação do discurso, conforme Brinton (2017). Nesse caso, verificou-se que o locutor se comporta, no discurso, como um piloto discursivo (Chanet, 2003), apontando os caminhos que devem ser seguidos para que as interpretações pretendidas e as inferências sugeridas sejam efetivadas. Logo, o discurso é, muitas vezes, conceptualizado pelos falantes das quatro línguas como um espaço físico, um lugar onde as informações são colocadas, focalizadas e recuperadas a todo momento. Essa conceptualização do discurso leva a usos metafóricos tanto dos verbos de percepção quanto dos elementos focalizadores, que, a partir desses usos, ganham força discursiva e cumprem sua função de marcador.

A partir da conceptualização, destacamos, nesse momento, os processos cognitivos de domínio geral que potencializam a instanciação desses MDs. Conforme já mencionamos no Capítulo II, esses processos não são exclusivos de uso linguístico, mas estão disponíveis para toda experiência humana, entretanto, como a linguagem é uma das formas de ação no mundo, esses processos são requisitados também para essa finalidade. Bybee (2010) elenca cinco processos: categorização, *chunking*,

memória enriquecida, analogia e associação transmodal; dos quais destacamos categorização, *chunking* e analogia. Os demais processos também fazem parte da formação dos MDs, porém elencamos esses por serem mais característicos na formação dos MDs analisados, conforme análise dos dados. A categorização, segundo Bybee (2010), é o processo em que palavras e frases, junto com suas partes componentes, são reconhecidas e associadas a representações previamente armazenadas, destacando a semelhança ou correspondência de identidade, logo, as construções de MDs aqui são categorizadas como MDs focalizadores são entendidas pelos falantes dessas línguas como possuidoras dessas funções discursivas e, por isso, são recrutadas. O *chunking*, por sua vez, é o processo pelo qual sequências de unidades, empregadas de maneira conjunta, se coadunam para dar origem a unidades de maior complexidade (Bybee, 2010), ou seja, são unidades lexicais usadas para formar as construções de MDs que passam a se rotinizar. Já a analogia, que requer que haja categorização, diz respeito a construções similares que podem também funcionar conforme as outras, assim, outras unidades lexicais podem formar novas construções de MDs.

Outro processo que se destaca é a cognição social, que engloba a atenção conjunta e o *common ground*, todos elencados por Diessel (2019). A cognição social parece ter um papel importante na instanciação de MDs focalizadores, pois, conforme afirma Diessel (2019), a interação humana e os fatores sociais são cruciais para o entendimento de convenções linguísticas. Assim, para ele, a cognição social traz o interlocutor para perto, levando em conta seus conhecimentos e crenças; por isso é um processo de domínio geral que possibilita instanciações de novos MDs. Esse espaço mental criado pelo *common ground* e a atenção conjunta no discurso permitem aos falantes levar em conta a necessidade do seu interlocutor. Isso, portanto, levaria à instanciação de construções que não só marcam o discurso, mas o guiam nesse fluxo, realizando enfoques necessários para que se estabeleça uma interação saudável.

Ainda outro ponto importante a ressaltar, a partir dos dados, é a intersubjetividade. Foi observado que algumas microconstruções de MDs focalizadores apresentam mais traços de intersubjetividade que outras. Esses traços puderam ser observados a partir de alguns contextos, por exemplo: a função que a microconstrução apresenta, as unidades lexicais que são usadas na forma da

microconstrução e o fato de o MD apresentar mais traços discursivos e verbos de percepção metaforizados. Com isso, foi identificado que microconstruções dêiticas são menos intersubjetivas, pois dependem menos dos interlocutores para que as inferências sugeridas sejam estabelecidas; por outro lado, microconstruções com funções avaliativas, prefaciadoras e argumentativas apresentam caráter [+intersubjetivo]. Assim, percebemos um *continuum* de intersubjetividade nessas microconstruções, em que há algumas com mais traços e outras com menos traços de intersubjetividade.

No que tange às características de cada língua, observamos que há muitas similaridades, mas também algumas idiossincrasias. No português, apenas um verbo de percepção visual foi encontrado no *corpus* como MD: *olhar*. Contudo, de acordo com outros estudos de MD, como o de Barbosa (2019), outros verbos também são recrutados para essa função: *ver*, *sacar*, *imaginar*, *reparar* e *catar*. E, como elemento focalizador, apenas foram encontrados, no *corpus*, dois advérbios, um restritivo *só* e um locativo *aquí*. Assim, em português, a realização do foco está sob a metáfora de “discurso é lugar”, pois os falantes conceptualizam o discurso como um espaço físico em que as informações estão sendo postas.

No espanhol, por outro lado, de acordo com o *corpus*, há mais de um verbo utilizado para formar MDs: *mirar*, *ver* e *fijar*. Dois verbos são de percepção visual (*mirar* e *ver*) e *fijar* é um verbo metaforizado, passando a ter sentido de percepção visual e percepção cognitiva. Com relação aos elementos focalizadores, o espanhol demonstra ter maior disponibilidade de unidades lexicais para realizar foco nos MDs, como a preposição *a*, os pronomes reflexivos de segunda pessoa *te*, *se*, *os*, e a expressão *nada más*, que tem função restritiva. Dessa forma, o foco, no espanhol, no caso dos pronomes reflexivos, parece recair mais sobre os interlocutores, ou seja, o locutor coloca o interlocutor em foco no discurso para que a informação também ganhe foco. Há também o foco no próprio discurso, como é o caso do foco realizado pelos outros dois elementos, já que a preposição faz uma indicação de movimento no discurso, indicando em que ponto o interlocutor deve “ver” a informação, e *nada más* realiza uma função parecida a *só*, restringindo um elemento da cena ou do discurso.

Em francês, há idiossincrasias expressivas que foram encontradas nos dados provenientes do *corpus*, como o uso de formas gramaticalizadas formadas a partir de verbo de percepção visual e advérbio locativo, ganhando status de preposição na

gramática normativa atual. Essas formas são *voicie* e *voilà*, que foram gramaticalizadas a partir do verbo *voir* e dos locativos *icie là*, passando a serem usadas como MDs. Assim como no português, esses usos demonstram que o discurso é conceptualizado como espaço físico, em que os locativos servem para apontar o “local exato” da informação. Diferente das demais línguas romances, o francês apresenta uma microconstrução de MD que se forma por um pronome pessoal de segunda pessoa seguido por um verbo de percepção visual ou cognitiva – *tu vois*; esse padrão demonstra que o interlocutor é utilizado como foco, em que suas crenças e conhecimentos são solicitados em prol do bom fluxo discursivo.

E, no inglês, temos também o foco recaindo no interlocutor, com os usos de pronomes pessoais de segunda e de primeira pessoa. De acordo com os dados, as microconstruções com *I mean* e *you know* realizam esse tipo de foco: a primeira com foco no locutor, colocando suas perspectivas em destaque para que o jogo discursivo aconteça; e, no caso da segunda, o foco recai sobre o interlocutor. Há, também, no inglês, o uso de *phrasal verbs* como MDs, sendo os exemplares *look at* e *check it out* – apesar de terem seus usos discursivos mencionados no Dicionário Oxford, apresentam foco dêitico em um elemento real da cena, também focalizam, no entanto, o próprio discurso.

Além disso, identificamos que o inglês apresenta mais padrões em que os MDs são mais descolados da estrutura sintática, apresentando caráter mais parentético, maior desprendimento das cláusulas que compõem o discurso, ainda que muitos padrões sejam formados por *I mean* e *you know*, que são construções que, quando não têm função de marcação discursiva, apresentam maior vínculo com a estrutura sintática do discurso. Esse fenômeno também foi observado nas demais línguas, porém apenas quando o MD é mais intersubjetivo e com caráter altamente discursivo. Nos demais casos, principalmente em português e espanhol, os falantes ainda fazem uso de construções que integrem os MDs à estrutura sintática do discurso – tais como conjunções integrantes, preposições e pronomes.

Outro ponto que destacamos é o número e diversidade de padrões nas línguas. De acordo com os dados que retiramos do *corpus*, as línguas portuguesa, espanhola e francesa apresentam mais padrões de MDs que a língua inglesa. Além da quantidade, destacamos o caráter desses padrões que mostram que as línguas românicas, no recorte do *corpus*, se utilizam de mais funções discursivas, criando mais

espaços de atenção conjunta (Diessel, 2019) e mais expressão de intersubjetividade. Essas línguas apresentam funções prefaciativas, explicativas e avaliativas, as quais têm mais caráter intersubjetivo, já que dependem mais das inferências sugeridas e da construção de atenção conjunta.

Por fim, as quatro línguas apresentam não só processos cognitivos de domínio geral similares na instanciação de MDs focalizadores, mas também evidenciam similaridades no uso, na forma e nas funções desses MDs. Entre as similaridades nos padrões microconstrucionais das quatro línguas, destaca-se primeiramente, a função primordial e básica que os MDs focalizadores desempenham no discurso: guiar o interlocutor para a interpretação desejada, destacando pontos considerados relevantes no jogo discursivo, conforme observado por Brinton (2017) e Chanet (2003). Em segundo lugar, destaca-se o uso de verbos de percepção visual como MD em todas as línguas, principalmente em funções dêiticas, mas, em algumas línguas, evidenciam-se também funções discursivas e desprendimento da estrutura sintática – como no português, no espanhol e no francês.

Em francês e português, temos o uso de advérbios locativos para realizar o foco; em português e espanhol, há o uso de construções restritivas para realizar foco restritivo, sendo *nada más* em espanhol, e *só* em português. Espanhol, francês e inglês usam pronomes para realizar o foco. No caso do espanhol, observam-se apenas pronomes reflexivos de segunda pessoa aglutinados ao verbo no modo imperativo e, em francês e em inglês, pronomes pessoais de segunda pessoa; especificamente, no inglês, há também o uso de pronome pessoal de primeira pessoa.

Além disso, o modo de concretização do foco se revela como um componente crucial, evidenciando a participação de processos cognitivos de domínio geral. Notavelmente, o uso do foco restritivo, seja por função dêitica ou não, destaca-se como um processo cognitivo essencial. A restrição de foco, intrínseca à cognição humana, se manifesta tanto através do emprego de verbos de percepção visual quanto de unidades lexicais, como pronomes e advérbios. Essas escolhas linguísticas têm a capacidade intrínseca de restringir informações, sendo essenciais para criar a função necessária no jogo discursivo. Essa prática evidencia, portanto, a riqueza e complexidade dos processos cognitivos envolvidos na construção discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos descrever, nesta tese, os padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, baseando-nos nos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU – e, mais especificamente, na abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013). A partir de um *corpus* oral sincrônico, constituído de vídeos do gênero *vlog* retirados da plataforma YouTube, sendo estes gravados e postados por falantes nativos e naturalizados dessas línguas, pudemos analisar os dados, identificar padrões nessas línguas e perceber semelhanças e idiosincrasias.

Optamos apenas pela descrição de padrões microconstrucionais devido ao caráter do nosso *corpus* e à particularidade que encontramos nos dados, que representam quatro línguas, três delas de um mesmo tronco comum – o latino –, e uma do tronco germânico. Essa característica, juntamente com o fato de o *corpus* abranger apenas um recorte sincrônico, nos fez concluir que seria mais produtivo descrever os padrões microconstrucionais do que estabelecer uma rede construcional de MDsfocalizadores para cada língua, uma vez que, nos termos de Traugott e Trousdale (2013), a sincronia pode revelar a variação que está em curso naquele recorte e demonstrar gradiência, que é o resultado da mudança em pequenos passos. Sendo assim, foi possível focalizar a descrição desses padrões microconstrucionais, registrar as propriedades das construções e identificar e compreender as propriedades discursivas e intersubjetivas de cada padrão. Dessa maneira, os dados obtidos nesta tese apresentam uma contribuição para os estudos dessa abordagem, bem como sobre os estudos sobre marcação discursiva.

Com isso, conseguimos realizar uma análise robusta e minuciosa dos padrões, analisando todos esses pontos supracitados, além de verificar e atestar as funções de MDs já descritas por autores tais como Brinton (2017), Huetencura (2018), Chagnet (2003), Rost-Snichelotto (2008a, 2008b, 2008c, 2009), entre outros. Em primeiro lugar, a partir desses trabalhos e também de hipóteses de pesquisa levantadas a partir do conhecimento prévio dessas línguas, criamos uma lista de possibilidades de MDs formados por verbo de percepção seguidos de um elemento focalizador. Em seguida, partimos para a elaboração do *corpus* depois de elaborar critérios rigorosos de coleta

de dados. Após, coletamos os dados e os analisamos de forma criteriosa, o que nos confirmou algumas das hipóteses já formuladas e também algumas possíveis construções, mas nos abriu uma gama de possibilidades com novas construções e padrões com formas e funções surpreendentes que elevaram o caráter da pesquisa.

Percebemos que um *corpus* composto de quatro línguas nos dava possibilidades de demonstrar padrões de mudança nessas línguas, apontando para a aplicabilidade de processos cognitivos de domínio geral na instanciação de novas construções, tais como a metáfora e metonímia, que já haviam sido apontadas em outros trabalhos (Barbosa, 2019), e também o que Diessel (2019) chama de cognição social, ou seja, esse aparato cognitivo que permite que um locutor leve seu interlocutor em consideração a todo tempo, cuidando de sua atenção e do bom curso da conversa, criando espaços de atenção conjunta. Desse modo, nossa análise também considerou esses pontos para que pudéssemos compreender o pareamento forma-função dos MDs analisados.

Assim, após realizar a análise dos dados, constatamos que os MDsfocalizadores são construções complexas que funcionam como chamadores de atenção e guias do foco discursivo, sendo usados de forma a criar um espaço de atenção conjunta no discurso, em que o locutor inclui o interlocutor no jogo discursivo e o guia às interpretações que deseja, deixando pistas, inferências sugeridas e espaços de interação e de reflexão sobre as informações que estão sendo postas. Essa definição se aplica às quatro línguas analisadas. E, ainda que haja diferenças e semelhanças, os padrões que descrevemos aqui mostram que os MDs são recrutados para essa função agregada de algumas idiosincrasias em cada padrão, o que revela, inclusive, a complexidade dessas construções.

Essas construções complexas são instanciadas por meio de processos cognitivos de domínio geral similares, destacando-se entre eles a cognição social – que envolve atenção conjunta e *common ground* –, a conceptualização, a analogia e o chunking. Esses processos são responsáveis por dar base aos falantes para criar e inovar no uso da língua, principalmente em se tratando de construções cuja função é a marcação discursiva. É necessário ressaltar que esses processos ocorrem de maneira inconsciente na maior parte do tempo, sendo ativados para a criação de material linguístico devido à necessidade humana de interação social e de compartilhamento de experiências (Diessel, 2019).

Entre as semelhanças dos padrões microconstrucionais das quatro línguas, podemos destacar que todas as línguas apresentam um *continuum* de intersubjetividade no que tange aos padrões microconstrucionais de MDsfocalizadores, ou seja, todas apresentam padrões de uso com funções mais básicas, tais como as funções de foco dêítico, até funções mais complexas e altamente discursivas, tais como as funções de foco prefaciador e de foco baseado em um conhecimento compartilhado entre locutor e interlocutor. Outro ponto de similaridade se refere à função básica que os MDsfocalizadores desempenham no discurso, a qual envolve o locutor guiar o interlocutor para a interpretação pretendida (Brinton, 2017), chamando a atenção apenas para os pontos que julga relevantes no jogo discursivo.

No que diz respeito às idiossincrasias, destacamos o modo como cada língua reforça o foco dos MDsfocalizadores. Em português, o reforço do foco é realizado com os advérbios *só* e *aqui*; em espanhol, com pronomes reflexivos aglutinados aos verbos, com o advérbio *bien*, com a preposição *a*, e com a construção *nada más*; em francês, o reforço ocorre com os locativos *là* e *ici* com os pronomes pessoais de segunda pessoa; e, em inglês, também se usam os pronomes pessoais de segunda pessoa, bem como o de primeira pessoa do singular, e as preposições *out* e *at*.

Nossa pesquisa, então, revela a produtividade dessas construções e aponta para os níveis esquemáticos em que eles podem se encaixar. Tais níveis podem ser pensados a partir do caráter intersubjetivo e mais discursivo dos MDs. Conforme já mencionamos anteriormente, nas quatro línguas, podemos perceber um *continuum* de intersubjetividade, ou seja, de construções que dependem menos da interação entre locutor e interlocutor a construções que têm maior dependência de inferências sugeridas, apresentando maior nível de atenção conjunta e maior co-dependência discursiva entre locutor e interlocutor. Nesse sentido, temos que funções dêíticas são [- intersubjetivas], pois são mais diretas, com mais proximidade em relação à aceção dos verbos de percepção e dos elementos focalizadores, ao passo que os MDs que têm funções como prefaciação, explicação, avaliação e foco em conhecimento compartilhado são [+intersubjetivas], pois dependem de mais inferências sugeridas, apresentando maior grau de uso de metáforas e metonímias e também maior necessidade de estabelecer um ambiente de atenção conjunta e inclusão do interlocutor no discurso, assim como discutimos no Capítulo IV.

Portanto, nesta tese, buscamos descrever os padrões microconstrucionais de marcadores discursivos focalizadores das línguas supracitadas sob à luz da abordagem construcional da mudança, a partir de um *corpus* oral sincrônico, e verificamos que essas construções constituem novos pareamentos de forma-função nessas línguas. Confirmamos também a hipótese de que os processos cognitivos de domínio geral influenciam o modo como tais construções atuam no discurso, uma vez que certas funções são guiadas por processos cognitivos, auxiliando a marcação discursiva e criando um espaço de interação entre os participantes.

Assim, esta pesquisa nos permite ter a perspectiva, em um projeto futuro, de estabelecer as redes construcionais completas dos MDsfocalizadores das línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa, incluindo os níveis hierárquicos mais altos e mais genéricos – subesquema e esquema. Além disso, há a possibilidade de ampliar o *corpus* e verificar se há outras construções que seguem os padrões de verbo de percepção seguido de elemento focalizador, funcionando como marcador discursivo e apresentando outras funções além daquelas descritas nesta tese.

REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, J.-C. Les marqueurs en voir : de la fonction d'appel à la fonction épilinguistique. *Scolia*, volume 30, p. 15-32, 2016.
- BARBOSA, Gustavo Ribeiro Patrício. Os Marcadores Discursivos Focalizadores Com “Só” e “Bem”: uma Proposta de Rede Construcional. 2019. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-graduação em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora.
- BARBOSA, Leila da Silva. Construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com “real” e “real oficial”: uma proposta de rede construcional a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso. 2020. Dissertação (Mestrado em Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora.
- BOLLY, C. Pragmaticalisation du marqueur discursif “tu vois” : de la perception à l'évidence et de l'évidence au discours. In : Franck Neveu, Valelia Muni Toke, Thomas Klinger, Jacques Durand, Lorenza Mondada, Sophie Prévost, *CMLF*, 2010 (2ème Congrès Mondial de Linguistique Française), EDP Sciences : Les Ulis, França, 2010.
- BRINTON, L. J. *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*. Berlim; Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1996.
- _____. *The evolution of pragmatic markers in English: Pathways of change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, J. (eds.). *The handbook of Historical Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- _____. *Frequency of Use and the Organization of Language*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- _____. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CASTILHO, A. T. de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHANET, C. Fréquence des marqueurs discursifs en français parlé : quelques problèmes de méthodologie. *Recherche sur le français parlé*, 18, p. 83 a 106, 2003.
- CROFT, W. *Radical construction grammar syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, dez de 2016, p. 83-101. ISSN 2238-975X 1. [<http://www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]
- DIESSEL, Holger. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar I*. Dordrecht: Foris, 1989.

DURÇO, Ana Paula Gonçalves. Mapeamento de ações com “Então”: uma proposta de rede construcional. 2019. Tese (Doutorado em Programa de Pós-graduação em Linguística) - Universidade Federal de Juiz de Fora.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SILVA, J. R.; BISPO, E. B. *O pareamento forma-função nas construções: questões teóricas e operacionais*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume Especial, dez de 2016, p. 55-67. ISSN 2238-975X 1. [<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>]

GOFFMAN, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Doubleday

Anchor, 1967.

_____. (2010) *A frames approach to semantic analysis*. In: Heine, Bernd and Heiko Narrog, eds., *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*, 313–340. New York: Oxford University Press.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____. *Constructionist Approaches*. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G.. *The Oxford handbook of construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2013. p. 15-31.

_____. *A constructionist approach to language*. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

GONÇALVES, S. et al. (orgs.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.

GUMPERZ, J. *Contextualization and Understanding*. In: *Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon*, Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2009.

HUENTECURA, D. J. *Análisis Comparativos de los marcadores discursivos derivados de verbos de percepción em español y portugués*. 2018. Tese de Doutorado (Universidad de Chile).

L'ACADÉMIE FRANÇAISE. (s.f.). Voici. EnDictionnaire de la langue Française (9ª edição). Consultado em outubro de 2023.

L'ACADÉMIE FRANÇAISE. (s.f.). Voilà. EnDictionnaire de la langue Française (9ª edição). Consultado em outubro de 2023.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. W. *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LOPES, M. G.. Entrevista com Graeme Trousdale. São Gonçalo: Solettras, 2019.

MARCUSCHI, L. A.. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e

definições. In: CASTILHO, A. (org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

MARTELOTTA, M. E. Funcionalismo e metodologia quantitativa. In: OLIVEIRA, M. R.; ROSÁRIO, I. C. (orgs.). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009, p. 1-20.

MARTELOTTA, M. & KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO da CUNHA, M. et al. (Org.). *Linguística Funcional: teoria e prática*. SP: Parábola. 2015, p. 11-20.

MARTINS, L. F. *A gramaticalização de marcadores discursivos com verbos de percepção visual em configuração imperativa: uma análise construcional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, MG, 2013.

MARTINS, L. F.; CUNHA LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da. Construcionalização gramatical sincrônica: evidências a partir da análise de construções avaliativas com -super- e -mega- na língua portuguesa. *REVISTA SOLETRAS*, p. 179-203, 2019.

NEVES, M. H. M.; *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, M. R. de.; LOPES, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista Odisseia, Natl, RN*, v. 4, n. esp., p. 22-40, jul.-dez., 2019.

OXFORD. (s.f.). Vlog. Em Oxford Learner's Dictionaries. Consultado em fevereiro de 2022.

OXFORD. (s.f.). Check out. Em Oxford Learner's Dictionaries. Consultado em dezembro de 2023.

OXFORD. (s.f.). Mean. Em Oxford Learner's Dictionaries. Consultado em dezembro de 2023.

OXFORD. (s.f.). Know. Em Oxford Learner's Dictionaries. Consultado em dezembro de 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. (s.f.). Fijar. Em Diccionario de la lengua española. Consultado em outubro de 2023.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. (s.f.). Ver. Em Diccionario de la lengua española. Consultado em outubro de 2023.

RISSE, M. S. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clelia C. A. S.; KOCH, Ingedore G. V. (orgs). Gramática do português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 427-496.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. Alfa, São Paulo, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. Interview with Graeme Trousdale. REVISTA SOLETRAS, v. 37, p. 10-19, 2019.

ROSÁRIO, I. C.; LOPES, M. G. Construcionalidade: uma proposta de aplicação sincrônica. *Revista Soletas*. São Gonçalo, n. 37, v. 1, p. 83-102, jan-jun, 2019.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. Os marcadores discursivos nas línguas românicas: (macro) funções textuais e interacionais. *Interdisciplinar: Revista de Estudos de Língua e Literatura*, v. 7, 2008a, p. 109/7-130.

_____. A emergência dos marcadores discursivos “olha” e “vê”: investigação entre línguas. *Anais do CELSUL*, 2008b, p. 1-10.

_____. Variação dos marcadores discursivos de base verbal nas línguas românicas. *Working Papers em Linguística*, v. 9, 2008c, p. 57/2-70.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

SWEETSER, E. *From etymology to Pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TOMASELLO, M. *Constructing a Language. A Usage-Based Theory of Language Acquisition*. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Gradience, gradualness and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins. (eds.), 2010.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WIEDEMER, M. L.; OLIVEIRA, V. M. Graus de esquematicidade e produtividade: a relação entre gradiência e extensibilidade. REVISTA SOLETRAS, p. 59-82, 2019.

WILSON, V.; WIEDEMER, M. L. Por uma abordagem discursiva da linguagem: esboço de um estudo e de um entendimento. In: *Estudos linguísticos contemporâneos: questões e tendências / organização Marcos Luiz Wiedemer*. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019.

ANEXO I

Traduções dos excertos em línguas estrangeiras apresentados como exemplos das microconstruções

Ocorrências apresentadas na Introdução.

(2) **Yuya:** e essa também é uma ótima pergunta, como colocar corretamente?

Julie: *Fijatebien*, tem três formas que você tem que implementar porque muita gente desiste na primeira vez, o desafio seria não fazer três tentativas, três meses rigorosos, uma possibilidade é você fazer em forma de C, assim, *Aí está*, em formato de C, ou você pode usar um pouco de lubrificante à base de água, a outra é você colocar assim e diminuir o ângulo, assim, que para mim é o jeito *Eu coloquei* e isso deixa mais fácil para mim, e o terceiro seria tipo um 7, você dobra e dobra assim, como se fosse um 7, você vai dobrar assim e aí você vai fazer é pequeno aqui. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

(3) Dr. Nozman: Olá a todos, Nozman aqui, hoje vou falar com vocês sobre algo que não ouvimos muito há alguns meses, no noticiário e tudo mais... covid, *voilà*. (Corpus vlogs orais do YouTube - anos de 2019 a 2022)

(4) Scott: Mas agora é hora de começar a pensar no próximo apartamento, qual é o próximo passo, *youknow*, não posso ficar aqui para sempre, sinto falta de ter meu próprio espaço *E sinto falta principalmente de estar no Brasil*. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

Ocorrências analisadas no Capítulo IV.

Língua espanhola:

4.2.1. Microconstrução 2.1 – Fijate 1

(13) Bom, amigos, depois de estar no Cristo Redentor eu trouxe vocês para outro ponto da cidade que é a escadaria Selarón, eles são muito famosos porque vários filmes foram assinados aqui e muitas pessoas famosas vieram e por isso fato Muitos turistas vêm aqui para tirar foto e visitar o local, como vocês podem ver é cheio de gente, já vi vários lugares para comprar bebidas, não sei ainda que tipo de comida eles podem vender aqui, mas isso é o que vamos descobrir à medida que subimos aquelas escadas icônicas. ***Fijense*** que as escadas dos dois lados são como cerâmica e com diferentes tipos de imagens, ***fijense*** essas aqui e ao longo de todas as escadas, também essa fila de gente aqui é para tirar uma foto ali mesmo parada onde vocês podem ver o nome da escada, essas são as coisas que você deve fazer para tirar uma boa foto. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

(14) Já subimos bem atrás, tem bastante montanha, ***fijense***. Este lugar em que estamos agora, pense na imensidão do que está aqui. Essas pedras, dá para ver que tem muitos deslizamentos de vez em quando, imagino quando chove... (Corpus oral vlogs YouTube - anos 2019 a 2022)

4.2.2. Microconstrução 2.2 – Fijate 2

(15) Bom, não sei se já contei para vocês que hoje é domingo quando estou gravando e eles fecham completamente essa avenida para que as pessoas possam passear, passear, praticar esportes, andar de bicicleta, patinar, tanto faz... Então ***fijense*** que full de vendedores ambulantes puros, então, bem, vamos andar um pouquinho por essa rua e ver o que conseguimos. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.3. Microconstrução 2.3 – Fijate 3

(3) Gabriel: Mas antes de sairmos vamos tomar café da manhã então vamos almoçar como se costuma dizer em Portugal, aqui dizem café da manhã como eu escolhi meus itens de café da manhã eles não vão se assustar lá não são tantas coisas que acontecem. Eles vêm embalados individualmente e **miren** a vista que tenho aqui, muito boa. No café da manhã olha, presunto, queijo, frutas, geleia, suco de laranja, iogurte, um pão de queijo, que vou mostrar para vocês, um pão normal e de sobremesa um muffin e um biscoito. **Miren** todas as embalagens que tirei, e os saquinhos e todos os plásticos que protegiam os alimentos para evitar que todos se tocassem e tivessem contato direto, e **fijense** que esse guardanapo vem embrulhado em papel, que luxo! Mas desta forma estão cuidando da higiene de todos. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.4. Microconstrução 2.4 – Fijate4

(16) **Yuya:** Tem muita gente que fica nervosa pensando que poderia colocar o copo e que o copo iria viajar, assim como...

Julie: Ótima pergunta, lembre-se que, embora nossos órgãos não sejam fixos, a vagina não chega a uma cavidade escura, o espaço além do nosso coração, mas quando introduzimos qualquer coisa na vagina temos uma parada que é realmente esse é o colo do útero, não há como o copo ser perdido ou extraviado, não há como

Yuya: talvez eu conseguisse chegar lá, quer dizer, seria realmente muito difícil sair ou não.

Julie: **Fijate** que principalmente as meninas muito novas que estão se aventurando pela primeira vez falaram comigo com muito medo porque não conseguem tirar o copo e isso porque lembra da curva que a gente tem e temos o copo aqui e você tente puxar assim e a única coisa que vai fazer é puxar o pescoço se houver pressão negativa, lembre-se que sempre para o lado você vai descer com o dedo para tirar essa pressão e você vai se mover aos poucos para que saia super bem, não tenha medo. (Corpusvlogs YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.5. Microconstrução 2.5 – Fijatebien 1

(17) **Yuya:** e essa também é uma ótima pergunta, como colocar corretamente?

Julie: **Fijatebien**, tem três formas que você tem que implementar porque muita gente desiste na primeira vez, o desafio seria não fazer três tentativas, três meses rigorosos, uma possibilidade é você fazer em forma de C, assim, *Aí está*, em formato de C, ou você pode usar um pouco de lubrificante à base de água, a outra é você colocar assim e diminuir o ângulo, assim, que para mim é o jeito *Eu coloquei* e isso deixa mais fácil para mim, e o terceiro seria tipo um 7, você dobra e dobra assim, como se fosse um 7, você vai dobrar assim e aí você vai fazer é pequeno aqui. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.6. Microconstrução 2.6 – A ver 1

(18) Para vocês terem uma ideia de tudo o que passamos, olhem aquela montanha toda, já viemos daquela região inteira e lá é a cidade de Maracay, amigos. A estrada é bem difícil amigos, vi que é estreita em alguns lugares que não entendo como passa um ônibus por ali. **A ver** como o ônibus passa. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

(19) **Alan:** faça-nos um tour pelos camarins

Esván: Vamos ver, vamos! Tenha cuidado com sua cabeça aqui. [...] Aqui é o vestiário masculino, coletivo masculino

Alan: É possível? Brinque, quem está aí? E aí, Ivan, diga olá! O que é isso?

Ivan: **A ver**, Carlos me deu

Alan: ah, que foto linda! (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.7. Microconstrução 2.7 – A ver 2

(20) Gabriel: Bom, consegui um lugar para experimentar açai, **miren** como está escrito com C em cedilha que se pronuncia como um S e tem acento no I, açai, **miren** como chega aí **miren** como é aí , o que é isso? açai?

Garçom: O açai é uma fruta típica brasileira.

Gabriel: Uma fruta em determinada parte ou no todo?

Garçom: É uma parte especial, é da Amazônia. \Gabriel: É uma fruta da Amazônia, é com isso que é feito, é considerada uma proteína então você sabe, então faz bem. **Miren**, eles costumam comer com amendoim, mas também tem muitas outras coisas...

Garçom: leite em pó

Gabriel: Tem amendoim em pó, granola e leite em pó. Eles também colocam calda. Ele está recomendando morango, que seria morango, calda de morango e aquele pequeno que estou comprando custa quatro reais. Com esse tipo de cinco eu pago e Eu deixei. Vamos experimentar, **miren**, que maravilha! Minha primeira moeda do Brasil...

Garçom: Vou te dar muito.

Gabriel: Obrigado! Agora vamos experimentar isso, **a ver**, foi morango, leite em pó e granola e granola... muito bom! (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.8. Microconstrução 2.8 – A ver 3

(21) Luisito: Meus amigos, vamos fazer um storytime falando dos roubos, dos assaltos, dos assaltos que muito tristemente acontecem, acontecem muito, acontecem muito mais do que deveriam. Tive vontade de falar sobre esse assunto porque recentemente aconteceu com meu pai que ele foi agredido e roubaram feio, ou seja, roubaram o carro dele, mão armada, arma, o coitado foi espancado, ou seja, porque alguém batera em um homem que tem quantos anos ele tem? 60, certo? 60 e poucos anos porque quer dizer, até que ponto um homem magrelo de sessenta anos da minha pele

corre o risco de simplesmente bater nele, a situação é muito feia, é muito ruim, **a ver**, a ideia do vídeo não é para a gente ficar sentimental nem nada, a verdade é que meu pai conta a história dele de um jeito muito otimista, até engraçado, meu pai é um pouco parecido comigo, ele é muito otimista, muito positivo, mas se você contar a história dele como "não, bem, eu estava esperando e nesse momento dois homens chegaram com uma arma e começaram a me bater e me jogaram para fora do carro e eu rolei pela rua" ele conta isso com otimismo, mas a verdade é que é uma situação muito feia, é triste que isso aconteça, na verdade se cuidem amigos, tenham cuidado nas ruas. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

(22) Luisito: A primeira vez que fui assaltado, que me roubaram... a primeira vez que me roubaram, e **a ver**, vamos abrir um parêntese grande aqui do que é mesmoroubo,mas eu me senti super assaltado, foi assim que me senti agredida e curiosamente foi um policial mesmo, é assim que acontecem essas coisas no meu país, a primeira vez que me senti assaltado, que me senti agredido, foi por um policial. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.9. Microconstrução 2.9 – A ver 4

(23) Luisito: Terra firme, terra firme, vamos explorar, vamos explorar as entranhas do mercado e, **a ver**, vamos entender que esse é um mercado muito grande, tem uma área de, digamos, uns 5 quilômetros quadrados. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

(24) Luisito: estamos explorando a selva amazônica peruana, sabe, desta vez na cidade de Iquitos no bairro de Belén, que é um dos seus maiores bairros com uma população de mais de cem mil pessoas e podemos ver que a maioria das casas são construídas altas ou flutuantes porque aqui se segue o nível do rio, que varia muito. Lembremos que esta é a selva inundada e bem neste bairro está o mercado de Belén onde você pode analisar grande parte da sociedade de Iquitos, **a ver**, Iquitos, é uma cidade, direi porque é caótica, tem muita gente. (Corpus vlogs orais YouTube – anos 2019 a 2022)

4.2.10. Microconstrução 2.10 – Mire nada más 1

(25) Alan: Senhoras e senhores, estamos do lado de fora do teatro Ramiro Jimenez, **miren nada más!** Nossa marquise SieteVecesAdiós com essa equipe criativa, quem faz a criatividade só quem faz, ei, comovocê se sente?

Mulher: Feliz!

Homem 1: feliz, animado, nervoso, muito nervoso.

Alan: bem, estou nervoso.

Homem 2: sim, estou nervoso aqui também.

(Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(26) Alan: Os estabelecimentos dentro dos hotéis são os únicos do país com licença para vender bebidas alcoólicas, então, embora as ruas de Doha estivessem vazias

durante o dia, não havia espaço para alma nos restaurantes e bares dos hotéis. **Miren nada más** o que não foi possível, foi possível, foi possível, um pedaço do México no Catar, salucita, salucita. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

Língua francesa:

4.3.1. Microconstrução 3.1 – **Voici/voilà**

(27) Olá, hoje é terça-feira não te contei o que estava fazendo acordei me arrumei e agora são 10 horas e tenho hora marcada com o cabeleireiro da Birchbox no dia não vejo mas enfim , foi onde abriram um salão e aí eu vou lá e acho que vou fazer uma balaiagem, não sei bem como vou fazer mas muito bem [...] Bom, tem uma pequena falha a loja que eu te falei a loja tipo abre às onze horas então eu fiquei assim tentando evitar que eles vissem alguma aí eu falei tenho hora marcada [...] Então, **voicio** resultado que não posso te mostrar bem, é lindo demais como se fosse bom, bem, é lindo demais, não posso te mostrar a cor real, mas na vida real é tão lindo. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(28) Então, gente, cheguei no hotel, eu nunca vi isso, sinto que estou num conto de fadas, é enorme: tem porções de ahh é uma coisa incrível e eu estou de calça legging e estou super feliz por estar de calça legging [...] tenho que me trocar porque não quero fazer uma gravação assim [...] É melhor assim no momento. É muita coisa que vocês esperam de mim. **Voilà**, vamos fazer a entrevista aqui. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.3.2. Microconstrução 3.2 – **Voilà1**

(29) Dr. Nozman: Olá a todos, Nozman aqui, hoje vou falar com vocês sobre algo que não ouvimos muito há alguns meses, no noticiário e tudo mais... covid, **voilà**. (Corpus vlogs orais do YouTube - anos de 2019 a 2022)

(30) Nathan: É permitido começar um vlog na cama? Não sei! Olá a todos, espero que estejam bem, acabei de acordar, não, não acabei de acordar, francamente, na verdade, recebi um pacote pequeno e encomendei um par de sapatos também que chegou e me acordou, **voilà**. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.3.3. Microconstrução 3.3 – **Voilà2**

(31) Zoé: Cara, eu estava em uma entrevista com “Com sua estrela”, avisarei quando sair.

Entrevistador: ei, pegamos um monte de coisas.

Zoé: Sim, muitas coisas sobre mim, então, voilà, isso foi tão legal, vamos voltar direto para outra entrevista (Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022)

(32) Então, o que eu quero fazer é ir na Zara comprar uma jaqueta porque esqueci minha jaqueta, tipo, não tenho mais jaquetas e está muito frio à noite e, por isso, vou passar a vida com uma camisa dessas, vou pegar uma jaqueta de couro e tipo, não vou cortar a etiqueta e trago de volta daqui a dois dias quando eu não precisar mais usar. Pessoal, estou virando há meia hora, bom, já se passaram dez minutos, estou virando na mesma rua, não entendo meu GPS, ele me diz para ir por um lado e por outro, voilà, eu dou meia volta e não sei, então, tenho que seguir meu GPS ele quer completamente, ele não me leva de jeito nenhum para a Zara e as pessoas me veem passar na frente delas três vezes seguidas. Então, eu não comprei uma jaqueta de couro, comprei uma coisa meio estranha, só isso. Comprei um casaco verde neon. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.3.4. Microconstrução 3.4 – Voilà3

(33) Eu posso olhar as fotos, olha, não parece muito um robô, olha os meus olhos, quando você acorda eles são estranhos, tipo legais e fora isso eles são legais, eu vou te mostrar uma prévia, voilà. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(34) Então, me desculpe por ter esquecido de vocês por mais de uma hora, vou fazer um vlog com calma para vocês, de qualquer forma, então o que aconteceu é que terminamos a entrevista, a entrevistadora não sabe quando ela vai saindo, logo fui usar meu cartão de crédito, comprei umas bijuterias básicas, queria comprar uma bolsa, mas 2 mil euros... ok então, eu comprei isso, olha a caixa grande e não essa bordazinha para só um colarzinho desses e alguns brincos, são tão lindos mesmo, voilà. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.3.5. Microconstrução 3.5 – Voilà 4

(35) Chim: Olá a todos, voilà, terminamos e terminamos a noite, então deveríamos dizer olá aos nossos amigos? Olá amigos! Assim, terminamos a noite no Le Coqsportif e nos esforçamos para ficar lá até as 22h45 para conhecer Paris, é uma festa, Paris tem um clima bom. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(36) Voilà, esta manhã falamos na pequena bolha de produtos e ações sobre mensagens sufocantes, mas com a maioria das pessoas ou não e mesmo que dependa de uma entrada de garrafa [...] realmente o que eles encontram na pior das

hipóteses da vida, as pessoas têm o conceito de câncer, tem gente que está morrendo de fome e tudo mais e mesmo que isso estrague a sua vida tem soluções que existem, então se valorize, se valorize, é isso. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.3.6. Microconstrução 3.6 – *Voilà*5

(37) Então, o que você já precisa saber é que o laboratório gentilmente me pediu para ficar em casa por 14 dias a partir da data da triagem, aliás, e entrar em contato com todas as pessoas com quem tive contato por 72 horas antes de aparecerem os primeiros sintomas “alô, alô, estou com covid” “olá, estou com covid, cuidado, vai fazer o teste”, “estou com covid, vai fazer o teste” e voilà, fiz isso com todos os meus amigos. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(38) Então, eu não infectei ninguém, nem mesmo a pessoa com quem convivo, que amo, e com o passar dos dias os sintomas começaram a diminuir lentamente até hoje, às vezes ainda tenho fases de cansaço, às vezes tenho um pouco de dor de garganta, às vezes sinto falta de ar, etc. resumindo, é um pouco estranho, admito que até o próprio médico que me ligou para me dar o resultado me disse “sabe, é uma doença que ainda é muito desconhecida, então, tem muita coisa que a gente descobre um pouco ao longo do tempo”, então voilà, na verdade é assim. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.3.7. Microconstrução 3.7 – *Voilà*6

(39) Squeezie: hoje vamos dar uma nova olhada em uma sobriedade que não faço há pelo menos um ano como um dos maiores brasileiros da plataforma vulgo Reddit, é o único Reddit na surpresa, voilà, você fica surpreso ao fazer isso, mas não espere! O princípio! Esse Reddit é muito simples, tem vídeos que pretendem te surpreender, sempre tem algo inesperado no final do vídeo, então você descobre algo que não sabia que existia, é tudo que a gente gosta. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(40) Squeezie: uma criança recebeu uma carta no nome dele, ok, gente, é porque a gente acha que ela é má demais para ser malvada mesmo, essa mãe, voilà ela o acusa de ter comprado coisas no televentas! É engraçado, ele vai ficar muito feliz em ver sua surpresinha, é um iPhone. Ok, isso é fofo, talvez as crianças não sejam tão chatas. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.3.8. Microconstrução 3.8 – *Tu vois*

(41) Todas as pessoas com quem tive contato fizeram o famoso teste de cotonete PCR, desculpe por ter infligido isso a vocês, todos deram negativo, então, já não contaminei ninguém e estou encantado, até a pessoa com quem moro, Lily, antes dos sintomas você não sabe o que tem então continua levando sua vida normal de casal, fazendo coisas de casal, tu vois, enfim, não é necessário fazer um desenho pra vocês,

para nos incomodar um pouco, bom, a famosa Lily não teve nenhuma doença, ela fez o teste uma vez: negativo. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(42) Tudo começou num domingo à noite quando eu disse para mim mesmo "Ei, minha garganta está coçando", sim, muito, muito levemente, realmente nada com que me preocupar, então eu senti como se tivesse cabelo, está bem, está tudo bem, vai passar, o problema é que no dia seguinte, segunda de manhã eu acordo com a cara meio bagunçada, amigos, vocês não fazem ideia, o primeiro dia de verdade, então, na segunda, tive principalmente dor de cabeça e um pouco de febre, então eu disse para mim mesmo "bom, isso é surpreendente, eu não estava assim, isso não é meu normal". Então, eu disse para mim mesmo "não se preocupe, espere até o dia seguinte, você pode ver se as coisas evoluem, como as coisas se movem etc." e se persistir, farei o pequeno teste do cotonete." Então, segunda-feira passa, a febre continua, até aumenta um pouco, mas nada de alarmante, nada de loucura mesmo, a garganta, não é um problema muito a priori, subo para 38,4 da noite com febre, ok então eu vou passar a noite com esponjinhas no rosto, esponjas bem geladas, **tu sais**, para baixar um pouco a temperatura, aspirina, etc. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

Língua inglesa:

4.4.1. Microconstrução 4.1 – *Look at*

(43) Então aqui está a visão do meu reel IG, o primeiro look vou começar com esse, lindo e aconchegante, confortável para o friozinho de casa... Ooh **look atthis**, ela tem trinta! Esse é um vestido maxi tipo body skimming muito confortável, gosto muito da blusa parece uma polo. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(44) Mas agora é hora de começar a pensar no próximo apartamento, qual é o próximo passo, sabe, não posso ficar aqui para sempre, sinto falta de ter meu próprio espaço e sinto falta principalmente de estar no Brasil. Mas além desses dois fatores: precisar de mais espaço e querer estar no Brasil, cara, adoro estar de volta ao Colorado, estou perto da minha família, além disso, é a casa dos meus pais, então não preciso pagar aluguel, além disso, do outro lado da rua tem um parque enorme, quer dizer, eu gosto de brincar lá fora, então **look atthat** você tem o campo de beisebol, campo de futebol, campo de basquete, esse lugar tem de tudo. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.4.2. Microconstrução 4.2 – *Checkthis out*

(45) Scott: Vamos colocar mais luz aqui... Legal... Tudo bem, pessoal, *checkthis out*, ouçam shhh. Tão satisfatório. Mmm também é uma delícia cara, coca-cola de baunilha? Sim, por favor, mas, claro, zero açúcar, porque, você sabe, seu filho é saudável. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.4.3. Microconstrução 4.3 – *I mean1*

(46) Scott: Então aqui estamos, vocês provavelmente reconhecem isso, certo? Mas, o que está por trás da câmera? Ah, cara, só meu quarto, *I mean*, nada sofisticado, sabe, tem o armário lá atrás, uma luz enorme e ofuscante, aqui mesmo, a cama, é aqui que a mágica acontece, sabe o que estou dizendo? Não, aqui é onde eu durmo, uma mesinha de cabeceira, aqui meus óculos de leitura porque estou velho, meu livro chique, eu vou, vou terminar isso um dia, eu juro, *I mean*, lindinha vista lá fora, está um pouco claro lá fora, não sei se vocês estão vendo lá embaixo que tem uma rede, talvez a gente vá dar uma olhada. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.4.4. Microconstrução 4.4 – *I mean2*

(47) Jenn: Para o almoço vou almoçar uma refeição de inspiração mexicana, isso é carne vegana impossível com tiras de abobrinha, pimentão grelhado, temos feijão e depois acrescentei uma salada também e depois esquentei também uma tortilla embrulhada com um pouco de alface, então o que vou fazer é fazer meu próprio burrito taco e depois o que sobrar vou comer como salada. Isso parece bom! Ok, e por último um pouco de tapatio e é assim que fica quando está tudo pronto hum, tem um gosto tão bom, carne impossível é incrível, como se fosse tão fácil ser à base de plantas quando você tem isso como base, *I mean*, eu não recomendo que você coma todos os dias, mas de vez em quando é tão delicioso. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(48) Scott: Então, em novembro, eu ainda estava no Brasil, sabe, fazendo uma visitinha, uma visitinha de três meses, e comecei a olhar apartamentos, mas, sabe, eu só comecei, fui ver alguns eu estava procurando online e depois voltei para o Colorado para as férias de dezembro e depois do ano novo, *I mean*, o Coronavírus, a pandemia, então acabo ficando e estou aqui desde dezembro. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

4.4.5. Microconstrução 4.5 – *Youknow*

(49) Sam: Como estou em Los Angeles, descobri que basta ligar minha câmera e levar vocês comigo para o meu dia, um dia na vida, apenas escrever as coisas, ligar para minha mentora no YouTube ela meio que me ensina e me orienta em todo esse processo de como, *youknow*, acelerar o crescimento desse canal e depois vou para os escritórios do projeto Trevor aqui em West Hollywood, depois de uma doação que fiz para vocês, para ajudar os jovens LGBTQ, eles me convidaram para ir aos escritórios... tudo bem, tenho que atender esta ligação muito rapidamente. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(50) Quero voltar para o Brasil, cara, em geral os preços são, *I mean*, um pouco mais baixos [...] quando você estiver procurando um apartamento, cara, vou te dar uma masterclass, número um: você tem que escolher a cidade, porque a cidade você realmente não pode, quero dizer, é a primeira coisa que você tem que restringir, cara, pense nos milhões de apartamentos no mundo, você tem que restringir a busca até a cidade que você quer morar, você sabe. Para mim, provavelmente será São Paulo, cara, sei que é caro e sei que existem tantas outras cidades no Brasil, mas, quer dizer, tenho meus motivos para estar em São Paulo (Corpus oral vlogs YouTube – anos 2019 a 2022)

4.4.6. Microconstrução 4.6 – *Youknowwhat*

(51) Sam: Eu quero apenas ter uma conversa rápida sobre ansiedade no namoro, que é algo que eu definitivamente senti no passado e sei que vocês também sentiram, a realidade é que eu realmente não falo muito sobre essas coisas em mídia social, em parte porque gosto de manter esse aspecto da minha vida pessoal um pouco privado, mas aprendi muito porque passei por vários relacionamentos realmente positivos, de longo prazo, realmente saudáveis, e alguns relacionamentos vis e tóxicos, então pensei: *youknowwhat*, deixe-me compartilhar cinco coisas que aprendi e acho útil compartilhar com qualquer pessoa que tenha ansiedade de relacionamento, sobre as quais falo muito com meu terapeuta, vou simplesmente começar. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)

(52) Outro cara: Então, acho que isso é um pouco melhor, quero dizer, é porque você ainda tem espaço para onde pode ir

Scott: Você também. Bem, eu tenho que ver com as luzes

Outro cara: *you know what, dude?* Eu sento assim porque às vezes fico um pouco constrangido com meus peitos

Scott: Quer dizer, todo mundo tem que pensar na barriga também. (Corpus oral de vlogs do YouTube – anos de 2019 a 2022)